

O Patife
e a
Encalhada

Maya Rodale

BAD BOYS & WALLFLOWERS 1



O Patife e a Encalhada

Bad Boys & Wallflowers

Livro 1

Maya Rodale

Sinopse

Lady Emma Avery anunciou acidentalmente seu compromisso com o homem mais elegível da Inglaterra. Assim que descobrissem que Emma nunca se encontrou com o infame e atraente **duque de Ashbrooke**, já não seria uma enalhada; ela seria uma piada. Mas Ashbrooke faz o que Emma nunca esperou que ele fizesse, o duque tornou-se seu cúmplice nesse engano.

Um compromisso temporário com a irrepreensível Lady Avery pode ser justo o que Ashbrooke necessita para reparar sua andrajosa reputação. Seduzi-la é simplesmente uma bonificação. E logo Emma faz o que ele nunca esperou: ela rechaça seus avanços. Não tem precedentes é inconcebível! Já que ele é malditamente atraente.

“A menos provável de Londres para comportar-se mal” despertou a curiosidade, entre outras coisas, do safado mais notório de Londres.

Agora nada será suficiente para descobrir o lado desenfreado de Emma e demonstrar que não há nada tão satisfatório como dois perfeitos estranhos... sendo perfeitamente escandalosos juntos.

Prólogo

Londres, 1821

A qualquer momento a vida social de Lady Emma Avery começaria, de reluzentes festas, libertinos malandros, um romance deslumbrante, todas essas coisas que só aconteciam nos livros, finalmente aconteceriam a ela.

A qualquer momento, Emma seria apresentada em sociedade, em seu primeiro baile em Londres. A grande caçada de marido finalmente começaria. Tinha passado quatro anos preparando-se para isto como estudante na Escola de Maneiras para Jovens Damas, de Lady Penélope.

Passou toda a tarde obrigando seu cabelo castanho a enrolar-se e colocando acessórios que combinassem com um lindo vestido de seda e renda de cor marfim, embora ela preferisse estar lendo.

Toda a preparação valeria a pena quando um patife a arrastasse a um torvelinho de romance, que aconteceria! Oh! A qualquer momento.

— Lorde e Lady Avery, Lady Emma. — O mordomo no baile de Lady Wrotham anunciou sua chegada, ninguém no salão cheio de gente prestou atenção.

Emma manteve sua cabeça erguida. Depois de tudo, ela era nova em Londres.

Na primeira oportunidade que se lhe apresentou, Emma encontrou suas duas amigas mais queridas do Colégio para Senhoritas de Lady Penélope: Lady Olivia Archer e Miss Prudence Payton. Tinham encontrado uma posição no canto do salão de baile, onde observavam os outros assistentes dançar, paquerar e conversar.

— Mal tenho nomes em meu cartão de baile. — Disse Emma, um pouco desesperada. Não era assim que ela tinha imaginado sua estreia.

— Só há quatro nomes no meu — disse Olivia. — Mas acredito que os cavalheiros só decidiram oferecê-lo como uma forma de escapar da minha mãe. Realmente não posso culpá-los.

— Eu não tenho nenhum — respondeu Prudence tristemente.

— A festa mal começou — declarou Emma. — E este é só nosso primeiro baile de nossa primeira temporada.

— Com certeza seu cartão de baile está cheio — disse Prudence. Todas se voltaram para olhar Lady Katherine Abernathy. *"Loira, formosa e malvada, rodeada por um grupo de jovens e bonitos pretendentes. Ela sorriu como um gato a ponto de beber o leite"*.

— Oh, olá! — Chamou-as. As três se esticaram, porque Lady Katherine nunca, na história do tempo que se conheciam, teve uma palavra amável para nenhuma delas.

— Minhas amigas do colégio — explicou ao seu grupo de pretendentes. Primeiro apresentou Lady Olivia e Srta Prudence. Então, Lady Katherine fez uma pausa para sorrir maliciosamente. — E Lady Emma, mas todos a chamamos *a Roliça Literária*.

Os cavalheiros, desesperados por agradar ou talvez confundindo esta crueldade com engenho ou humor, explodiram em gargalhadas. Emma sentiu que suas bochechas se ruborizavam. Ela tinha rezado para que Lady Katherine abandonasse esse horrível apelido. E assim era como Deus lhe respondia.

— Morri e fui ao inferno? Me diga que o fiz. — Suplicou às suas amigas.

— Receio que isto realmente está acontecendo. — Disse Prudence tristemente. Olivia tomou a mão de Emma.

— Não foi assim que pensei que ia ser esta noite. — Disse Emma com os dentes apertados. Já era ruim o suficiente que ela se ruborizasse enquanto todos riam dela na noite de sua estreia.

Ela conseguiria não chorar.

Através da risada, Emma não escutava a orquestra começar a tocar a terceira valsa. Mas viu um bonito cavalheiro que tentava abrir caminho com intrepidez para ela.

Sr. Benedict Chase. Eles tinham sido apresentados fazia uns instantes. Foi um dos poucos cavalheiros que escreveu seu nome em seu cartão de baile. Ela não o culparia se saísse fugindo. Quem poderia querer dançar a valsa com uma garota conhecida como *a Roliça Literária*?

Mas não foi assim, enquanto Lady Katherine e seus pretendentes observavam, ele se inclinou ante Emma e logo a escoltou à pista de dança.

— *A Roliça Literária?* — Perguntou o Sr. Chase. Emma mordeu o lábio e olhou para o outro lado.

— Agrada-me que uma mulher leia. — Disse amavelmente. O olhar de Emma cruzou com o seu; ela viu que ele não estava brincando. Gostava dela... quando todos os outros zombavam às suas costas.

Ela também notou que ele era bonito.

Ele olhou sua boca como se quisesse beijá-la.

Emma rapidamente se apaixonou pelo Sr. Benedict Chase.

Ele a fez girar ao redor do salão de baile; ela se sentiu enjoada por isso.

Ou era essa a sensação embriagadora do amor verdadeiro? Ela sorriu feliz. Suas bochechas ainda estavam rosadas, mas por prazer, não por vergonha.

Fora para isso que se esmerara. Se este momento pudesse durar para sempre...

Mas esse momento se deteve abruptamente quando um corpo masculino grande e corpulento deu um passo para trás e tropeçou com ela. A força da colisão a fez cair de joelhos sobre a pista de dança.

Emma olhou ao horrível bruto desconsiderado e se encontrou olhando ao homem mais impressionantemente bonito que jamais tinha imaginado. Só podia ser o duque de

Ashbrooke, um descarado infame que aparecia com frequência nas colunas de fofocas.

— Minhas desculpas, não a vi — disse o duque com um sorriso que era conhecido por derreter corações e debilitar a determinação das mulheres.

Emma só franziu o cenho.

Ele tinha arruinado seu momento perfeito com o homem que amava. Então, como um cavalheiro e não como o canalha que tinha fama de ser, o Duque lhe estendeu a mão. Para não ser menos, o Sr. Benedict também o fez.

Emma jogou uma olhada do duque ao Sr. Benedict, cada um pedindo sua mão. Ela não duvidou, sua eleição era clara.

Ela escolheu ao homem que a viu, ela escolheu o amor.

Capítulo 1

As graduadas da escola para senhoritas de Lady Penélope encontram excelentes pares... eventualmente.

Panfleto Promocional

Londres Abril de 1824

Dormitório de lady Emma Avery

Como graduadas da escola para senhoritas de Lady Penélope, esperava-se que Lady Emma Avery e suas amigas, Lady Olivia Archer e Srta Prudence Payton, encontrassem bons pretendentes no mercado matrimonial em sua primeira ou segunda temporada. Não tinham feito tal coisa.

Tendo aguentado o baile de Lady Wrotham celebrando o começo da temporada de 1824, nessa mesma noite as garotas retornaram à casa de Emma, pegaram uma garrafa de xerez e enfrentaram uma terrível verdade.

— Por nossa quarta temporada — disse Emma com um suspiro, levantando seu copo. A contragosto, Olivia e Prudence também o fizeram, chocando as taças de cristal e tomando pequenos sorvos, como fazem as damas.

— A partir desta noite, só ficam três meses para o baile de aniversário de Lady Penélope — disse Prudence, dando voz ao espantoso feito que nenhuma delas podia tirar da cabeça.

Ao final de cada temporada, todas as graduadas e seus maridos se reuniam para celebrar o aniversário da fundação da escola, para anunciar os enlaces dessa temporada e orar pelas que ainda não estavam casadas.

Era impossível perder esse evento. Mas assistir a esse evento sem um marido era insuportável.

— Portanto, se não estivermos casadas dentro de três meses, seremos o primeiro grupo de solteironas em toda a história da escola — disse Olivia em voz baixa. — Ninguém terminou sua quarta temporada solteira, exceto nós.

Olivia, sentada ereta no tapete azul pálido, arrumava nervosamente suas saias. Emma se recostou contra a cama, golpeando sua cabeça no poste. Prudence suspirou.

Também estava a verdade tácita de que todas queriam romance, amor e uma família feliz para sempre. Com cada ano que passava, tornava-se mais e mais difícil sorrir nos casamentos de suas companheiras de aulas ou nos nascimentos de seus bebês.

Em seu interior, reinava o mesmo sentimento de dor e desespero: Quando será a minha vez? Quando? Quando?

— Nos cem anos de história da escola, era inevitável que acontecesse. — Disse Prudence. — Matematicamente falando.

— Lady Katherine Abernathy também está solteira — assinalou Olivia.

— Por escolha própria, — respondeu Emma — Recusou numerosas propostas. Só teria que dizer sim a uma delas.

Bela, loira e desprezível, Lady Katherine Abernathy se deleitou atormentando Emma e as suas amigas no colégio de Lady P com comentários cortantes, brincadeiras cruéis e sempre exigia à *Roliça Literária* que fizesse suas lições.

— Suponho que resta dizer que não recebemos nenhuma proposta de matrimônio. Nenhuma, absolutamente. Embora já não importa — disse Olivia tristemente.

— Certamente resta dizê-lo — disse Prudence. — Sou muito consciente de que não recebi nenhuma proposta e não receberei nenhuma, sempre que a sociedade me chamar de *Dissimulada Prudence*.

— Ao menos não a conhecem como *Senhorita Afetada* — respondeu Olivia

— Esse nome não parece atrair os cavalheiros para nada.

— Nenhum deles é tão mau como *Roliça Literária* — disse Emma estremecendo ante o horrendo apelido que ganhou graças à sua figura e sua afeição pela leitura.

A vida no mercado matrimonial era cruel para uma garota conhecida como a *Roliça Literária*, por isso ela se refugiou ainda mais em seus livros, o que só piorou as coisas.

Prudence voltou a encher suas taças e levantou a sua para um brinde.

— Pelas londrinas com menos probabilidades. — Declarou Prudence. Olivia franziu os lábios e Emma gemeu.

Na temporada anterior, os "*cavalheiros*" do White's, tinham urdido um novo e cruel jogo que chamaram: "As

menos prováveis", sendo Olivia para menos provável a causar um escândalo, a menos provável a comportar-se mal Emma, e Prudence a menos provável em ficar em uma posição comprometida.

Nada disto ajudou a sua causa. Não eram trágicas.

Simplesmente não eram nada.

— Algo deve fazer-se — disse Olivia. — Não posso suportar a ideia de ficar ali parada enquanto aplaudem as nossas companheiras de classe e ser as únicas que não vão se casar. Minha mãe provavelmente chorará diante de todos por ter um fracasso de filha.

— Essa é a menor das minhas preocupações — declarou Emma. — Escutei meus pais discutirem porque não podemos nos permitir outra temporada na cidade. Se não me casar logo terei que me retirar a Lincolnshire. Para o resto da minha vida. A não ser que...

— A não ser que consiga que Benedict a peça. — Concluiu Prudence.

Emma assentiu. Benedict tinha sido seu único noivo por três temporadas. Quando todos riam dela por estar sempre lendo, perguntava-lhe sobre os livros que tinha lido e suas opiniões sobre eles. Gostava que fosse uma grande leitora, quando isso desesperava a sua mãe e o resto das pessoas riam dela.

Benedict e ela sonhavam com uma casa na cidade em que pudessem viver juntos, com uma biblioteca bem sortida, um fogo ardente, grandes janelas que dessem a um jardim e crianças metidas em uma creche no piso de cima.

Além de Prudence e Olivia, ele era a única pessoa com a qual podia ser ela mesma.

Emma o amava desesperadamente.

Era só uma questão de tempo para que lhe fizesse a proposição que tanto ansiava. Mas logo ocorreu o desastre.

— Se fosse simples assim — disse Emma com um suspiro. — Seu pai realizou um investimento desastroso e agora insiste em que Benedict e seu irmão se casem com herdeiras.

— Se ele te tivesse pedido em matrimônio na temporada passada, isto não seria um problema — disse Prudence.

— Ou na temporada anterior — adicionou Emma. De fato, ela e Benedict tinham uma espécie de compromisso fazia três temporadas. Tinha pedido a permissão ao seu pai para cortejá-la, e tudo o que faltava era a proposta de matrimônio. — O amo. Mas não é um homem muito empreendedor.

— O que significa que deve fazer algo, se é que se pode fazer algo. — Concluiu Prudence. Emma assentiu com a cabeça.

— Se você tivesse fortuna — refletiu Olivia. — Isso resolveria tudo.

Emma sorriu timidamente e disse:

— Pode ser que eu tenha lido atentamente ao Debrett para descobrir se tenho algum familiar rico, ancião e doentio do qual não tivesse conhecimento. Não tenho nenhum!

— Como se pode forçar um compromisso com um homem? — Perguntou Olivia

— Além de ficar apanhado em uma posição comprometedora, que sempre é uma opção se estivermos realmente desesperadas?

— Às vezes — sussurrou Emma, inclinando-se em cumplicidade — Eu gostaria que o anúncio estivesse no periódico e pronto. Então estaria obrigado a casar-se comigo, com fortuna ou sem ela.

— Sr. Benedict Chase, segundo filho do visconde Rossmore, sente prazer em anunciar seu compromisso com Lady Emma Avery — recitou Prudence.

— Deveríamos fazê-lo — disse Olivia. Então soltou uma risadinha. E lhe deu soluço.

— Está louca? — Emma ofegou. — Bebeu muito xerez.

— Nossa situação é desesperadora — disse Olivia. — De verdade quer ser o único fracasso de Lady Penélope nos cem anos de história da escola? Não deseja se casar, ter filhos e não ser incomodada por ser a solteirona?

— Eu quero todas essas coisas — disse Emma ferozmente. — Mas daí a aceitar falsificar um anúncio de compromisso é muito. Talvez pudesse lhe confessar meus sentimentos. Ou convencê-lo de que meu escasso dote será suficiente se vivermos frugalmente. Ou talvez devesse me conformar. Poderia encontrar um homem rico que procurasse uma segunda ou inclusive terceira esposa. Possivelmente ele morreria e me deixaria uma fortuna antes que eu estivesse muito velha.

A perspectiva não era emocionante.

— Não, não devemos nos conformar, — disse Olivia com firmeza — Esperamos muito para nos conformar. Lady Penélope nunca desejaria que o fizéssemos. Devemos fazer algo.

Prudence cruzou a habitação até a escrivaninha de Emma em busca de papel e pluma debaixo de todos os montões de livros que Emma tinha lido ou planejado ler ou que estava lendo.

— Olivia, você escreve — disse Prudence, lhe entregando os materiais. — Tem a melhor caligrafia.

— De fato, é um dos meus muitos talentos que aos cavalheiros importa um nada, junto com minha habilidade com uma agulha de bordar, um pincel de aquarela ou meu hábil manejo de um bule — murmurou Olivia. Logo perguntou: — O que deveria escrever?

— Nada! — Protestou Emma. — Não deveria escrever nada.

— Ao semanal de Londres — disse Prudence grandiosamente. — Sr. Benedict Chase, bonito, mas empobrecido segundo filho do cruel visconde de Rossmore, sente prazer em anunciar seu compromisso com a encantadora Lady Emma Avery.

— Joga isso ao fogo imediatamente! — Gritou Emma, arremetendo contra o papel que Olivia segurava por cima de sua cabeça.

— As damas não tentam roubar a correspondência privada dos outros — advertiu Olivia.

— As damas não escrevem falsificações escandalosas para fins nefastos — respondeu Emma.

— Falando de fogo, não cheira a fumaça? — Perguntou Prudence, farejando o ar. — Não, talvez não. Devo estar imaginando coisas. Igual à sua futura felicidade, que arde nas chamas.

— Olivia, não pode falar a sério! Bebeu muito xerez!

— Se for enviar um anúncio de compromisso ao periódico... — disse Prudence pensativamente.

— Coisa que não vou fazer — interrompeu Emma com firmeza.

— Por que conformar-se com o Benedict?

Os olhos de Olivia se abriram de par em par. Emma nem sequer considerou a ideia.

— Porque amo Benedict — disse ela. Amava-o, verdadeira e profundamente. Queria lhe pertencer e viver a vida que imaginava para eles. Ela escolheu a casa, junto com a porcelana da China, os nomes de seus filhos e o tecido das cortinas da sala. — O amo. O que está fora do ponto porque não vou...

— A quem mais poderíamos comprometer, Prudence? — Perguntou Olivia, a alguma vez amável e atenciosa anfitriã voltou a encher seus copos vazios.

Prudence franziu os lábios. Deteve-se pensativa. Inclusive bebeu seu xerez. Emma virtualmente podia vê-la escrevendo uma lista mental de solteiros elegíveis, avaliando-os e despedindo-os.

Prudence sorriu. Foi um sorriso malicioso. Um que fez com que o estômago de Emma girasse em cambalhotas. Olivia se inclinou para frente na expectativa. Emma se preparou bebendo outro sorvo revigorante de xerez.

— Ashbrooke — disse Prudence curvando os lábios.

Emma cuspiu seu sorvo de xerez na carta anunciando seu compromisso com Benedict, arruinando-a por completo com um punhado de manchas vermelhas.

— O duque de Ashbrooke! — Chiou Olivia.

— Shhh — Prudence a fez calar.

— Está absoluta e completamente louca — disse Emma veementemente.

— Deveria chamar os lacaios para que a acompanhem ao Bedlam.

— Ele é um sonho — disse Olivia com voz tênue. Emma pôs os olhos em branco e disse:

— É um libertino.

— É o solteiro mais elegível da temporada — assinalou Prudence. — De cada temporada. — Era a verdade, mas também era irrelevante.

— Homens como ele não se interessam por garotas como nós — disse Emma, destacando uma verdade muito mais pertinente. — Ashbrooke está fora do nosso alcance. Está fora da competência de todas, exceto talvez da perfeita Lady Katherine Abernathy. Quer dizer, se inclusive se dignasse a relacionar-se com debutantes. Todos sabem que ele não quer casar-se.

— Simplesmente não conheceu a mulher adequada — disse Olivia.

— Porque sempre está com as equivocadas — respondeu Emma. — Seduziu metade das mulheres de Londres sem nenhum esforço.

— Exceto a nós — Olivia disse sombriamente. — Ele é tão...

— Tão viril — disse Prudence, com um rubor roçando suas bochechas. — E atraente.

— E arrogante — disse Emma.

Isso era algo que amava em Benedict. Sua amabilidade, sua mente aberta, sua humildade. Benedict a escutava, e poderia dizer-se que Ashbrooke não pensaria em ninguém mais que em si mesmo, se é que soubesse como pensar, claro!

— Como pode saber como é? — Perguntou Prudence. — Alguma vez falou com ele?

— É claro que não. Homens como ele não falam com garotas como eu. Provavelmente seja uma lei universal — disse Emma. — Além disso, homens tão bonitos não precisam desenvolver nem encanto nem humildade porque as mulheres e o mundo inteiro simplesmente ficam de pé, sem fôlego, ansiosos por cumprir suas ordens. Ele consegue tudo facilmente, o que significa que nunca tem que esforçar-se por nada. Estou segura de que é um fanfarrão pomposo e arrogante.

— Mas está de acordo em que é bonito — disse Olivia com gravidade.

— Eu não estou cega. Ou morta! — Admitiu Emma. — Mas amo Benedict!

— Deve ser a única mulher em todo mundo que é imune ao *Efeito Ashbrooke* — disse Olivia. — Assombroso. É uma maravilha médica.

— Para começar, o *Efeito Ashbrooke* não é uma condição médica real — disse Emma, depois de outro sorvo de sua bebida. — Em segundo lugar, nego-me a acreditar que inclusive exista.

— Sofro inclusive pensando nele — disse Olivia. — Meu coração está revoando e minha pele se sente quente. Devo estar ruborizada por todos os lados.

— Provavelmente seja todo o xerez que bebeu — comentou Emma.

— Meus joelhos estão fracos — suspirou Olivia com um olhar sonhador.

— Está sentada — assinalou Prudence.

— É uma condição imaginária e sou imune — disse Emma com confiança. — Se algum dia o encontrar, demonstrarei isso.

— Cheira a fumaça? Ou é minha imaginação? — Perguntou Prudence.

— Pode imaginar-se comprometida com o Ashbrooke? — Disse Olivia, com muita excitação para a comodidade de Emma.

— Não posso. Ninguém acreditaria, mesmo se fosse verdade. Não, desejo me casar com o Benedict e teremos uma

casa pequena e ordenada, com uma biblioteca e nos dedicaremos às suas buscas acadêmicas.

— Pff — irrompeu Prudence desdenhosamente. — Olivia, se quiser, eu ditarei.

— O quê? Não! — Emma arremeteu contra Olivia, mas essa inclusive bêbada foi muito rápida para ela. — Oh, o que importa? Ninguém acreditará de todos os modos.

Prudence começou seu ditado.

— Para surpresa de todos, o duque de Ashbrooke anuncia seu compromisso com Lady Emma Avery.

— Oh, por favor — Emma zombou enquanto Olivia escrevia lentamente. Com sorte, sua caligrafia se voltaria ilegível devido ao xerez.

— Onde guarda a cera de selado? — Perguntou Prudence.

— Não lhe direi isso. Ambas as missivas deveriam ir ao fogo imediatamente — disse Emma.

— Está segura? — Perguntou Olivia, com a perigosa folha de papel em sua mão.

— É óbvio que estou segura! Vou falar com o Benedict — disse Emma. — Possivelmente possa convencê-lo a fugirmos.

— Isso seria romântico — disse Olivia alentadora.

— Mas Ashbrooke... — começou Prudence antes que Emma a interrompesse.

— Não me casaria embora esse anúncio aparecesse no periódico. O qual não fará porque o queimaremos imediatamente — Emma estendeu sua mão esperando a carta.

— Falando de fogo, cheira a fumaça? — Perguntou Prudence. — Pensei que o tinha sentido antes, mas realmente o faço agora — Olivia inclusive tossiu.

A porta do dormitório de Emma se abriu de repente, chocando-se contra a parede. Sua mãe apareceu, ofegando e agarrando o peito.

— Garotas! Venham rápido! Há fogo nas cozinhas! — Gritou.

As três garotas se levantaram apressadamente, atiraram as taças, os vidros de tinta preta, derramaram a metade da garrafa de xerez e abandonaram tudo, incluída aquela carta, em sua pressa por alcançar as escadas e escapar da casa.

Capítulo 2

Nãããoooo!

Muitas jovens e muitas matronas choraram dramaticamente ao ler o último número do periódico de Londres.

Nunca tinham prestado muita atenção a Emma no salão da casa dos Avery. Não tinha uma beleza deslumbrante, nem encanto faiscante, nem um engenho agudo ou uma fortuna que destacasse por cima da de outras moças belas, encantadoras, engenhosas e ricas da alta sociedade. Ela era uma garota comum.

E isso não bastava para encontrar marido, portanto, as horas de visita as passava em um salão vazio, com a boa companhia da última novela que circulasse na biblioteca. Não era uma maneira desagradável de passar a tarde, embora Emma preferisse fazê-lo sem a silenciosa sensação de desespero.

Assim que no sábado pela tarde Emma se sentou com a primeira edição de “*O Barão Louco*”, que com sorte proporcionaria uma distração do salão vazio e sua ameaçadora e empobrecida solteirice em Lincolnshire. Sua mãe leu a última edição do semanário londrino começando

com a primeira página e procedendo a ler todas e cada uma das páginas.

O relógio do avô no corredor soava ruidosamente, marcando os segundos e as horas que passavam, recordando a Emma que o *Dia do Juízo Final*, também conhecido como o baile de aniversário de Lady Penélope, aproximava-se rapidamente.

Já tinha transcorrido uma semana sem incidentes desde a noite do baile de Lady Wrotham. Realmente já tinham passado sete dias?

Seu cérebro ainda devia estar coberto de névoa por todo o xerez que ela, Olivia e Prudence beberam essa noite. O fogo da cozinha as tinha salvado da completa e absoluta embriaguez. Felizmente tinha sido contido, mas para estar a salvo as garotas passaram a noite na casa de Olivia. Quando Emma retornou na tarde seguinte sua habitação tinha sido arrumada por completo.

Emma ofegou e fechou seu livro de repente.

— O que acontece, querida? — Perguntou-lhe sua mãe, olhando-a por cima do periódico.

— Nada — disse Emma. Mas seu coração pulsava com força. Poderia sua mãe escutá-lo do outro lado da habitação? Não, definitivamente não.

Mas seu coração pulsava tão forte que podia sentir que lhe sairia pela boca. A carta. Onde estava a carta?

Tinham limpado sua habitação minuciosamente. Inclusive tinham tirado o tapete, certamente pela mancha de tinta e aroma de xerez. Os copos tinham sido retirados, a

garrafa também. Mas a carta. O que aconteceu com aquela maldita carta?

Emma fechou seu livro. As palmas de suas mãos suavam. Seu coração ainda pulsava como um tambor em seu peito. Deveria ir procurá-la agora e queimá-la imediatamente.

— Mãe, se me desculpar, há algo que devo fazer.

Emma cruzou rapidamente a habitação antes que sua mãe pudesse protestar, mas não pôde cruzar a porta dupla do vestíbulo antes que Jenkins, o mordomo, entrasse em seu caminho.

— Lady Emma, tem visita — disse este.

— Ah, sim? — Perguntou sua mãe surpreendida, levantando a vista do periódico.

Emma fechou os olhos e exalou lentamente. Uma coisa era saber que não era "*suficientemente boa*". Outra coisa era que sua própria mãe assim acreditasse. E era pior até que a carta mais incriminadora e humilhante que alguma vez se escreveu e estava em alguma parte. Tinha que encontrá-la imediatamente, e justo agora recebiam visita?

— Quem nos visita, Jenkins? — Emma perguntou quase sussurrando, enquanto rezava em silêncio. *Por favor! não diga que é o duque de Ashbrooke.*

Casa do duque de Ashbrooke, Londres
Na biblioteca do duque

Blake William Peregrine Auden, o nono duque de Ashbrooke, tirou o casaco e arregaçou as mangas expondo os tensos músculos de seus antebraços enquanto ficava a trabalhar no problema que o tinha deixado confuso e que tinha estado ocupando seu tempo durante os últimos dias.

Os retratos de seus ancestrais desaprovadores o desprezavam. Era compreensível dadas suas atividades habituais.

Blake se concentrou nos desenhos e cálculos nas páginas estendidas em uma mesa em frente a ele. Depois de entrar na habitação, seu amigo, o idiota Lorde Salem tinha jogado uma olhada e dissera "*lixo incompreensível*" antes de servir o brandy. O que o parvo não viu foram cálculos para uma máquina que poderia revolucionar tudo.

Um segundo visitante, seu primo, herdeiro e bom amigo, George Parker Jones, sentou-se em frente ao fogo com o periódico na mão.

— Primeiro as gêmeas Tarleton e agora isto —lamentou-se George, sacudindo uma cópia do semanário londrino por cima de sua cabeça. Mas isso não preocupou o duque.

— Ainda se fala das gêmeas? — Perguntou Ashbrooke, aborrecido. — Pela milésima vez, ser apanhado com uma dama é comprometê-la. Mas elas estavam juntas, acompanhavam-se mutuamente. Só terá que utilizar a lógica. Mas a alta sociedade não o vê assim.

— Segundo os falatórios, não pareciam ir acompanhadas adequadamente, dado o estado de seus cabelos, vestimentas e

virtudes quando as descobriram contigo — disse George, sorrindo.

— Não sei se deveria me sentir adulado ou insultado porque acreditam que eu seja capaz de arruinar duas irmãs gêmeas tão somente em um quarto de hora — disse Ashbrooke. Logo, com um sorriso, adicionou: — Demônios, logo estou começando depois de um quarto de hora.

— Pode ser que te surpreenda, mas não estou interessado nos detalhes de suas aventuras amorosas — declarou George. — À diferença do resto da sociedade.

— Por favor, guarde as piadas para você — disse Salem. — Rogo-lhe isso.

— Deveria publicar minhas memórias — disse Ashbrooke. — Faria uma fortuna.

— Já tem os recursos para seu motor de diferença — assinalou George, referindo-se ao último e frustrantemente lento projeto do Ashbrooke.

O motor de diferença era uma máquina que realizava cálculos matemáticos perfeitos todo o tempo, sem importar quão complexo ou difícil fossem. Os resultados estariam livres de erro humano.

Ou melhor dizendo, o motor de diferença o faria possível, uma vez que completasse seus cálculos e desenhos e logo assegurasse os recursos para construí-lo. Estimou que requereria umas cinquenta mil libras, por isso não ia declarar em bancarrota sua propriedade. Ao menos não ainda.

Então os arquitetos, capitães de navio, banqueiros, investidores, inventores, e comerciantes poderiam conduzir

seu negócio apoiando-se em cálculos exatos, melhor que em "*tabelas*" extremamente inseguras nas quais atualmente confiavam. Aqueles enormes livros cheios de pranchas de multiplicar, frações, e outros cálculos matemáticos estavam infestados de erros humanos. Em seus momentos mais sombrios, Blake pensou que as pessoas se deixaram levar por más decisões, indo pelo lugar equivocado, inclusive seus pais perderam tudo, devido a isto.

Navios perdidos. Desmoronamentos de edifícios. Máquinas perigosas. Perderam-se fortunas. No começo, quando ele não se dedicava a seduzir às mulheres ou não vivia a grande vida de um duque em Londres, Blake trabalhou no projeto para a máquina. Seus esforços para pedir o apoio de seus amigos no governo e dos familiares do rei tinham encontrado um significativo êxito e ao mesmo tempo, o fracasso mais desastroso. Durante a única excursão de solteiros mais loucos na fazenda de Lorde Norton, Blake tinha quebrado a inapreciável coleção de colheitas de sua senhoria, e tinha importado brandys, para deleite de todos os ébrios convidados, acendendo a fúria desenfreada de Lorde Norton.

O magnata naval, Archibald McCracken, sentiu-se irreparavelmente ofendido quando Blake chegou uma hora atrasado ao seu encontro. As coisas pioraram ainda mais pelo traje de Blake, que consistia em sua roupa de noite enrugada, com aroma de tabaco e uma gravata frouxa que obviamente tinha passado a melhor parte da noite anterior em algum dormitório.

Mas as consequências da derrota das gêmeas de Tarleton tinham sido o pior. Seu enfurecido pai retirou seu apoio e persuadiu seus amigos a fazerem o mesmo. Parecia que só os velhos tolos tinham dinheiro e conexões, e não queriam fazer negócios com o tipo de homem que ele era.

Tinha sido apanhado em uma posição comprometida com as irmãs gêmeas. Duque ou não, algumas ultrapassavam seus privilégios. E esse foi só o escândalo da semana passada.

— Se te tivesse casado com uma delas não estaria nesta situação — assinalou George de forma pouco amável. — Poderia estar construindo o motor em lugar de só se esforçar pelos desenhos e cálculos.

Ashbrooke suspirou e uma vez mais tratou de explicar-se.

— Logicamente não podia me casar com uma gêmea e arruinar a reputação da outra. E como não posso me casar com ambas, não me casarei com nenhuma.

— Não pensa casar-se por um escândalo — assinalou Salem.

— Nunca me casarei em absoluto — afirmou Ashbrooke. Pela milésima vez.

— Isso não é o que diz o periódico — disse George, com um sorriso crítico enquanto passava as páginas do semanário londrino. Inclusive Salem estava intrigado.

— Me deixe ver isso — disse Ashbrooke, arrebatando-lhe o periódico. Folheou-o até que, é claro, encontrou seu nome na coluna de intrigas, *"Inteligente e na Moda"*.

Conteve a respiração enquanto lia o que muito provavelmente seriam desastrosas notícias.

No salão da casa dos Avery

Emma conteve o fôlego esperando o que só poderia ser uma notícia desastrosa.

Jenkins limpou a garganta e anunciou as visitas: — são as damas Abernathy, Crawford, Mulberry, Falmouth e Montague.

Teria franzido o cenho se não estivesse paralisada por um terror que se instalava lentamente. O duque de Ashbrooke teria sido preferível a esse grupo de jovens damas que seriam como uma viagem ao dentista, um ataque de bandidos ou ser sequestrada, violada e assassinada por um bando de piratas sedentos de sangue.

— Meu Deus! — Anunciou a mãe. — As acompanhe até aqui e sirva o chá.

Um suor escorreu na testa de Emma. Sentiu que podia cair doente, ali mesmo, na bandeja de prata do Jenkins com os cartões de visita das senhoras Abernathy e Crawford, Mulberry, Falmouth e Montague, todas encantadas em torturar a ela e às suas amigas na Escola de Maneiras de Lady Penélope.

Não havia nenhuma razão para que as visitassem, a menos que. A carta!

Emma mal se sentou quando as cinco damas irromperam no salão em uma explosão de sedas, rendas, joias, chapéus, risadas fingidas e sorrisos enganosos.

— Vimos as notícias no periódico e viemos para ser as primeiras em felicitá-la — exclamou Lady Falmouth. Pela extremidade do olho Emma viu sua mãe olhar freneticamente as páginas do semanário para ver a que se referiam. À diferença da maioria das mães da alta sociedade, ela realmente lia os informes parlamentares e não saltava diretamente às colunas de intrigas.

Ela viu os olhos de sua mãe aumentarem. E logo começou a tossir. Emma suspeitava que sabia exatamente o que tinha lido. Ela rezou fervorosamente para que fosse qualquer outra coisa.

— Você está bem, Lady Avery? — Inquiriu Lady Crawford. — A perspectiva de planejar um evento tão grandioso deve ser avassaladora.

— Não posso acreditar que tenhamos tido que nos inteirar pelo periódico quando somos suas amigas mais queridas da escola! — Disse Lady Abernathy docemente.

— Sim, fomos amigas muito íntimas — respondeu Emma com a mesma doçura. — Igual à Inglaterra e China.

Lady Abernathy se deteve para pensar nisso.

Uma vez, Emma foi selecionada para oferecer um espetáculo de piano no musical da escola, um lucro excepcional. Na manhã do espetáculo Lady Katherine Abernathy tinha fechado deliberadamente a porta, pegando os dedos de Emma, por isso foi impossível tocar o piano, e assim

obter a oportunidade de brilhar. Essa era Lady Katherine Abernathy em poucas palavras.

— De fato — disse sua mãe, limpando a garganta. — Deve ser uma comoção ler notícias íntimas e pessoais nas colunas de intrigas. Realmente não posso imaginar isso.

Casa do duque de Ashbrooke

Não era incomum que o duque lesse notícias íntimas e pessoais sobre ele nas colunas de intrigas. Frequentemente era pura ficção, fantasia ou uma fabricação completa com o único propósito de vender mais exemplares.

Entretanto, com maior frequência, suas travessuras reais proporcionavam uma grande quantidade de alimento para os fofoqueiros.

Na semana anterior à derrota das gêmeas Tarleton, a amante de lorde Doyle tinha sido persuadida a compartilhar seus favores com Blake, para grande fúria de seu protetor. E na semana anterior mal podia-se recordar, mas certamente seria algo parecido. O que fez com que ele lesse o semanário londrino foi ainda mais intrigante.

Ashbrooke leu em voz alta, perplexa, divertida e irritada pelas palavras que pronunciava: — *Para surpresa de todos, o duque de Ashbrooke anuncia seu compromisso com Lady Emma Avery.*

— Quem é Lady Emma Avery? — Perguntou Salem, claramente espremendo seu cérebro para tentar pôr rosto a

esse nome. Seu reconhecimento das mulheres geralmente começava e terminava em seus seios.

— Ela é uma das mulheres menos atraentes de Londres — explicou George, já que levava um controle dessas coisas.

— Ah, do grupo das Ladies “*encalhadas*” — disse Salem. — É a que obteve mais votos por ter a menor probabilidade de ser pega em uma situação comprometedora em toda Londres?

— Não, essa foi sua amiga, a senhorita Prudence Payton — corrigiu George.

Salem parecia estar em branco.

— Prudence, *a dissimulada* — explicou George, e os olhos de Salem se iluminaram ao saber de quem falava. — Acredito que Lady Emma foi escolhida como a menos provável de Londres para comportar-se mal.

— Ainda não estou seguro de qual é. Não posso imaginá-la — disse Ashbrooke. Bem cuidadoso, o grupo das “*encalhadas*” nunca chamou sua atenção; era melhor se relacionar com mulheres que provavelmente se comportariam mal. Na cama!

— Dado que nem sequer conhece a dama em questão, suponho que na realidade não lhe propôs matrimônio — George disse secamente.

— Poderia havê-lo feito — disse Ashbrooke encolhendo os ombros. Só o diabo sabia o que fazia quando estava com umas taças a mais. — Mas duvido.

Salem se pôs a rir quando as implicações da situação começaram a registrar-se em seu cérebro. Um anúncio de

compromisso no periódico mais lido de Londres e a noiva e o noivo nem se conheciam.

— O que vai fazer?

— Isto é claramente uma brincadeira ou um engano atroz — disse Ashbrooke rapidamente. — Por que deveria me incomodar em perder meu tempo com isto?

— Porque todos esperarão um casamento — disse George com impaciência. — Do contrário a reputação dela ficará arruinada.

— Pois todos eles sofrerão uma decepção — respondeu Ashbrooke. — Costuma acontecer na vida. Mas acho que não é algo tão grave.

Não haveria casamento. Nem com as gêmeas de Tarleton nem com Lady Avery, nem com ninguém. Todos sabiam que o matrimônio era para ter herdeiros, e ele havia resolvido não ter nenhum. Não, deixaria um legado diferente, mais inovador e audaz que um montão de pirralhos barulhentos. Se pudesse construir o maldito motor.

O mordomo interrompeu sua melancolia para anunciar uma visita.

— Senhor, tem uma visita, o Sr. Edmund Parks.

— Olá, primo — disse Ashbrooke, sorrindo enquanto saudava seu primo, que o olhou com receio. Edmund sempre ia vestido formalmente, engomado à perfeição, e se comportava extremamente bem, como o cavalheiro perfeito que era, embora sem fortuna nem título. Quanto mais educado era, mais obrigado se sentia Blake a tramar travessuras.

— Suponho que veio perguntar pelas notícias do meu compromisso — disse Blake, levantando o olhar de seus cálculos.

— Minhas mais sinceras felicitações — disse Edmund com um digno assentimento de cabeça. — Espero com ânsia conhecer sua prometida.

“Eu também” — pensou Blake. Seu educado sorriso se desvaneceu ante as palavras pronunciadas por Edmund a seguir.

Edmund sorriu e disse: — Também venho para ver se teremos o prazer de sua companhia nos jogos deste ano.

No salão de casa Avery

— Que afortunada ao ter conseguido um duque! E Ashbrooke, nada menos! É verdade que o conseguiu, Emma? — Inquiriu lady Mulberry com um matiz malicioso na voz. Verdadeiramente insinuou que era notável que Emma tivesse conquistado alguém. Mas que fosse o homem mais difícil de conquistar e o mais solicitado de Londres? Simplesmente não combinava.

Bom, agora sabia para aonde tinha ido aquela maldita carta: diretamente aos escritórios do periódico de Londres. Mistério resolvido.

Devia comprar logo um bilhete de ida à América. Não, isso não era suficiente. Possivelmente ao Oriente fosse melhor.

Emma olhou à sua mãe, que parecia estar fazendo cálculos enquanto sorvia seu chá. Provavelmente já está planejando o casamento.

— Surpreendeu-me lê-lo — disse Lady Katherine com um tom malicioso, porque tinha jogado o olho ao Ashbrooke e todos sabiam.

Talvez fosse pouco amável ou mesquinho com ela, mas Emma ainda estava zangada pelo incidente do piano e outras cem manipulações tortuosas que tinha sofrido às mãos da bela, enriquecida e encantadora Lady Katherine Abernathy.

Emma não podia renunciar a este momento de triunfo sobre sua rival, nem podia admitir que tudo era um engano.

— Posso te assegurar que eu estou igualmente surpreendida — disse. Logo sorriu, como se soubesse o segredo mais delicioso do mundo, embora morreria mil tortuosas mortes antes de admitir a verdade do assunto à sua Nêmesis¹, e em seu próprio salão. — Não me dei conta de que a notícia se espalharia tão cedo — adicionou. — Absolutamente.

— Quando será o casamento? — Lady Katherine perguntou amavelmente enquanto disparava adagas por seus olhos.

— Ainda não estabelecemos uma data — respondeu Emma com voz doce. Tecnicamente, isto não era uma mentira. Tecnicamente, ela e Ashbrooke nem sequer se conheciam, mas Lady Katherine sabia disso? Não, e se Deus quisesse, ela não o faria.

— E o seu vestido? — Perguntou Lady Crawford.

— Estou segura de que encontrarei algum — Emma disse com confiança. Jenkins apareceu de novo, desta vez para anunciar ainda mais visitas.

— Lady Archer e a Srta Payton — disse, e Emma deu um suspiro de alívio porque logo teria aliadas nesta farsa. Então Jenkins mencionou ao menos meia dúzia de outros nomes que Emma não se incomodou em registrar.

Era oficial: tinha tido mais visita nesta hora que em quatro temporadas juntas. Eis o poder de Ashbrooke. Com quem ainda não estava familiarizada.

Toda a cena se repetiu ao menos seis vezes mais embora ela, Olivia e Prudence fizessem todo o possível para mudar o tema da conversa, embora Emma fizesse todo o possível para não confirmar nem negar o compromisso. Mas com cada fofoqueira e matrona que passava pelo salão se fazia cada vez mais impossível não se comprometer com o duque de Ashbrooke.

Com quem ainda não estava familiarizada.

Casa Ashbrooke

Todos em Londres estavam familiarizados com os jogos de azar. Uma festa na casa tão estranha, tão desviada, tão absurda, com apostas tão altas, sobre as quais sem dúvida se fofocaria. Extensamente. Mas só os poucos que fossem e sobrevivessem realmente saberiam.

Em lugar de simplesmente deixar sua grande fortuna aos seus parentes próximos e obras de caridade, Lady Agatha Gray convidou um seleto grupo de membros da família para competir pela oportunidade de ser nomeado seu herdeiro em sua festa anual. Logo ela reescreveria seu testamento, deixando tudo para o ganhador desse ano.

— Ah sim, os jogos de azar — repetiu Blake secamente. — O mais destacado de cada ano no qual doze membros do clã Ashbrooke se degradam em uma festa nessa casa de loucos para ser nomeado herdeiro de uma velha louca durante todo um ano, no qual rezam para que sua morte chegue logo.

— Isso resume com precisão — respondeu Edmund. — Mas não me atrevo a faltar. Odeio decepcionar a tia Agatha.

— Eu vou também — disse George. — Não se pode rechaçar a oportunidade de ser nomeado herdeiro de uma fortuna de noventa mil libras. Especialmente se se necessitam.

— Ainda não decidi se vou — disse Blake, apertando sua pluma até que se quebrou.

Negou-se a mencionar que seu convite ainda não tinha chegado. Devia ter se perdido pelo caminho. Ou seu secretário, Gedeón, devia tê-lo perdido. Sofreria mil mortes antes de mencionar a falta de convite à festa anual de sua própria e querida tia.

Especialmente quando a carta provavelmente se teria extraviado nos correios, ou algo assim.

— Como ainda não decidiu? — Perguntou Salem. — Se tudo o que eu tivesse que fazer para conseguir uma fortuna fosse ir a uma festa tola, eu não pensaria duas vezes antes de ir.

Não importou que Salem não tivesse a habilidade de raciocinar. Blake e seus primos compartilharam um sorriso, compadecendo-se da estupidez de Salem. Os infames jogos de azar não eram feitos para os fracos de coração, débeis ou socialmente ineptos.

— Os jogos começam dentro de dois dias — disse George casualmente. — Eu partirei ao amanhecer.

— Será melhor que diga logo, primo, se é que não é muito tarde — disse Edmund. O olhar de Blake passou de um primo ao outro, ambos em posse de um cobiçado convite da tia Agatha, que, apesar de ser uma temível velha viúva, era sua pessoa favorita no mundo.

Subitamente sentiu uma dor aguda na região de seu coração quando a verdade lhe sobreveio: Agatha não o havia convidado.

Se o tivesse feito e ele não tivesse respondido, ela o teria repreendido a respeito em uma de suas cartas semanais. Agora que o pensou, tinha recebido uma carta de Agatha ultimamente? Não, ele não recordava nenhuma. Nem sequer um comentário mordaz sobre seu comportamento com as gêmeas ou sobre o escândalo do Norton, o escândalo do Doyle ou sua imprudência em geral.

Devem ter passado semanas desde a última vez que recebeu notícias dela. Tinha estado muito ocupado com seus

planos para o motor durante o dia e com libertinagens de noite para notar seu silêncio até agora.

Blake engoliu saliva e trocou sua postura.

Também devia reconhecer que pagava muito bem a Gedeón para que perdesse algo alguma vez.

Ele era o duque de Ashbrooke, o que significava que estava convidado a todas as partes. Sempre. Como uma regra. Especialmente por sua própria tia. Embora todos os fatos indicassem o contrário. Tinha sido desprezado pela única pessoa cuja boa opinião e favor lhe importavam.

— Embora — disse George pensativamente — Você seja o único que pode dar-se ao luxo de não ir, ao ser um duque endinheirado. À diferença do resto de nós — as palavras não ditas ainda se entendiam.

— Que algum dia será teu, amigo — disse Blake, abrindo seus braços para indicar a grande casa majestosa cheia de objetos inestimáveis e que era só uma das muitas que possuíam os duques de Ashbrooke.

— A menos que você e sua prometida sejam abençoados com filhos — assinalou Edmund. Blake ignorou esse ponto, dado que não conhecia sua prometida. Mas os olhos de George se obscureceram e franziu o cenho em consideração. Podia perder tudo se Blake um dia tomasse esposa e fosse pai de uns pirralhos.

— Estou seguro de que a tia Agatha gostaria de conhecer sua prometida — adicionou Edmund. — Quero dizer, antes.

— Acaso se encontra mal? — Blake se alarmou ante a perspectiva. Ela o tinha criado. Ela o tinha amado. Ela era

seu pilar fundamental. Embora dada esta falta de convite, talvez já não fosse. Estaria condenado se mostrasse sequer uma ideia do pânico que estava sentindo. Como ela poderia abandoná-lo?

— Sempre correm os rumores habituais sobre a saúde de uma mulher mais velha com uma grande fortuna — disse George. — Ela não ficará mais jovem, por mais que insista no contrário.

— Ainda estamos celebrando seu vigésimo quinto aniversário, não é assim? — Perguntou Blake.

— Há ao menos cinquenta anos, segundo minha estimativa — respondeu George. — Embora não seja tão parvo para dizer isso na sua presença.

— Ninguém se atreveria — brincou Blake.

— Especialmente se deseja ganhar nos jogos de azar — respondeu Edmund. — E desfrutar de toda a boa fortuna outorgada ao ganhador.

Blake sentiu que seu espírito competitivo se acendia. Era o duque de Ashbrooke, que sempre ganhava tudo, por regra geral. Em uma festa de caça obteve a maioria de pássaros. Em um salão de baile também obteve a maior quantidade de “aves”. Não havia uma aposta, um jogo de cartas, uma briga de espadas ou um jogo de adivinhações que não deslumbrasse ou enganasse para ganhar.

O único que perdera fora o apoio de seus investidores e do Parlamento para seu motor de diferenças. Requeria-se alguém mais respeitável e digno de confiança, tinham-lhe

informado diligentemente. Alguém a quem não se encontrou encerrado em uma adega com irmãs gêmeas peitudas.

Alguém que não roubasse as amantes de outros homens, que paquerasse com suas esposas ou inspirasse pensamentos pecaminosos em suas filhas.

Alguém que não fosse repudiado por sua própria família. Parecia que inclusive Agatha não confiava nele para lhe deixar seu dinheiro.

Alguém que não se encontrasse comprometido com uma completa estranha por meio de um anúncio nas colunas de intrigas.

Queriam alguém como Edmund ou George. Alguém que se compromettesse com os menos propensos a comportar-se mal em Londres. Alguém que jogasse segundo as regras e ganhasse a fortuna e o favor de sua própria tia.

Um cavalheiro, não um canalha.

Blake sorriu quando um plano perfeito começou a formar-se em sua cabeça. Um compromisso com a menos propensa a comportar-se mal em Londres poria fim aos assuntos de com qual das irmãs Tarleton se casaria, além de acalmar sua reputação e apaziguar Agatha.

Uma prometida e fortuna era justo o que necessitava. Restauraria sua reputação, e assim poderia recuperar seus investidores. Ou ela poderia ajudá-lo a ganhar a fortuna, em cujo caso não teria necessidade de agradar pelos recursos necessários para fazer realidade o sonho de sua vida: o motor de diferença.

Não importava o que acontecesse, ele sairia ganhando. Era o plano perfeito, salvo por um detalhe crucial. Ele não conhecia sua suposta prometida.

No salão da casa Avery

Finalmente, o duque, seu prometido, dignou-se a apresentar-se em sua casa.

Um silêncio caiu sobre o salão quando o duque de Ashbrooke entrou. O coração de Emma começou a pulsar de novo, ele estava ali e era real e ela nunca tinha estado tão perto dele.

O olhar do duque percorreu todas as damas da habitação.

Dizer que era incrivelmente bonito, viril ou atraente simplesmente não teria sido suficiente. Era mais alto que a maioria dos homens, maior e indubitavelmente mais forte também.

Benedict.

Tinha que recordar Benedict.

As feições de Ashbrooke eram puramente gregas, todas as linhas fortes e retas da mandíbula até o nariz e a nobre inclinação de sua testa. Sim, ela acabava de ter pensamentos muito tolos, mas se consolou sabendo que nunca ninguém os ouviria.

Benedict. Seu amor verdadeiro. Não se esqueça do Benedict!

A pele de Ashbrooke só podia descrever-se como beijada pelo sol. Seu cabelo era escuro, como café ou chocolate, e ligeiramente rebelde, como se acabasse de sair da cama.

Seus olhos, meu Deus, que olhos. Quando seu olhar pousou nela sentiu-se como o sol estivesse sobre sua pele nua. Quem se lembraria do Benedict?

Mulheres de diferentes idades e estado civil o olhavam com expressões aturdidadas e sonhadoras, como se um Deus estivesse literalmente em meio delas. Emma teve a clara impressão de que só tinha que abrir a boca e qualquer delas faria o que ele quisesse.

Ashbrooke sorriu a todas.

Quase se podia escutar a revoada dos corações, inclusive por cima do som dos sonhos e dos mais profundos suspiros de nostalgia. Era ridículo. Ridículo!

De repente Emma recordou que ele não sabia quem era ela. A qualquer momento ao menos uma ou duas mulheres voltariam para a realidade e se dariam conta disso também, e então o escândalo seria mortificante e nunca se recuperaria.

— Excelência, seja bem-vindo — disse Emma com um sorriso e conseguindo ficar de pé. Ela se horrorizou ao descobrir que seus joelhos dobravam.

Estúpido, estúpido *Efeito Ashbrooke*.

Ele não é tão bonito, disse a si mesma. É só um homem, não um deus. Mas é muito formoso. E mais ainda, ele estava ali.

Por um momento pareceu que a estava resgatando desta farsa. Mas então a lógica, a razão e as leis universais lhe

recordaram que não fosse tão tola. Só poderia haver uma razão pela qual estivesse aqui, e não podia ser nada bom.

Emma sentia tenso até o último milímetro de seu corpo, enquanto esperava que ele a deixasse como uma mentirosa escandalosa ou uma pretendente desesperada diante de todos, incluída Lady Katherine, que inexplicavelmente ainda estava ali.

Todos ririam dela, a garota que inventou um anúncio de compromisso com o tipo de homem que nunca se fixaria nem uma vez e menos duas vezes nela. Ninguém acreditaria se tentasse dizer a verdade do assunto.

Benedict! Ela amava Benedict!

Ela queria gritá-lo em voz alta. Mas tinha ficado muda ante a descomunal beleza de um homem que esticava a mão e logo apertava os lábios contra a delicada pele interna de seu pulso.

— Emily, querida — murmurou.

Seu coração deixou de pulsar. Ela deixou de respirar. O que ele estava fazendo? E quem era Emily? Oh, Deus, ela era Emily! Ela quase tinha esquecido seu próprio nome. Era o *Efeito Ashbrooke* e estava acontecendo a ela.

— Emma — corrigiu em um sussurro um momento depois.

— Como está neste dia excepcionalmente bonito, querida?

— A verdade seja dita, estou bastante aflita, excelência — respondeu ela. Uma risada involuntária borbulhou e

escapou de seus lábios porque ele estava ali, e não a estava traindo.

— Querida, acredito recordar que te havia dito que me chamasse de Blake — repreendeu carinhosamente. Então lhe ofereceu o sorriso mais devastador.

Emma espreitou à frente do duque e viu que os olhos de lady Katherine quase saíam de seu formoso e perfeito rosto. Isto é só pelo do piano, pensou Emma. Viu Olivia sorrindo porque sabia que o *Efeito Ashbrooke* estava acontecendo a cada mulher nessa habitação, incluída Emma, que definitivamente não era imune.

— Me perdoe, Blake, tinha-o esquecido — sussurrou ela.

— Minha memória não é o que costumava ser, Emily. Não desde que te conheci — disse Blake.

O Senhor e os anjos, também, o duque de Ashbrooke estava segurando sua mão.

— Emma — ela corrigiu. Mas ele ainda não sabia seu nome? De que demônios estava falando? Chamando-a de Emily e Blake segurando sua mão? A habitação começou a girar.

Por que estava acontecendo isto? O que estava acontecendo?

— Emma, poderíamos dar uma volta pelo jardim? — Blake perguntou.

— Sim — respondeu ela. Meu Deus, sim!

Capítulo 3

"À vista de todos se viu o inexplicável feito do duque de Ashbrooke paquerando com a Roliça Literária."

Lady Katherine Alvernathy

No jardim

Estavam à vista de todos os que estavam no salão, não podiam ser escutados graças às portas francesas que o duque deliberadamente fechou atrás deles com um sorriso de desculpa a todas as damas, é claro. Nenhuma das quais se moveu mais que para obter uma vista melhor do que acontecia. Emma caminhando cotovelo com cotovelo com o solteiro mais elegível de todos os tempos de Londres.

Inalou profundamente, descobrindo o aroma varonil do duque, linho fresco e lã mesclando-se com as fragrantes flores do jardim. Ela exalou lentamente. Nada disto poderia ser real. A qualquer momento tudo voltaria para a normalidade, ou talvez pudesse ser inclusive pior.

Quem, maldita pessoa, tinha enviado a carta? E o que estava fazendo realmente o duque ali, em seu jardim, com seu

musculoso braço enganchado com o dela?

— Parece que estamos comprometidos — comentou casualmente Blake. Como se só estivesse comentando o clima. Como se estivessem familiarizados, e não fossem completos estranhos entre si.

— Não fizemos nada para dissipar os rumores — respondeu Emma.

— Rumores? Foi impresso no periódico.

— Muito bem, difamação — corrigiu Emma. — Mas ainda pode evitá-lo.

Amavelmente lhe deu a oportunidade de viver à altura de suas expectativas. Encontrou-se contendo a respiração e olhando seu perfil incrivelmente bonito enquanto ainda tinha a oportunidade de fazê-lo.

— Não quer se casar comigo? — Perguntou, como se isso tivesse algo a ver. Ela nem sequer o tinha considerado.

— Sua Graça, nem sequer o conheço.

— Um detalhe menor, e um que se remedeia facilmente.
— Logo a olhou com seus olhos intensos e um sorriso surgiu.
— Seria um prazer nos conhecermos melhor.

Disse isto, é claro, de uma maneira que não deixava lugar a dúvidas sobre o tipo de prazer ou conhecimento que pretendia. Emma sentiu que sua temperatura aumentava, mas não se permitiu participar de seus flertes. Não queria ser arrastada por um voo de fantasia só para cair no mundo que indevidamente se restabeleceria na ordem apropriada em que pessoas como ele não se relacionavam com gente como ela.

— Deve pensar que nossa falta de conhecimento é um detalhe significativo, na realidade — disse. — E um que não necessariamente necessita de um remédio.

O duque se deteve e se voltou para olhá-la. Ela foi golpeada pela perfeição dele. Ela, que tinha um sorriso torto, cabelo castanho liso e feições imperfeitas nem sequer podia imaginar-se possuindo tanta beleza como ele.

Nem sequer parecia dar-se conta do absolutamente bonito que era, e como isso fazia com que uma jovem perdesse o juízo ao seu redor.

Emma resolveu nesse momento que seria imune ao *Efeito Ashbrooke*. Ela não seria outra menina tola que se jogaria aos seus pés. Enquanto o mundo, que sempre tinha conhecido, já não tinha sentido, aferrava-se obstinadamente a uma verdade: os gostos dela e os gostos de Ashbrooke não podiam mesclar, portanto, não tinha sentido atuar de maneira agradável, como se ela pudesse:

- 1) Aprender repentinamente a flertar e
- 2) algo sairia disso.

Não, ela queria o Benedict e sua pequena casa na cidade cheia de livros e bebês.

Ela queria estar com um homem que fosse seguro, constante e estável.

— Tenho uma proposta para você — disse o duque juntando suas mãos. As suas eram grandes, cálidas e escandalosamente não usava luvas.

— Outra?

Ele riu, um som rico, baixo e aveludado, e ela se sentiu aflita por um arrebatamento de calor e prazer só pelas vibrações dele. Embora ela pudesse ter sofrido fugazmente uma sensação que poderia ter sido o infame *Efeito Ashbrooke*, ela pereceria antes de admiti-lo.

“Não eram compatíveis. Faria bem em recordar isso”. Ele esqueceu imediatamente e caiu sobre um joelho.

— Que demônios está fazendo? — Emma tratou de puxá-lo para que se levantasse, mas lhe segurou firmemente a mão. Ela jogou uma olhada, assustada, ao grupo de damas pressionado contra a janela do salão.

O duque se manteve sobre um joelho, olhando-a seriamente e com um sorriso em seus lábios.

— Emma, se casaria comigo?

— Você está louco?

— Sorria, querida, estão olhando — murmurou.

— Sua Graça, ambos sabemos que este anúncio de compromisso é uma brincadeira. Não é real —disse-lhe ela. Isso tinha que esclarecer-se. Devia-lhe isso.

— Não sou idiota, Emma — disse Blake com franqueza, embora sorrisse como em meio a uma proposta, porque permaneceu de joelhos. — Sei que alguém com um retorcido senso de humor ou uma retorcida ideia de vingança pensou que seria uma brincadeira divertida anunciar um compromisso entre duas pessoas que nunca se conheceram. Não sei que tipo de pessoa desequilibrada faria tal coisa.

Emma se negou a oferecer mais informação sobre o assunto. De fato, comprometeu-se a levar a verdade dos

autores da carta à tumba, justo quando jurou vingar-se da horrível pessoa que realmente a tinha enviado.

— Mas agora estou propondo de verdade. Rogo que diga que sim — disse com tanta solenidade que quase o considerou. Ela entrecerrou os olhos, achando esta proposta altamente suspeita. Apostaria que quando o duque despertou esta manhã nem sequer sabia que ela estava viva. E, entretanto, ali estava ele, de joelhos, propondo loucamente que se casassem. Ele não poderia falar a sério.

“Talvez estivesse louco”.

Ou talvez o duque tivesse um motivo oculto. Embora não quisesse ser solteira no baile de Lady Penélope, tampouco queria jogar sua vida fora por um capricho para acomodar um aristocrata enlouquecido.

Ela queria o Benedict. O homem que amava. O homem que realmente a conhecia.

“Benedict! Onde estava ele? Por que ele não estava ali?”

Provavelmente porque pensou que estava comprometida com um homem que se destacava acima dele. Provavelmente pensou que também lhe tinha mentido e enganado. Por isso tinha que terminar com este ardil e explicar a verdade ao Benedict. Logo poderiam fugir e viver simplesmente no campo ou naquela casa geminada na Brook Street.

Esse foi o feliz para sempre que ela sonhou. Não seria a simples e esquecida esposa de um descarado infame, um patife notório e um galhardo duque.

— Obrigada, Sua Graça. Mas não posso aceitá-lo.

Ela, uma humilde e empobrecida encalhada em sua quarta temporada acabava de fazer o impensável: rejeitou um rico duque. Ela devia ter ficado louca.

Apesar de sua rejeição, Ashbrooke só sorriu. Logo se levantou, inclinou-se sobre ela, baixou brandamente sua boca à dela e roçou seus lábios com os dele. Foi só um instante, mas sentiu faíscas: sentiu o estalo e o chiado de um fogo que se iluminava. E se deu conta de que nunca havia sentido isso com o Benedict. Muita coisa poderia acontecer em um instante.

— O que está fazendo? — Ela perguntou aturdida. Ele afastou brandamente uma mecha de cabelo de sua bochecha. Foi a carícia afetuosa de um amante.

— Um beijo para celebrar nosso compromisso. Por me fazer o homem mais feliz do mundo quando disse que sim.

— Não fiz tal coisa — declarou. Deus santo, o homem era tolo. Tanta beleza e sem cérebro.

— De acordo com a dúzia de fofoqueiras dali — disse, inclinando a cabeça e nunca afastando os olhos de seu rosto — Acaba de fazê-lo.

— Não podiam me ouvir — ela disse enquanto a verdade resplandecia. Ele não era parvo, absolutamente. Era vigarista, e ela acabava de cair em sua armadilha.

— Mas podiam ver — murmurou, devastadoramente.

Podiam ver que tinha realizado sua proposta outra vez, presumivelmente. Podiam ver que a tinha beijado. Nunca, nunca, nunca, jamais, considerariam que ela o rechaçaria.

Emma levou os dedos aos lábios. Eles queimaram. Ainda queimavam. Um beijo fugaz no jardim e ela foi traída. Arruinada. Como Judas e Jesus. Um beijo fugaz e o duque de Ashbrooke tinha roubado suas esperanças, seus sonhos.

Estavam quase casados agora. Não haveria mais Benedict, nem uma pequena casa geminada. Ela seria a duquesa solitária, casada com um homem muito mais atraente que ela, e sempre o tema de sussurros cruéis.

O que é que ele vê nela?

Ela só podia imaginar as colunas de fofoca:

“Para surpresa de ninguém, o duque de Ashbrooke continua com suas safadezas, apesar de seu matrimônio com Emma Avery, que ao menos tem seus livros para consolá-la.”

Não era a vida que ela tinha planejado, nem era uma vida que ela desejava. Ela nunca o perdoaria por isso.

Sou uma encalhada, ela queria protestar. Eu amo outro.

Mas ela era uma garota inteligente, portanto, Emma já sabia que nada disso importava. Não depois que um duque a tenha beijado no jardim, à vista de ao menos duas dúzias das maiores fofoqueiras de Londres. De certo modo isso foi mais oficial que assinar os contratos de matrimônio.

— Bem-vinda aos felizes para sempre — disse Ashbrooke, unindo seu braço com o dela. — Me permita te explicar.

— Por favor, faça-o — disse em um sussurro estrangulado. Blake tinha uma forma de enredar as palavras.

— É uma das menos prováveis de Londres — disse o duque brandamente, e mordeu o lábio.

— Realmente vai começar com isso? Tinha ouvido que era considerado um sedutor perito. Claramente esse rumor é um exagero escandaloso — disse Emma.

— Como você assinalou, ao longo dos anos, adquiri uma reputação de ser algo assim como um libertino — disse Ashbrooke

— Isso não é exato — disse Emma. — Se poderia dizer que é um descarado desumano, um libertino notório, um horrível mequetrefe.

— Pensa, Emma, em como este compromisso poderia servir a cada um de nós — disse Ashbrooke, mantendo sua voz calma e seu agarre seguro. — Minha reputação seria reparada por um compromisso com uma garota respeitável.

— Palavras que toda garota quer ouvir para descrever a si mesma — disse Emma. — Realmente, não posso entender como conseguiu sua reputação de ser um libertino tão sedutor.

— Em meu braço se converterá em uma sensação — disse Ashbrooke claramente. — Vamos enfrentar os fatos: ninguém a notou antes, mas todos a quererão agora. — Quando romper o compromisso em umas semanas estarei inconsolável e farei uma visita prolongada longe de Londres, e terá sua seleção de pretendentes.

Emma piscou.

— Não estou segura de que o mundo funcione assim — disse Emma. O mundo era um lugar diferente para aqueles

que não eram duques poderosos e ricos. — Seria vista como a noiva abandonada do duque de Ashbrooke. Dificilmente o material dos sonhos de outros homens.

— Aí é onde está equivocada — afirmou Ashbrooke veementemente.

— Sabia que seria arrogante — murmurou Emma. — Não me agrada que se demonstre ser certo.

— Não é arrogância, são os fatos — disse Ashbrooke com um suspiro de impaciência.

— Por que não deveria romper agora? Porque realmente eu gostaria. — Ela o olhou obstinadamente. Ela detectou um leve sorriso, uma faísca de avaliação em seus olhos. Ela franziu o cenho ainda mais.

— Poderia me ignorar agora — disse Ashbrooke lentamente. — Embora duas dúzias de mulheres já estejam dando voltas à história de nosso turbilhão de romance e passeio romântico no jardim. Todos pensarão que isto foi só uma brincadeira. Não estará melhor que antes. Estaria pior, inclusive. E se romper agora, não teremos a fortuna. — Conteve o fôlego. A esperança piscou novamente.

— Que fortuna?

— Minha querida tia Agatha está organizando uma festa em que determinará quem herdará sua enorme fortuna. Ela também é antiquada.

A esperança voltou a piscar e explodiu em entusiasmo. E logo morreu novamente.

— Me permita confirmar que estou entendendo corretamente — disse Emma lentamente. — Você gostaria que

nos fizéssemos passar por um casal prometido para extorquir a sua rica e anciã tia de sua fortuna.

— Soa nefasto quando se diz assim, concedo-lhe — Blake disse isso sorrindo. — Mas tudo é parte dos Jogos da Fortuna, um esquema louco da própria criação de Agatha. Cada ano convida um seletto grupo de membros da família a uma festa na casa para competir por seu favor e sua fortuna. E cada ano, depois dos jogos, ela reescreve seu testamento, nomeando um dos competidores seu herdeiro até os jogos do ano seguinte E... deve dizer-se que ela não está ficando mais jovem.

— Ah, sim, os jogos de fortuna de Lady Agatha Gray. Escutei as coisas mais intrigantes a respeito. Nunca ganhou, não é? — Emma perguntou, entrecerrando os olhos.

Por que eu deveria me unir a um perdedor? Não se atreveu a dizê-lo, mas esperava que sua expressão o transmitisse.

— Contigo como minha noiva ruborizada, faria — disse, com muita confiança. — O faríamos.

— E então poderei te rechaçar e conservar minha porção da recompensa?

— Se isso for o que deseja — respondeu, olhando-a com curiosidade. Obviamente não podia entender que ela não queria estar com ele. E ela não estava absolutamente triste por lhe brindar com este rude despertar.

— É exatamente o que desejo — disse ela com firmeza. Era sua única oportunidade de alcançar a vida que sonhava.

Enquanto ela ganhasse a fortuna e não fizesse algo ridículo, como apaixonar pelo duque.

— Há algo que queira me dizer, Emma? Há outro homem? Está em uma condição particular?

— Poderíamos nos fazer passar por um casal felizmente prometido, mas deve saber que meu coração pertence a outra pessoa — disse, estranhamente encantada de que ele pensasse que ela, a menos provável para comportar-se mal de Londres, possivelmente poderia haver se arruinado ou estar em uma condição particular.

— Então dirá que sim? — Disse.

— Aparentemente já o fiz — ela comentou secamente. Pela fortuna para o Benedict.

Ashbrooke sorriu, um sorriso de pura felicidade. A força dessa alegria radiante e formosa a golpeou como uma carruagem descontrolada puxada por meia dúzia de reprodutores de carga.

O duque a abraçou, levantou-a do chão e a fez girar ali mesmo, no jardim, com todas as fofoqueiras de Londres olhando. E logo a beijou, outro rápido roce de sua cálida e firme boca contra a dela. Pensou nos foguetes, e uma estranha sensação de calor e desejo se apoderou dela. Ela não pensou no Benedict.

Pensou no *Efeito Ashbrooke*.

Era real. Deixou-a sem fôlego, junto com seu engenho.

— Empacota seus pertences, Emma, minha encalhada — disse Ashbrooke com uma voz feliz e risonha. — Temos que ir

a uma festa na casa de campo e visitar uma viúva que nos dará sua fortuna.

Capítulo 4

De acordo com o livro de apostas do White's, as probabilidades são decididamente contra que Ashbrooke e sua prometida ganhem os Jogos da Fortuna. Estimado leitor, não pergunte como surgiu esta informação.

*“Inteligente e na Moda — Por uma dama distinta”
O Semanal de Londres”*

Uns dias mais tarde a caminho dos Jogos da Fortuna, depois de uma hora de viagem, Blake se deu conta que se comprometeu com a menos provável de Londres.

Ela não paquerava, atuava como tímida ou se inclinava para frente para mostrar seus seios em nenhum momento, como as mulheres costumavam a fazer perto dele. Embora sua encantadora e curvilínea figura não tivesse escapado à sua atenção.

Desde sua partida, a atenção de Emma se fixou em um livro enquanto ele alternava entre olhar pela janela e olhar à curiosa mulher sentada em frente a ele.

Dizer que esta não era a situação habitual quando se encontrava com uma mulher em sua carruagem era um

eufemismo.

Depois de uma hora não podia tolerar mais.

— O que está lendo?

Ela respondeu sem tirar nem uma vez os olhos da página.

— Estou lendo o tipo de novelas sentimentais que os homens descartam como lixo, mas que na realidade poderiam lhes ensinar uma ou duas coisas.

— É um título terrivelmente comprido — comentou secamente. Ela o olhou para discernir se ele estava zombando.

— Assim é — comentou secamente.

Fora da carruagem se viam quilômetros e quilômetros de pastos e campos de trigo. Dentro da carruagem: um desafio. Ele poderia envolvê-la em uma conversa? Ele poderia tirar um sorriso de seus lábios? Ele era Ashbrooke, apesar de tudo.

Uma lenda. As mulheres o amavam. A *Roliça Literária* não deveria ser uma exceção.

— Tem alguma pergunta sobre os Jogos da Fortuna? Dado que é sua primeira vez, pensei que poderia ter curiosidade.

Colocou uma fita vermelha na página que estava lendo e levantou a vista, fixando seus olhos azuis escuros nele. Notou que tinha uns olhos muito formosos, grandes e inteligentes, e se inclinava ligeiramente nos cantos. Mas eram perigosos esses olhos. Poderiam ver através dele.

— Sim, Sua Graça, talvez pudesse me dizer o que esperar em minha primeira vez. Meus nervos estão formigando de

expectativa.

Ele sorriu, e respondeu: — A algumas pessoas resulta um jogo desagradável, mas descobri que se a gente antecipar os prazeres que oferece e tem o par adequado, não tem que ser uma tarefa tediosa — não se ruborizou ao dizê-lo.

— Pensei que me descartaria e pensaria na fortuna — comentou Emma e sentiu que sua boca se curvava em um leve sorriso.

— Essa é uma forma, embora haja mais possibilidades estimulantes e prazerosas — ele disse brandamente, notando um ligeiro rubor roçando em suas bochechas.

— Fala muito de prazer.

— Preferiria que lhe mostrasse isso? — Dirigiu-lhe um de seus devastadores sorrisos que tendiam a fazer com que as mulheres desmaiassem em seus braços.

— Pensei que ia contar-me a respeito da festa na casa — ela respondeu sem parecer afetada.

— Não é isso o que estamos discutindo?

— Escutei que Lily Beekman morreu faz um ano. Isso é verdade?

Blake se moveu incômodo.

— Estou seguro de que a tia Agatha agora aprendeu que as melhores lições de serpentes se fazem sem utilizar cobras venenosas importadas da Índia. Serpentes de jardim regulares servirão.

— Suponho que os jogos de cartas deixam de ser divertidos depois de um tempo. Alguém deve entreter-se em uma festa em casa.

— Entretido é a palavra correta. Um ano se esperava que aprendêssemos a fazer malabarismos. Com sua inestimável coleção de cerâmica romana e vasos Ming. Outro ano joguei um jogo de sua própria invenção, *Dueling Debrett*, no qual competimos para ver quem recitava sem problemas as linhagens dos pares de duzentos anos atrás.

— Ganharia ante isso — murmurou Emma. — Qualquer dama solteira o faria.

— Agora que o penso, todas as damas solteiras se desempenharam excepcionalmente nessa tarefa — assinalou Blake. — Não foram tão bem na competição de arco e flecha. Para os objetivos, disparamos às maçãs colocadas precariamente nos retratos de membros da família Ashbrooke mortos faz muito tempo. Mas só os que Agatha não gostava.

— Isto certamente não é uma atividade típica de uma festa em casa — disse Emma.

— Os Jogos da Fortuna não são para os fracos de coração ou tolos. Pelo que sabemos, poderíamos ser enviados para casa na primeira noite. Ou possivelmente os nervos lhe tiraram o melhor de você e gostaria de voltar para Londres agora?

— Ou talvez possamos ganhar — disse Emma com férrea determinação e um adorável queixo erguido.

Faltava-lhe coragem para lhe dizer que não tinham sido convidados.

Taverna Queen's Head & Arms, em algum lugar de Sussex

Na hora do jantar, chegaram à estalagem onde fariam a refeição, descansariam os cavalos e passariam a noite antes do último troço de sua viagem no dia seguinte. Depois de assegurar duas habitações contíguas, Blake se voltou para Emma.

— Morro de fome — declarou. — Se importaria de unir-se a mim no jantar?

— Obrigada pelo convite, mas preferiria uma bandeja em minha habitação — ela respondeu.

— Vou falar com o hospedeiro sobre a possibilidade de um salão privado. — Disse antes que suas palavras se afundassem em seu cérebro, fazendo com que se detivesse e registrasse o rechaço de uma dama e sentisse possivelmente pela primeira vez uma mescla de desconcerto e vergonha.

Esperava que uma encalhada literária se sentisse imensamente adulada por seu convite e aceitasse.

Mas ela o tinha rechaçado! Blake passou os dedos pelo cabelo, frustrado e desafiado de todos os modos. Depois de havê-la persuadido de que seguissem a farsa, podia convencê-la de que compartilhasse sua companhia para a noite.

— Possivelmente uma bebida, então? Você gostaria de uma taça de xerez?

Ela fez uma careta, revelando que havia dito exatamente o incorreto.

— O que tem o xerez? Além do fato de que é repugnantemente doce?

— Pensei que as mulheres adorassem xerez.

— Se nunca mais tomar outra taça de xerez enquanto viva serei uma mulher feliz. Mas obrigada pela oferta, de todos os modos — disse Emma... Ela começou a subir as escadas, obviamente terminando com sua companhia.

— Está renunciando à minha companhia para ler tranquilamente sozinha? — Perguntou-lhe, olhando com cautela o livro que segurava firmemente contra seus seios. Pela primeira vez em sua vida estava ciumento de um livro. Um livro! — Está renunciando aos prazeres da companhia de um duque?

— É uma história bastante cativante — disse encolhendo os ombros. — Não pude terminá-lo em nossa viagem de hoje.

— Deve ser — murmurou. — Sabe, é a primeira mulher a rejeitar minha companhia.

— Que estranho deve ser para você. Não tema, a atendente da taverna parece estar feliz em te entreter.

Sim, mas ele não queria a atendente da taverna. Queria a menos provável de comportar-se mal de Londres. A realidade disso fez com que ele desejasse desesperadamente um gole.

Mais tarde, nessa noite

Depois de concluir *A Senhorita Darling e o Terrível Duque*, a novela perversamente boa que tinha estado lendo, Emma se encontrou completamente acordada e inquieta. Não tinha

escutado Blake retornar à habitação contígua, e suspeitava que ele estivesse brincando com a atendente da taverna, como ela tinha sugerido.

Ela não tinha esperado a irritação que sentiu. Porque certamente era a ordem natural das coisas. Mas não pôde evitar perguntar-se onde estaria ele e com quem, e logo seu cérebro traidor imaginou em que atividades românticas poderiam participar. Emma se acomodou na cama com uma cópia dos lugares de interesse e a história de Sussex completa, que, como se esperava, era um volume bastante grande e pesado. Por desgrça, não era tão estimulante como esperava. De fato, tinha chegado ao capítulo quatro: *A Flora e a Fauna da Região*, quando escutou Blake irromper em seu quarto e dirigir-se ao seu valete, Jepson.

— Sua Graça se divertiu esta noite — comentou seu valete secamente. Emma se levantou da cama e se arrastou até a porta contígua, onde pressionou sua orelha contra ela e escutou cada palavra. Naturalmente.

— Mal. Mas um homem merece uma cerveja ou duas depois de um dia de viagem com uma mulher — Blake disse.

Emma franziu o cenho. Então tinha sido uma companheira aborrecida.

— Lady Emma parece uma boa jovem. Não poderia ter eleito uma prometida melhor — disse Jepson, e o coração de Emma se encheu de afeto por ele.

— Sabe muito bem que não a escolhi — respondeu Blake.

— Alguém tem um notável senso de humor para ter posto esse aviso de compromisso no jornal. Não é assim, Sua Graça? Pergunto-me quem o fez.

— Não se pergunte tal coisa! Não estou seguro se lhes devo uma nota de agradecimento ou se devo matá-los. Depende de como vá nos Jogos da Fortuna — respondeu Blake.

— Informou Lady Emma que não foi convidado a ir a esta festa? “*Não convidado?*”

Emma ficou sem fôlego ante seu assombroso engano. Ela tinha desejos de irromper e lhe dizer umas coisas, mas uma parte de sua mente optou por seguir escutando. O duque a tinha persuadido implacavelmente de que se afastassem de Londres e de seu verdadeiro amor para competir por uma fortuna quando nem sequer tinham sido convidados.

Podia lhe retorcer o pescoço neste momento. Ou talvez poderia golpear seu formoso rosto com sua cópia completa dos lugares de interesse e a história de Sussex.

Ou poderia ficar calada e seguir escutando. Que mais este duque estava escondendo dela?

— Não tem sentido lhe dizer. A falta de convite não significa nada — Blake respondeu — E ela me disse que estava de acordo.

— O que acontecerá se Lady Gray os mandar embora? — Perguntou o valete. — É provável que ela o faça.

— Logo viajamos de retorno a Londres, rompemos o compromisso e fingimos que tudo isto nunca aconteceu — disse Blake. — Não sei por que tem que haver tanto drama.

Ela retorceria seu pescoço e o golpearia na cabeça com a cópia de seu livro e difundiria o rumor de que era impotente. Enviaria essa intriga ao *O London Semanal*, que claramente imprimia qualquer coisa.

— Duvido que Lady Emma possa fingir que tudo isto nunca aconteceu — disse o valete.

Tinha mencionado seu afeto pelo valete de Blake? Sua preocupação por ela era a única coisa que suavizava seu temperamento. O qual era muito necessário para acalmá-la, especialmente tendo em conta o que disse o duque a seguir

— Lady Emma não é minha principal preocupação.

Ela exalou lentamente. Tomou todo seu autocontrole para seguir escutando em lugar de deixar-se levar por sua ira.

— É, isso porque ela não se está lançando sobre você como todas as damas? — Perguntou o valete com muita cortesia.

Verdadeiramente, ela o amava... Ela adicionou Jepson à lista de possíveis nomes para seu primogênito.

— De que demônios está falando, Jepson? Só porque necessitei de um pouco de persuasão para seguir este ardil e só porque ela passou todo o dia lendo um maldito livro, não significa que não poderia tê-la em um instante — disse Blake mal-humorado. — Se quisesse!

— Ora!

Escapou-lhe uma explosão de assombrada risada. Ela tinha razão: era tão arrogante e presunçoso como ela tinha suscitado. Estava contente de ter passado o dia com o nariz enterrado em seu livro e de que não tinha revelado o

dolorosamente consciente que tinha estado dele. Sua mente se distraiu pensando o que mais poderiam fazer na carruagem. Mas agora manteria seu olhar fixo nessa fortuna e em assegurar-se de que o duque soubesse que ela era a única mulher que não cairia em sua cama.

— É claro — respondeu Jepson com cumplicidade. — Nenhuma mulher sob o sol é imune ao *Efeito Ashbrooke*.

— Basicamente — disse Blake.

— Acredito que ela é completamente imune a você — disse Jepson.

— Sou — murmurou Emma. Embora ocasionalmente tivesse pequenas quebras, seu orgulho não lhe permitia render-se aos flertes do duque.

— Te provarei que ela não é — o desafiou Blake. — A seduzirei até o final dos Jogos da Fortuna.

Emma ficou boquiaberta e arqueou as sobrancelhas.

Ele apostou por seduzi-la! Que canalha! Que descarado!

— Sua Graça, não participarei de apostas com tal falta de cavalheirismo — disse seu amado Jepson. “Assim é”, pensou ela. Mas para falar a verdade, alguém tinha que maravilhar-se ante o fato de que o duque de Ashbrooke estava apostando por seu intento de sedução de uma das menos prováveis de Londres. Se maravilhariam mais quando ela vencesse em seu jogo. Ela resistiria aos seus intentos de sedução e o ignoraria, mesmo que isso fosse a última coisa que fizesse.

— Fique à vontade Jepson. Necessitarei de um desafio para me divertir nos Jogos da Fortuna. Seduzir Emma será o

melhor — disse o duque.

Isso foi, é obvio, no momento que a fechadura cedeu, a porta se abriu de repente, e ela desabou em seu dormitório, só para aterrissar sobre suas mãos e joelhos. Em sua camisola de musselina branca, passada de moda e carente de atrativo.

“Blake não estava usando uma camisa. Tinha-o notado”.

Notou que seu peito era largo, musculoso, bronzeado e forte. Ela queria tocá-lo.

Também devia ter em conta que ela estava decidida a rechaçá-lo e assegurar-se de que nunca soubesse como a afetou. Nunca poderia saber que o ver sem camisa fizera com que seu coração se acelerasse e sua pele se ruborizasse.

— Estava espiando? — Perguntou Blake enquanto se levantava do chão.

— Naturalmente. Estava tendo problemas para dormir, mas sua conversação foi um grande remédio. Nem minha cópia dos lugares de interesse e a história de Sussex completa me poria a dormir tão rápido. Devo haver ficado adormecida apoiada na porta.

— Pensei que estivesse lendo *A senhorita Darling e o Terrível Duque*.

— Isso foi faz duas horas, Sua Graça. Faço todo o possível para estar em dia. Comecei com Os lugares de interesse e a história de Sussex completa porque me pareceu um excelente remédio para dormir.

Os lábios do duque se arquearam em um sorriso. Adotou uma expressão ativa e desejou que fosse mais alta para poder

olhá-lo.

— É óbvio que necessita de um remédio — disse. — Deve estar esgotada de estar sentada na carruagem todo o dia.

— Acho que manter um pequeno tempo em sua companhia debilitou minha força — Emma respondeu. Ela adicionou um suspiro para demonstrar seu cansaço por estar em sua irritante (e enlouquecedouramente atraente) companhia.

— Acha-me aborrecido, Lady Emma? — Disse Blake, dando um, dois, três, quatro passos singelos pela habitação para parar em frente a ela com toda sua imponente, masculina e nua musculatura. Ela não o achou aborrecido, absolutamente.

Ele o fez para intimidá-la. Para afetá-la e tentar seduzi-la, só porque podia. Só porque ele queria ganhar, então tinha que assegurar-se de que perdesse. Ela não seria um peão em sua busca pela glória.

Seu coração estava acelerado, mas ela não estava intimidada.

— Estou segura de que não o acho tão cativante como a maioria das mulheres o fazem — disse Emma. Era bonito, sim, mas muito arrogante para o seu gosto.

— Deveria ver um doutor, isso não pode ser normal — disse Blake, e ela riu.

— Só para que fique claro, Sua Graça, não só não estou interessada em você, como também meu coração pertence a outro homem — disse ela com firmeza. Entretanto, seu coração, que pertencia ao seu amado Benedict, estava se

acelerando a um ritmo vertiginoso, tudo devido a certo duque arrogante e enlouquecedor.

Capítulo 5

*Se não ganhar os Jogos da Fortuna, temo o que terei que
fazer para sobreviver.*

*Os preocupantes pensamentos de Lady Bellance a
caminho dos jogos.*

Caminho para Castle Hill

Depois de uns poucos quilômetros no longo e sinuoso caminho sombreado por enormes árvores, pode-se ver um grande castelo encarapitado no alto do pico com vistas ao mar.

Emma fechou seu livro e mirou pela janela da carruagem.

Blake recordou a primeira vez que tinha feito esta viagem quando era um menino de só oito anos, já era um duque e estava sozinho.

Os velhos e nodosos carvalhos se elevavam sobre o caminho. Ovelhas brancas e negras ainda comiam nos pastos verdes. O céu seguia sendo azul, as terras ainda eram vastas

e impressionantes. Os cavalos diminuíram a velocidade como se sentissem o final da viagem.

Enquanto ele sentia uma mescla de alívio por ter chegado e medo, porque não estava preparado para o que o esperava.

Sentia-se como uma corda de violino, tensa e desafinada.

Tudo era o mesmo, exceto pela garota de cabelo escuro que olhava pela janela com grandes olhos azuis. Tudo era esplendor para ela. Era tudo o que ela podia ganhar ou tudo o que podia perder se não ganhasse nos Jogos de Fortuna.

A carruagem se deteve em frente à casa, e Jewkes, o mordomo, saía para saudá-los.

— Sua Graça — entouou como sempre, como se Blake fosse um órfão de oito anos não um homem de trinta e três anos. Se ele estava chegando ali para ficar no que foi sua casa ou se estava ali, como uma das dúzias, para rebaixar-se competindo pelo favor e fortuna de Agatha. A única mulher que o tinha amado e entendido. E ele estava ali para competir pelo que deveriam lhe dar livremente. Demônios, nem sequer tinha sido convidado. E ele tinha arrastado uma mulher inocente a este louco esforço para não perder Castle Hill, o único lugar que alguma vez tinha chamado de lar, tanto como para ganhar a fortuna que lhe permitiria pôr fim ao trágico legado de Ashbrooke e criar algo novo, mais poderoso, mais eterno em seu lugar.

Jewkes ficou parado ali, alto e firme, dizendo: "*Sua Graça*" como se isso fosse a única constante no mundo.

Para alívio de Blake, mostrou-lhe os dormitórios onde poderiam refrescar-se depois da viagem e vestir-se para o jantar. Depois de banhar-se, barbear-se e colocar um traje formal de noite, foi recolher Emma.

Passou pelas escadas até o quarto piso e pensou em visitar o berçário. Mas as lembranças deveriam ficar no passado. Aquela tensa corda de violino se esticou ainda mais forte.

Blake bateu na porta de Emma. Recordava ter sido só um menino batendo na porta de Agatha, acreditando que era seu dever ducal acompanhá-la ao jantar. Ou porque despertou na noite, assustado e confuso. Isso foi antes que Agatha lhe tivesse ensinado a analisar e a dominar suas emoções.

Emma abriu a porta, com um livro na mão.

Vestia um singelo vestido azul que fazia com que seus olhos parecessem mais brilhantes. Seu cabelo escuro estava arrumado em um desses arranjos complicados com fitas e pérolas e tudo o que as damas preferiam. Só notou uns poucos cachos rebeldes lhe roçando as bochechas e a nuca, todos aqueles pontos sensíveis onde um homem beijava uma mulher. Talvez ele pudesse pressionar seus lábios ali.

— Está adorável —dizia-o a sério. Tinha passado uma boa quantidade de tempo na carruagem descobrindo que não era a jovem comum como ele a tinha classificado à primeira vista.

Seus lábios se separaram, num sorriso levemente torcido que era encantador e fascinante. Pensou em beijá-la.

— Que amável de sua parte dizer isso — respondeu ela. Obviamente não acreditou. Seus elogios geralmente não eram rechaçados.

Sentiu que a corda do violino se esticava ainda mais, muito desafinada, muito perto de romper-se. Ele exalou lentamente, sem querer perder as estribeiras nem dar nenhum indício de que os nervos o transtornavam.

— O que está lendo? — Perguntou-lhe, fazendo um gesto para o livro que segurava.

— A exaustiva história do clã Ashbrooke e suas posses. Uma cópia foi deixada em minha mesinha de noite.

— Na minha também. Mas não podia me oferecer nada para ler que não fossem trivialidades tão aborrecidas. Está pronta? Uma vez que a apresente a Agatha como minha prometida, não haverá volta. Teremos que competir. Provavelmente ganharemos se estiver pronta para o desafio.

Tinha que perguntar. Porque uma vez que caminhassem entre os competidores, ele não aceitaria a derrota. Blake William Peregrine Auden, o nono duque de Ashbrooke, não perderia.

— Vim até Castle Hill. Não há retorno agora — respondeu Emma. — Está preparado? Porque tenho toda a intenção de ganhar.

A tensão na corda do violino diminuiu ligeiramente. Blake a conduziu pelo corredor, descendo pela enorme escada, cruzou o vestíbulo de mármore rosa e alabastro, e saiu ao terraço esquivando fantasmas e lembranças a cada passo do caminho.

No vestíbulo, estupidamente rosado, tinham-no deixado sozinho com seus baús poeirentos, ao lado de um menino um pouco mais alto que ele.

Ele tinha uma tempestade violenta de emocional confusão.

Então chegou Agatha. Ela tomou fria e tranquilamente sua mão e o conduziu à habitação das crianças. Ainda recordava sua pequena e pegajosa mão quando era um menino órfão, com o contato daquela suave e velha mão.

Em uma mesa de mármore redonda no vestíbulo se via a mesma monstruosidade: uma grande urna de porcelana pintada à mão com cenas pastorais de Castle Hill e que continha as cinzas do quarto marido de Lady Agatha, Harold, também conhecido como *"aquele que ela amou"*. A criada tinha a tarefa de lhe tirar o pó todos os dias, seu trabalho não duraria se não se mantivesse perfeitamente limpo.

O corredor no segundo piso, onde lhe apontou seu dormitório e disse que não deveria duvidar em incomodá-la. Ela era velha e já não tinha marido, por isso não interromperia nada, havia lhe dito. Tinha fiado confuso então, mas havia entendido que: sempre seria bem-vindo, seu pequeno e feroz duque.

Ele esperava que isto ainda fosse verdade.

Segurou a mão de Emma com força, agradecido pela comodidade que brindava. Estava preocupado por sentimentos que não poderia ter articulado, inclusive se se encontrasse à ponta de faca ou à beira de um escarpado com vistas a um poço de crocodilos. As lembranças do passado o

obcecavam, o toque quente de sua mão o mantinha enraizado no presente. Poderia ser um descarado sem coração, mas se aferrava à sua vida.

Agarrados pela mão, atravessaram as portas francesas que conduziam ao terraço de pedra, que dava aos jardins e, mais à frente, à água. Podia ver a linha azul do horizonte, e o ar levava o aroma salgado do mar.

— O duque de Ashbrooke e sua prometida, Lady Emma Avery. — Anunciou Jewkes.

A pequena e seleta multidão olhou os recém chegados. George, sabendo a verdade sobre o compromisso, sorriu maliciosamente. Blake se perguntou se poderia contar com ele já que teria que guardar a informação para si mesmo.

Os segundos primos de Copleys estavam ali, se mostrando mal-humorados, como sempre. Os primos Archibald Pleshette e lorde Dudley se afastaram a um lado, irradiando esnobismo. Blake notou o olhar predador de Lady Bellande, a viúva de seu segundo primo falecido fazia muito tempo. Era como as outras mulheres, que não eram Emma e que geralmente o olhavam. A mão da Emma se apertou ao redor da dele, enviando uma quebra de onda de possessividade através dele. Então a multidão se separou, revelando a tia Agatha. Seu cabelo branco estava arrumado em um arranjo elaborado e imponente que provavelmente acrescentava oito polegadas à sua altura. Segundo seu estilo único, parecia levar toda a coleção de joias da família Ashbrooke ao mesmo tempo. Brincos de rubis, colares de diamantes enredados com fios de pérolas negras, uma pedra

faiscante em cada dedo, braceletes dourados e prateados que tilintavam em seus magros e ossudos pulsos.

Blake não pôde evitar. Apertou a mão da Emma, com força.

A tia Agatha era maior, mais cinza. Foram seus olhos os que o desfizeram, porque eram tão azuis, agudos, inteligentes como o dia em que chegou pela primeira vez. Tinha-lhe jogado uma olhada e lhe havia dito: — *Bom, está bem, vem.* Não havia nenhum mimo ou tolice com Agatha. Depois daquele dia em que ocorreu o acidente, ele tinha necessitado de tias e primos compassivos.

Desesperadamente.

Ele recordou como ela tinha estado parada tão alta, com sua coluna tão reta.

Embora ainda se comportasse com orgulho, já não se parava sozinha. Um lacaio a puxou pelo braço, ligeiramente, como se fosse uma mera decoração. Mas Blake suspeitava que se o homem a soltasse, sua amada tia Agatha cairia e se faria pedacinhos sobre os paralelepípedos. Seu coração se apertou. Estúpido coração.

Emma suspirou quando o lacaio se aproximou. Era jovem, dourado, forte, e lhe chamaria bonito por qualquer pessoa com pulso. Blake se sentiu imensamente cômodo com a eleição de companheiro da Agatha. A velha ainda tinha fogo nela. Sem ir mais longe, ela obviamente não estava cega.

— O duque de Ashbrooke se digna a nos tratar com atenção com sua presença. Estou fora de mim com a alegria.
— Disse Agatha secamente, a modo de saudação.

Blake exalou com alívio. Agatha ainda era Agatha. Não tinha chegado muito tarde. Mas tinham sido muitos anos.

— Gostaria de um pouco de dinheiro extra para gastar, então pensei em vir — disse. Ao seu lado, Emma conteve o fôlego bruscamente. Ela não sabia que o que ele acabava de dizer significava, — *Olá, senti saudades* —, e um milhão de outras coisas que nunca poderiam expressar-se com palavras.

— Tão impertinente como sempre. Que previsível e aborrecido — respondeu Agatha. Logo ela pôs os olhos em branco, o que ele sabia que significava que tudo no mundo estava bem.

— Minhas mais sinceras desculpas — disse Blake. Logo realizou uma profunda reverência, e ao levantar-se declarou: — Esqueci-me que todos estamos aqui para a diversão de uma velha viúva mal-humorada.

— Fará bem recordá-lo Blake, para que eu não recorde que na realidade não foi convidado este ano — declarou em voz alta. — Toma nota disso, Angus.

O bonito lacaio fez exatamente isso no pequeno caderno de couro vermelho que tinha em um bolso sobre seu peito. Nesse mantinha a pontuação dos Jogos da Fortuna, com Agatha outorgando pontos por pequenos triunfos e eliminando-os pelo mínimo engano. Mas ao final, escolhia o ganhador segundo uma fórmula que inclusive ele nunca tinha discernido. Os outros convidados principiaram a cantarolar e a sussurrar enquanto começavam a contar seus números. Emma sorriu com força, como se dissesse que ele pagaria por

isso, de algum jeito, então Blake lhe respondeu com um de seus lendários sorrisos e lhe beijou a mão.

— Um descuido de sua velhice, e lhe perdoo por isso — disse Blake sem generosidade.

— Entretanto, pensei que ficaria irritada se não lhe apresentasse a minha prometida. Querida tia Agatha, por favor conheça minha prometida, lady Emma Avery.

George começou a tossir. Blake esperava que alguém o golpeasse nas costas, com força.

— Estou encantada em conhecê-la, Lady Grey — disse Emma.

— Sêrio que está? — Perguntou Agatha com cepticismo.

— Também estou aterrorizada e intrigada — confessou Emma.

— Suponho que te advertiu sobre os jogos. — Disse Agatha, soando totalmente aborrecida. — Me diga, está aterrorizada ou intrigada por isso?

— Não pode ser mais tortuoso que uma quarta temporada no mercado matrimonial — respondeu Emma sem perder um segundo. O coração de Blake se acelerou. Isto nunca tinha acontecido, uma mulher que não estava completamente desanimada e mal humorada na presença da tia Agatha.

— Mas já não está no mercado matrimonial. Você, uma encalhada em sua quarta temporada, conseguiu apanhar um exemplar principal de virilidade. — Disse Agatha com um gesto desdenhoso com sua velha mão para o espécime principal que era sua pessoa.

— Fisicamente falando. — Admitiu Emma, com um olhar que parecia uma carícia. Logo baixou a voz. — Seu engenho, por outro lado.

Agatha se inclinou mais perto, conspirando intencionalmente, e disse:

— Faz com que alguém se pergunte se foi adotado quando era menino. — Blake sentiu que Emma se inclinava mais para sussurrar algo a Agatha, mas ele a deteve para pôr fim imediatamente a uma relação que só em pensar o aterrorizava.

— Embora esteja encantado de que vocês duas se deem tão bem como um povoado em chamas, possivelmente Lady Emma gostaria de conhecer os outros convidados. — Sugeriu, embora os outros convidados fossem sem dúvida as doze pessoas mais aborrecidas que alguma vez caminharam sobre a Terra.

— Não posso imaginar que isso é o que ela gostaria. — Disse Agatha. — São uma grande quantidade de grosseiros caça-fortunas.

Dito grupo de grosseiros caça-fortunas teve a decência de ruborizar-se, ficar pálido e atuar consternado por semelhante pronunciamento. Mas então Blake os contou, a todos e a cada um. Só havia dez. O que significava que embora não tivesse estendido nenhum convite a ele nem à sua convidada, tinha sido bem-vindo. Querido. Esperado. Na sala de jantar, os convidados e competidores encontraram seus lugares ao redor da longa mesa de mogno que havia lá. Cada lugar continha numerosos pratos de porcelana, garfos de prata

muito polidos, facas, colheres e copos de cristal. Blake olhou à Emma por cima da mesa e a viu pálida no entorno. As probabilidades ditavam que cometeria um engano.

Essas probabilidades indicavam que não passariam do jantar.

Que ele e Emma estivessem sentados a ambos os lados de tia Agatha provavelmente não era um sinal a seu favor, a não ser uma armadilha. Muitos a descartavam como uma velha louca, impermeável à lógica ou à razão.

Blake a conhecia melhor.

Tinha-lhe apresentado a comodidade que oferecem as regras e equações, sejam de etiqueta ou matemática. Não havia razão para incomodar-se ou preocupar-se. Só tinha que encontrar a fórmula e continuar. Fosse a sedução de uma mulher, a construção do motor de diferenças ou inclusive os Jogos da Fortuna, Blake encontrava e executava a fórmula.

— Bem-vindos ao vigésimo Jogo da Fortuna anual — declarou, de pé, com uma taça adornada na mão. Frágil como era, sua voz chegou ao outro extremo da mesa. — Indubitavelmente todos vocês estiveram mexericando sobre o tamanho da minha fortuna ou o estado da minha saúde, especialmente você, Dudley. Não creia que não escutei o que disse ao Edmund. Reduzi dois pontos de cada uma de suas contas.

Todas as cabeças se voltaram para concentrar-se nesse idiota do Dudley, cujas bochechas se avermelharam grandemente.

— Posso lhe assegurar, Lady Grey — começou.

— Não deveria proporcionar alguma prova de sua fortuna? — Edmund sugeriu amavelmente a Agatha. — Possivelmente uma carta de seu banqueiro ou seu médico?

Emma ficou sem fôlego por sua audácia.

— Isso seria o mais honorável — concedeu Agatha. — Mas sou uma mulher enriquecida, então posso fazer o que me agrade, portanto, se duvidarem de que há uma fortuna, não seria tão divertido, então podem ir-se imediatamente.

Ninguém fez o menor movimento.

Velha enriquecida + limitação de imaginação desviada = tia Agatha.

— Alguns de vocês jogaram os jogos antes, alguns de vocês inclusive ganharam. Me acreditem quando digo que esses anos foram alguns dos mais longos da minha vida.

— Então, por que nos convidou a voltar? — Perguntou Dudley, reclinando-se em sua cadeira.

— Dá-me um incentivo para viver mais tempo, Dudley — Agatha disse. Bebeu um sorvo de sua taça e logo continuou com seus decretos. — Os jogos durarão por três dias. Essa é a quantidade máxima de tempo que posso suportar vocês. Se me aborrecerem, lhes pedirei que se vão e já não serão elegíveis para a fortuna. Escolherei o ganhador segundo critérios que não divulgarei. Isso não é negociável — prosseguiu Agatha com firmeza. — Se crê que isto não é razoável, pode ir à biblioteca e escrever uma carta a alguém que lhe importe. Não me digam isso.

Agatha fez uma pausa para beber de sua taça. Seu lacaio estava justo atrás dela.

— Recordem que são livres para irem a qualquer momento. Tampouco se requer sua presença aqui. De fato, algumas de suas presenças nem sequer foram solicitadas. — Disse Agatha com um olhar penetrante ao Blake.

Adotou uma expressão de completa inocência e disse: — Felizmente, corrigimos esse descuido.

— Tem sorte de ter um rosto bonito, Ashbrooke — respondeu Agatha secamente. — Suas maneiras são espantosas. Não sei como sua prometida o suporta.

— Um pouco de xerez lhe ajuda a passar o dia. E a noite. — Disse Blake. A boca de Emma se abriu e lhe lançou um daqueles olhares que falavam de uma fúria assassina e más intenções. Mas logo seus lábios se curvaram em um sorriso adoravelmente torcido.

— É a única forma de tolerá-lo. — Respondeu Emma tão secamente quanto Agatha, para surpresa de Blake e para a diversão dos outros. Viu que os lábios de Agatha se curvaram em um sorriso aprovador.

— De fato — disse, levantando sua taça antes de tomar um sorvo abundante. — Felizmente teve o suficiente sentido comum para comprometer-se com uma mulher de engenho e bom julgamento. Ainda há esperança para seus filhos. Agora, o que estava dizendo?

— Que é a rainha dos Jogos da Fortuna, sua palavra é definitiva, e temos a opção de participar, o que faz com que qualquer queixa seja nula — declarou Blake.

— Bem feito — disse Agatha claramente. — Seu cérebro funciona, depois de tudo.

— Por que não declara a ele e a sua prometida como os ganhadores e nos deixa ir para casa? — Murmurou Lorde Pleshette. — Sempre foi seu favorito.

— Depois que todos tenham viajado todo este caminho? — Perguntou Lady Agatha, horrorizada. — Além disso, Lady Emma ainda poderia cometer algum erro imperdoável.

— Como Lorde Anderson em 1816 — disse Edmund, sacudindo a cabeça.

— Essa foi uma tragédia.

— Foi ele quem foi apanhado em seu armário com seus espartilhos e anáguas? — Perguntou Lady Copley.

— Não, esse era Lorde Wiltshire — disse George. — Anderson estava ganhando até que utilizou o garfo equivocado em um almoço. Para ser justos, foi uma refeição de treze pratos com talheres separados para cada curso. A mesa se via monstruosa. Não era muito diferente desta.

— É completamente imperdoável — disse Agatha. — Não poderia deixar meu patrimônio a alguém que ignorasse as formas mais básicas de maneiras à mesa.

Todos olharam nervosos à coleção de talheres, pratos de porcelana e múltiplos copos de cristal gravados sobre a mesa. O jantar nem sequer tinha começado.

— Pelo vigésimo jogo anual da fortuna — declarou Agatha, com uma taça adornada levantada e uma voz em pleno auge. Todos os convidados levantaram suas taças também. Emma, nervosa ao ter que dar o melhor dela, foi a

única em soltar a sua, quebrando o cristal no prato de porcelana e derramando vinho sobre seu melhor vestido e na mesa épica ante ela.

Possibilidades de ganhar os jogos = nulo

— Ah, os jogos mal começaram e já devemos deduzir seis pontos da recontagem de Lady Emma. Angus, faz essa nota — seu laçao o anotou no caderno de couro vermelho. As bochechas de Emma arderam. E os jogos começaram.

Nem sequer tinham sobrevivido ao primeiro evento quando ocorreu o desastre pela segunda vez, em forma de um comentário cortês e uma pergunta simples que surpreendeu Blake e Emma completamente e os tomou totalmente despreparados.

— Lady Emma, Sua Graça, acredito que falo por todos os convidados quando ofereço minhas felicitações por seu compromisso. — Disse a senhorita Montgomery amavelmente do outro extremo da mesa. Embora fosse uma senhorita, evidentemente tinha ao menos quarenta anos ou mais. Já era uma solteirona.

A senhorita Montgomery era ela, pensou Emma, se não ganhasse os jogos.

— A notícia foi uma surpresa — disse George com um sorriso agudo, recordando a Emma adagas desenhadas. — Nunca imaginamos que o primo Blake fosse do tipo que pensasse no matrimônio. Todos estamos ansiosos por saber como se conheceram.

— De fato, todos estamos morrendo de curiosidade — disse Edmund, e todos murmuraram seu acordo. Emma se sentiu como uma raposa em uma caçada. Rodeada. Os cães grunhindo enquanto se aproximavam.

Emma olhou Blake, esperando que o alarme que sentia não fosse notado em sua expressão. Pensou em todas aquelas horas na carruagem quando evitou deliberadamente sua conversação e qualquer tentação colocando o nariz em um livro.

Deveriam ter inventado uma história. Em troca, ignoraram um ao outro.

Quando Blake não correu ao seu resgate suficientemente rápido, Emma soube que teria que salvar a si mesma. Os jogos mal tinham começado e ela já tinha pontos negativos. Tinha que atuar com valentia ou arriscar-se a ficar para trás.

— Foi o encontro mais romântico — disse, e todos na mesa fixaram sua atenção nela. Ela respirou fundo e extraiu coragem do olhar curioso de Blake. Logo aproveitou a oportunidade para comprometê-los com a história romântica que ela queria, e foi diretamente das páginas de *Senhorita Darling e o Terrível Duque*.

— Encontramo-nos em um baile — declarou Blake ao mesmo tempo que Emma afirmava: — Encontramo-nos em um coreto abandonado em Hyde Park durante uma tempestade repentina e severa.

— Isso é como em *Senhorita Darling e o Terrível Duque*! — Exclamou a senhorita Dawkins, uma jovem debutante e companheira dos recantos nos bailes.

— Bastante coincidência, asseguro-lhe — Emma respondeu, sorrindo fracamente. Ela bebeu nervosamente seu vinho branco, pegando o copo com segurança.

— Onde há um mirante abandonado no Hyde Park? — Perguntou Lady Copley, o par de um casal de meia idade que passava discutindo.

— Oh, está no outro lado — respondeu Emma, sem ter ideia se alguma vez existiu um. — Sempre desfruto de um bom passeio pelas manhãs.

— As pessoas não pensariam que Ashbrooke participaria de um — disse Lady Bellande, que era o tipo de viúva que era o pior pesadelo de toda mulher. — Se acreditaria que estaria envolvido em outras atividades pela manhã.

— Estava a caminho de um inferninho exclusivo de jogos — explicou Blake, o que pôs à prova a imaginação de todos.

— Que excelente, os dois desfrutam de longos passeios com a primeira luz da manhã — disse Lady Agatha. — Já que tinha planejado um passeio pelos jardins amanhã.

— Espero que não sejam pelos quatrocentos acres — brincou Lorde Pleshette. — Odiaria ter que usar minhas botas. São do Hobbs, que também faz as botas do Rei.

A ninguém importavam suas botas. Certamente Emma não era a única que se envergonhava de seu traje passado de moda depois que lhe tivessem dirigido um olhar desdenhoso.

— Que mais planejou para nós, tia Agatha? — Perguntou Blake. — Caça ao dragão? Outro jogo do *Dueling Debrett's*? Talvez alguma feira? Já que talvez não o tenham feito o suficiente nestes dias? Um musical? Possivelmente um baile?

Talvez um circo? — Disse, sorvendo seu vinho e sorrindo diabolicamente.

— Escutei que algumas pessoas têm os melhores ursos treinados para fazer truques! Não seria maravilhoso ter esse talento?

— Ursos? — A senhorita Dawkins disse com voz baixa.

— Um musical seria encantador. Possivelmente poderia cantar — ofereceu Lady Bellande. — Ashbrooke poderia me acompanhar. No piano.

Sua voz sugeria que ela se referia ao seu acompanhamento literalmente na parte superior do piano, e não para um entretenimento musical.

Emma juntou seus lábios até fazê-los desaparecer. Uma inesperada onda de possessividade se apoderou dela. Não queria que seu prometido fictício fosse infiel, nem tampouco queria que alguém pensasse assim. Seu orgulho se rebelou ante essa perspectiva.

Certamente, a sensação de posse não tinha nada a ver com desejá-lo para ela.

Seria a primeira pessoa em assinalar que ela e Blake formavam um casal estranho e inesperado. Ela era uma simples garota enalhada. Ele era um homem tão bonito que chamava toda a atenção na habitação como se possuísse sua própria força de gravidade pessoal.

Por um momento ela desejou ferozmente que fosse verdade. Embora ainda estivesse apaixonada pelo Benedict e estivesse jogando este jogo para seu futuro com ele. Ao menos por um instante ela desejou ser algo real. Não queria brigar

com pessoas como Lady Bellande pelos cuidados de seu prometido.

Se ela tivesse a fortuna ninguém a passaria por cima.

— Desfruta dos musicais, Lady Emma? — Perguntou lady Agatha.

— Sim — respondeu com sinceridade. Qualquer coisa onde ela não tivesse que parar contra a parede esperando um companheiro de baile enquanto tentava não parecer desesperada.

— Toca? — Perguntou lady Agatha, mas Emma estava distraída com Lady Bellande, que estava inclinando-se muito perto do Blake. Seu prometido.

— Toco piano — Emma se negou a mencionar que o fazia muito bem. Olhou ao Blake esperando poder trocar a conversação antes de ser convidada a atuar. Mas viu que as mãos de Lady Bellande tinham desaparecido debaixo da mesa e ele não a olhava aos olhos. Oh, não podia ignorá-la agora! Não podia abandoná-la agora!

Ela poderia ser a menos provável para comportar-se mal de Londres, mas não seria a primeira perdedora nos Jogos da Fortuna.

— Falando de musicais, Ashbrooke toca a flauta. — Disse Emma a todos. — O incentivei a aprender a tempo para nossas bodas.

Lady Bellande retirou suas mãos e olhou boquiaberta ao duque. Ashbrooke olhou a Emma através da mesa. Deu-lhe um sorriso malvado que revolveu o estômago. Como se o tivesse chamado, uniu-se ao seu desafio.

— Emma pensou que seria romântico, e vivo para agradá-la. — Disse brandamente. — É por isso que desejo poder fazer um pequeno pedido, tia Agatha. Ela é muito aficionada ao xerez. Talvez devêssemos estar seguros de incluir alguns em cada refeição.

— Inclusive no café da manhã? — Perguntou Lorde Copley.

— Especialmente no café da manhã — respondeu Blake.

Esse patife! Consciente de que todos a estavam olhando, Emma lhe sorriu docemente, quando na realidade queria atirar sua taça de vinho em seu formoso rosto. Ele sorriu em troca, seus olhos se encontraram com os dela sobre as velas bruxuleantes.

— Ashbrooke, está muito atento a todos os meus desejos — Emma disse sombriamente. — Isso é o que dizem todas as mulheres. — Disse com um sorriso. Lady Bellande se mordeu o lábio e olhou com nostalgia ao Blake. Emma lutou contra a necessidade de pôr os olhos em branco.

— Depois de seu encontro casual na guarita abandonada no Hyde Park, comprometeram-se imediatamente, Ashbrooke? — Perguntou gentilmente, com um sorriso nos lábios. — Ou houve algum cortejo em volta de Lady Emma, que conseguiu escapar da atenção de toda a sociedade durante uma das temporadas mais aborrecidas dos últimos tempos?

— Quando um homem sabe que encontrou a mulher certa para ele, por que deveria esperar? — Blake refletiu: Um

genuíno sentimento romântico? Ou estava evadindo a pergunta? Definitivamente este último.

— Talvez gostaria de conhecê-la melhor — disse Lady Copley. — Deve-se tomar o tempo para conhecer seu cônjuge antes de comprometer-se em uma vida de matrimônio. Salvaria muitas agonias.

— É claro que sim — disse Lorde Copley com firmeza. — Embora me doa estar de acordo com minha esposa.

Ninguém mais na mesa sabia exatamente para onde olhar ou o que dizer a isso. Para sorte de Blake, é claro.

— Conhecemo-nos muito bem — ele disse depois de um sorvo de vinho. — Por exemplo, todos sabemos que Emma gosta de ler. Tanto, que ganhou o apelido de *Roliça Literária*. — Como se atrevia a mencionar seu odiado apelido?! Sua temperatura começou a subir, e não tinha nada a ver com uma possível pontada fugaz de desejo por Ashbrooke. E sim com uma raiva de ebulição lenta. E logo continuou: — encanta-lhe o xerez pela manhã, ao meio dia e de noite. Não gosta mais que despertar ao amanhecer e dar longos passeios à primeira luz do dia.

Eram mentiras, todas mentiras. Ela o faria pagar.

— Lady Emma, o que descobriu sobre Sua Graça que nenhuma outra mulher saiba? — Perguntou Lady Bellande. Realmente estava pedindo conselhos sobre como seduzir o seu prometido? Ou ela, como o resto, estava totalmente incrédula de que um homem como Ashbrooke se incomodasse com uma garota como ela?

Bom, ela, depois de tudo, era uma das pessoas menos prováveis de Londres

— Há algo? — Emma respondeu docemente.

— Sem dúvida, há algo — disse Lady Agatha.

— É incrivelmente doce, terno e romântico — disse Emma, mas não estava pensando no Ashbrooke, e sim no Benedict. E logo deixou que sua imaginação se encarregasse. — Ele chorou quando me propôs. Foi o momento mais comovente da minha vida.

— Chorar? — Perguntou Blake com cepticismo. Alguns dos homens rapidamente mascararam sua risada com tosse.

Lady Agatha riu de diversão.

— Tive que te emprestar meu lenço, lembra? — Respondeu Emma, fingindo inocência. — Que solicitou que bordassem com nossas iniciais entrelaçadas em fio rosa.

Jogando uma olhada ao seu "*prometido*", Emma viu que tinha toda sua atenção. Talvez fosse o vinho, ou talvez fosse seu olhar, fixo nela, mas seu coração começou a pulsar rapidamente como se estivesse enjoada. Ou como se ela estivesse desfrutando desta história romântica em forma de duelos.

— Como lhe propôs? — Perguntou a senhorita Dawkins.

Emma deixou escapar um suspiro dramático antes de contar uma história de suas próprias ilusões.

— Ajoelhado. No coreto onde tínhamos nos encontrado pela primeira vez, em uma noite cálida e à luz da lua.

— Depois de lutar contra um bando de ladrões. — Disse Ashbrooke casualmente, reclinando-se em sua cadeira.

— Aquele grupo de meninos pobres e desafortunados? Não podiam ter mais de doze anos de idade. Simplesmente mendigavam por pão. — Emma respondeu e franziu o cenho com força por cima da mesa. Para seu deleite.

— Estavam fortemente armados. Uma verdadeira artilharia — replicou. — Arrisquei minha vida para proteger sua virtude.

— Seus nervos se sobrepuseram essa noite — explicou Emma amavelmente à mesa de rostos cétricos, mas cativados. — Nosso cortejo tinha sido um torvelinho, e não estava seguro se eu aceitaria ou não — disse, acrescentando outra mentira escandalosamente incrível à mescla.

— É surpreendente que ninguém em Londres descobrisse seu cortejo, deve ter sido um segredo difícil de manter — disse Lady Bellande, insinuando o pior. Justo quando Emma começava a divertir-se.

— Oh, intercambiamos várias cartas de amor — disse Emma, pensando rapidamente. — De que outra forma se poderia explicar um amor que ninguém viu desenvolver-se?

— Eu adoraria ter uma leitura dessas — disse Lady Agatha.

— São privadas, tia Agatha — disse Blake. — Nem tudo o que há sob o sol existe para sua diversão.

— Uma verdade incômoda que eu gosto de ignorar — disse com um gesto desdenhoso de sua mão. — Onde está seu anel de compromisso, Lady Emma? Não me diga que não o comprou, Ashbrooke.

— Oh, devo havê-lo deixado em meu dormitório! Não estou acostumada a usá-lo ainda — Emma disse rapidamente.

Não lhe tinha dado um anel! Ela o olhou por cima da mesa. Ele encolheu os ombros levemente.

Estavam terrivelmente preparados para isto. Deveriam ter passado sua viagem inventando uma história de como se conheceram e determinar os detalhes de seu noivado fictício. Em troca, tinha pensado em seduzi-la simplesmente para provar um ponto, e ela se esforçou por manter sua virtude e dignidade negando-se a ele.

Se eles sobrevivessem a esta festa, ela comeria seu chapéu.

Capítulo 6

— *Realmente crê que estejam comprometidos? Todo o assunto é muito suspeito, se me perguntar — Lady Copley dirigindo-se ao seu marido enquanto tomavam o chá no salão de desenho.*

— *Não te perguntei. E não importa o que eu pense. Só o que sua velha e louca tia Agatha pensa que é verdade. — Replicou Lorde Copley.*

Mais tarde, essa noite

— Isto foi um desastre — disse Blake sem emoção. Emma e ele se despediram do grupo ao término do jantar e depois de beber o costumado vinho do Porto e chá até que se fez tarde.

Pelo bem das aparências, Blake e Emma enlaçaram seus braços enquanto saíam do salão de estar, passavam em frente à monstruosa urna do vestíbulo e se dirigiam aos seus respectivos dormitórios através de corredores obscuros, pouco iluminados pelas luzes bruxuleantes das velas que se

encontravam em candelabros de cristal fixos nas paredes estofadas de damasco.

Mantendo suas mãos ocupadas evitaria a tentação de estrangulá-la, coisa que desejava desesperadamente fazer depois de presenciar sua dramática atuação na mesa da sala de jantar. Ele não queria saber que histórias escandalosas contava às mulheres enquanto bebiam o chá, era isso ou beijá-la tão forte que ficasse sem fôlego e incapaz de recordar como se chamava e muito menos das ridículas histórias que inventava.

— Foi um completo fracasso — Emma esteve de acordo.
— Provavelmente já perdemos o jogo. Não conheço alguém que nos acreditou.

— Eles o teriam feito se não lhes tivesse contado essas histórias tão absurdas.

— Disse a todos que lutou com um bando de meninos — ele se voltou para olhá-la. Ela se plantou em frente a ele, pequena e desafiante.

— Disse que estavam escassamente armados. Uns órfãos pobres e famintos... E o que disse a respeito da guarita? Temo perguntar como chegou a essa estúpida conclusão. Temo ao imaginar que tipo de livros esteve lendo para te pôr tantas tolices na cabeça.

— É romântico. Se ainda temos a oportunidade de ganhar, deve-se ao meu engenho. Além disso a você não ocorreu uma ideia melhor. — Ela era uma coisinha muito teimosa. O problema era que ele também.

— Disse que podíamos nos haver conhecido em um baile. Todo mundo sabe que eu sempre estou desaparecendo com diferentes mulheres. Isto teria sido completamente credível.

— Exceto que eu estive à vista todo o tempo, no caso de... — A voz de Emma se quebrou e ele soube o que queria dizer. — Só em caso de que alguém me pedisse uma dança.

Blake pensou em todas as debutantes que iam aos bailes com a esperança refletida em seus rostos e ao mesmo tempo tentando não parecer desesperadas por chamar a atenção de algum cavalheiro que estivesse perto. Ocasionalmente pensou em dançar com uma delas, só para lhes dar um momento de felicidade. Mas sabendo que tal convite seria tremendamente mal interpretado pela garota, sua mãe e toda a alta sociedade preferia manter-se à distância.

— Nunca poderia ter desaparecido. — Acrescentou Emma amargamente. Blake não se inclinava pela lástima... não quando cada vez que ele se compadecia de alguém resultava em um ou outro escândalo. O insaciável interesse da alta sociedade em seus prazeres fazia impossível conseguir ou assegurar recursos para seus negócios.

— O que está feito, está feito. — Ele disse energicamente. — Agora devo aprender a tocar flauta e aceitar que acreditem que chorei enquanto me declarava...

— Estamos empatados. O xerez fez com que eu adoecesse e agora devo tomá-lo pela manhã, tarde e noite — Ela replicou.

— Tomou muito alguma vez?

— Precisamente. — Emma disse com voz entrecortada.

— Agora estou intrigado. — Ele disse. E tratou de imaginá-la com ressaca após embebedar-se com xerez, mas fracassou, depois de tudo era a menos provável de Londres para comportar-se mal.

— Não vou contando por aí — disse Emma misteriosamente. Então as debutantes têm segredos e se metem em problemas, não é? Ele olhou para baixo, para a mulher que levava pelo braço. Uma já não tão simples. E não se devia à luz das velas ou ao vinho do Porto que tinha bebido antes.

— Que lástima que não me conte histórias de suas travessuras — disse. — Em troca poderia te contar da vez que bebi ratafia em excesso. A história inclui uma freira, um cisne e um retrato do terceiro duque de Asbrooke. Só tinha treze anos.

— Agora estou intrigada — disse. Outro olhar lhe disse que ela realmente estava, muito ao seu pesar.

A resistência feminina era seu encanto. Que novidade.

Já tinham chegado em frente à sua porta. Estranhamente tinham se demorado.

— Bom, não lhe posso contar isso aqui no corredor.

— Teremos muito tempo para conversar amanhã quando caminharmos através dos doze mil acres do imóvel de sua tia. Possivelmente também possamos inventar mais histórias. Certamente haverá mais perguntas.

— Todos são muito curiosos — Blake disse francamente, recostando-se contra a parede. A mão de Emma descansava sobre a maçaneta da porta.

— É claro que são. Se olhe. E me olhe. Não parecemos um casal.

A coisa era que ele a tinha olhado e eles viam coisas muito diferentes. Ele viu uma linda garota, ela a uma garota comum. Ela via uma enalhada, ele viu uma jovem que deliberadamente colocava o nariz em um livro quando viajava por mais de dois dias em uma carruagem com um homem solteiro. Não era de estranhar que tivesse permanecido solteira depois de sua quarta temporada. Mas conhecendo as mulheres como ele o fazia, Blake não disse nada disso.

— A ninguém importa — ele disse.

— Posso-lhe assegurar — Emma disse friamente. — Eu quero ganhar, Asbrooke.

Ele suspirou.

— Mencionou cartas de amor, não é assim? — Ele tinha certa reputação e não incluía compor mentiras românticas. Até agora. Ele também queria ganhar. Tinha um futuro a construir e um passado a redimir, todo o que dependia de uma infusão enorme de riqueza ou na reforma de sua reputação. Ele se aproximou. Os lábios dela se separaram. Ele se aproximou por trás dela, girou a maçaneta e abriu a porta.

— O que está fazendo? — Perguntou Emma em um sussurro apagado.

— Vamos escrever algumas malditas cartas de amor e endireitar nossa história, querida Emma. — Blake murmurou. — Mesmo que isso tome toda a noite.

Ele a empurrou para dentro da habitação e fechou a porta atrás deles. Ele ignorou todos os seus protestos a respeito das boas maneiras e o que poderiam pensar. Em seu lugar assinalou que poderia servir à sua história se pensassem que eles se sentiam louca, selvagem e perigosamente atraídos. Um silêncio incômodo caiu sobre a habitação, interrompido só pelo fogo crepitante da lareira. As cortinas estavam abertas, permitindo que a luz da lua entrasse na habitação. As velas piscavam aos lados da cama. Sua intenção tinha sido nobre, pura, e nada luxuriosa ou vil. Tempo passado. Engraçado como apesar de seus talentos com a matemática avançada, a presença de uma mulher e uma cama trouxeram um único pensamento à sua mente ordinariamente masculina.

Mesmo que essa mulher lhe franzisse o cenho, seu instinto de encantar, suavizar, seduzir não lhe falhou.

— Dói-me admiti-lo Emma, mas está certa. Temos que fazer com que nossa história seja credível. Sabe Deus que outra vergonha me atribuiria. Embora não possa imaginar nada pior que choramingar, brigar com um bando de meninos da rua e tocar o pior instrumento de todos, salvo possivelmente pela harpa.

— Quando mais cedo ganharmos essa fortuna, mais cedo nos separaremos — disse. Então ela poderia correr para os braços de seu homem misterioso. A quem diabos preferiria ao invés dele?

Realmente era um assunto de orgulho, certamente não era outra coisa mais que o simples desejo que um homem

sente por uma mulher.

— Então está de acordo em escrever algumas cartas de amor? — Ele sugeriu. — E confirmar os detalhes do nosso pequeno namorico?

— Agora?

— Supus que podíamos fazê-lo amanhã. — Blake murmurou. — No salão. Em frente de qualquer um que queira ganhar noventa mil libras, se forem capazes de comprovar nosso fraudulento compromisso.

— Noventa mil libras? — Emma ofegou. Seus joelhos se sacudiram. Era uma soma enorme. Era uma soma inimaginável.

— Um pouco mais ou um pouco menos — ele comentou encolhendo os ombros.

— Não inclui a renda anual. Essas são outras quarenta ou algo assim. Me acredite. Embora não revisei os livros de contabilidade ultimamente. Já que estive muito ocupado com as gêmeas Tarleton e a amante do Norton, entre outras coisas.

O ponto era que a fortuna era uma FORTUNA e possivelmente deles, como de qualquer um. Agatha nunca ocultou sua decepção. Blake experimentou uma punhalada de dor em algum lugar de seu coração. Que genuinamente poderia atribuir à culpabilidade, remorso ou a um sentido de falta de moral. Ele a ignorou e em seu lugar focou no surpreendentemente atraente traseiro de Emma enquanto ela se movia ao redor de suas coisas, até terminar com os braços cheios de folhas, tinta e plumas.

Cartas de amor. Isso seria. O único lugar para sentar-se aparentemente era a cama e Emma o olhou enquanto se sentava junto a ela. Se fosse Lady Bellande ela teria se deslizado para ele, tirando um pouco de roupa no processo. Mas esta era Emma, e ela era pura e inocente, o que provavelmente devia lhe oferecer um pouco de consolo.

— Sim, estou pensando em te seduzir porque é mulher e estamos em uma cama — disse ele. — Mas prometo manter as mãos quietas e focar em compor odes ao nosso namorico secreto.

— Estou feliz de que tenhamos bem estabelecidas nossas prioridades — disse ela. Com um pequeno sorriso em seus lábios enquanto lhe dava uma folha de papel e uma pluma. Com a caderneta aberta em seu regaço e servindo como escrivaninha, ele começou a escrever.

— *Querida Emily* — Blake começou a narrar enquanto escrevia.

— Emma! Meu nome é Emma!! — Disse. Nada consciente de quão atrativa era quando se zangava. Suas bochechas se ruborizavam deliciosamente, o que só fazia com que ele quisesse seguir incomodando-a.

— Shhh — advertiu. — Não quer que mais alguém nos escute. Recorda.

— Se você não for capaz de recordar meu nome, como espera enganar os outros e lhes fazer acreditar que estamos apaixonados? — Perguntou-lhe em um murmúrio furioso.

— Primeiro, estava brincando Emma. — Disse-lhe olhando-a aos olhos. — Segundo, estamos apaixonados, é?

— Nosso cortejo relâmpago, recorda. — Ela disse, cruzando os braços sob seu seio. O olhar de Blake se atrasou sobre a curva de seus seios. Gostou do que viu. Adorou, de fato. — Só o amor pode explicar o porquê me escolheu.

Ela não precisava repetir aquele fato tão clichê: *O amor é cego* para que ele soubesse no que ela estava pensando. Ele sacudiu a cabeça e continuou escrevendo. Menina tola.

— “Querida Emma” — escreveu — “Quando me encontrei com você no coreto abandonado fiquei deslumbrado por tanta beleza”.

— Ninguém acreditará nisso — ela disse, completamente frustrada.

— Por que não? — ele replicou, igualmente aborrecido. Escrever cartas de amor era uma coisa muito difícil de fazer, especialmente com a dama em questão criticando cada linha.

— Não sou bela — ela disse francamente.

— Ah, você é uma dessas mulheres que conheci — disse Blake

— O que quer dizer? — Perguntou Emma. Ele deixou a pluma e se voltou para olhá-la.

— Algumas mulheres têm uma percepção distorcida a respeito de sua aparência, especialmente o que elas consideram belo em contraste ao que um homem realmente deseja nelas — explicou. Os lábios de Emma se abriram enquanto ficava sem palavras. Ele a olhou, preparado para lhe assegurar que ela era bela com todo seu repertório de frases e olhares de adoração. Ele estava preparado para isso,

mas não estava preparado para o que aconteceu a seguir quando fixou o olhar em seu rosto.

Se olhassem Emma podiam ver uma simples moça inglesa. Mas se alguém a observava, realmente a via...

Blake viu pele pálida e suave, altas maçãs do rosto com um pálido rubor. Tinha um rosto em forma de coração emoldurado por um cabelo que ela provavelmente descreveria como café ordinário, mas uma pessoa mais poética poderia nomeá-lo marrom, zibelina ou chocolate. Estava na moda ser loira, mas ele sempre tinha preferido mulheres de cabelo escuro. Elas eram mais preparadas e assim mais problemáticas. Sua boca era um pequeno botão rosado. Ela engoliu ansiosa ante seu olhar. Em seus encantadores olhos ele viu o desejo de sua aprovação. Ele via isso tão frequentemente. Isso vinha por ser um duque, e não um feio, além disso.

Mas também viu que ela queria desesperadamente que não lhe importasse o que ele pensasse dela. Havia uma tormenta perfeita de emoções em seus profundos olhos azuis. Ela era formosa. Ela simplesmente não sabia. Ele acabava de descobrir.

— Você é bela, Emma. — Disse-lhe suavemente. Manteve-lhe o olhar e viu algo mais a contemplar. A fina coluna de seu pescoço, a delicada curva de seus ombros, as generosas curvas de seus seios (seu olhar se deteve aí).

— Mas...

Dada sua vasta experiência com as mulheres, Blake sabia que não devia gastar seu fôlego tentando convencê-la de

que era bela e que queria lhe fazer muitas coisas sujas. Em seu lugar retornou à carta.

— *“Querida Emma, quando te vi esta manhã no coreto abandonado, fiquei assombrado por sua beleza. A forma em que o úmido vestido se pegava aos seus seios...”*

— Não pode escrever isso. — Ela disse espantada. — Um cavalheiro não menciona os seios de uma mulher...

Seu olhar deslizou lentamente para o dela. Ela inalou profundamente.

Ele sorriu.

— Querida, os homens não ficam poéticos a respeito dos olhos de uma mulher, adoram seus seios e isso é só o começo.

— Alguns o fazem — disse ela defensivamente. Blake deixou a pluma, intrigado repentinamente sobre o cavalheiro que tagarelava a respeito dos olhos de uma mulher. Provavelmente aquele pelo qual o coração de Emma se encantou.

— É para ele que você quer o dinheiro? Me diga, tem-te escrito poesia elogiando a beleza de seus olhos, como poços profundos nos mananciais do bosque ou o oceano ou qualquer outro corpo de água?

Ela franziu o cenho com força, revelando que ele tinha adivinhado.

— Acredito que meus olhos são meu melhor traço — disse ela. Estavam bem: frios, azuis e perigosamente alertas. E viam através dele.

— São bonitos, mas seus lábios são muito mais sedutores — Blake lhe disse. — Seu sorriso é ligeiramente torcido e minha atenção se sente atraída para ele. O que significa que devo gastar um montão de tempo focado completamente em sua boca. Logo minha mente se pergunta o que posso fazer com ela e a ela. Prometo-te que você gostará. Como o farei...

— Não acredito que um cavalheiro alguma vez tenha pensado em mim como sedutora. — Remarcou Emma...

— Os homens são idiotas. — Mas teria notado sua boca antes que lhe dissesse essas palavras tão reveladoras? Não, ele não a teria notado, em absoluto. E agora não podia deixar de olhá-la. — Sempre há uma primeira vez para tudo — ele disse. Depois retomou sua atenção àquela carta de amor ridícula: — *“Agora estou obcecado com fantasias, desejando te reivindicar, te seduzir, te possuir, te mostrar prazeres que nunca imaginou”*.

Ele levantou o olhar da carta para ver sua surpreendida expressão: olhos abertos, sobrancelhas arqueadas, seus lábios abertos e abalados. Muito bem, era mais erótica que romântica. Esse era seu tipo de romance: a classe de prazer que deixa as pessoas clamando por Deus e lutando por respirar. O relógio marcou os segundos, recordando que já era tarde.

Estavam sozinhos. Em sua cama. Ela era inocente. E ele estava escrevendo uma carta de amor sobre o prazer e posse. Seu cérebro sabia que era falsa, outras partes dele não.

— O que tem escrito Emma?

— “*Querido duque, surpreende-me*” — disse brandamente enquanto escrevia.

— “*Estou tentada por você*” — escreva. Ele a apressou, olhando sobre seu ombro. Seu olhar se desviou da página para seus seios. Encaixariam perfeitamente em suas mãos, pensou.

— “*Surpreende-me, tenta-me. Enlouquece-me*”. — Sua voz ficou sem fôlego.

— “*Deseja-me*” — ele murmurou. Houve uma pausa infinitesimal em que ela não negou e ele experimentou uma inegável sensação de triunfo.

— “*Conto os minutos*” — disse ela, ainda escrevendo.

— “*Até que nos beijemos outra vez*”.

— “*Até que este ardil esteja completo*”. — Ela disse firmemente. Terminou a oração com um floreio: “*sempre tua, Emma*”.

— Encantadora — disse ele secamente. Ela encolheu os ombros e começou a escrever uma nova carta em outra folha de papel.

— Por que não imagina escrever ao seu jovem amante esta carta? — Blake lhe sugeriu. — Dado que obviamente eu não te inspiro pensamentos românticos. — Estranhamente irritado por isso. — Mas o mais importante é que convençamos a todos que nosso amor é real.

— Jovem amante? De verdade? — Disse ela arrastando as palavras.

— Galã, pretendente cavalheiresco, — disse ele com desdém — Declarou seu afeto por ele. Além disso, você não

participa dos Jogos da Fortuna por diversão. Não, deve haver uma razão para fazê-lo também.

— Só está zangado porque existe uma mulher no mundo que é imune ao seu encanto e prefere reservar-se para outro homem. Um melhor — Emma estava encantada e maravilhada ao perceber essas raridades nele. Sorriu-lhe com aquele sorriso torcido.

Incômodo não era a palavra exata para descrever como se sentia. Possivelmente intrigado. Ou perplexo, ou enlouquecido. Ele se negava a acreditar. E era suficientemente fácil de comprovar. Ele se aproximou o suficientemente perto para lhe murmurar ao ouvido: — Imune aos meus encantos? Está segura Emma?

Blake deixou que seus lábios acariciassem brandamente a pele do lóbulo da orelha e respirou nela. Ele nunca pôde resistir ao toque ou à essência ou o sabor de uma mulher. Sempre esteve profundamente agradado ao ver como as mulheres estremeciam ante uma carícia tão suave como uma pluma. E ela não foi exceção.

— Muito segura, obrigada — disse energicamente. — Agora retornemos à nossa correspondência.

Com sua cabeça abaixada e a atenção posta firmemente na carta, ela não viu a linha firme de sua boca que mostrava o desgosto ao ver-se rejeitado por ela. Uma vez mais. Sua expressão se converteu em uma careta, ele era Ashbrooke e nunca tinha sido rejeitado. Especialmente por uma debutante que estremecia ante seu toque, o que provava que ela sentia uma faísca de atração por ele embora seu coração estivesse

comprometido a alguém mais. Era enlouquecedor. Blake poderia apostar que não havia no mundo uma mulher que resistisse a ele ou que Agatha não a convidasse à sua casa. Um mundo onde tinha que competir por uma fortuna e o favor de uma mulher, onde havia centenas de caça-fortunas. Um mundo onde todos seus devaneios finalmente o tinham alcançado.

— Não está escrevendo, Ashbrooke. Deve escrever sobre seu amor eterno por mim.

— *“Querida Emma, vivo para cada momento roubado contigo”* — citou enquanto escrevia — *“agradeço profundamente a Deus que haja uma grade suficientemente forte que me leve diretamente à janela de sua habitação. Parece que nossos encontros no meio da noite foram abençoados pelo próprio Deus”*.

— Não pode escrever isso! Estarei completamente comprometida se alguém vê isso, além do mais, não tenho uma grade para fora da minha janela.

— Estamos comprometidos, então estará bem. E ninguém o comprovará.

— Já é suficientemente mau que esteja em meu quarto durante uma festa na casa de sua tia e passada a meia noite. Podemos ser surpreendidos a qualquer momento.

— Bem. Isto fará nossa história muito mais credível — replicou Blake. — Possivelmente chame um servente ou dê um grito. — Emma fechou os olhos e exalou lentamente. Seus lábios se moviam como se estivesse contando em ordem regressiva desde dez.

— O que está fazendo?

— Estou pensando em meu jovem amante — replicou ela, seus olhos ainda fechados. — E na fortuna. E no insuportável que você é.

— Mas com certo encanto — ele disse e então se aproximou para lhe dar um beijo naquele ponto requintadamente sensível perto do lóbulo de sua orelha. Tomou seu tempo, deleitando-se no calor de seus lábios e naquela essência particular de mulher que nunca falhava em penetrar nele. Ele queria que ela o quisesse. E não só da forma que todas queriam. Ele queria o prazer da rendição e queria que ela também o experimentasse. Então depositou outro delicado beijo em sua pele sensível.

Foi um beijo que era uma indireta e uma promessa de mais.

— O que está fazendo? — Ela perguntou sem fôlego.

— Provando sua resolução — murmurou Blake, desfrutando da maldade de todo o assunto. O único problema era que também estava provando sua resistência.

— Oh, meu Deus — ela soprou.

— Ashbrooke estaria bem. Ou Blake.

— Maldito descarado — ela murmurou.

— Não é a primeira mulher que me chama assim — ele replicou. Sua voz baixa. Pensou em beijá-la na boca. Ou possivelmente uma gentil carícia em seu pulso ou mais acima.

— E certamente não serei a última — acrescentou ela. — Aqui, escreve uma resposta a esta carta.

Blake pegou a folha e simulou lê-la. Em seu lugar fez algumas contas e concluiu que este era o período mais longo que tinha passado na cama com uma mulher e na qual nada tinha acontecido. Nada como suas atividades usuais, em todo caso. Mas algo tremendo tinha ocorrido. Ele a tinha olhado longamente e agora realmente a via. Agora não podia deixar de vê-la. Então estava dolorosamente consciente da proximidade de uma bela mulher.

Alguém a quem nada nem ninguém comovia, tomou como uma sugestão perversa como o roce ocasional de sua mão contra a dela, sua coxa tocando a dela no lugar da cama onde estavam sentados lado a lado. *Sempre tua. Meu coração está comprometido* com alguém mais. Ela não o queria. Era um desafio. Ele sempre fazia isso frente a um desafio. *Agora a quero.*

Esta revelação não foi uma surpresa. É claro que a desejava e esse desejo se intensificou porque ela estava jogando duro para ganhar e isso foi uma surpresa para ele. Também estavam na cama, era tarde da noite e ambos estavam ocultos sob as sombras que provocavam a luz da lua e as velas. Era matemática básica e tudo se resumia a uma só coisa: *desejo*.

As horas depois da meia noite passaram em silêncio enquanto eles intercambiavam cartas e compunham réplicas. Um complexo cortejo tomou lugar em uma noite. Ela descreveu seu primeiro encontro nas ruínas de um antigo coreto no Hyde Park durante uma tormenta repentina no verão. Ela escreveu sobre valsas onde se sentiu levantada em

seus pés e iluminada com leite; beijos à luz da lua e risadas suaves durante os longos bate-papos em frente ao fogo na biblioteca cujas janelas davam aos jardins.

Blake facilmente, muito facilmente escreveu as réplicas, as quais eram menos doces e mais eróticas. Ele imaginou seu vestido úmido depois da tormenta repentina, colado aos seus quadris e à perfeita curva de seus seios, então o escreveu como se fosse uma lembrança que tinha que entesourar. Nessas cartas ele dançava com ela e a levava ao terraço e aos recantos obscuros do jardim onde se entregavam a momentos roubados e beijos apaixonados. Ele compôs odes aos seus olhos azuis, mas também ao seu sorriso, à pele suave que tinha provado e, também, sinceramente, sobre seu desejo ardente de saber mais dela. Tudo dela. Passou-lhe a carta e observou com satisfação como suas bochechas ruborizavam.

Emma mal se recuperou da surpresa de ter o duque de Ashbrooke em seu quarto quando recebeu outra ao tê-lo em sua cama. E outra mais ao ver o Duque de Ashbrooke lhe escrevendo cartas de amor. E então, desafiando todas as expectativas, ele a beijou. Gentilmente. Não um beijo real. Mas seus lábios, sobre os quais uma legião de mulheres tinha fantasiado, tinham acariciado intimamente os seus como ninguém o tinha feito; incluído Benedict.

Aquelas cartas. Ela tinha que concentrar-se naquelas cartas. Mas o duque estava perto, impossivelmente bonito e fazendo coisas ridículas como descrevê-la como bela e sedutora. Se isto fosse verdade por que ninguém a tinha notado? Ele devia estar mal da cabeça. Mesmo quando ele a

viu, ela se sentiu como se fosse a primeira vez que alguém a notava. Como se ela fosse bela, sedutora e interessante. Não a garota peituda e extravagante que lia muitos livros.

Graças a Deus se lembrava do conteúdo das cartas que escreveu. Escreveu a respeito de valsas e bailes, momentos românticos, todos roubados das novelas que lia e mesclados com seus devaneios com o Benedict.

O duque escreveu a respeito de beijos apaixonados que a deixavam sem fôlego. Suas cartas insinuavam um amor erótico que ela jamais tinha imaginado, despertando nela uma fome insaciável por saber. Como seria o ter olhando-a com luxúria? Como seria beijá-lo francamente sob a luz da lua?

Era a mulher com menos probabilidade de Londres para ter um duque em sua cama. De repente ela olhou a Blake. Ele estava concentrado em escrever todas as coisas deliciosamente malvadas que gostaria de fazer. Ele era realmente muito bonito.

— O que acontece Emma?

— Nada, não é nada — Emma pensou: que tal se? Talvez eles nunca tivessem se encontrado em um coreto abandonado do Hyde Park, onde ele ficou preso por sua beleza. Talvez ele nunca tivesse subido pela grade para entrar pela janela ao seu dormitório no meio da noite porque não suportava ficar afastado dela. Mas o que aconteceria se eles se beijassem só uma vez?

— Nada? — Ele se virou para olhá-la, levantando uma sobrancelha. Ela estava consciente de que só umas poucas polegadas os separavam.

Ela estava consciente dos lábios de Blake pressionando ligeiramente os seus. Ela fechou os olhos. Estava consciente de cada pulsar de seu coração. E Blake aprofundou o beijo, lenta, mas deliberadamente. Ele a provou. Ela o provou. Emma estava consciente de uma onda de calor que começava a sentir e de uma urgência por tocá-lo e ser tocada, em qualquer parte.

Oh, como queria alcançar e passar seus dedos através dos escuros cachos de seu cabelo. Oh, como lhe doía por sentir o calor de seu peito e o batimento de seu coração sob sua palma nua. Oh, como queria saber o que se sentia ao ser desejada desesperadamente e profundamente amada.

Mas ela estava muito consciente da estúpida aposta que ele tinha feito. Ela estava muito consciente de que não era um desejo autêntico, era somente o *Efeito Ashbrooke* e legiões de mulheres o haviam sentido. Não era especial. Estava dolorosamente consciente que este homem era o duque de Ashbrooke. Ele podia ter a quem quisesse. E ela era a menos provável de toda Londres.

Ela colocou a palma de sua mão sobre seu peito, sentindo o batimento do seu coração.

— Deve ir — ela murmurou.

— Emma — ele sussurrou seu nome. Se não o conhecesse melhor teria escutado desejo em seu tom. Mas sua imaginação tinha sido o suficientemente selvagem essa noite. Toda essa conversa sobre o amor, a beleza, coretos e tormentas, valsas e beijos apaixonados lhe tinha subido à cabeça. Nada disso era real. Tudo era fingido.

Capítulo 7

A pontuação dos Jogos da Fortuna:

Lorde Dudley: -2 Lady

Emma: -6

Todos os outros: 0

Lady Agatha não fazia nada pela metade. Enquanto outros passeavam pelos atalhos de pedrinhas dos cuidados jardins de sua casa, sua senhoria foi transportada em uma liteira por quatro lacaios, para ser mais exato, quatro jovens fortes.

Suas calças eram extremamente ajustadas. Suas jaquetas cinzas se colavam perfeitamente aos seus ombros largos e fortes. Os coletes carmesins ressaltavam seus amplos peitos, que os abraçavam até a cintura estreita.

Cada um tinha ao menos um metro e oitenta de altura, e possuíam cabelo loiro dourado e traços cinzelados.

Se as famílias da alta sociedade competissem por ter os lacaios mais altos e bonitos Lady Grey ganharia.

Emma, a senhorita Dawkins e lady Bellande, que tinham estado conversando amigavelmente juntas, guardaram

silêncio quando apareceram. Jogaram uma boa olhada. E exalaram os mais profundos suspiros. Era muita beleza masculina para pretender não se dar conta.

Lady Agatha só sorriu como um gato que toma leite. Saudou seus convidados com a mão fazendo com que seus braceletes adornados e todos os diamantes e pedras brilhassem como produto do reluzente sol.

— Oh, pelo amor de Deus — murmurou Blake, levando um sorriso aos lábios de Emma. Enquanto ele era o único homem no grupo que se comparava com os jovens fortes, ela o viu endireitando-se e empurrando seu peito para diante. Era quase como se o duque sentisse que eram seus concorrentes. Na mente de Emma não havia concorrência alguma. Outro criado musculoso se uniu ao grupo, e logo se fez evidente que sua única tarefa era segurar uma sombrinha rosa adornada com renda sobre Lady Agatha, protegendo-a do sol do meio da manhã.

O progresso do grupo através dos terrenos não foi rápido. Detiveram-se, primeiro, nos famosos jardins de rosas, que tinham sido elogiados efusivamente no livro de Emma, *Sussex: O Condado Tranquilo*. Havia mais de duas dúzias de variedades de plantas em distintos tons de profundo carmesim, botões rosados e brilhantes, raios de sol de ouro que se aprofundavam em laranja enferrujado, e flores de plumas brancas.

As mariposas revoavam de flor em flor. As abelhas cantarolaram. Os pássaros cantavam. Todos felizmente inconscientes de que o grupo de pessoas que passeavam em

meio deles estava absorto na concorrência por uma das maiores fortunas da Inglaterra.

— Seus jardins são encantadores, Lady Grey. Particularmente amo estas rosas — disse a senhorita Dawkins docemente.

— Essa é uma variedade particular criada para a primeira Duquesa de Ashbrooke — respondeu Lady Agatha. — Enquanto a flor é formosa, os caules possuem uma quantidade incomum de espinhos. Muito parecido à própria dama...

— Duquesa Maria. Filha do marquês de Blandford — disse Emma.

— Tem lido seu Debrett — comentou Lady Agatha.

— Do princípio ao fim, ameaçada sob pena de morte por minha mãe — respondeu Emma, desenhando um sorriso de aprovação em Agatha.

Ela também o tinha lido mais da exaustiva história do Clã Ashbrooke narrada esta manhã por sua criada enquanto a penteava. A família era rica e estava cheia de personagens fascinantes que sempre cruzavam a linha do correto. Nisso Blake não era a exceção.

— Eu também — disse a senhorita Dawkins. — Infelizmente, os pretendentes não parecem impressionados com o conhecimento de uma jovem sobre as genealogias de todas as grandes famílias da Inglaterra.

— Acredito que esta rosa em particular foi para a segunda duquesa — chamou Lady Bellande.

— É uma margarida, Lady Bellande — disse secamente Lady Agatha.

— Devo ter passado muito tempo estudando nossa história familiar em lugar de botânica — respondeu Lady Bellande com uma risada. À qual ninguém mais se uniu.

— Provavelmente tenha passado muito tempo nas compras, em lugar de ler algo — disse a senhorita Dawkins em voz baixa.

— De fato, — respondeu Emma — Mas trocaria meu conhecimento enciclopédico do Debrett por um de seus vestidos em qualquer momento. — A senhorita Dawkins esteve totalmente de acordo.

— Sua variedade de flores é formosa, Lady Grey — disse Emma quando se deteve ante uma rosa particularmente impressionante. Era grande com pétalas vermelhas e parecidas com a neve. O aroma era forte e maravilhoso. Uma sombra caiu sobre ela. Era Blake, e ele habilmente arrancou uma rosa e separou os espinhos do caule com uma faca que desapareceu em seu bolso tão rápido como tinha emergido.

— Para ti, querida Emma — murmurou, a apresentando. Havia um leve sorriso em seus lábios. Tudo o que precisou foi um instante para que Emma se visse arrastada pela sensação de ser desejada e cortejada por aquele encantador patife. Então ela recordou que isto não era real. Era só um jogo. Fechou os olhos, inalou profundamente a fragrância da flor e fingiu que não estava decepcionada.

— Poderia fazer uma fortuna vendendo estas — comentou Blake.

— Já tenho uma fortuna — respondeu Agatha. — Além disso, nunca me rebaixaria a me dedicar ao comércio.

— Os tempos estão mudando — comentou Blake. — Um dia a aristocracia deixará de importar.

Os outros convidados deixaram de tagarelar e olharam curiosamente ao Blake depois de pronunciar tal heresia.

— Pode ser, mas eu não estou mudando. E não preciso fazê-lo — disse sua tia com desdém.

Emma observou, intrigada, enquanto as feições de Blake endureciam.

Ela se surpreendeu com a curiosidade que despertaram nela e o impulso de consolá-lo. Como se o alto, devastadoramente atraente e encantador Duque de Ashbrooke necessitasse de consolo por algo, alguma vez. Não podia imaginá-lo, e mesmo assim havia um ar de distância ao seu redor que ela queria que desaparecesse.

— Continuemos com nossa caminhada — declarou lady Agatha. — Eu gostaria de chegar às ruínas para almoçar.

Blake e Emma se juntaram e ele uniu seu braço ao dela. Ela estava consciente do olhar atento de todos, esperando que cometessem um erro. Os sussurros não escaparam ao seu conhecimento. Sabia que estavam desconcertados pela impactante visão da menos provável de Londres com o duque, à exceção do Pleshette, que até lamentava o desgaste de suas botas.

— O que é que gostaria de mudar? — Perguntou Emma quando tinham caminhado o suficientemente longe para estar fora do alcance do grupo.

— Como?

— Vi seu mau humor quando Lady Agatha disse que não queria respirar a mudança — explicou Emma.

— Não fiquei de mau humor. Os homens não se mostram mal-humorados. É uma lei natural.

— Tem razão — disse Emma amavelmente. — Sua expressão se obscureceu grandemente, fazendo muitas jovens tremerem.

— Esteve lendo mais novelas disparatadas, Lady Emma?

— Sim, além da história da família Ashbrooke. Entre outras coisas.

Blake zombou: — Fascinante. Não me incomodei em lê-lo. Uma grande quantidade de coisas me foram ensinadas durante minhas lições quando era menino por Lady Agatha — disse.

— E os seus pais? — Emma se atreveu a perguntar. Isso era muito pessoal? Ele era seu prometido. Em certo sentido. Tinha passado a maior parte da noite anterior em sua cama e lhe tinha escrito cartas de amor. Ela poderia lhe perguntar a respeito de seus pais.

— Ah, vejo que ainda não leu o capítulo dez — comentou.

— Só estou no terceiro duque. Mas adiantarei a esse à nossa volta — disse Emma. — E está evitando a pergunta, porque sua expressão se alterou, indicando pensamentos e sentimentos fortes

— Agatha não gostará de como quero usar o dinheiro — disse Blake com um sorriso afetuosos. — De acordo, tampouco gostará do que você pretende fazer com o dinheiro.

As ruínas de Castle Hill tinham sido uma vez uma fortaleza rodeada de água. Nestes dias não ficava mais que uma pilha de pedras cobertas de musgo que evocava as paredes e torres que uma vez foram. Uma área com terraços foi reforçada para proporcionar um lugar de piquenique encantador com impressionantes vistas das colinas e do oceano a seguir.

Uma longa mesa tinha sido preparada para um almoço formal. Os lacaios serviam vinho, embora no lugar de Emma houvesse um pequeno copo de xerez, além de um copo de vinho rosado gelado. O menu consistia inteiramente de mantimentos rosados: salmão escalfado, fatias de presunto, salada de tomate relíquia e beterrabas assadas. De sobremesa, morangos e creme. Os homens pareciam resignados à refeição de cor feminina, embora alguém se queixou de uma refeição tão leve depois de um passeio tão longo e exaustivo. Isso provocou que Agatha fizesse um comentário ao Angus, quem escreveu uma nota em seu livro, e todos elogiaram efusivamente a refeição depois disso.

— Enquanto participamos deste delicioso almoço, eu gostaria que todos me dissessem o que fariam com minha fortuna se a possuíssem — começou Lady Agatha.

Emma se encolheu em seu assento. Não me escolha. Não me escolha.

— Esperemos que ela não te pergunte — Blake se inclinou e lhe sussurrou ao ouvido.

— De fato — Emma comentou secamente. Nunca poderia explicar a Lady Agatha, tão aterradora, enfeitada e perspicaz,

que desejava abandonar um membro de sua família, seu favorito, por outro homem. Se ela pudesse sobreviver a esta refeição sem ser solicitada, então ainda poderia ter a oportunidade de um “*felizes para sempre*”.

— Lady Bellande, comece — declarou Lady Agatha, e Emma exalou um suspiro de alívio. Junto a ela, Blake também o fez.

— Eu gostaria de fazer o bem neste mundo — disse Lady Bellande com seriedade enquanto se inclinava para frente para mostrar melhor seus seios a Blake. Isto irritou Emma tremendamente. — Por isso daria todo o dinheiro a várias obras de caridade.

— Refere-se a jogar bolas de caridade — interpretou Lady Agatha. Lady Bellande tinha a decência ou a capacidade de atuação para parecer ofendida pela acusação de que desejava que toda Londres bebesse e dançasse com a fortuna de Lady Agatha. Por sua falsa caridade.

— Essa é uma maneira de apoiar a uma variedade de instituições — respondeu diplomaticamente.

— Nos diga em quais organizações beneficentes você organizaria festas, — questionou Lady Copley — quero dizer... a que instituições apoiaria.

A boca de Lady Bellande se curvou em uma aproximação de sorriso, mas seus olhos dispararam adagas. Desacreditar-se frente à Agatha poderia ajudar que um competidor fosse enviado para casa, ou ao menos obter outra marca preta no livro do Angus. Produziu-se um longo silêncio em que a mesa

esperou para saber que caridade brotaria primeiro à mente de Lady Bellande.

— Viúvas de guerra e órfãos — disse finalmente. — E outras mulheres desafortunadas. É uma situação difícil e próxima ao meu coração, como viúva que sou.

— Pergunto-me quanto disso gastaria em champanha e vestidos de baile — refletiu Lady Copley, sorvendo seu vinho e reduzindo as possibilidades de ganhar de sua competidora.

— Provavelmente a mesma quantidade que se você ganhasse a fortuna, querida — disse Lorde Copley, dando tapinhas na mão de sua esposa como se o gesto afetoso disfarçasse seu comentário cortante.

— Suponho que sua coleção de caixas de rapé é um investimento — replicou sua esposa.

— Não importa todo o dinheiro que gasta em algo que se coloca pelo nariz.

— Lorde e Lady Copley: uma história de advertência para o matrimônio — murmurou Blake em voz baixa para que só Emma pudesse escutar.

— Shhh. Nós viveremos felizes para sempre.

— Você, com seu apaixonado. Eu, com minhas amantes — murmurou.

— Algo assim — sussurrou, olhando nervosamente a Lady Agatha para ver se tinha ouvido.

— Jewkes, faça com que o vinho siga fluindo — disse Lady Agatha. — A gente sempre diz as coisas mais sinceras depois de umas taças de vinho, especialmente pela tarde.

Lady Emma, xerez? Senhorita Dawkins, o que faria com o dinheiro?

— Honestamente? — Repetiu em voz baixa.

— Honestamente — disse Lady Agatha.

— O usaria para atrair um pretendente — disse a senhorita Dawkins. — Do contrário, manteria como recursos até minha velhice. Talvez comprasse um chalé junto ao mar.

— É um plano adorável e sensato, querida — disse a senhorita Montgomery amavelmente.

Emma se deteve ao levantar o copo de xerez para seus lábios, surpreendida ao dar-se conta de que se ganhasse a fortuna seria às custas da senhorita Dawkins ou da doce senhorita Montgomery, o que agora que o pensava, recordou-lhe que devia procurar seu chapéu antes de sair a caminhar esta manhã.

Realmente o merecia mais que a senhorita Dawkins ou a senhorita Montgomery, cujas perspectivas se secaram fazia muito tempo?

A senhorita Dawkins era uma menina doce, uma companheira enalhada. Era como roubar a Olivia ou a Prudence, e se sentia mal. Como sobreviveria Srta Montgomery, para sempre dependente de suas relações? Uma sensação de inquietação se apoderou de Emma. Poderia desfrutar dela felizmente depois de saber a que preço o tinha obtido? Ela bebeu um sorvo, esperando que isso acalmasse seus nervos e sua consciência.

— Um chalé junto ao mar soa adorável — disse Lady Copley. — Brighton é adorável e está na moda. Eu adoraria

ter uma cabana ali também.

— Sim, uma como a do Rei — comentou Lorde Copley.

— Talvez em um estilo mais tradicional — admitiu Lady Copley.

— O Pavilhão King's Brighton sem dúvida alguma. Original.

— Blake, estou seguro de que todos nós adoraríamos saber no que gastaria minha fortuna — disse arrastando as palavras.

— Presentes para suas amantes, para apostas e os últimos modelos de carruagens — brincou Dudley. Ao ver as bochechas avermelhadas de Emma, adicionou:

— Perdão, Lady Emma.

O que só piorou as coisas, já que atraiu a atenção de todos para ela e a triste verdade de que era incrivelmente inapropriada como par do duque. Ela sabia. Entretanto, ainda lhe doía, como uma bofetada no rosto, escutar sua conformidade. Em público.

Depois dos acontecimentos da noite anterior, tinha tido momentos fugazes onde acreditava que talvez, só talvez, o duque pudesse achá-la formosa e sedutora e quisesse fazer todas as coisas perversamente prazerosas que havia descrito em suas cartas. Por um momento atreveu-se a acreditar que talvez fosse encantadora e que só não tinham prestado atenção nela.

Ela caiu de volta à Terra. Graças o Dudley. Então a mão do Blake se fechou sobre a dela protetoramente. Essa pequena consideração derreteu seu coração.

— Acredito que queria dizer presentes para minha amada esposa — disse Blake, sem problemas, com um indício de ameaça letal em seu tom.

O duque de Ashbrooke a defendia!

Emma nunca imaginou. Nunca imaginou que sentiria o batimento do seu coração tão fortemente. Nunca imaginou quão cálida, encantadora e protegida a faria se sentir.

— Perdão — disse Dudley, arrependido. — Acredito que quis dizer isso.

— Além de encher de joias e de qualquer objeto feminino que Emma deseje, também usaria os recursos para construir meu motor de diferença — disse Blake.

Um silêncio caiu sobre a mesa, que coisa mais estranha para dizer!

— Segue falando de seu ridículo motor? — Dudley zombou. Blake sentiu cada músculo de seu corpo esticar-se. Queria que sua voz estivesse tranquila, sua atitude fria.

— Sim, Dudley, ainda estou falando de uma máquina que revolucionaria quase todos os setores da Inglaterra.

— Simplesmente não vejo a necessidade disso. Temos os contadores qualificados — respondeu Dudley.

— Calcular todas as somas mantém empregados a muitos homens — adicionou Edmund.

— Homens que cometem erros que têm consequências devastadoras — respondeu Blake. Seus próprios pais tinham sido vítimas de um estúpido erro de cálculo nos planos arquitetônicos elaborados a partir de figuras errôneas na

lista. Virtualmente, tinham sido enterrados vivos. — Esses homens poderiam construir motores, em seu lugar.

— Oh, agora quer construir mais de um? Nem sequer construiu o primeiro — Dudley zombou acompanhado de uma risada incrédula.

— Tenho um protótipo funcional — disse Blake com firmeza. — Tenho planos, desenhos e cálculos para uma máquina de trabalho completo. Necessito só dos recursos para contratar alguém que elabore planos de construção e construa o motor.

Blake disse tudo isso consciente de que ninguém o escutava. As pessoas o olhavam e viam o duque, o canalha imprudente ou o famoso sedutor. Ele supôs que era sua culpa; essa foi a versão de si mesmo que apresentou ao mundo. Era a versão da Emma e de possíveis investidores, e seus companheiros o tinham julgado antes que se conhecessem. Em momentos como estes começava a lamentar todo o brandy, as mulheres e os escândalos. Quando realmente importava, ninguém lhe acreditava. Blake olhou à tia Agatha.

Certamente ela o entenderia. Encontrar a fórmula. Gostava do controle e de triunfar sobre a emoção e a falibilidade humana. Acima de tudo, sabia por que isto lhe importava.

— Eu não gosto destas máquinas inovadoras — disse, seus braceletes tilintando enquanto sorvia seu vinho. Com isso, temia que os Jogos da Fortuna se perdessem.

Curiosamente isto empalideceu em comparação com a perda de seu apoio para sua empresa.

Emma pensava que poderiam ter perdido a partida. Lady Agatha e todos os outros claramente odiavam o motor de diferença de Blake. Não via a necessidade da máquina em sua própria vida, os números com os quais lutava nunca somavam muito, mas não acreditava que fosse um uso terrível do dinheiro.

Certamente não era pior que os planos da senhorita Dawkins para atrair um pretendente. Inclusive os bailes de caridade de Lady Bellande requereriam muitos vestidos caros, mantendo as costureiras empregadas.

Emma poderia ter conseguido passar o almoço sem compartilhar sua própria razão egoísta por querer a fortuna. Mas já não confiava em que o merecesse. E se realmente não o merecia, o que estava fazendo ela ali? Deveria retornar a Londres e convencer Benedict a fugir com ela antes que alguém descobrisse seu plano com o Blake e se convertesse em uma pária. Era imperativo que ninguém soubesse a verdade. Tais foram seus pensamentos quando Blake a agarrou pelo pulso, afastou-a dos outros e a fez atravessar um caminho enredado através de um matagal de árvores que conduzia a uma pequena clareira. A luz do sol se filtrava através do dossel de folhas sobre sua cabeça. O chão estava coberto de samambaias verdes frondosas e suaves almofadas de musgo. Ela temeu imediatamente por sua vida.

Então Blake sorriu, um sorriso malvado tocando em sua boca, seus olhos cheios de travessuras e imediatamente

temeu por sua virtude.

Não podia suplicar por ajuda, não sem arruinar a mentira. Se estivesse loucamente apaixonada por seu prometido se deleitaria em um momento a sós com ele e não pediria amparo. Então mordeu o lábio e puxou sua mão. Como se afastando de um animal selvagem, deu um pequeno passo para trás, e logo outro, enquanto Blake caminhava lentamente para ela, até que suas costas ficaram contra uma árvore grossa. Bloqueou-lhe a saída colocando suas palmas contra o tronco a cada lado de sua cabeça.

— O que está fazendo? — Por que sua voz tinha que soar tão fraca ao seu redor?

— Quero te mostrar algo — murmurou.

— Vamos nos separar de todos os outros. Estamos separados de todos outros. Deveríamos retornar ao grupo. — Podia escutar Olivia em sua cabeça: As jovens não estavam à mercê de um patife.

Seu corpo estava a centímetros do dela. Ela era muito consciente da leve distância e seu desejo traidor de que estivesse ainda mais perto.

— Talvez queira estar a sós contigo — murmurou Blake. — Ou talvez isto seja parte da mentira, Emma.

Mas ninguém podia os ver. E logo Blake desatou as fitas de seu chapéu e deixou que caísse ao chão. Ele afastou uma mecha de cabelo rebelde de seu rosto, colocando-o detrás de sua orelha, as pontas de seus dedos roçando brandamente suas bochechas. O gesto foi tão terno, tão prometededor, que se sentiu derreter.

— O que está fazendo?

Blake começou como tinha começado na noite anterior: um beijo, muito leve, sobre o delicado lugar junto ao lóbulo de sua orelha. Quem sabia que a calidez de seus lábios tocando ali enviaria arrepiantes formigamentos acima e abaixo de sua coluna?

Blake não se deteve ali. Emma ficou quieta, salvo pelos ensurdecadores batimentos do seu coração. As palavras "*não*" ou "*não devemos*" desapareciam em seu caminho desde seu cérebro até seus lábios. Pressionou mais beijos ao longo da delicada pele de seu pescoço. Ela sentiu seu quente fôlego e o toque de seus lábios. Suas mãos se aproximaram mais, seu corpo pressionado mais perto.

Emma fechou os olhos.

Tentou evocar pensamentos sobre Benedict, mas descobriu que não tinha uma lembrança que pudesse comparar-se com este momento real e sensual. Este momento, dos quais ela e suas companheiras encalhadas só tinham sonhado. Ela deveria experimentar, nobremente, só para lhes contar tudo sobre isso.

O rastro de beijos de Blake continuou escandalosamente com o passar da borda de seu corpete, onde a musselina deixava de cobrir sua pele. Ela abandonou todos os pensamentos sobre suas amigas ou Benedict ou inclusive o olhar de desaprovação que Lorde Pleshette tinha dado ao seu vestido de dia, que de repente o sentia muito limitado.

— Espera. — Ela ofegou. — O que é isso? O que faz?

Uns beijinhos e seu engenho se dissolveu por completo.
Maldito *Efeito Ashbrooke*!

— Estou te tentando — murmurou Blake. Ela o olhou aos olhos tentando encontrar uma razão pela qual ele a fazia sentir estas coisas, e não encontrou uma resposta.

Benedict. Ela deveria pensar nele. Ela deveria guardar-se para ele.

— Não estou tentada — disse Emma. Sua voz era terrivelmente fraca e as palavras eram uma completa mentira. Estava impaciente e curiosa por saber o que faria este patife consumado depois. Estes pequenos beijos e toques já a tinham agoniada e com os joelhos débeis. Nem sequer podia imaginar como poderia sobreviver a algo mais.

Ela estava tentada, sim. Ela tinha curiosidade, oh, sim. Mas decidiu pensar no Benedict, pensa no Benedict! Pensa em seu orgulho e na estúpida aposta do Blake! Sobretudo, não devia pensar em como se sentia cálida sua pele quando Blake a olhava.

— Está segura? — Murmurou. — Nem sequer se sente um pouco tentada, Emma? — Enquanto continuava com os beijos, sua mão encontrou sua cintura e a subiu, para cima, para cima, deixando uma sensação de calor delicioso e logo um frio solitário.

Sua mão iria mais acima, aos seus seios? Emma se surpreendeu arqueando as costas e desejando sentir as mãos malvadas deste canalha sobre todas as partes de seu corpo.

— Meu coração pertence a outro. — Disse-lhe.

— Mas não está pensando nele agora, ou sim?

Blake retrocedeu, negando-lhe aqueles malditos beijinhos. Mas, mesmo assim, encurralou-a contra a árvore para que sentisse a fuga impossível.

— Não posso pensar em nada mais. Estou pensando nele.

Pensava no Benedict, mas lhe estava tomando cada pingo de sua concentração para fazê-lo. Imaginando os olhos azuis do Benedict, onde os olhos escuros do Blake a percorriam para baixo perversamente, obrigou-se a invocar os olhos do Benedict brilhantes de felicidade quando a viram pela primeira vez em um baile.

Ambos fizeram com que seu coração pulsasse mais rápido. Quem imaginária que ela era tão desavergonhada?

Blake olhou sua boca possessivamente e involuntariamente lambeu os lábios. Ia beijá-la? Parecia que o faria. Por qual outra razão olharia tão descaradamente à sua boca com um sorriso tão malvado em seus lábios? Estava jogando com ela, ela sabia, e ele também estava se divertindo.

Bom, todas as outras mulheres no mundo poderiam cair sobre si mesmas para tentar o infame Blake Auden, Duque de Ashbrooke para que ele as olhasse, como se estivesse escolhendo entre todas qual terminaria violada contra uma árvore. Mas ela não.

Benedict, pensa no Benedict.

Eles tinham se beijado. Ela sabia sobre beijos.

Ela simplesmente não sabia a respeito de beijos como o que Blake parecia lhe prometer que seria selvagem, perigoso e devastador.

Ela inclinou sua cabeça para o Blake. Ia beijá-la ou não?

Capítulo 8

*Tia Agatha saberá, inevitavelmente, o engano de Blake e
Lady Emma.
Não seria ruim se ele fosse o ganhador pela primeira vez?
Pensamentos mais íntimos do Sr. George Parker Jones*

A Sala de Jantar

O grupo chegou na hora do jantar para encontrar só dez lugares estabelecidos. Entretanto, havia treze entre eles: doze competidores e a própria lady Agatha.

— Hmmph — disse Agatha ao entrar na sala de jantar. — Senhor Parker Jones, por que não passa a noite na taverna local em seu caminho de volta a Londres?

George assentiu cortesmente e se despediu, mas não antes de intercambiar um olhar carregado com o Blake. Para falar a verdade, enquanto Blake lamentava vê-lo perder, estava contente de que a única outra pessoa que sabia que seu compromisso era falso já não estava nos jogos.

Emma ficou sem fôlego, e Blake compartilhou sua surpresa. George era muito menos repugnante que os outros

jogadores que ficaram. A tia Agatha não poderia querer deixar sua fortuna, digamos, ao desprezível Dudley.

E, entretanto, ele ainda era um opositor. Talvez a tia Agatha não fosse mais que uma anciã e Blake procurava uma fórmula racional onde não existia.

Os olhos de Agatha se entrecerraram ante os que ficavam em seu montão de caçadores de fortuna escolhidos pessoalmente. Ao menos dois mais se renderiam antes do jantar. Blake se encontrou com o olhar de sua tia, desafiante, mas preocupado.

Deveria ir-se, porque nem sequer tinha sido convidado e se apresentou descaradamente com uma noiva em seu braço. A pergunta de porquê sua querida tia não o havia convidado o chateava. Especialmente quando parecia excepcionalmente frágil e completamente dependente do braço de seu musculoso servente; em resumo, especialmente quando parecia que seu tempo de aterrorizar a família estava chegando ao seu fim. Ele não estava preparado para um mundo sem ela. Agatha encontrou seu olhar e o sustentou. Não pôde obrigar-se a piscar os olhos nem a sorrir com encanto, nem a fazer o papel de desalmado. Ela não queria passar esses últimos dias com ele?

Não poderia ser como todos os outros, obcecado só com a fortuna, e não procurando a tranquilidade e a aceitação de uma velha louca?

— Blake, — Agatha disse seu nome lentamente antes de emitir seu desafio — Se não recordar mal, não foi convidado este ano.

Ele nunca resistiu a um desafio. Nunca conheceu uma mulher a quem pudesse amar também. E ele a conhecia melhor que ninguém, o que fazia com que esta falta de convite fosse tão inquietante e, portanto, sabia que a adulação e as bajulações não iam com ela.

— Diz como se fosse um problema, querida tia. De verdade, deveria me agradecer por te haver adornado com meu atraente rosto e minha personalidade vitoriosa.

— Hmmp — sorriu enquanto Agatha tentava não sorrir. — Senhorita Montgomery, Sir Pendleton, obrigada por jogar os Jogos da Fortuna. Bom dia.

Só assim se foram.

Outros competidores estiveram de mau humor durante o jantar, que consistia em sete pratos de alimentos completamente brancos. E quando todos se foram à sala de música para o entretenimento dessa noite, a tensão era alta.

Qualquer um, a qualquer momento, podia ir-se. Sem advertência, sem razão. Sem despedidas.

Sala de Música

“Ah, um musical. Finalmente uma atividade que não deveria destruir minha jaqueta nova. Ou luvas. Se eu pudesse dizer o mesmo de minhas botas depois da caminhada de hoje...”

Pensamentos privados de Lorde Pleshette

Depois do jantar, os convidados encontraram silenciosamente assentos na sala de música para a atuação dessa noite. Uma cantora de ópera escultural com o nome de Angélica Scarlatti atuaria, acompanhada no piano e violino. Agatha se sentou em uma cadeira como se fosse um trono no centro da habitação e os outros competidores se agruparam ao seu redor.

Emma permitiu que Blake a conduzisse a um pequeno sofá localizado em um canto. Seu pulso não havia desacelerado pela comoção de ver três convidados expulsos repentinamente do jogo sem preâmbulos nem razões discerníveis. Em qualquer momento poderia ver-se expulsa do jogo, abandonada pelo Blake e publicamente mortificada.

Estaria pior que antes de que a carta fora roubada e enviada ao periódico.

Blake estava sentado ao seu lado, no sofá, que estava estofado em um suave veludo verde e bastante pequeno. Muito pequeno. Tão pequeno que ela e Blake não tiveram mais solução que sentar-se com uma falta de espaço imprópria entre eles. Sua coxa contra a dele. Seu braço contra o dela. Suas mãos torpemente quase se tocando, os dedos entrelaçando-se. Ela cruzou suas mãos dissimuladamente em seu regaço. Emma fixou seu olhar à frente e se concentrou nos artistas.

Mas, oh, ela era tão consciente do Blake. Era impossível não o ser. Seguiu roubando olhares, ainda com incredulidade de que havia um homem tão bonito neste mundo e que estava ao seu lado neste rincão escuro neste minúsculo sofá.

Ele se moveu ao seu lado. O toque enviou uma onda de calor através dela. Ela juntou suas mãos com tanta força que seus nódulos ficaram brancos.

Blake girou sua cabeça ligeiramente para ela. Ela ficou rígida, cada nervo em alerta, o coração palpitando.

Se Benedict estivesse aqui...

Mas não era assim. Blake estava e ela era muito consciente desse fato.

— Está formosa esta noite, Emma — murmurou.

— Isso de novo? — Ela soltou uma pequena gargalhada. Como as fadas ou Papai Noel, ela desejava acreditá-lo, mas simplesmente não podia.

Se ela fosse tão formosa não seria uma encalhada em sua quarta temporada. Se ela fosse formosa, certamente alguém já o teria notado.

— Acredito que são seus olhos — disse pensativamente.
— Um azul tão profundo, como o mediterrâneo.

— Nunca vi o Mediterrâneo, ficarei com sua palavra — disse com desdém. Mas na verdade seu coração pulsava com vigor, aceitasse o elogio ou não. Não esqueceria sua conversa sobre elogiar seus olhos, coisa que ela preferia. Ele recordou o que ela queria e ninguém que os ouvisse saberia o significado.

— Por quê? Só porque...? — Emma respirou fundo tentando acalmar seus pensamentos tumultuosos. E logo começou o musical. O musical foi horrendo. Depois de alguns números nos quais não houve uma melhora notável, Emma se atreveu a comentar com o Blake.

— Sou só eu, ou o piano está desafinado? — Sussurrou.

— Parece como se tivesse sido submerso no fundo do lago, logo transportado através de um caminho rural cheio de buracos, e logo sintonizado — respondeu com um sorriso e ela reprimiu uma gargalhada.

— Bom, ao menos Agatha não está esbanjando sua fortuna em coisas tão corriqueiras como a manutenção de instrumentos musicais — comentou Emma.

— Não diria que minha audição é algo corriqueiro — respondeu Blake. — Claramente os Jogos da Fortuna tomaram um giro tortuoso. Se prepare, Emma, esta pode ser uma longa noite.

Emma não prestou atenção à música. Estava muito distraída com o Blake, que fingiu esticar-se e logo passou o braço pela parte posterior do sofá e seus ombros. Tal informalidade era inapropriada, mas ninguém estava olhando, e sentar-se perfeitamente direito era tão tedioso, especialmente quando ela queria recostar-se em seu quente braço.

Ela era consciente de seu aroma, limpo e masculino, e algo mais que não podia nomear. Era embriagador, como uma droga.

— Sabe italiano? — Sussurrou a ela.

— Não, na verdade. E você?

— Um pouco — disse.

— Todas as palavras que utiliza no dormitório, imagino — comentou Emma, infelizmente ruborizando-se. Blake o

notou e sorriu. Ela sentiu uma onda de orgulho por havê-lo divertido.

— Palavras de dormitório? — Ecoou com fingida inocência. — Quais? Me diga, quais poderiam ser essas?

— Como uma donzela jovem e inocente posso lhe assegurar que não tenho nem ideia — disse com bastante rigidez. Por quê? Por que ela tinha mencionado *as palavras do dormitório*? Honestamente, nada de bom poderia sair desta conversação.

— Não as leu em um de seus livros?

— Ao que parece, esses livros não são aptos para damas — respondeu com verdadeira tristeza por esse fato. Ela tinha sido rechaçada repetidamente em seus esforços por tomar emprestados esse tipo de livros da biblioteca circulante.

— Que lástima. Bom, pensei que estava cantando em italiano, mas agora não estou tão seguro.

— É francês? Não recordo muito das lições ao finalizar a escola. — Blake inclinou a cabeça para um lado e escutou atentamente por um momento.

— Não acredito que em realidade seja um idioma, nem sequer são palavras — disse.

Ela riu de novo, brandamente, logo escutou atentamente a música. Tinha razão, Angélica Scarlatti estava cantando tolices. Ainda rindo, Emma o olhou e chamou sua atenção. Ele também se divertiu. Jogou uma olhada à habitação e viu que todos estavam aborrecidos e torturados enquanto ela e Blake estavam cômodos naquele rincão escuro: intercambiando e fazendo brincadeiras. Então o violino fez um

som particularmente discordante e cortante que fez ela inclinar a cabeça com curiosidade.

— O do violino está tocando a mesma canção que os outros? — Ela perguntou.

— Definitivamente, não — respondeu Blake. — Não é a mesma canção, nem sequer a nota.

— Que conceito mais original — disse Emma cortesmente. Blake sorriu.

— Diga à tia Agatha.

Emma ficou sem fôlego, surpreendida.

— Não me atreveria — disse. Mas logo a música cessou e um servente se adiantou levando uma bandeja envolta em veludo. Agatha estava sorrindo maliciosamente, e quando Emma viu, ela soltou uma pequena gargalhada e disse: — Entretanto, lhe darei minhas felicitações por conseguir uma flauta em tão pouco tempo.

Blake realmente estava desfrutando, o que era estranho já que estava em meio do musical mais horrível que alguma vez se realizou na Inglaterra. Mas Emma estava entusiasmada junto a ele e brincando sobre este estranho musical que se viram obrigados a suportar. Ele descobriu que ela era ardilosa e divertida. Não lhe adulava e soava como outras mulheres que tendiam a estar ao seu redor; Blake descobriu que gostava mais dela por isso.

Mas tudo isso mudou com a brilhante flauta de prata que apresentou um dos serventes da tia Agatha.

Podia dizer que nunca havia tocado a flauta. Nunca havia segurado uma. Entretanto, negar-se não era uma

opção. Não quando enfrentava a provocação de uma oportunidade para impressionar e divertir tanto a Emma quanto a Agatha. Como se tivesse se atrevido a saltar do telhado ou nadar através do Canal. Ele não pôde dizer que não.

— Lê música, ao menos? — Emma perguntou, adoravelmente preocupada com ele, embora não quando fez a declaração escandalosamente falsa que conduziu a este momento.

— Não, nem minimamente — respondeu.

— Bom, não pode ser pior do que acabamos de escutar — disse, sorrindo docemente.

— Sinto-me adulado por sua confiança em mim — respondeu.

— Este musical ficou ainda mais divertido — comentou Emma.

— Para você — disse, e logo ela sorriu tão belamente que seu fôlego travou em sua garganta por um segundo.

— Ashbrooke, não estou ficando mais jovem — declarou tia Agatha da frente da habitação.

— Pode ser que não deseje viver para isto, querida tia — respondeu enquanto caminhava para o palco improvisado e recolhia a flauta.

— Oh, posso te assegurar que o faço — disse.

— A canção que selecionamos é Lamoure Mysterious — disse a cantora de ópera. — Sabe?

— Não, não estou familiarizado com isso — respondeu. Foi a verdade absoluta.

— É muito singelo. Simplesmente siga a música e estará bem — mencionou Angelica Scarlatti. Em outro momento, lugar ou noite poderia ter planejado um encontro com ela, porque era uma mulher deslumbrante: cabelo cor mel e uma figura para morrer. Sem mencionar uma boca que sustentou em uma perfeita forma de "O" durante bastante tempo. Enquanto cantava, é claro.

Blake encontrou Emma na audiência, lhe deu uma piscada e foi recompensado com um de seus sorrisos adoravelmente torcidos.

À conta de três, a metade dos músicos começaram a tocar. O resto esperou uns segundos mais. Blake se sentia ridículo segurando a pequena flauta em suas grandes mãos, mas se esforçou por atuar como se fosse um talentoso flautista e fosse uma atividade perfeitamente masculina, como a esgrima, o tiro, o boxe ou qualquer outra atividade violenta.

De sua posição, na parte frontal da habitação, Agatha lhe sorriu radiante. Os outros mostravam expressões de dor, irritação ou inclusive raiva. Tinha se apresentado ao Blake a oportunidade de falhar espetacularmente, ninguém acreditava naquele lixo sobre tocar a flauta, mas ele estava combatendo em sua desvantagem. Mas logo seu olhar se pousou na Emma, sorrindo amplamente e com algo parecido a afeto em seus olhos.

Apesar de sua atitude absurda neste momento, pretendendo tocar uma delicada flauta em frente a um público hostil, sentiu uma de onda de orgulho. Ela não tinha

estado minimamente interessada nele. Ela pensava que ele era um aborrecido. Ela não sentia nada por ele. Quer dizer, até que ganhou sua admiração arriscando-se descaradamente à humilhação para manter-se fiel ao seu ardil. Em outro momento a teria chamado de mentirosa. Mas para bem ou para mal, nos Jogos da Fortuna estavam unidos.

Esse era um sentimento novo. Esforçar-se para algo, especialmente os afetos de uma mulher. Imagina se ela se rendesse completamente.

Capítulo 9

Me limitarei a sentar e comer com os olhos a cantora de ópera, esperando que todos os outros tropecem. A fortuna será minha.

Fantasia desiludida de Lorde Dudley

Imediatamente depois que Blake terminou sua interpretação, Lady Agatha se foi e a noite se fez mais interessante. Retirara-se ou simplesmente tinha ido visitar a sala de descanso das mulheres?

Muitos olharam o alto relógio do avô, vendo passar os minutos enquanto a horrenda cacofonia seguia zumbindo. Blake e Emma se surpreenderam mutuamente olhando ansiosamente o relógio e compartilharam um sorriso privado e conhecedor.

Cinco minutos passaram, logo dez. Quinze minutos passaram e logo, finalmente, trinta minutos tinham transcorrido desde o momento em que Agatha fez gestos ao seu lacaio e saiu sigilosamente do salão.

Lorde Pleshette foi o primeiro em fazer um movimento. Quando Angelica Scarlatti terminou uma canção e todos

reuniram aplausos educados, aproveitou a oportunidade para murmurar:

— Desculpe, mas já tive o suficiente esta noite — falou Lorde Dudley enquanto se levantava e saía da habitação.

Todos o olharam enquanto se aproximava lentamente à porta, que estava ligeiramente entreaberta. Lentamente a abriu, primeiro uma polegada e logo outra e logo:

— Aaarrrrgh!

Pleshette emitiu um grito verdadeiramente horripilante quando um balde de farinha se desprende de seu precário cabide na parte superior da porta, golpeando-o na cabeça e o pior de todos os possíveis destinos, cobrindo seu fino casaco de lã com uma sombra que orgulhosamente se descreveria como *"bosque de pinheiros ao entardecer"*, e o colete de cetim complementava o traje com o tom preciso de *"erva fresca da primavera ao amanhecer"*.

— Não, oh não, não o casaco — disse com um grito de angústia estrangulado, dando um passo enjoado e tentando freneticamente sacudir a farinha, o que só serviu para arruinar suas finas luvas de pelica, no tom perfeito de *"caramelo amanteigado"*. O que só o angustiou mais.

A música chiou até deter-se. Do corredor escutou-se uma voz.

— Você não gosta dos músicos que contratei esta noite, Pleshette? — Perguntou Lady Agatha. Todo mundo ficou calado, para escutar melhor a conversação que teve lugar na entrada.

— A senhorita Scarlatti e sua orquestra são uma magnificência personificada — respondeu Pleshette servilmente. — Simplesmente precisava responder ao chamado da natureza.

— Hogwash — gritou Lady Agatha. — Os músicos são horríveis.

— Simplesmente estávamos honrando os desejos da dama — explicou a Srta. Scarlatti. — Não estamos acostumados a tocar assim.

— Isto é uma loucura — alguém escutou dizer.

— Assim são os Jogos da Fortuna — Dudley disse secamente.

— Shhh — advertiu Lady Bellande

— Sabe o que penso, Lorde Pleshette? — Inquiriu Lady Agatha. Ele, sabiamente, manteve-se em silêncio, já que claramente não era uma pergunta a ser respondida por ele. — Acredito que se retiraria da noite, abandonando assim os seus companheiros convidados a esta tortura auditiva. Ou talvez sua atrevida escapada teria inspirado uma fuga maciça, o que teria destroçado os ternos sentimentos dos meus músicos e insultado gravemente o esforço que fiz para proporcionar este entretenimento.

— Lady Grey, minhas intenções eram puras. Meu coração não está bem — Lorde Pleshette caiu de joelhos ante ela.

— Alguém quer responder por ele? — Perguntou Lady Agatha.

Ninguém o fez. Em Londres poderia ter sido um amigo ou um membro de sua família, mas nos Jogos da Fortuna, ele era só uma pessoa a mais no caminho de uma herança de noventa mil libras.

— Instrua o seu valete a empacotar suas coisas — ela disse.

— Você e seu pessoal irão com a primeira luz.

— Lady Grey — Lorde Pleshette fez uma última e desesperada súplica, com as mãos juntas e pressionadas contra seu peito.

— Siga, senhorita Scarlatti — disse Lady Agatha com um gesto da mão. — A noite ainda é jovem.

A música começou de novo, transformada de uma horrível cacofonia aos sons mais doces, harmoniosos e comovedores. O piano não tinha sido desafinado, o músico simplesmente tinha estado tocando a combinação de teclas mais discordante possível. O violino agora tocava a mesma canção, e a senhorita Scarlatti tinha uma voz como uma cotovia, como a luz do sol, como o ouro, como um arroio borbulhante.

A beleza da música a fez maravilhar-se ainda mais com os eventos da noite. Só houve este momento, cheio de esperança e possibilidade. Entretanto, tudo era uma prova, cada passo uma armadilha potencial, e o desastre poderia ocorrer a qualquer um em qualquer momento.

Em um momento, Emma tinha desfrutado da terrível atuação do Blake na flauta, admirando a determinação com que aproveitou o momento e aceitou o desafio. Ao seguinte,

houve um claro aviso de que lady Agatha não estava brincando.

O coração de Emma ainda palpitava.

Este era um jogo, e se podia pedir a qualquer um que se fosse em qualquer momento, dados seus caprichos desconhecidos. Emma se deu conta de que deveria cuidar-se. Sem mais brincadeiras durante a música ou escapando das atividades do dia. Não se ela quisesse ganhar. Tinha que fazê-lo, porque perder agora a arruinaria para sempre.

— Ela definitivamente canta em italiano agora — murmurou Blake. Emma sentiu as vibrações de sua voz tremer por suas costas. — Você gostaria que o traduzisse para você?

— Isso seria encantador — sussurrou. Emma queria saber as palavras, perder-se na canção e deixar de preocupar-se com os Jogos da Fortuna e com o Benedict, que poderia não a ter agora se ela perdesse. Mas logo Blake começou a falar. Sua voz era baixa, por isso só ela poderia escutar. Seu braço estava ao redor do sofá outra vez, logo sobre seus ombros, incentivando-a a aproximar-se dele. Estava envolta por seu abraço, seu aroma, sua presença, sua calidez, seu tudo.

— *IL pescatore stato perso sul mare.*²

Ele sorriu perversamente e traduziu, murmurando as palavras para que só ela pudesse escutar. Ela não estava segura se deveria confiar em suas traduções.

Mas *pescatore* não significava *pescado*? Porém não pôde evitar cair sob o feitiço de sua voz baixa e rica e as vibrações

que jogou sobre sua pele.

— Desejo provar seu beijo, sua paixão, seus lábios.

Seus lábios se separaram. Fechou os olhos para bloquear tudo exceto esta formosa música e a voz do Blake.

— *IL pescatore há cercato terra, terra asciutta!*³

— Tenho fome pelo toque de sua pele suave, branca, brilhando à luz da lua.

Um calor começou a rodar sobre ela, começando em seu ventre e estendendo-se através de sua pele. Como um rubor, como a luz do sol, como o calor do toque de um homem, ou ao menos isso imaginava. Senhor do céu, ela imaginou. Embora ela poderia ter jurado que a terra significava terra e que Blake estava mentindo. Ela não poderia simplesmente fingir?

Mas não era só o toque de qualquer homem o que ela imaginava, acariciando cada centímetro de sua pele nua. Onde lutou por imaginar Benedict, seu traidor cérebro não o permitia. Blake era tudo o que via, tudo no que pensava.

— *IL pescatore viu scure nubi tempestose*⁴.

— Sonho te conhecer intimamente.

Não poderia significar isso. As palavras que Angela Scarlatti cantou tampouco podiam significar isso. Nada tinha sentido. Não ele. Não ela... mas para falar a verdade, ela também queria conhecê-lo intimamente. Ela estava desesperada por seu beijo. Seu toque. Sua paixão. Seus lábios nos dela.

— Aqui — sussurrou Blake, riscando a ponta de seu dedo desde justo debaixo do lóbulo de sua orelha até seu ombro nu. Ela não pôde evitar, inclinou sua cabeça para lhe

dar mais acesso. Traidor! — Quero te beijar aqui — disse Blake, pressionando as gemas de seus dedos no delicado oco de seu pescoço, logo ele riscou as pontas de seus dedos mais abaixo, aos seus seios.

— Imagine — ordenou. Seus olhos se abriram e ela se virou para olhá-lo.

— Por quê? — Por que ela deveria imaginar uma coisa tão perversa e impossível? Por que deveria perguntar, não, ordenar tal coisa dela? Por que estava tentando-a? Sedução?

— Por que não? — Olhando àqueles olhos escuros, ela não tinha uma resposta para ele.

Emma sabia que ela era simples. Sabia que não era o tipo de mulher que inspirava pensamentos apaixonados nos homens. Ela não podia permitir-se acreditar o contrário. Além disso, ela não possuía o temperamento para sorrir timidamente, ou olhar ardentemente sobre seu ombro, ou mover-se sedutoramente. Não, sorria para ser amável, olhava para ver, e se movia para ir daqui para lá, sem nenhuma intenção de seduzir um homem no caminho. E Ashbrooke lhe perguntou por que não deveria imaginar que possuía um corpo que um homem como ele quisesse beijar. Pensa no Benedict.

Ele a respeitava. Ele a tratava bem. Ele a entendia por completo, como ela era. Não era o tipo de mulher que o duque de Ashbrooke achava formosa ou atraente, nem nada pelo estilo. Mas continua...

— Possivelmente poderia começar beijos por aqui — apertou sua boca contra seu pulso interno, e se mordeu o

lábio. — Para aqui.

Subia mais e mais até que Emma entrou em pânico e apartou bruscamente o braço. A audácia do homem era impressionante. Tomando tais liberdades com ela quando estavam em uma habitação cheia de gente que os via como inimigos, junto com uma excêntrica anciã que podia desterrá-los a qualquer momento. Emma considerou tudo isso, mas também pensou: *E então, o que você fará?*

Não se atreveu a fazer essa pergunta, por isso guardou as palavras para si mesma.

— Quer saber onde te beijaria depois? — Perguntou Blake em uma voz que era pura maldade. Seu espartilho de repente estava muito apertado. Ela não podia respirar.

— Não particularmente — respondeu, sem fôlego.

— Aqui — e ele pressionou dois dedos contra sua nuca. Logo se atreveu a riscar uma linha por sua coluna até a parte baixa de suas costas. — Talvez mais baixo — sugeriu.

Por que está fazendo isto?

A pergunta ressoou ao redor de seu cérebro, lutando com imaginações sem sentido e súplicas desesperadas para que Ashbrooke a tocasse em todas as partes, e em qualquer lugar.

Mas logo recordou que ele era Ashbrooke e ela era a menos provável de Londres, e tinha decidido cortejá-la só para demonstrar que podia ter qualquer mulher que quisesse.

— Isto é muito inapropriado — disse, endireitando sua coluna e endurecendo sua resolução. Ela não seria outra conquista para ele.

— O que é a metade da diversão — murmurou, sorrindo diabolicamente. — A outra metade está imaginando como você se sentiria se te beijasse, Emma, em todos esses lugares. Está imaginando?

— Não. Estou pensando ne... — se deteve porque Benedict era assunto dela. No momento em que dissesse seu nome em voz alta ao Blake seria o momento em que ele seria real.

— Ah, o outro homem. Seu jovem amante — comentou Blake secamente. Por um segundo ela pensou que ele poderia estar ciumento, mas descartou esse pensamento como loucura. Em todo caso, Blake estava irritado porque se reservou para outro homem. — Alguma vez te beijou assim? Ou não te beijou, em absoluto?

— Sua Graça — disse Emma estritamente, soando para todo mundo como se fosse uma arrogante, *A Correta Matrona de Virtude Impecável*. Como se ela fosse a que chamavam senhorita afetada. Quando fazia apenas um momento que ela tinha sido uma moça quase arrastada e seduzida por um libertino.

Seu coração desejava ser essa garota, mas seu orgulho não o permitia.

— Sei que minhas maneiras são espantosas. Desculpe-me — disse Blake.

A música persistentemente formosa continuou, e Blake tragicamente manteve suas mãos para si mesmo, junto com sua boca, seus elogios e suas insinuações de sedução. Emma recordou a si mesma que o mundo seguia sendo tal como o

conhecia. Mas olhou furtivamente ao formoso homem que estava ao seu lado e sentiu saudades desesperadas daqueles poucos momentos, quando quase se rendeu a ele.

Capítulo 10

— *Não acredito em Blake com a moça. Resulta tudo muito conveniente, e o amor poucas vezes o é.*

Tia Agatha ao Angus

Ao dia seguinte

Blake viu como Agatha voltava para casa pelo braço de seu companheiro habitual, seu formoso e jovem lacaio. Este ano ela tinha inventado uma estranha busca ao tesouro que certamente manteria fora a todos durante todo o dia. Em outras palavras, fora de seu caminho. Em anos anteriores ela tinha seguido estas atividades com regozijo, com sua característica risada e seu olhar travesso. Sua perda de entusiasmo o entristeceu.

Blake se deu a volta, e passeou pelos jardins com Emma até que encontraram um banco afastado que lhes oferecia intimidade.

— O que diz a lista? — Perguntou Emma. Ele jogou uma olhada à folha que tinha em sua mão. Na parte superior

estava escrito: Os jogos de Busca ao tesouro. Logo revisou a lista de objetos que deviam encontrar.

— Meu Deus — resmungou Blake. — Esta mulher deve ter ficado louca.

Emma se inclinou para dar uma olhada mais de perto, lhe roçando o braço com os seios. Não ficou tensa, embora pudesse fazê-lo. Por uma vez, Blake não evitou este sinal de afeto. O que serviu para recordar quanto tempo fazia que não estava com uma mulher.

Dias, ao menos. Possivelmente uma semana. Talvez mais, inclusive.

— O primeiro da lista, um acendedor — disse Emma.

— Isso é fácil. Tenho fósforos — sugeriu Blake.

— O que é isso? — Perguntou Emma, como era de esperar. Sua obsessão com as invenções mais recentes fazia com que lhe perguntassem frequentemente.

— Os fósforos são um novo método, ligeiramente perigoso, para fazer fogo, acender um charuto, ou iluminar na escuridão durante uns poucos segundos — explicou ele. — São o futuro. Assim como o Motor de Diferença que você não aprecia.

A tia Agatha provavelmente não lhe daria o dinheiro para fabricá-lo. Ela sabia algo de sua nova obsessão? Por isso não o havia convidado?

— Eu não desprezo o Motor de Diferença — disse Emma, e ele levantou o olhar com surpresa. — Penso que deveria construí-lo.

— Você o crê?

— Sim. Acredito que construir uma máquina que melhore o mundo seria uma excelente forma de gastar a metade da minha fortuna — disse ela. E logo, sorrindo abertamente, acrescentou — Se a ganhar.

— Sua metade? — Se ele se casasse com ela poderia ter tudo.

— Fizemos um trato, minha Lady.

— Tenho meus próprios planos. Sua Graça — disse Emma. — Eu gostaria de te recordar que meus serviços como falsa prometida não são gratuitos, nem baratos tampouco.

— Sua Graça? Voltamos outra vez a isso? — Perguntou Blake, forçando-se a ocultar um gesto de irritação e outra emoção que ele não conseguia identificar. Ele não queria ser "*Sua Graça*", nem Duque, nem Ashbrooke, nem senhoria. Tinha começado a confundir sua intimidade forçada com uma verdadeira? Que estranho.

Ela tomou o papel de suas mãos, roçando seus dedos, e começou a ler.

— Que mais há na lista? — Ele perguntou.

— Beleza. Lady Grey vai se dar bem com isso — murmurou Emma, sem levantar seus olhos da folha. Ele quis que ela o olhasse.

Entretanto, aproximou-se e jogou uma olhada sobre seu ombro para ler o que eles deviam procurar durante o dia. Também se inclinou para estar perto, inalar seu aroma, inclusive pensou na possibilidade de pousar um suave beijo em sua bochecha.

— O som da música — leu Emma. Ela não se afastou. Mas tampouco se aproximou dele, nem o olhou, nem deu indícios de que era consciente de sua cercania.

— Isso é fácil. Tocarei minha flauta.

— Aqui diz “o som da música”, não torturar os ouvidos dos outros — respondeu Emma zombando. As mulheres nunca zombavam. Elas agitavam seus cílios de maneira sedutora, aproveitando qualquer oportunidade para roçar-se com ele. Elas estariam de acordo com o que ele sugeriu.

A zombaria de Emma e sua negativa a sorrir com afetação era intrigante. Ele não sabia o que ela diria depois, nem sabia se estaria de acordo, o rejeitaria, riria, ou mudaria de tema. Blake se encontrou em harmonia com ela por esse motivo.

— O que devemos fazer com a sensação de amor à primeira vista? — perguntou Emma.

A tia Ágatha se excedeu com as estranhas e impossíveis tarefas de busca do tesouro.

— Minha interpretação neste tema é extremamente inapropriada, como você diria. Amor, não luxúria.

— Bom, querido prometido — disse Emma com um encantador sorriso. — O que sentiu quando me viu pela primeira vez? — Blake se pôs-se a rir. Ela também o fez.

Milagrosamente, podiam ver a nota de humor na situação que estavam vivendo, mesmo que ainda lhe viesse à memória os sentimentos de terror, como se estivesse suspenso em um galho sabendo que se quebraria, mas não quando. Recordou como se pavoneou em seu salão, só, em

frente a uma audiência unicamente feminina, no qual não conhecia ninguém, nem sequer a mulher que era supostamente sua prometida. Dirigir-se à mulher equivocada teria arruinado a ambos. Dirigir-se à correta era impossível. Então Emma se levantou, oferecendo sua mão, salvando-os da humilhação. Sentiu tanto alívio que a teria beijado nesse mesmo instante. E então ele notou, com grande alívio e prazer, que ela era bonita. O que significava que eles poderiam ser capazes de levar aquilo a cabo. Mas tinha esquecido seu nome.

— Senti-me aliviado — disse ele. — Também aterrorizado. Com vontade de aproveitar a oportunidade.

— Isso soa poético, Blake — Emma disse brandamente. — É como as mariposas que eu sinto no estômago cada vez que o vejo — disse com voz apagada. Ela tinha um olhar sonhador e Blake sabia que embora ela estivesse sentada ao seu lado e tão perto para compartilhar a mesma luz do sol, em seu coração e pensamento, estava com seu desconhecido amor.

Isso incomodou Blake.

— Quem é ele? Ainda não me disse seu nome. Começo a suspeitar que não existe.

— Por que ia inventar algo assim? Não encontro nenhum motivo para fazê-lo — respondeu Emma, ainda com seu olhar na folha que tinha na mão.

— Sacie minha curiosidade — sugeriu Blake.

Ele morria por saber que homem tinha ganho e conquistado o coração desta encalhada. Não era por ganhar a

aposta. Depois de todas as suas risadas calculadas, olhares ardentes, toques delicados e beijos tentadores, foi ele quem se apaixonou por ela.

— Por estranho que pareça, satisfazer qualquer sentimento teu não está em minha lista de prioridades — disse Emma afetadamente, e fez um som entre sorriso estrangulado e uma leve tosse. Deu-se conta de como soava isso? Não, já o disse de forma inocente.

— Vejamos, o que mais há nesta desatinada lista?

— Felicidade? — Leu Blake, cético sobre como encontrar isso em uma tarde.

— A verdade — leu Emma com semblante sério.

— A verdade sobre o quê? — Blake leu o que seguia na lista. — Eternidade. Essa mulher colocou que teremos que procurar a eternidade nessa busca ao tesouro? — Comentou ele, inclinando-se para trás e fechando seus olhos com um gesto de derrota.

— Acredito que tudo isto é notavelmente inteligente. Muito mais interessante que procurar uma rocha ou uma folha ou um pau — disse Emma. — Embora suponha que o preferiria, dado que requer muito menos engenho.

Esse comentário lhe chamou a atenção. Era um ardiloso insulto, dito de uma forma leve e afetada com aquela voz tão doce. Como se ele só tivesse ouvido seu tom e não realmente as palavras, e assim não compreenderia que lhe acabava de chamar de idiota.

— O que te faz dizer isto? — Ele perguntou serenamente.

— Não sei, sinto muito.

— Pareço-te tolo, Emma? Ou um descomunal ignorante?
— Blake enfocou sua atenção completa sobre ela e se ergueu em toda a sua altura.

Ao ser órfão não teve a figura de um duque arrogante ao qual seguir, mas pareceu havê-lo herdado, com o nome e o título. Geralmente as pessoas se abaixavam e tremiam quando ele os olhava arrogantemente. Os homens amadurecidos pediam seu perdão. As mulheres agitavam seus cílios e revoavam ao seu redor. Emma somente encolheu os ombros.

— É que é muito bonito, — explicou ela — Não te faz falta ser engenhoso. Tão somente tem que rir e se mostrar encantador para conseguir o que quer.

— Já entendi. Seguindo essa lógica, crê que, se for simples, é inteligente — disse ele.

— Eu sou simples. E tenho as coisas bastante claras, embora não seja inteligente — respondeu ela com calma.

— E o que aconteceria se não me parecesse simples? — Perguntou Blake, ao mesmo tempo que seu coração lhe revelou uma grande verdade. Ele não a achava simples. Ela não era o tipo de beleza pela que um homem pararia para contemplar em um salão de baile lotado, mas quanto mais a via, quanto mais a conhecia, maior era a necessidade de conhecê-la.

Intimamente. Em profundidade.

— Se crê que sou bonita então é realmente é parvo — ela disse secamente.

— Sua lógica é interessante, Emma. Quer dizer que ao não ser bonita, pode ser inteligente. Mas pode-se ser bonita e inteligente.

— Não no mundo que eu conheço — ela resmungou baixando seu olhar para não encontrar seus olhos.

Blake se sentiu doído. Ela e o resto do mundo a tinham etiquetado como uma encalhada, e como uma das menos prováveis de Londres, e ninguém fez nada para mudar essa opinião, nem sequer ela mesma. Emma assim o assumiu e deixou que seguissem ignorando-a. Não merecia algo assim. Entretanto, ali estava ela, pelo braço de um duque e rechaçando seus galanteios. Como se ela não acreditasse que ele os dizia a sério. Como não era idiota, Blake entendeu que se quisesse seduzi-la, necessitaria de algo mais que adulações, algo mais que beijos apaixonados. Seu coração se acelerou quando lhe ocorreu que ela poderia rechaçá-lo porque nem sequer lhe acreditava. Teria que fazê-la acreditar que era digna de sedução.

— Emma, estamos participando dos Jogos da Fortuna de Lady Agatha Gray. Aqui não lhe conhecem, — respondeu com cuidado — Portanto não se aplicam as mesmas regras que em outros lugares.

— Ainda quero ganhar — disse ela, levantando seus olhos azuis para encontrar seu olhar. O desejo era evidente. Desejava seu prometido e uma vida de sonho junto a ele. Blake a olhou fixamente, com olhos cheios de desejo à sua vez.

— Eu também — disse ele, mas não falava só dos jogos. Uma faísca saltou entre Blake e Emma enquanto passavam a manhã entre as rosas do jardim, capturando mariposas para guardar em um pote de cristal, e aproximando-se desse sentimento de amor à primeira vista. Logo vagaram pelo jardim em busca da verdade e da eternidade.

Blake ouviu passos que ressonaram no cascalho, dando-se conta de que não estavam sozinhos. Se fossem descobertos em atitude comprometedora seria a oportunidade perfeita para limpar qualquer suspeita que houvesse sobre seu compromisso com Emma. Quando George tinha partido naquela manhã, tinham ouvido o disparo do canhão que indicava a saída de um opositor de Castle Hill e dos Jogos da Fortuna. A única pessoa que sabia a verdade tinha desaparecido. Mas quem sabe o que poderia haver dito? Seria normal que o surpreendessem beijando a sua prometida nos jardins. Blake teria rido, já que geralmente se esforçava por não ser descoberto dessa maneira. Entretanto, o que de verdade queria era saborear Emma.

— Emma, vem, depressa — estendeu sua mão e a conduziu para fora do caminho, para um arvoredo. De repente a atraiu contra seu peito, apertando-a contra ele. Seu fôlego se deteve. Certas partes de sua anatomia se endureceram. Deu um pequeno passo para trás quando, a contragosto, afrouxou seu abraço.

— O que faz? — É obvio que ela não confiava nele. Não deveria. Realmente não deveria. Suas intenções eram

completamente perversas. Suas intenções não eram boas, absolutamente.

— Isto — disse ele com um murmúrio, aproximando-a de novo. Então, tomou sua boca. Somente durante um instante. O suficiente para que parecesse verdadeiro e romântico, e como se eles estivessem de verdade apaixonados. O suficiente para demonstrá-lo a quem se aproximava.

— De verdade, Lorde Copley, isto é uma completa tolice. — A aguda voz de Lady Copley cortou o agradável murmúrio da tarde de verão. — Tentar acender um fogo com seus óculos.

— Não tem uma ideia melhor, esposa — respondeu Lorde Copley.

— O que está fazendo? — Emma sussurrou contra sua boca. Mas ela não se afastou. Graças a Deus, ela não se afastou.

— Realmente, Lorde Copley, isto é uma solene tolice. — A voz aguda da senhora Copley estava cortada pelo zumbido agradável da tarde de verão.

Ele não sabia. Tinha querido dissipar as suspeitas sobre seu falso compromisso. Tinha a intenção de seduzi-la ao princípio para confirmar por seu próprio orgulho que podia fazê-lo. Mas cada vez desejava mais e mais sua calidez, seus sinceros sorrisos, suas brincadeiras e seu sabor. Como sua inocência e seu desejo. Isto já não era um jogo para ele.

A verdade é que ele procurava quão mesmo Lorde Copley, uma faísca!

— Somente um beijo — sussurrou ele. Só uma faísca. Não, em realidade ele queria sentir uma verdadeira explosão de sentimentos que lhes fizesse esquecer do mundo.

Um beijo rápido não seria suficiente. Blake mordiscou seu lábio inferior e suas mãos roçaram suas costas, descansando sobre seu traseiro. Ele a sentiu ficar rígida, para logo relaxar-se. Ele queria que o abraçasse, sentir seus seios contra seu peito, escutar seu suspiro de prazer.

— Lorde Copley, quanto tempo devemos persistir nesta tolice?

— Só devemos fingir que conseguimos prender uma faísca, logo teremos um fogo completo.

Estava se convertendo em algo mais, algo real?

— E queimar nossa herança no processo!

— Mmm.

Quem tinha murmurado isso? Tinha sido Emma? Ele não sabia nada, exceto que seus lábios eram suaves e seu beijo era tão inocente, tão curioso, apesar dela mesma. Sempre saberia que foi ele quem a ensinou a beijar. E não o homem pelo qual ela dizia estar apaixonada.

— Olhe! Isto começa a prender! — Exclamou a senhora Copley. Seu marido só grunhiu em reconhecimento.

Lenta, mas com segurança, Emma começou a ceder. Seus lábios se abriram e ele se deslizou dentro, provando-a finalmente. Tinha imaginado ser o primeiro?

Esperava que isto fosse novo para ela. Ela o beijou como se tivesse alguma experiência, o que fez com que seu sangue fervesse a fogo lento, mas o beijou como se ele não tivesse

muita experiência. De uma parte profunda e irrefletida de seu cérebro surgiu o desejo entristecedor de ser sua única experiência.

— Oh! As bordas começam a brilhar! — Declarou lady Copley. — A lâmina está ardendo agora!

A pele de Emma estava ardendo sob seu toque. Atreveu-se a tocar seus braços nus e a suave pele que ficava ao descoberto por seu corpete. Sua própria temperatura estava aumentando e ele queria arrancar a jaqueta, arrancar o lenço, o colete. Tudo, e deitar-se ali, no suave chão coberto de musgo e fazer amor a esta mulher que lenta, mas seguramente, começava a arder com suas carícias. Para ser um beijo que tinha começado como parte de um jogo, converteu-se em algo completamente diferente.

— Fogo! — Exclamou Lady Copley. Blake se afastou de repente e olhou para outro lado, mas não antes de jogar uma olhada a Emma. Seus olhos, meio fechados em um prazer sonhador. Sua boca, vermelha pelo calor e a fricção de seus lábios.

Mudou algo? Sentia como se algo tivesse mudado. Blake deu um passo para trás. Emma apertou o pote de pequenas mariposas brancas contra seu peito.

— Quanto dura o sentimento do primeiro amor? — Refletiu antes de responder: — Não sei.

O Som da Música

O coração de Emma seguia correndo enquanto cruzavam os jardins e passavam pelas habitações frias e escuras da casa até chegar à sala de música. Contra seu peito segurava o pote de mariposas revoando. Muito parecido à estranha sensação em seu ventre. Tinham esquecido os Copley e o pequeno fogo que criaram com umas poucas folhas secas e a lupa de seus óculos. Não era nada comparado com o fogo que ardia em seu interior. Blake a tinha beijado. Não tinha significado nada, é claro, mas diga-lhe ao acelerado coração! Ela tentou. Ele não escutou. Seu coração a traía, bastante em guerra com os desejos de sua mente. O duque de Ashbrooke tinha beijado Emma Avery, uma velha encalhada. Não só isso, mas também havia fortes indícios de que ela não era imune ao *Efeito Ashbrooke*, como ela tinha pensado. No mínimo. Seus lábios ainda formigavam.

Para ser justos, ela não tinha esquivado seus avanços, nem tinha lembrado do Benedict. Embora não importasse, porque o beijo não significava nada. Foi só um ardil, mas ninguém os viu.

Uma vez na sala de música, Blake procurou sua flauta. Ainda aflita pelos nervos, Emma se sentou no piano e começou a tocar. Ela começou com *I Once Loved a Lass* (*A noiva falsa*), a atuação solo que devia ter feito na escola, mas que nunca pôde fazer por culpa das malvadas maquinações de Lady Katherine Abernathy. Sempre foi sua favorita. Era uma canção bonita, com subidas e descidas em doces repetições e uma melodia que de uma vez era esperançada e ligeiramente melancólica.

— Toca bem — Blake disse abandonando sua busca e aproximando-se para ficar de pé ao lado dela. Seus dedos encontraram os acordes, um após o outro, e voavam sobre as teclas.

Ela não havia tocado durante anos, mas se surpreendeu agradavelmente ao comprovar que suas mãos ainda sabiam como mover-se sobre o piano e que a canção na qual tinha investido horas ficou em sua memória. Blake tomou assento ao seu lado. Sentiu que ardia. Seus dedos foram mais devagar, do passo ligeiro a uma parada.

— Não, não pare. Sei esta canção — disse ele brandamente. — Segue tocando, cantarei contigo.

Se Lady Katherine me visse agora, pensou Emma, e não só pela vista insondável do duque de Ashbrooke ao seu lado no banco do piano, mas sim pela calidez de seus olhos quando seu olhar se elevou de seus dedos ao seu rosto. Emma começou novamente, movendo os dedos para trás, por volta dos primeiros acordes e as teclas, tropeçando ligeiramente aqui ou lá. Uma coisa era tocar uma canção, e outra muito distinta fazê-lo com um formoso libertino ao seu lado.

Absolutamente distinto quando lhe acabava de beijar no jardim. Blake começou a cantar em um baixo e rico barítono. Sua voz era áspera de uma maneira atraente. Ela franziu os lábios irritada. Não havia nada em que fosse mau?

— *Amei a uma moça, e a amei tanto* — cantou Blake. Logo, voltando-se para Emma, disse: — Sabe a seguinte estrofe, não é? Canta comigo, Emma.

Realmente, não havia forma de que ela pudesse dizer que não. Tímida e brandamente, cantou a seguinte linha:

— *Odiava a todos os que falavam de sua enfermidade.* — Ele cantou a linha que seguiu: — *Mas agora ela me recompensou com meu amor.* — Seu coração, maldito fosse, pulsava com mais força ante isto. Nunca lhe tinha ocorrido imaginar tal coisa, até que lhe cantou essas palavras em uma tranquila tarde de verão. Ela tinha planejado casar-se com outro, é verdade, mas e se ficasse com o Blake, em lugar de deixá-lo como tinham combinado?

Em um tempo perfeito e em um tom perfeito, Blake cantou:

— *Quando vi meu amor na igreja, segui com meu coração cheio de dor.* — Não pôde evitar imaginá-lo. Enquanto o fazia, seu dedo tropeçou, perdendo algumas notas até que seus dedos se enredaram e a canção se deteve.

— Eu sempre gostei desta canção — disse ele em um sussurro.

— Eu também gosto muito — disse ela.

— Talvez tenhamos algo em comum, depois de tudo — comentou, e ela notou a vacilação em sua sugestão. Só era uma canção. Mas à medida que foram conhecendo-se, seria mais difícil separar-se?

— Não há nada como compartilhar os mesmos gostos pela música para uma vida de sorte matrimonial — comentou levemente. Ela tinha que manter-se distante. Aquele beijo a tinha desequilibrado, deixou-a enjoada e sem fôlego. Se não tomasse cuidado poderia apaixonar-se por ele.

— Por favor, não confunda as coisas, Blake.

— Isso soa como o prelúdio de um grave insulto — comentou com um sorriso em sua voz. Emma sorriu.

— Possivelmente nossas possibilidades de ganhar este jogo sejam maiores se interpretarmos esta canção — disse amavelmente.

— Em vez de jogar a flauta? O que opina sobre como joguei a flauta? — Disse ele, fingindo ter sido ofendido.

— Para começar, deve falar “*tocar a flauta*” — disse Emma francamente.

— Fala tão cruelmente dos meus talentos, minha querida Emily. — Apesar disso, ela riu.

— Talentos? — Respondeu Emma. E começou a rir.

— Já o verá, te mostrarei meus talentos — murmurou ele.

— Ah, sim? — Ela perguntou.

Blake baixou a cabeça, procurando outro beijo. Ela fechou os olhos, esperando a calidez de seus lábios sobre os dela. Sentiria prazer, só por um segundo, porque o ansiava. Seus lábios tocaram os dela. Outra faísca. Outro calafrio percorreu sua coluna.

Benedict. Ou era melhor isto? Uma paixão que nunca tinha imaginado. Um desejo que nunca tinha conhecido. Uma felicidade que não podia permitir-se. Depois de um momento, um momento perigosamente doce, Emma se separou do Blake. Tinha que fazê-lo, por seu próprio bem.

Sala Privada de Lady Agatha

Blake fez uma pausa em sua busca pela eternidade para visitar Agatha, com a esperança de encontrá-la sozinha. Bateu na porta de sua sala privada e entrou sem esperar resposta, tal como lhe tinha ordenado fazê-lo muitos anos atrás. Estava sentada em um sofá, entregue ao sagrado ritual do chá da tarde e examinando uma grossa pilha de correspondência carregada de intrigas e publicações periódicas.

— Minha querida tia Agatha — disse Blake, sentando-se no assento em frente a ela. — Está desfrutando dos jogos deste ano?

— Não deveria estar participando deles? — Perguntou Agatha. — E onde está sua amada prometida?

— Ela está procurando a verdade e eu vim a você em busca da eternidade — respondeu Blake. Não acrescentou que estavam tomando um descanso porque precisavam esfriar suas cabeças e permitir que seus corações e pulsos se acalmassem e voltassem ao seu ritmo habitual. Ao menos ele necessitava disso. Aquela mulher o confundia. Quando normalmente era ele quem estava acostumado a confundir os outros.

— Embora esteja encantada de que tenha pensado em mim para procurar a eternidade, devo te contar a triste realidade: Não viverei para sempre, Blake.

— Pois ninguém o diria — disse Blake com um de seus encantadores sorrisos.

— É muito engenhoso, não é? Todo o maldito tempo — respondeu, com um movimento de seus olhos e um gesto desdenhoso de sua mão adornada com joias.

— Como está, de verdade, Agatha? — Perguntou Blake, inclinando-se para frente.

— Estou cansada — confessou. — E aborrecida. Mas muito contente de que tenha vindo com essa garota.

— Chama-se Emma — disse ele. — Não Emily, embora adorou a expressão de horror em seu rosto quando a chamou assim.

— Eu gosto dela — disse a tia Agatha.

— É muito amável — disse Blake benignamente, porque sua verdadeira impressão dela era um enredo de sentimentos que não se atrevia a esclarecer.

— Não — respondeu Agatha. — Ela é franca, e muito simples para querer sair impunemente. Mas é exatamente a mulher que necessita, se alguma vez deixar de pensar em outras coisas em lugar de usar seu cérebro.

— Não posso acreditar que se refira a mim dizendo que sou pouco inteligente — respondeu Blake.

— Eu te criei, garoto — disse Agatha, com os braceletes tilintando enquanto o assinalava com o dedo. — Além disso, sou velha e já não me importa um nada o decoro.

— Pergunto-me se algum dia te importou — refletiu Blake.

— Oh, é claro que sim, houve um tempo em que me importava — respondeu Agatha, com os lábios franzidos. — Às vezes, deve jogar segundo as regras. Só assim a gente pode

as quebrar com mais efetividade. Por exemplo, aparecer em uma festa em uma casa quando não lhe convidaram.

— Perdoei-te esse esquecimento — disse Blake.

— Dito isto, estou feliz de que esteja aqui — disse bruscamente.

— Embora não tenha me convidado? — Tentou manter uma voz despreocupada. Não queria que ninguém soubesse o aborrecido que estava porque ela não o havia convidado.

— Já aprendi sua forma de proceder, Blake. A falta de convite era uma forma mais segura de que viesse correndo que se te enviasse o mesmo que a todos os outros.

— O que significa isso?

— Chegou ao mundo com sorte, dinheiro, encanto, engenho.

— Continua — disse arrastando as palavras e ela franziu o cenho.

— Todas essas coisas lhe têm feito a vida muito fácil — disse ela brandamente, embora sua voz não fosse fraca, absolutamente. — É curioso, sai vitorioso ante os desafios, entretanto, raramente enfrenta algum. Bom, ao menos nenhum que realmente importe. As apostas estúpidas e as mulheres fáceis não contam. Quero que saiba quão doce é a vitória quando luta por ela.

Queria perguntar por que agora?, mas ele não queria saber a resposta. Estava morrendo? Ela devia estar morrendo. Era inevitável, dado que a anciã já devia rondar os oitenta anos. Possivelmente inclusive noventa. Ou cem. Blake aproveitou a oportunidade para olhar pela janela. Não podia

encontrar o olhar de Agatha. Ela tinha uma forma de chegar diretamente ao ponto.

Por que lhe importava, de todos os modos, se jogava seus jogos por uma fortuna que queria ter, mas não a necessitava desesperadamente? Não da forma em que o fazia George, nem a senhorita Dawkins, nem sequer Emma. Ou só importava que ele estivesse aqui com ela no mais parecido a um lar e família que tinha experimentado? O que dizia dele que a forma mais segura de garantir sua assistência era a falta de convite? Ou que a forma mais segura de capturar suas atenções era afastá-lo? Emma.

— Ninguém me conhece como você — respondeu. Queria soar impertinente. Não conseguiu.

— Bom, isso depende de você agora, não é? — Respondeu Agatha. Blake se removeu incômodo em sua cadeira e disse: — Refletirei em outro momento. Tenho este ridículo jogo que jogar. Não acreditaria no que algumas anciãs põem em uma busca ao tesouro. *Eternidade!*

— Que lista — disse Agatha sorrindo.

— Louca, mas boa — respondeu Blake, já em pé. — Quer dar uma pista a um pobre homem? Não quero forçar demais o meu cérebro.

— Se em realidade aplicasse seu intelecto com essa lista descobriria algo em cujo ponto a eternidade se volta completamente óbvia — disse tia Agatha. Não queria chamá-lo de tolo, mas por seu tom o estava dizendo.

— Perguntarei à Emma. Ela saberá — Blake disse com confiança.

Caminhou pelo corredor pensando na faísca, no sentimento de amor à primeira vista, na beleza e na verdade, em um felizes para sempre e na eternidade. E no ponto que devia descobrir. Bom, a tia Agatha tem uma veia romântica, murmurou Blake para si mesmo, voltando atrás para retornar à sala de estar. Entrou sem chamar.

— Posso tomar emprestadas algumas de suas alianças?
— Perguntou com seu sorriso mais encantador. — Sei que deve ter ao menos meia dúzia.

— Senhor, livra-nos de seu senso de humor. Ali, no toucador — disse Agatha. — Espero que lhe dê um bom uso.

Felizes para sempre na biblioteca

Isto já não era só um jogo. Não era só uma canção ou só um beijo. Emma já não se reconhecia. Porque tinha se transformado em uma garota fácil que beijava um duque atrás de uma árvore no jardim, cantava duetos com ele na Sala de Música e, além disso, esquecia-se do homem que tinha amado durante três temporadas.

Procurou refúgio na biblioteca, uma habitação larga com janelas que davam à grama, estantes escuras que se estendiam do chão até o teto, candelabros cintilantes e lareiras rugindo em cada extremo. Instalaram-se nichos nas paredes revestidas de prateleiras, proporcionando rincões escuros e íntimos.

— O que procura aqui? — Blake disse em voz baixa. Emma se virou sobressaltada, porque não o tinha ouvido entrar.

— A felicidade eterna. Sabe em que parte estão as novelas?

— Nem ideia — respondeu Blake, apoiado em uma estante. Via-se malditamente perfeito.

Um duque em sua casa palaciana, a jogo com sua elegante indumentária. Seu cabelo um pouco despenteado. Seu leve sorriso, suficiente para fazer com que seu coração se sobressaltasse. Que irritante.

— Você não costuma ler? — Inquiriu. Ele franziu o cenho forçadamente, e ela precisava voltar para essa normalidade. Estava começando a temer que seu coração não voltasse a ser o mesmo. Em algum lugar, entre o amor à primeira vista e o som da música, as coisas tinham mudado entre eles. Os beijos eram perigosos, mas até agora não se dera conta.

— É claro que leio, Emily — replicou ele, e foi ela, agora, quem franziu o cenho. — Simplesmente prefiro viver a vida que ler sobre ela.

— O que se supõe que quer dizer com isso? — Não tinha gostado de sua resposta.

— Poderia ler sobre como brigar com espadas. Ou poderia fazê-lo de verdade — disse Blake. — Poderia ler sobre Brighton, ou poderia ir até lá. Poderia ler literatura erótica, ou poderia praticá-la.

— Ficou-me claro, Sua Graça. É fácil dizê-lo para um homem — respondeu ela. — Como mulher, receio que minhas

opções são muito mais limitadas. Tantas experiências só estão ao meu alcance nos livros.

— Realmente crê assim? — Ele respondeu, ainda apoiado na estante.

— Estou segura de que não estaria bem visto que eu brigasse com espadas.

— Se preocupa muito pelo que pensem os outros, Emma.

— É fácil de dizer para um duque. Também te importaria se fosse uma das mulheres menos agraciadas de Londres. Pode se permitir o luxo de que não lhe importem estas coisas, porque é um homem de alta posição na sociedade. Além disso, é encantador, admirado, bonito, inteligente, e....

— Crê que sou bonito? — Blake perguntou arqueando uma sobrancelha.

— Ambos sabemos que é, não é questão de gostos — ela replicou. — O importante é que quando os outros têm uma opinião favorável sobre você, tudo resulta mais fácil.

— Crê que sou encantador — disse dirigindo-se para ela com um sorriso no rosto e pavoneando-se ao caminhar.

— Entretanto, não me impressiona.

— Está dizendo que é a única mulher de Londres que não se casaria comigo? — Blake perguntou, quase em cima dela.

Emma deu um passo para trás, até que sentiu suas costas tocar a estante. Blake colocou uma mão a cada lado dela, aprisionando-a.

— Isso é exatamente o que estou dizendo — disse.

Ele era tão arrogante. Punha-a nervosa. Jogava com seus sentimentos e sua inexperiência. Conseguiu que seu coração pulsasse apressado, e a fez desejar beijos que a conduzissem a um vertiginoso prazer. Com seu escuro olhar, obteve que ela se atrevesse a sentir-se desejada.

— Entretanto, alguns afirmam que sou um professor da sedução — respondeu Blake em um sussurro, fazendo com que um calafrio percorresse todo seu corpo.

— E aqui estou eu, sem me deixar impressionar por sua sedução — respondeu Emma, sem fôlego. Maldição.

— Isso tem conserto — murmurou Blake, seguindo a borda de seu corpete com um dedo, chegando até seus seios inflamados pela excitação.

Reprimiu um suspiro, e tentou corajosamente recordar porquê era tão importante não se deixar seduzir. Benedict. A aposta. Os jogos de azar. Orgulho.

— Ninguém nos está olhando, nem George, nem Lady Bellande, absolutamente ninguém — assinalou Emma. — Não é necessário fingir.

— É melhor que não haja ninguém — disse Blake, lhe lançando um olhar que a fez arder. Sentiu faíscas e calafrios enquanto ele deixava beijos ao passar pela borda de seu corpete. Sua pele formigava pelo calor e a pressão de seus lábios sobre sua porção de pele nua.

Emma desejava dizer: me beije, nos lábios, mais abaixo. Me mostre as coisas que desconheço. Mas nenhuma dessas palavras saiu de sua boca.

— Não sou como suas outras mulheres — disse Emma. Ele riu, e ela sentiu seu fôlego na pele, como se fosse uma carícia.

— Me acredite, eu sei — murmurou Blake. — É impossível esquecer.

— E isso por quê?

Seus protestos morreram em seus lábios quando ele deslizou os dedos por seu cabelo, acariciando seu rosto entre suas grandes e fortes mãos. Ele cortou a distância entre eles, pressionando sua dura ereção contra ela. O suficiente para que ela soubesse de seu desejo, para lhe recordar que ele era maior, mais forte e que a tinha apanhada.

Obteve seu objetivo, ela estava à sua mercê. Só tinha que dizer, “*Não, deixe-me ir*”, e ele liberaria a pressão exercida sobre ela. Emma elevou os olhos para ele, incapaz de dizer qualquer coisa, mas sem querer ir-se tampouco.

— Quero você, Emma — disse olhando-a aos olhos.

Não havia ninguém perto que pudesse ver ou escutar essas palavras, nem o que chegou depois. Blake reclamou sua boca com um beijo devastador, impossível de combater. Quão único podia fazer era render-se. A calidez de suas carícias fez com que aumentasse a temperatura até que acreditou que cairia derretida. Se ninguém podia vê-los, que sentido tinha isto? O que significava?

Contra sua prudência, Emma fechou os olhos e suspirou. Agarrou com sua mão a manga de sua camisa de linho aferrando-se a ele. Benedict. Ela não deveria estar fazendo isto. Não devia esquecer seu amado. Mas era tão

difícil lembrar-se dele quando seu corpo ardia ante as carícias do experiente sedutor que tinha em frente.

Blake se inclinou mais para ela, e ela sentiu sua dura excitação pressionando contra suas coxas. Seus seios estavam aprisionados por seu musculoso peito, os mamilos eretos. Ela desejava que a tocasse, ali. Isto era a maior intimidade que jamais se teria atrevido a imaginar com um homem. E mesmo assim, não lhe parecia suficiente.

Blake amoldou seus seios com as palmas de suas mãos. Mas não era suficiente. O beijo se fez mais intenso, e ela não o evitou. Então sentiu sua risada contra seus lábios, e temeu que não fosse uma risada de felicidade ou prazer, mas sim de triunfo. Só podia pensar no que diria toda Londres: a menos provável tinha sido seduzida em uma simples tarde.

Capítulo 11

De todas as joias valiosas da arte e do patrimônio, um dos artigos mais valiosos da fortuna Grey é a Urna da Colina do Castelo. Com seu valor poderia manter o estilo de uma família de doze pessoas durante um ano.

A história exaustiva do clã Ashbrooke e suas posses

Ele fazia Emma sentir coisas que simplesmente não podia dirigir. Não eram só as sensações novas e emocionantes o que a fez ofegar de prazer. Não foi só o desejo recém despertado dentro dela que gritava pela satisfação. Era mais que a aceleração de seu pulso quando ele estava perto, ou a forma em que se sentia. Quente cada vez que seus olhos marrons a olhavam.

Recordou a si mesma sobre a aposta do Blake. Recordou a si mesma que isto era fingido.

Recordou a si mesma porque paquerava com tal perigo. Recordou a si mesma o Benedict.

Benedict não girava seu mundo ao reverso com cada encontro. Ele não estava sempre tratando de beijá-la ou seduzi-la ou arrastá-la a todo tipo de problemas. Ele era

estável e constante e o tipo de homem com o qual poderia ficar felizmente casada para sempre.

É óbvio que se sentiu como uma miserável traidora pelo desejo evidente, intenso que sentia pelo Blake. Queria seu toque. Ela queria saboreá-lo em seus lábios, passar seus dedos por seu cabelo, sentir sua excitação contra seu corpo. Sua determinação estava se debilitando.

Traidora. Fraca.

Então escapou do abraço do Blake e fugiu antes de afogar-se em arrependimentos. Abriu as portas da biblioteca e se precipitou pelo corredor. Ela correu corredor abaixo através do vestíbulo de mármore rosa, mal notando a senhorita Dawkins, que torpemente levava uma grande pintura emoldurada em ouro.

Emma chocou com Harriet Dawkins.

As damas tropeçaram. Em um esforço por acertar uma com outra e salvar a pintura, chocaram-se com o pedestal e a grande urna de porcelana encarapitada sobre ela. A relíquia da família caiu. Destroçando-se no piso de mármore rosado.

Fragmentos grandes, afiados e um milhão de pedaços minúsculos se sobressaíam fora da pilha de cinzas que a urna tinha contido. Emma sabia tudo a respeito da urna, graças à leitura da história exaustiva do clã Ashbrooke e suas posses.

Tinha sido um presente pessoal do rei. A porcelana pintada à mão representava a Colina do Castelo através das estações. O pintor tinha sido um famoso solitário que produziu só quatro peças de valor incalculável em toda sua carreira.

— Oh, não — ofegou.

— Oh, querida — sussurrou Harriet. — Sinto muito.

— Não, eu que devo me desculpar. Foi minha culpa.

— Não, foi minha. Sinto muito.

— Eu também — disse Emma.

A cara de Harriet empalideceu.

— São essas as cinzas?

— Oh, meu Deus. — Sussurrou Emma. Tinham quebrado uma relíquia familiar incalculável, perturbado os mortos e perdido a fortuna dos jogos.

— Estamos Arruinadas. — Disse Harriet. Completamente destrocada. — Suponho que devemos alertar uma criada e logo ir empacotar nossas coisas.

Harriet suspirou como se visse todos os seus sonhos e esperanças evaporarem, e incapaz de detê-los. Emma suspeitou que eram os mesmos sonhos que ela tinha para ganhar os jogos, melhoraria suas perspectivas e lhe daria uma oportunidade para o amor verdadeiro, ou ao menos uma medida de segurança contra o mundo.

Mas a rápida rendição de Harriet puxou o coração de Emma e a sua consciência. Ela não merecia perder devido a algo que era sua própria culpa, assim nada mais.

Alguns outros saíram do salão onde jogavam cartas para ver o que tinha acontecido.

— Emma! — Tanto ela como Harriet se voltaram para ver Blake correndo no vestibulo. — Oh, maldito inferno — murmurou, patinando em sua parada quando viu a destruição.

— Harold!

Ao soar o grito de Lady Agatha, os três se voltaram e levantaram seus olhares para vê-la de pé, com o Angus como apoio, na parte superior das escadas.

— Quem é Harold? — Harriet lhe perguntou em um sussurro.

— Ele era o quarto marido da Agatha — sussurrou Emma de novo. — O único que a amou. O único que ela tinha amado. Tinha havido um capítulo inteiro de seu romance na história exaustiva do clã de Ashbrooke e suas posses.

— E na atualidade é esse montão de cinzas no chão. — Disse Blake sombriamente.

Lady Agatha olhou à cena abaixo enquanto descia lentamente pelas escadas.

Emma nunca soube o que era acovardar-se pelo medo, mas tinha lido sobre ele, é claro. Mas até este momento não tinha sabido realmente o que se sentia. Isto foi tudo. Esta foi a perda de todas as suas esperanças e sonhos. Tudo por um erro tolo. Deveria haver ficado e ter beijado o patife. Que seja uma lição para ela!

— Quem fez isto? — Agatha gritava, agora de pé diante deles.

Harriet gemeu, e Emma sabia que não podia deixar que ela tomasse toda a culpa. Harriet não protestaria, porque em seu coração já se sentenciou culpada e aceitara seu destino. Ocorreu-lhe que se ela fosse mais desumana, mais como Lady Katherine Abernathy, ela declararia que Harriet em sua pressa não tinha visto para onde ia. E aquilo golpeou-a.

Harriet teria a culpa. Não era certo, mas Emma sabia que ninguém diria o contrário.

Mas, embora ela não conhecesse bem Harriet Dawkins, Emma reconheceu nela um espírito afim. Uma garota que não era perfeita, mas era perfeitamente encantadora. Uma garota que não era de tudo formosa, mas que era de fato bastante maravilhosa, de verdade. Emma sentiu que não merecia ganhar mais que Harriet, e sabia que a única maneira de que Harriet tivesse uma oportunidade era se ela a desse.

— Eu o fiz — disse apressadamente, antes que Harriet pudesse se interpor. — Eu fiz isto. Foi um acidente e sinto muito.

— Emma. — Blake murmurou, tocando seu braço. Ela só teria que lhe explicar mais tarde que seu sentido moral e decência valia mais de noventa mil libras. Ela já tinha traído sua lealdade ao homem que amava em um intento equivocado de assegurar os recursos que pensava que necessitavam. Estes desejos malvados de ganhar estavam causando todo tipo de problemas para sua consciência.

Talvez não valesse a pena.

— Boa sorte para ganhar os jogos depois desse erro, Lady Emma — Dudley comentou de onde se encontrava, perto da porta da sala de desenho. Cruzou os braços sobre o peito e zombou dela.

— Ainda está aqui, Dudley? — Agatha perguntou, aborrecida. Dudley se endireitou torpemente, inseguro de como responder ante isso. — Deve ir embora — disse Agatha com um movimento desdenhoso de suas mãos.

— Mas Lady Emma foi quem quebrou esta preciosa relíquia familiar e pisoteia as cinzas de seu amado terceiro marido — protestou Dudley.

— Quarto — corrigiu Emma. — Harold Henry Harrison. O vaso tinha sido um presente de bodas para ambos do rei.

— Mais DeBrett? — Lady Agatha perguntou.

— Na realidade, foi na história exaustiva do clã Ashbrooke e suas posses — disse Emma.

— Um pouco de conhecimento interessante para ter ao seu alcance, Lady Emma. E me alegro de ver que alguém está desfrutando do material de leitura que tinha proporcionado tão cuidadosamente a todos os meus convidados — Lady Agatha respondeu.

— Essa é a coisa, Dudley. Me interessaria ver se era capaz de redimir-se depois desta tragédia. Embora você simplesmente espera que outros fracassem e faz comentários sarcásticos tentando ser engenhoso. Que aborrecido. Seguiremos adiante.

— Lady Agatha.

Dudley fechou a boca quando viu que seria inútil tentar continuar, porque ela já havia tornado a dirigir-se a uma criada.

— O resto de vocês tomem cuidado. Não quero destruir tudo antes que alguém tenha a oportunidade de herdar.

Capítulo 12

Pode ouvir esse ruído? É o som da alta Sociedade abrindo freneticamente seus convites às inesperadas bodas entre o duque de Ashbrooke e Lady "Roliça literária" Emma Avery. Enquanto o duque e seus rivais lutam pela fortuna de Lady Grey em seus jogos anuais, a mãe da noiva começou a planejar as bodas da temporada.

Inteligente e na Moda — O semanal de Londres

A última noite dos Jogos da Fortuna

As coleções de temática romântica, da busca ao tesouro do dia foram exibidas engenhosamente nas mesas que bordeavam o salão. Para a beleza, havia rosas, espelhos e pinturas de Lady Grey que retratavam a formosa paisagem de Sussex. A coleção de mariposas de Blake e Emma em uma jarra revoava como o amor à primeira vista. As velas piscavam. Os jogos de Blake foram descartados como "*problemas mais inovadores*".

Agatha tinha examinado todos lentamente, com o Angus oferecendo seu braço como seu apoio. Em sua direção, tomou

notas naquele livro de couro vermelho que levava a todas as partes. Para surpresa de todos, ela não enviou ninguém para casa. Parecia intrigada e satisfeita com suas equipes de noventa mil libras?

— Assim como a senhorita Dawkins, o usaria para me casar. E, para falar a verdade, alguns vestidos novos — adicionou Emma, pensando nos olhares críticos que tinham recebido seus vestidos singelos e passados de moda.

— E, entretanto, comprometeu-te com o Blake, que não necessita da minha fortuna. Se te der minha fortuna, em realidade a estou dando a ele. Tecnicamente falando.

— O que acontece se não o fizesse? Quer dizer, o que aconteceria se não nos casássemos? — As palavras se desvaneceram.

— Sairia da minha tumba e te perseguiria até os limites da Terra — disse Lady Agatha. Emma riu nervosamente.

— Não estou brincando — disse Lady Agatha veementemente.

— Entendo — disse Emma com um suspiro.

— Na verdade, Emma, estarei morta e não me importará nada. Mas te darei este conselho, como alguém que esteve casada mais que umas poucas vezes: o coração quer o que o coração quer.

Sobressaltada, o olhar de Emma voou para Agatha, e notou que sua expressão era ao mesmo tempo amável, ardilosa, sábia e aguda. Emma não podia entender. Ela sabia? Foi esse seu consentimento para casar-se com o Benedict? Era isso o que ainda queria?

Pela extremidade do olho, Emma viu que Blake se aproximava. Ou melhor, ela viu que a multidão se abria, deixando um caminho espaçoso para que ele caminhasse diretamente para ela.

— Emma, querida, vim te resgatar das malvadas garras da tia Agatha — disse brandamente.

— Não necessito que me resgatem — protestou Emma.

— Que amável de sua parte deleitar este salão e a esta pobre viúva com sua encantadora presença — disse Agatha arrastando as palavras. — Nossos corações estão aflitos.

— Recentemente descobri que tesouros se encontram no rincão mais escuro, remoto e pouco atrativo do salão de baile — disse Blake, e não à sua maneira habitual e despreocupada. Não olhou à Agatha, e sim à Emma.

— Acredito que não há nada mais trágico que dois jovens amantes no primeiro rubor de seu romance passando tempo conversando com uma acompanhante olhando-os — declarou Agatha. — Vão-se os dois, dancem ao menos três valsas escandalosamente juntos, por favor, embora seja só porque podem.

— Você gostaria de dançar a valsa, querida Emma? — Blake lhe ofereceu sua mão. Emma vacilou, golpeada por um ataque de nervos. Mal tinha dançado durante suas temporadas e nunca tinha dançado com um duque. Apesar de todas as intimidades que tinha compartilhado com o Blake esse dia, ele não a tinha tido em seus braços, tinha-a levantado e a tinha feito girar pela habitação.

Nunca tinha sido a garota escolhida para dançar a valsa com o homem mais bonito do salão de baile. Imaginou que Prudence e Olivia estavam com ela, lhe sussurrando ânimo e empurrando-a pelas costas.

— Aparentemente, eu gostaria muito — respondeu, e era a verdade.

Ora, era tudo o que ela tinha sonhado que seria. Tudo o que ela, Prudence e Olivia tinham discutido e imaginado enquanto fingiam que não lhes importava. Foi só uma valsa. Só era um homem. Foi só outro baile. Exceto quando não o era.

Nos braços de Blake se sentia pequena e flutuando. Estava tão seguro em cada um de seus passos, e ela sentiu sua certeza na forma em que ele a puxou pela mão e a fez girar ao redor do salão de baile. Ela o inalou. Saboreou a cálida pressão de sua palma, escandalosamente baixa sobre suas costas. Por mais perigoso que fosse, ela começou a render-se e confiar nele.

E se ela realmente pudesse confiar nele?

Se tivessem que casar-se, o que era ridículo, porque ele não tinha perguntado e ela nunca poderia confiar em um libertino tão famoso como ele, para que retornar para casa com ela e só com ela. Não, claro que não. A razão pela qual ele sabia dançar tão perfeitamente e seduzi-la tão experientemente não era só por toda a prática que tinha tido, mas sim porque era o que ele fazia. Não valia a pena sequer considerá-lo.

— Não ganharemos — disse Emma, rompendo o silêncio. Um aviso de que ela não deveria ser arrastada por esse momento fugaz e definitivamente estava concentrada.

— Por que diz isso? — Blake perguntou em voz baixa.

— Lady Agatha assinalou uma legalidade que eu não tinha levado em conta. O que é meu se converte em teu. E ela despreza seus jogos, seu motor de diferenças, seu desejo de mudar toda a ordem mundial. Não vamos ganhar.

— Sinto-o — disse finalmente. Genuinamente.

— Estamos aqui dançando a valsa e fingindo estar apaixonados quando já não tem sentido este ardil — refletiu Emma, captando a tristeza em sua voz, como se quisesse que este jogo durasse mais tempo, apesar de ter gasto grande parte deste estabilizando seus nervos até que o mundo voltou para a normalidade.

— Não diga isso, Emma. Não podemos simplesmente desfrutar disto pelo que é? Uma noite perfeita de verão, música, uma formosa mulher em meus braços, embora seja uma bailarina deplorável que segue me pisando os pés.

— Bom, não tenho muita prática — protestou. — E não posso imaginar que lhe doa muito que te pise nas botas.

— Emma — disse, sua voz urgente quando a aproximou mais. Abaixando a cabeça para murmurar em seu ouvido, e perguntou: — O que preciso fazer para que realmente se renda?

— Não sei — sussurrou. Seu coração pulsava freneticamente, golpe a golpe, Benedict, Benedict. Mas seu

olhar se viu atraído pelo Blake. Todo seu ser estava em sintonia com Blake.

— Parece que não lhe importam as adulações, embora você goste quando te beijo.

Ela se ruborizou e olhou para outro lado. Viu Agatha olhando-os. Agatha dizia a verdade.

— Não posso acreditar em você, Blake. Suspeito que todos os seus afetos românticos são parte de um ardil. Quanto aos seus elogios, se meus olhos fossem tão bonitos, se eu não fosse tão simples, não cre que alguém mais teria se dado conta? Ninguém o fez. Sou uma encalhada desde a primeira temporada.

— Foi — corrigiu. — Depois disto ficará muito solicitada. Os homens elogiarão seus olhos, seu sorriso torcido e a forma adorável em que arruína seu nariz quando bebe xerez. Se darão conta porque vi a luz em você — disse, e ela abriu a boca para protestar por sua vaidade. Embora tivesse que admitir que havia um pouco de verdade em suas palavras. Logo continuou, sem fôlego: — Mas lhe elogiariam porque é verdade.

Ele a viu. Realmente a viu.

Blake viu além dos apelidos horríveis ou sua reputação. Viu a verdadeira garota que vivia, respirava e amava. A garota que não era perfeita, e ele dançava a valsa com ela de todos os modos.

Ele acreditava nela. A pergunta era se ela poderia acreditar em si mesma. Como se Blake tivesse levantado o

vêu sobre seus olhos, Emma se atreveu a considerar tudo sob uma nova luz.

Acaso ela tinha prestado muita atenção ao que se dizia dela e tinha começado a acreditar que não era extraordinária nem especial?

Mesmo considerando que era uma reversão tão dramática de tudo o que tinha pensado e sentido alguma vez, Emma não acreditava poder processar de tudo.

Certamente não enquanto Blake a abraçava mais perto do que era apropriado e deslizava a mão mais abaixo do que deveria.

Era uma loucura pôr seu coração e esperanças nas mãos de um famoso mulherengo? Provavelmente.

Apesar de todos os pensamentos e sentimentos que se mesclavam em seu interior, não era capaz de dizer nada coerente, assim disse:

— Estou sem palavras.

— Bom. Tinha medo de ter perdido meu bom trabalho com as damas — disse Blake com seu infame sorriso que derretia o coração. Era o *Efeito Ashbrooke* em todo seu esplendor, desde seu sorriso encantador até seu toque sedutor e seu aroma masculino, que inalava profundamente, só para desejar mais. Ela não era imune. Não.

Mas ela era Emma, uma encalhada, a única mulher que não tinha saltado diretamente à sua cama, portanto, era a que tentava conseguir. Ela não estava pronta para render-se por completo e arriscar-se a perder. Ela não ia ser mais uma

de suas mulheres. Tampouco estava disposta a deixá-lo ganhar sua própria aposta.

— Que íntimo. Que romântico — disse ela. — Sou só outra de suas damas, a que quer seduzir e descartar. Ser uma das muitas moscas na cabeceira de sua cama ou um troféu em sua parede. Que grande honra. Não posso descrever o especial que me sinto.

— Ouviu-me na estalagem — disse claramente.

— Sim, fiz. Mas inclusive se não o tivesse feito, não me teria apaixonado, apesar de seus esforços de sedução — disse Emma. Ele gostava muito dela, certamente. Mas não acreditava que ele os visse de maneira duradoura. Mas pensava que seu sorriso torcido era encantador. Ele adorava algo pelo qual sempre tinha sido objeto de zombaria.

— É por seu amante? — Perguntou Blake com uma voz interrogante que lhe levantou o rosto.

— É porque é você. E eu. E isto não é mais que um ardil e ambos sabemos, — disse — Embora ficou mais difícil determinar onde terminou o jogo e onde começou a verdade.

— Não se deve fazer nada pela metade, não está de acordo? — Não lhe deu a oportunidade de responder antes de continuar. — Portanto, deveríamos interpretar nossas partes nesta louca farsa por completo. Deveríamos nos inundar totalmente nos papéis do amado e apaixonado prometido.

Esse sorriso outra vez. Seu coração traidor

— Por quê?

— Por que não?

— Essa não é uma resposta — ela respondeu. Mas e se o disse a sério?

Tinha plantado em sua cabeça de que talvez, só talvez, ela não fosse uma desafortunada solteirona, mas sim uma garota adorável. E se isso fosse verdade?

— Muito bem, Emma. Darei uma resposta completa e honesta. Ao princípio me intrigou simplesmente porque você e só você rechaçou meus avanços. Zombou de mim, desafiou-me e me mostrou o prazer da expectativa. Mas logo te tentei, enrolei e provei, Emma. Teve um sabor doce, porque foi você e o prazer era ainda maior porque ganhei seu beijo. Te senti depois de horas, imaginando um toque do proibido. E agora te desejo porque te provei e toquei e só quero mais. Não farei nenhuma promessa, e você tampouco, não quero saber que seu coração pertence ao seu amante. Então aqui há outra proposta para você, um beijo. Só pelo prazer de fazê-lo.

Blake levou Emma pela mão para fora do salão, para o jardim e o quente ar da noite de verão. Ela pensou em cada palavra que lhe havia dito esta noite. Tinha se aberto para ela. A máscara tinha sido levantada. Ele a queria. Mais que tudo, desejava ver a si mesma da maneira que ele a via.

Ela não era só outra conquista. Este não era só outro beijo.

Seu coração pulsava com força, acelerado, como se fosse um colegial que estava a ponto de estar com uma mulher pela primeira vez. Seria só um beijo. Nem sequer seu primeiro beijo.

Um último beijo? Afastou esse pensamento e focou só na pequena mão da Emma na sua. A luz da lua era perfeita, o jardim estava deserto. Conduziu-a a um lugar onde teriam intimidade, a pequena clareira ao redor do lago onde a tinha beijado depois de caminhar das ruínas.

— Um beijo — sussurrou Emma, sua voz quase se perdeu com o suave ruído dos galhos das árvores. — Só um.

— Um beijo — prometeu, lhe embalando o rosto entre suas mãos. Lentamente passou o polegar por seus lábios. Ali. Ele a beijaria ali. Era uma promessa que certamente quebraria antes que a noite terminasse. Esperava que ela o perdoasse.

Blake baixou sua boca à dela, fechando a distância entre eles. Seu coração pulsou com força ao sentir seus suaves lábios. Embora ele quisesse afundar suas mãos em seu cabelo, puxá-la para ele e beijá-la ferozmente, manteve o beijo leve e suave. Um beijo. Se isso era tudo o que tinham, não pensava assustá-la.

Cautelosamente, Emma deslizou os braços ao redor dele, aproximando seus corpos. Uma vez mais a subestimou. Uma vez mais ela o surpreendeu. Parecia que tinham uma só mente: um beijo seria melhor que outra coisa.

Com sua língua riscou a costura de seus lábios, e ela os separou, deixando-o entrar e deixando-o prová-la. Ele capturou um suspiro e um gemido. Embora uma tentativa ao princípio, ela se atreveu a prová-lo também. As nobres intenções de ser amável começaram a retroceder. Emma, doce

e enlouquecedora Emma, negou-se, o rejeitou e isso só fazia com que a desejasse mais.

Queria ajoelhar-se e arrastá-la para baixo com ele. Ela se tinha feito proibida, intocável e impossível de possuir. Ele nunca pôde resistir a um desafio. Mas o que ele pensou que seria uma espécie de vitória, em realidade era um aviso delicioso e tortuoso de que um beijo não era tudo. Havia a questão de seu coração. E cada centímetro dele que queria, simplesmente, tê-la.

A noite era ruidosa por um coro de grilos e a embriagadora pressa de sua respiração, voltando-se frenética agora, quando este beijo tomou um giro luxurioso. Havia algo simplesmente devastador e sublime em saber que, apesar de todas as suas diferenças, sentia a mesma urgência, a mesma pressão que ameaçava explodir, a mesma necessidade desesperada por mais. Agora.

Foi duro, muito duro. Com uma mão, ele a agarrou pelo traseiro, pressionando-a contra sua excitação para que ela soubesse como o afetava. Emma não era só uma simples encalhada. Ela era a única mulher que o desafiou, zombou dele e o seduziu.

Ela era quão única ocupava seus pensamentos. Era a única cuja mais leve carícia, sorriso ou sugestão o tinha desesperado por mais.

Senti-la, inclusive através de todo esse maldito tecido, era uma tortura. A forma em que ela se moveu contra ele o fez querer grunhir, apertar seu punho ao redor de seu cabelo, puxá-la ao chão e enterrar-se profundamente dentro dela.

Ele a beijou com força. Devolveu-lhe o beijo. Sua língua enredando-se com a sua. Ambos respiravam freneticamente. Ele não podia respirar. Seu coração pulsava com força.

Não podia saboreá-la nem tocá-la o suficiente. Este beijo, eles não se deteriam com este beijo. Não havia suficiente tempo no mundo para este beijo. Tomaria toda uma vida.

Blake se afastou e deu um passo para trás para pôr um pouco de distância entre seu desejo e Emma, e para esfriar os pensamentos insanos de seu cérebro superaquecido. *Toda uma vida.*

Ele, que frequentemente nem sequer ficava para ver o amanhecer com uma mulher, queria ver todos os amanheceres de sua vida com uma mulher. O que supôs a pergunta, por que não a ter aqui e agora e logo casar-se com ela? Eram muitas perguntas para um só beijo. Estava lutando por respirar.

Seus olhos eram grandes e escuros. Inclusive à luz da lua pôde ver que suas bochechas estavam avermelhadas. Sua boca era um beicinho vermelho e gordinho; a boca de uma mulher que tinha sido bem beijada. Assim, ela era uma beleza deslumbrante.

Queria contemplá-la assim durante horas e dias. Ele não queria que ninguém mais a visse.

— Preciso me refrescar — disse. Ela assentiu. — Espera aqui, mas dê a volta.

— O que está fazendo?

— Me detendo em só um beijo — disse, olhando por cima de seu ombro para ela, só para ver que ela o estava olhando

por cima do ombro. Tirou as botas e os calções, logo tirou a camisa e a deixou cair descuidadamente ao chão.

E logo, depois de um momento de silêncio: — Necessito de ajuda com meu vestido — disse em voz baixa.

Devolveu-lhe o olhar às costas e olhou os botões na parte posterior de seu vestido da mesma forma em que um ladrão poderia considerar uma fechadura que protege riquezas incalculáveis.

— Estou tentando cumprir minha promessa — disse. — Você não está fazendo fácil.

— Quer que eu vá?

— Não — disse bruscamente. — Não.

Rapidamente lhe desabotoou os botões do vestido e lhe desabotoou o espartilho enquanto se ordenava para completar equações matemática em sua cabeça:

$237 + 189$ equivale ao oh, Deus, sua pele era tão suave

$17 \times 12 =$ ela é tão formosa

$47 + 99 - 32$ somados = nunca desejei tanto uma mulher.

Se alguém lhe houvesse dito que estaria nu à luz da lua, ofegando de luxúria, riria em sua cara. Mas ele não estava rindo agora.

— A camisa pode ficar — disse, embora logo descobriu que mal proporcionava alguma cobertura, especialmente uma vez que o seguiu ao lago. Ele mergulhou, contente de ter água fria contra sua pele quente.

Emma ofegou com cada passo enquanto a água fria lambia seus tornozelos, logo seus joelhos, e logo o lugar

secreto que queria beijar. Lentamente entrou mais e esteve quase completamente submersa antes de perder-se por completo.

Blake se jogou sobre ela pensando que escorregara ou se colocara em águas mais profundas. Ele supôs que ela não soubesse nadar. Seu coração se deteve e seu peito se apertou no frenético momento antes que ela o surpreendesse saltando por cima da superfície da água, salpicando-o alegremente e rindo à luz da lua.

— Eu adorava nadar no lago da nossa casa de campo — explicou. — Mas mamãe não o permitiu quando chegou o momento de me converter em uma dama.

— Quando foi isso?

— Só tinha dez anos. Em lugar de jogos, memorizei Debrett e aprendi a pensar em minhas maneiras — disse Emma

— Isso soa horrível — disse. Mas tinha sido o mesmo com ele: em algum momento as brincadeiras e as aventuras imprudentes se viram obrigados a ficar de lado e as lições de matemática, latim, botânica, filosofia eram o que tinha. Todo o selvagem e temerário se ajustava a uma fórmula.

— A recompensa é ser uma dama — disse com um sorriso. — Devo ser uma dama para me casar bem.

— Que espantoso — disse, mas Emma parecia estar perdida em seus próprios pensamentos. Como se a água fresca realmente a despertasse, como se essa louca aventura de meia-noite lhe tivesse aberto os olhos. Ele olhou e escutou enquanto ocorria esta transformação.

— Sabia, Blake, que seguir as regras está muito superestimado?

— Sim — disse, sem estar seguro se estava de acordo com o que ela disse ou com o plano malvado que obviamente estava considerando. Havia um brilho inconfundivelmente travesso em seus olhos.

Para sua surpresa, ela nadou para ele, envolveu seus braços ao redor dele e pressionou seus lábios contra os seus. Não houve volta atrás depois disso.

Ela deve ter ficado louca, completamente louca.

Emma tinha aceitado só um beijo, sem dar-se conta de que não podia existir tal coisa. Não quando um beijo acalmou sua mente, por isso o único que fez foi sentir um prazer tão intenso que era quase insuportável.

Quando Blake deu um passo atrás, tomou um momento para recuperar o fôlego. Mas sentia seu espartilho muito apertado. A seda de seu vestido se esticava contra seu corpete. Quando ele começou a tirar a roupa, ela pensou: “*Eu também*”. Ela queria sentir-se livre. Queria refrescar sua pele quente. Queria ter o prazer neste encontro de meia-noite apaixonado e perverso, pois amanhã os jogos teriam terminado e quem conheceria seu destino depois disso? Esta poderia ser sua única oportunidade.

Enquanto estavam nos jogos, ela jogaria. Quando a manhã chegasse, ela voltaria para a vida como a menos provável de Londres para comportar-se mal. Mas esta noite se entregaria ao insondável: que ela era a mulher que cativava um homem como Ashbrooke.

Esta noite era ainda mais bonito, incrivelmente. As maçãs de seu rosto pareciam mais altas e, à luz da lua, seus olhos pareciam mais escuros. Seu olhar pousou em sua boca firme e sensual.

Talvez fosse a loucura de seu entorno ou o champanha que tinha bebido antes. Possivelmente seus beijos tinham alterado permanentemente seu cérebro, mas algo simplesmente fez clique nela. Seguir as regras não a tinha levado a nenhuma parte. Atrever-se rompe-las a tinha levado a segui-lo ao lago e até este momento. Ela não queria que terminasse. Então ela o beijou de novo.

Beijou-a no ombro, no cabelo molhado deslizou para trás de seu rosto, envolveu-a com seus braços e puxou-a até que se ruborizou contra seu duro peito. Seus mamilos se endureceram, voltando-se estranhamente sensíveis e conscientes do fino e úmido tecido de sua camisa e, ainda melhor, a pele cálida do Blake contra a sua.

— Envolve suas pernas ao redor da minha cintura — disse bruscamente. Ela o fez, oh, fez. Ela o sentiu, quente, duro e palpitante no lugar sensível entre suas pernas.

O tempo passou. Ela suspirou. Ele gemeu. Ela enredou seus dedos em seu cabelo molhado e ele apertou seu traseiro com suas fortes mãos. Seu beijo tinha passado de ser perfeito a perfeitamente perverso. Deveria sentir frio, mas havia um calor que começava em seu ventre, fumegando cada vez mais e estendendo-se por todas as suas extremidades.

Vagamente deu-se conta de que Blake a levava para a borda e a estendia sobre sua jaqueta, que tinha sido jogado

sobre o chão coberto de musgo. Uma brisa fresca roçou sua pele justo quando sua ardente boca se fechou ao redor de seu mamilo, tirando um agudo ofego de seus lábios. Ele brincou com ela, lambendo em círculos ao redor dos centros escuros até que eram picos duros.

Lentamente, oh, tão lentamente, beijou seu caminho para baixo, sobre seu ventre. Ela se retorceu um pouco, nervosa e de repente se deu conta das gramas e dos gravetos debaixo da jaqueta, a hora tardia e a loucura que estava fazendo.

O que estava fazendo? Era Ashbrooke, ela racionalizou; ele deve saber o que estava fazendo. Suas mãos se fecharam ao redor de suas coxas, incentivando-a a abrir-se para ele. Sua pele se sentia abrasadora, era mortificação ou antecipação? E logo a beijou no lugar sensível entre suas pernas, provocando-a com lentos círculos preguiçosos de sua língua.

Emma gemeu pelo calor e as estranhas, novas e formosas sensações. Ela gemeu e suspirou porque uma pressão lenta, mas segura estava se acumulando dentro dela. Seus quadris se sacudiram quando ele deslizou um dedo dentro dela. Ela se surpreendeu pelo prazer disso. Dentro e fora, acariciou-a com decisão, mas com cuidado. Só um pequeno toque a estava fazendo perder o controle. Respirar foi difícil. Ela não podia focar-se.

Sua pele estava febril.

Sentiu um pouco de pânico e, embora vagamente tranquilizada, que de todos os homens do mundo, o infame

duque de Ashbrooke a agradaria. De verdade?

— Blake — ela ofegou. — Não posso respirar. — Ele não se deteve.

— Estou enjoada — ofegou. Verdadeiramente, ela sentiu que desmaiaria. O mundo girava e seus joelhos estavam débeis, embora estivesse de barriga para cima, o que era absolutamente absurdo, mas completamente certo. O *Efeito Ashbrooke*, pensou ela apenas, antes que seu toque se tornasse mais perverso e ela deixasse de sentir-se ela mesma. Enlouquecida, gritou seu nome. Tomou profundas baforadas de ar e se perguntou que explosão mágica acabava de acontecer.

Blake cobriu seu corpo com o seu para mantê-la quente. Meigamente, ele apartou uma mecha de seu cabelo. Olhou-a, fazendo-a sentir-se realmente formosa pela primeira vez em sua vida. Recordaria isto para sempre.

Ociosamente, ela acariciou suas costas com as gemas dos dedos, riscando-os ao longo da suave extensão de sua pele. Ela sentiu seus músculos esticar-se e flexionar-se sob seu toque. Sentiu sua excitação apertar-se contra a veia em suas coxas.

— Emma. Quero você — sua voz era um sussurro áspero. Ela também o queria, mas não pôde pronunciar as palavras. Brandamente guiou sua mão para sua excitação. Fazia calor. Sua mão se fechou ao redor da dela, mostrando-lhe como acariciá-lo, acima e abaixo ao longo de seu eixo.

Emma viu que seus olhos se obscureciam, logo se fechavam. Seus lábios se separaram, um gemido escapando.

Ela agora reconheceu o que devia estar sentindo: o mesmo calor, a mesma tensão. Agradava-lhe tremendamente lhe dar tanto prazer. Especialmente dado que ela era só uma encalhada e ele certamente devia ter conhecido mulheres com mais experiência. Todos seus suspiros, todos seus gemidos, encorajaram-na.

Só um beijo.

Emma mordeu o lábio, pensando no malvado pensamento que acabava de lhe ocorrer. Beijá-lo ali, como tinha feito a ela. Poderia? Deveria? Esta noite decidiu que se atreveria. Então ficou em posição e o tomou em sua boca.

— Oh, Deus, Emma — gemeu. Ela tomou mais dele, deleitando-se com seus agudos ofegos. Ela abraçou ao resto com a palma da mão, movendo-se acima e abaixo ao ritmo da boca. Ele murmurou seu nome. Sua respiração se voltou superficial e rápida, e logo se afastou rapidamente dela com um grito quando chegou ao seu clímax.

— Só um beijo — murmurou, aproximando-a do seu peito.

— Só um beijo — repetiu, aconchegando-se em seu abraço quente.

Capítulo 13

— Deveria contar a Emma as notícias sobre o Benedict — disse Prudence.

— Oh, você deveria dizê-lo — disse Olivia.

— Não, você deveria fazê-lo — respondeu Prudence.

— Não, você — respondeu Olivia e assim sucessivamente.

Os Jogos da Fortuna tinham terminado. Tudo o que ficou foi um adeus.

Os outros partiram imediatamente depois do café da manhã, e sua partida foi marcada pela explosão de canhões no jardim dianteiro. Blake se atrasou; não pôde dizer adeus, e não pôde dizer por quê. Tinha algo a ver com a loucura que aconteceu ontem à noite, e o que esperava à sua volta para Londres.

Blake uniu seu braço a Emma e juntos observaram enquanto Agatha subia lentamente as escadas. Seu advogado, Eastwick, seguiu-a, com outro homem ao seu lado. Blake esperava que fosse rápido. Poderia viver sem a fortuna. Não estava seguro de poder viver sem a Agatha, uma de suas pessoas favoritas no mundo.

Agatha e seus homens se detiveram por um momento.

Blake sentiu apertar-se seu peito, como se o punho de um pugilista pegasse seu coração e o apertasse com força. Tinha que lhe dizer. Bom, ele não sabia o que lhe dizer. Sua mente ficou em branco. Qualquer palavra morreu em sua garganta antes que pudesse lhes dar voz. Mas sabia que estava incompleto e que o lamentaria para sempre.

Agatha estava no topo. Atravessou correndo o vestíbulo. Puxou a frágil anciã para seus braços.

— Nada foi em vão, sempre estará presente em mim. — Disse, dando um passo para trás

— Estou desfeita por seu sentimentalismo — disse secamente. É óbvio, queria dizer *“Obrigada e nunca esquecerei”*. Ele sabia porque a conhecia.

Além disso, viu o escorregadio brilho de lágrimas em seus olhos.

Blake deu um golpe no teto da carruagem indicando que era hora de ir-se. A carruagem cobrou vida e rodou pelo caminho, longe de sua única família, Agatha, que estava provavelmente morrendo. Tinha sido sua casa, e logo pertenceria a outra pessoa. Se não podia ficar para sempre, então queria ir-se imediatamente.

Emma se sentou em frente a ele vestida com um vestido verde de viagem. Embora seus olhos estivessem cheios de perguntas, guardou silêncio. Ou isso pensou.

— Está tudo bem? — Perguntou em voz baixa.

— É claro — respondeu, olhando pela janela.

— Sobrevivemos aos Jogos da Fortuna — comentou.

— Sobreviver é uma forma de dizê-lo — disse. Mas ele não parecia como se o tivesse feito.

Olhou à Emma. Uma garota literária na prateleira, a encalhada na água à luz da lua. Foi um prazer maior do que jamais tinha experimentado. Mas não poderia estar apaixonado por ela. Nem ela por ele, como diria a própria dama. Entretanto, pensar nela com outro homem lhe dava náusea.

— Lady Agatha não anunciou um ganhador. Quando crê que poderemos sabê-lo? — Perguntou Emma, misericordiosamente interrompendo seus pensamentos.

Sabia que poderia rejeitá-lo quando quisesse? Por que isso causou outra pontada aguda na região de seu coração?

— Ela já tomou uma decisão — disse Blake. Demônios, Agatha provavelmente sabia desde a primeira noite. — Só vamos esperar que possam escrever tão rápido quanto ela dita. E o serviço postal, é claro. Ela envia a mesma carta a todos os que participaram. Então começam as intrigas.

— Esperemos que o diga antes das bodas — disse Emma. As bodas.

Não lhe tinha ocorrido que a data das bodas chegaria antes do pronunciamento da Agatha. Tinha escutado rumores vagos pela cidade a respeito de que a mãe da Emma planejava as bodas da temporada, mas os descartou como algo pelo qual não devia preocupar-se e deixou de pensar.

Depois de tudo, não tinha umas verdadeiras bodas por um compromisso falso.

Mas e se a data das bodas se aproximasse antes que Agatha fizesse conhecer sua eleição?

O que aconteceria se fizessem algo drástico e irreparável, como casar-se, ou abandonar um ao outro?

Blake olhou pela janela procurando uma distração na interminável extensão de campos.

— Crê que vamos ganhar? — Perguntou Emma.

— Não tenho nem ideia. É impossível anteciper o funcionamento interno do cérebro da tia Agatha. Ainda não pude determinar a fórmula com a qual calcula o ganhador, já que ela renuncia a qualquer tipo de lógica ou racionalidade que outra pessoa possa reconhecer — respondeu Blake.

— Fala tão duramente dela. Ainda não estou acostumada.

— Assim é como somos. Porque se mostrarmos um momento de suavidade, tudo se perderá — disse

— O que quer dizer com isso?

Blake suspirou e olhou ansiosamente pela janela. Ele previa horas de evitar as sinceras e devastadoras perguntas de Emma, já tinha se aberto muito. Mas não podia evitar aqueles olhos azuis, então lhe disse.

— À idade de oito anos fiquei órfão — explicou, soando aborrecido até para seus próprios ouvidos. — Confio em que tenha lido o Capítulo Dez naquele aborrecido livro de história sobre os Ashbrookes.

— Fiz.

Seus pais morreram em um acidente devido a um erro de cálculo estúpido. Um maldito arquiteto tolo confiou em

cálculos defeituosos de seu livro de cálculos. Tinha havido muito peso e todo o maldito teto caiu. Exatamente o tipo de coisas que seu motor de diferença evitaria. Não podia arrumar o teto, mas podia assegurar-se de que nunca mais voltasse a acontecer. Enquanto isso, manteria todos à distância para não experimentar aquela devastadora perda novamente. Obviamente.

Um olhar aos olhos azuis de Emma e ele soube que tinha lido as entrelinhas do Capítulo Dez e construiu a verdade. Não havia necessidade de explicar mais, por isso estava agradecido

— Depois disso, fiquei com uma série de tias nervosas e sufocantes, primos e outros parentes muito emotivos. Logo fui viver com a Agatha — disse, sorrindo fracamente ao recordar seu primeiro encontro. — Acabava de perder o seu quarto marido, Harold, que realmente amava. Poderíamos nos haver afundado, os dois.

— Mas em lugar disso continuaram como se tudo estivesse bem — Emma disse. — Quando meu irmão morreu, meus pais tentaram fingir que nunca aconteceu. Mas sua presença ainda se sente. Pode ser que eu não tivesse que me casar por dinheiro se ele ainda estivesse aqui.

Blake guardou essa informação, descobrindo que Emma tinha mais sentido agora. Os jogos por seu amante, mas havia algo mais. Dinheiro, ela necessitava de dinheiro. Mas ela queria amor.

— Nós sempre nos perguntamos o que poderia ter sido — disse Blake, e sorriu tão docemente como se ele tivesse

entendido e dito o correto.

— Você se aborrece de que aconteça os Jogos da Fortuna em lugar de dá-la a você, seu favorito?

— A fortuna é dela e pode fazer o que quiser com ela. Possuí-lo faria a vida mais fácil? Sim. Mas também o faria uma reputação mais respeitável — disse encolhendo os ombros. Ele via isso agora. Se ele possuísse o dinheiro, ele mesmo poderia construir seu maldito motor. Se possuísse uma boa reputação, poderia solicitar investidores. De qualquer maneira, ele necessitava de Emma.

Isso se somava à necessidade crua e instintiva de seu sabor, a sensação de sentir suas mãos suaves sobre seu peito e o som de seus suaves gemidos em seu ouvido. Aquele beijo o tinha destruído. Nunca tinha necessitado tanto uma mulher, e a perspectiva o aterrorizava.

Porque se a necessitava e a ansiava, seria impossível manter a distância com a qual dirigia todos os seus assuntos. Mas, de novo, Emma nunca teria sido só outra aventura.

O que lhe fez? Muitas perguntas que não conseguia responder.

Além disso, a resposta não importava. Tinha o seu amante, a quem amava tanto que estava disposta a embarcar-se em um matrimônio fingido para extorquir a fortuna de uma velha dama. Ou as coisas também tinham mudado para ela?

— O que acontecerá quando voltarmos para a cidade, Blake?

— Irá para sua casa. Retornarei à minha. Provavelmente me banharei, e logo tomarei um uísque — disse, embora

soubesse que ela não estava perguntando sobre a logística, e sim sobre o destino, seu futuro, o conteúdo de seu coração e seus pensamentos e sentimentos mais íntimos. Ele não tinha uma resposta para ela.

— Não, parvo — disse com uma delicada curva em seus lábios. — Conosco. O que acontecerá se nenhum de nós ganhar? O que acontecerá se um de nós ganhar?

— Me prepararei para parecer desolado e inconsolável enquanto me ignora e sai correndo com aquele, seja qual for o nome — disse Blake, repetindo seu plano. Se se apegarem ao plano então não precisaria examinar seu coração e seus sentimentos. Não necessitava descumprir cada promessa que alguma vez fez a si mesmo. Tudo só por um beijo. Ridículo. — Presumivelmente seu amante te esperará. Explicou esta farsa a ele? — Do outro lado dele na carruagem, Emma empalideceu.

— É óbvio que me esperará — sussurrou.

— Não o disse? — Blake levantou uma sobrancelha.

— Não consegui — sussurrou. — Não consegui escapar para vê-lo e não me atrevi a pô-lo por escrito. — Blake observou como seus dedos agarravam e soltavam ansiosamente o tecido de suas saias.

— Estou seguro de que te esperará. Quanto tempo estive te cortejando?

— Três temporadas — Sem propor-lhe. Havia uma pontada de amargura em sua voz.

— Então é muito pouco provável que, em um dado momento, o tenha proposto a outra mulher — disse Blake

para consolá-la. Parecia tão angustiada que se perguntou se deveriam deter a carruagem se por acaso ela adoecesse.

— Ele me esperará. — Ele terá visto através de tudo isto.

Capítulo 14

O convite mais cobiçado desta temporada é o convite às bodas do Duque de Ashbrooke e Lady Emma Avery. O grande evento está a só uns dias de distância.

"Matrimônio na alta sociedade". Miss Harlow, O semanal de Londres

Chegou a um lar que Emma mal reconheceu. Até o último centímetro estava coberto de sedas, cetins, envolto em rendas e coberto com todo tipo de adornos de bodas. Os serventes corriam por ali com cilindros de fitas e amostras de arranjos de flores. Enquanto Emma estava nos Jogos da Fortuna, em sua casa se dedicaram aos planos para suas próximas bodas. A que ainda era provável.

Não foi explicitamente cancelada. De fato, inteirou-se rapidamente que a data se estabeleceu para o sábado, dentro de uns dias. Além disso, enviaram-se convites e se prepararam esboços para seu vestido. Sua primeira prova foi programada para a manhã seguinte. No que respeitava à sua mãe, as bodas estavam acontecendo. Emma não tinha coração para dizer o contrário.

Além disso, ela tinha uma *"preocupação mais premente e privada"*. Benedict tinha-a esperado? Apesar das palavras tranquilizadoras do Blake, preocupava-a que Benedict se comprometera com outra. O que era uma loucura!

Exceto que seu amor pelo Benedict agora estava frio pela confusão de seus sentimentos pelo Blake. Só tinham estado separados umas horas, mas ela estava faminta por ter sua presença. Sentia falta dos comentários engenhosos que teria feito sobre os preparativos das bodas, e sentia saudades do olhar cúmplice que teriam intercambiado, porque compartilhavam um segredo.

Entretanto, e as suas próprias intenções ou sentimentos? Lhe havia dito aquelas coisas devastadoramente românticas.

Aquilo não foi só um beijo que tinham compartilhado sob a luz da lua. Era erótico, íntimo e intensamente maravilhoso. Inclusive ele não podia ter experiências assim todas as noites. Suas cuidadosas conversações na carruagem sobre o que aconteceria agora tinham uma só conclusão: tudo dependia do resultado dos Jogos da Fortuna, que podiam anunciar-se a qualquer momento. Seria uma tolice romper o compromisso muito cedo, mas isso não significava que se casariam.

Toda esta situação estava deixando Emma louca. Ela tinha a intenção de tomar uma garrafa de xerez, enrugou o nariz enquanto o considerava.

— O que pensa da lista de convidados, querida? — Perguntou sua mãe, preocupada com um arranjo de peônias e

rosas. Emma respirou profundamente e repassou a lista. O nome do Benedict não estava nela.

— Lorde Stanton? — Perguntou Emma. — Apresentaram-me a ele ao menos quatro vezes. Ele nunca recorda quem sou.

— Agora ele o fará, querida. — Emma seguiu lendo a lista.

— E lady Abernathy? — Gritou. — Sabe que ela é minha inimiga.

— Pensei que você gostaria de fazê-la sofrer exibindo o seu superior e bonito marido — respondeu sua mãe, movendo-se com um cilindro de cetim, um cilindro de tule e uma lista de dezessete páginas de coisas por fazer para as bodas. — Ela não pode rechaçar o convite, e seria vergonhoso se fosse embora durante a cerimônia, portanto, ela assistirá e sorrirá embora esteja furiosa por dentro.

— Excelente ponto, mãe. Obrigada.

— Só o melhor para minha filha, a duquesa — disse alegremente cantarolando. Em geral, sua mãe a chateava. Mas de vez em quando fazia o correto.

— Oh, havia algo que queria te dizer Emma, intrigas da cidade, oh, bom. Estou segura de que o recordarei ao seu devido tempo. Falando do tempo, oh, meu Deus! — Exclamou sua mãe, calando-se ao notar a hora.

— Devemos começar a nos preparar para o baile desta noite.

— É uma em ponto — assinalou Emma. — A festa será dentro de oito horas.

Em realidade, Emma tinha a esperança de escrever uma nota ao Benedict, talvez inclusive organizar uma caminhada pelo parque, onde poderia lhe explicar tudo. Em privado. Ela não se atreveu a pôr essa informação incriminadora por escrito. Ela já tinha aprendido a lição sobre isso.

— Tem razão, querida. Deveríamos tomar o chá primeiro, para a ocasião. Madame Auteuil vem com um vestido novo para você, sabe quanto tempo demora seu cabelo em enrolar-se, e deve aparecer absolutamente perfeita esta noite, todos a observarão.

— Estou comprometida. Não posso não ir? — Emma refletiu, imaginando uma vida em que não tinha que sentar-se com um ferro quente colado à sua cabeça por horas. Quase valia a pena manter o compromisso.

— Ao contrário! Esta noite é sua estreia em um baile junto ao seu prometido. Vem às nove em ponto nos recolher.

Mas, seguiriam sendo prometidos quando o baile terminasse?

Capítulo 15

Ninguém tinha prestado muita atenção em Lady Emma Avery, mais conhecida como a Roliça Literária. Mas, todos tomavam nota dela agora! A possível herdeira de uma grande fortuna e com um Duque pendurado pelo braço, como podia alguém olhar para outro lado?

Inteligente e na Moda. O semanal de Londres

A vida em Londres era diferente pelo braço de um duque. Por um lado, se colocavam de lado para lhes permitir passar, como a separação dos mares. Emma não foi golpeada e empurrada por cavalheiros altos e indiferentes. Ninguém pisou nos dedos de seus pés. Nenhuma só vez alguém exclamou: *"Oh, Lady Emma! Não te vi aí! "*

Ela era mais consciente de suas maneiras, de seu vestido, do encaracolado de seu cabelo. Sentia que cada olhar procurava descobrir a beleza que sua senhoria, o duque de Ashbrooke, havia descoberto. Cada elemento foi examinado, julgado e descartado até que encolheram os ombros e se afastaram de um enigma insolúvel. Talvez ser uma encalhada não fosse tão terrível, depois de tudo.

Depois que o mordomo anunciou sua chegada, um enxame de convidados os envolveu. Mais especificamente, uma grande multidão se reuniu ao redor do Ashbrooke. As mulheres arrulharam, agitaram-se e empurraram seus seios sob o vestido para frente. Para sua inspeção, não dissuadidas em nada pela presença de sua prometida. Não pôde evitar sentir que se, por exemplo, Lady Katherine Abernathy estivesse em seu lugar, ninguém se perguntaria por quê.

Blake estreitou sua mão, entrelaçando seus dedos com os dela. A multidão empurrou e pulsou ao seu redor, ansiosa por aproximar-se dos principais atores do último drama de Londres. Os jovens lhe golpeavam nas costas em sinal de felicitação e pediram bebidas festivas. A multidão os obrigou a separar-se, e em lugar de ser arrastada e pisoteada, Emma soltou a mão do Blake. Ela viu como o puxavam em direção à sala de jogos e o levavam ao meio de um grupo buliçoso e festivo.

Estando sozinha, forçou um sorriso em seus lábios e manteve sua cabeça erguida. Conseguiu saudar cortesmente o grupo de debutantes que ficou para falar dela. Emma só tinha um pensamento: encontrar as suas amigas *"e um pouco de consolo nesta loucura"* assim que fosse possível.

Levou-lhe muito mais tempo que o normal passar pelo salão de baile até o canto particular onde se juntavam as encalhadas. Estava perto da pista de dança, *"mas não muito perto"*. Estava junto à mesa de limonada, por isso poderiam pensar que estavam simplesmente sedentas, não tentando desesperadamente ser notadas.

Olivia estava ali com Prudence. Ambas em vestidos brancos adornados com fitas, rendas e babados. De vez em quando tagarelavam, mas quase sempre olhavam aos bailarinos com expressões de inveja mal velada.

— Emma! Sobreviveste aos jogos! — Olivia disse efusivamente quando a viu forçar seu caminho através da multidão. — E agora retornou a Londres triunfalmente!

— E ainda se digna a aproximar-se de suas humildes amigas encalhadas, embora logo seja uma duquesa — disse Prudence, sorrindo e lhe fazendo uma reverência com grande exagero.

— Oh, por favor, vocês duas — respondeu Emma com um sorriso, sentindo a tensão abandonar um pouco sua desenvoltura agora que tinha retornado junto aos rostos familiares e pessoas nas quais podia confiar, quem a via como uma amiga e não como uma concorrente. — Estou feliz de estar de volta com minhas amigas.

— Estamos felizes de te ter — disse Olivia. Logo, muito séria acrescentou: — Também estamos muito interessadas em conhecer seu prometido.

— Onde está? — Perguntou Prudence, olhando ao redor como se o duque estivesse perto porque pudesse ter sentido falta dela. O que era impossível.

— Oh, provavelmente esteja por aí tendo aventuras, ganhando apostas, e em geral sendo excessivamente Ashbrooke — disse Emma com leveza. Ela não sabia aonde tinha ido. O mundo já estava voltando ao seu leito normal “o duque como a alma da festa, e ela confundindo-se entre as

flores do rincão". Não estava aborrecida por havê-lo perdido, estava desejosa de encontrar Benedict, com quem se sentia feliz consigo mesma.

Os acontecimentos do baile desta noite já lhe tinham demonstrado que nunca sobreviveria ao escândalo de uma separação entre ela e Ashbrooke, embora uma parte muito pequena, minúscula e rebelde de seu coração se atreveu a considerá-lo.

Depois de tudo, as bodas não tinham sido canceladas. Por outra parte, tampouco a tinha proposto de verdade.

Aqui era onde ela pertencia, com suas amigas, a um lado. Não no braço de um bonito duque.

— Agora me digam, que intrigas perdi? — Perguntou Emma. Logo, baixando a voz. — E o mais importante, há notícias do Benedict? — Prue e Olivia se olharam com receio.

— Lady Millard teve um bebê. Uma menina. Mãe e filha estão bem — Olivia disse. — Lorde Millard está devastado por não ter um herdeiro.

— E não acreditaria nos rumores sobre Lorde Roxbury, — interrompeu Prudence — formou-se um grande alvoroço.

— Minha mãe ocultou o periódico, porque as intrigas a respeito dele são, em palavras de minha mãe, "*deliciosamente inapropriados para os inocentes olhos de uma jovem dama*" — adicionou Olivia.

— Pode ser que tenha obtido uma cópia — disse Prue. Ela e Olivia sorriram disfarçadamente.

Emma admitiu seu interesse no escandaloso Lorde Roxbury. Mas ela estava mais preocupada com seus próprios

dramas. Com esse pequeno e rebelde pedaço de seu coração chorando, queria saber sobre o homem que tinha amado durante anos e com quem planejava casar-se.

— Mas e o Benedict? — Perguntou, expressando-se ansiosamente

— Oh, olhe! Aí está! Seu prometido — disse Prudence com orgulho.

— As jovens não assinalam — admoestou-a Olivia, e Prue a ignorou. Aí estava, de fato.

Ashbrooke chegou e parou em frente delas, extremamente alto, de ombros largos e impecavelmente vestido com roupa de noite branca, e custosa e perfeitamente ajustada que parecia aderir-se amorosamente a cada um de seus músculos. Assim como à maioria das mulheres, dada a oportunidade.

Blake sorriu, revelando uma covinha em sua bochecha e um brilho libidinoso em seus aveludados olhos marrons. Insinuava segredos perversos e pensamentos travessos. Isso fazia com que derretessem os joelhos de uma garota. Ele era irremediavelmente bonito. E ele estava aqui, no rincão das encalhadas, para uma visita sem precedentes.

Coletivamente, todas as garotas que se encontravam ali suspiraram, Olivia e Prudence entre elas. Quase se podia escutar os corações revoando ou sentir a brisa produto do pestanejo de todas aquelas pestanas.

Ao ver como aquelas garotas o olhavam "*com adoração, desejo e ambição oculta*", Emma sentiu que seu coração saltava e ficava sem fôlego. Ela tinha beijado este homem. Ela

tinha apertado seus lábios com os seus, agora curvados em um sorriso sedutor. Ela tinha despido seu corpo e o seu. Ela tinha feito toda classe de coisas eróticas e malvadas com ele. E quanto ao seu possível futuro juntos? Lhe havia dito: *Veremos*. Ele havia dito: *mantém este ardil um pouco mais*. Foi devastadoramente vago, especialmente com os planos de bodas de sua mãe progredindo com toda sua força e com o Benedict em algum lugar neste salão de baile. Escutou outro murmúrio de solteirona: *"Nunca pensei que veria gente como ele se aproximando de alguém como nós"*.

"Disse-lhe isso, os contos de fadas se fazem realidade", respondeu outra garota, golpeando a sua amiga com seu leque.

— Boa tarde, Ashbrooke — disse Emma, finalmente encontrando sua voz e seu engenho.

— Minha encantadora prometida — murmurou, tomando sua mão cortesmente estendida e beijando-a desavergonhadamente na pele íntima e delicada de seu pulso interno. — Pensei que tinha lhe perdido. — Atrás dela alguém suspirou. Emma reprimiu um gemido.

— Por favor, posso lhe apresentar às minhas amigas? — Perguntou, fazendo um gesto a Olivia e Prue, que se ruborizavam furiosamente e riram nervosamente. — Lady Olivia Archer e Srta Prudence Payton.

— É um prazer conhecer às duas, madeimoselle — disse Blake, junto com seu sorriso mais sedutor e uma profunda reverência. Beijando a mão de cada garota.

Olivia soltou uma risadinha. As bochechas de Prudence passaram de rosadas a roxas. Emma franziu o cenho.

— Minhas desculpas por interromper sua conversação — disse Blake, ridiculamente. É obvio que aceitariam qualquer interrupção proveniente dele.

— Emma deve ter lhes contando tudo sobre sua brilhante atuação nos Jogos da Fortuna.

— Em realidade, estava mais interessada nas notícias da cidade. Particularmente... — a voz de Emma se apagou quando se fez evidente que suas amigas só tinham olhos e ouvidos para o galhardo duque.

Era o *Efeito Ashbrooke* com toda sua força.

— Como está sua tia? Encontrava-se bem para os jogos? — Olivia perguntou amavelmente.

— Ela está bem, e tão tortuosa como sempre — respondeu Blake. — É muito amável de sua parte perguntar.

Olivia se ruborizou pelo elogio.

— Já se anunciou o ganhador, Sua Graça? — Perguntou Prudence, sempre preocupada com questões práticas.

— Enquanto estou seguro de que minha tia Agatha já tomou uma decisão, as cartas que anunciam as notícias ainda têm que chegar à cidade. Ela gostou particularmente de Emma. Mas, de novo, como não poderia?

Blake lhe sorriu, e Emma sentiu que seus lábios se esticavam involuntariamente. Era impossível resistir a ele, inclusive quando a estava incomodando. Perguntou-se, fugazmente, o que aconteceria se não tivesse que resistir às suas paqueras todo o tempo.

— Blake, deixa de tentar paquerar diante das minhas amigas.

— Não, estamos felizes de presenciar seu cortejo — respondeu Olivia. — Não se preocupe.

— Basta de queixa! — Declarou Prudence com um gesto de sua mão. — Não lhe deteremos.

Blake lançou a Emma um olhar petulante.

— Traidoras — murmurou.

— Não vim só para conhecer suas queridas amigas, — disse Blake — mas também para pedir o prazer de uma valsa. Querida.

Ela supôs que deveriam fazê-lo, para salvar as aparências. Mas as aparências não fizeram com que seu coração se acelerasse ante a ideia de encontrar-se uma vez mais em seus braços. Com um ligeiro sorriso em seus lábios, estendeu-lhe seu cartão de baile. Começou a escrever seu nome por uma certa valsa.

— Não, não a terceira! — Gritou Emma, arrebatando-lhe o cartão. Prudence e Olivia observaram, consternadas com ela. Por reservar a terceira valsa já que sabiam muito bem o significado, essa era sempre do Benedict

Blake a olhou pensativamente por um momento, antes de voltar a falar.

— Não posso imaginar por quê. A quarto, então — disse, e escreveu Ashbrooke em seu cartão. Este se destacou entre as outras danças vazias.

Depois disso, reivindicou uma valsa de Olivia e Prudence. Ambas se ruborizaram e riram bobamente, mas

estiveram de acordo com entusiasmo

— Deixarei que fiquem à corrente das fofocas enquanto espero meu turno — disse Blake, mostrando sua compreensão às mulheres. — Até então Emma — murmurou antes de afastar-se entre a multidão.

— Seu prometido é maravilhoso e absolutamente encantador, Emma — disse Olivia efusivamente.

— Vocês duas, de todas as pessoas, não deveriam cair ante sua adulação ou seu aspecto — disse-lhes Emma. — Já sabem como aconteceu tudo. Sabem que este compromisso não significa nada.

— Não acredito que o diga a sério — disse Olivia pensativa. — Posso ver a forma em que te olha. Seu olhar brilha.

— Não, eu diria que foi mais arder — disse Prudence. — Parecia estar pensando coisas más sobre você. Não se sente reconfortada em sua presença? Eu me senti. Arder.

— Sinto-me arder — disse Olivia.

Emma também se sentiu arder. Espectadora. Ansiosa. Oh, elas não poderiam saber realmente o que era arder até que o beijassem à luz da lua! Mas algumas mulheres tinham que manter seu engenho e sua virtude resguardada do Ashbrooke. Claramente, deveria ser ela. O que não significava que ela não estivesse tentada.

Seus pensamentos se desviaram constantemente à última noite dos jogos. Ela encontrou as gemas de seus dedos pressionando seus lábios, pela lembrança dele. Tudo dependia do resultado dos jogos. Blake não havia dito, “Se

case comigo de todos os modos". Ele não havia dito, *"esqueça de seu jovem amante"*.

Suas palavras exatas foram: *"Devemos manter o engano um pouco mais"*.

— Provavelmente se sintam assim porque este salão de baile está excessivamente cheio — disse Emma, cada vez mais impaciente. — Agora me diga, qual é a notícia sobre o Benedict?

Ansiava encontrá-lo e consolá-lo, porque deve ter se sentido devastado pela notícia de seu repentino compromisso. Se pudesse explicar o que tinha feito e por que, tudo estaria bem. Poderiam fugir esta noite!

Prudence abriu a boca, mas não saiu nenhum som. Os olhos de Olivia se alargaram grandemente e mal conseguiu assinalar atrás de Emma *"embora as damas não assinalam"*. Emma virou e se encontrou cara a cara com o homem. Benedict se via tal como o tinha visto pela última vez: o mesmo cabelo castanho avermelhado, os mesmos inquisitivos olhos azuis brilhantes, a mesma boca cheia que uma vez tinha roçado a sua pelo que agora sabia que era um doce e inocente beijo.

Nada como os beijos devastadoramente perversos com o Blake, a ideia fez com que suas bochechas se avermelhassem grandemente.

— Olá, Emma — disse Benedict em voz baixa.

— Benedict! — Exclamou, uma onda de prazer a percorreu. Que se desvaneceu rapidamente quando viu que seu sorriso era simplesmente cortês. Em seu braço estava o

pior pesadelo de Emma: uma mulher alta, loira e formosa com um vestido caro à última moda. — E Lady Katherine — disse Emma com voz baixa e oca.

Sentiu que os batimentos de seu coração ficavam lentos só para mantê-la com vida. Seus pulmões também pareciam funcionar a um ritmo discordante. Ela não podia respirar.

Lady Katherine Abernathy e Benedict?

Ela era a beleza cruel de todas as festas. Havia grandes expectativas para seu matrimônio com alguém como Ashbrooke.

Emma amava Benedict, mas ele não era uma opção para Katherine, já que era um segundo filho de um conde empobrecido. Ele era o tipo de homem para uma garota como ela.

Uma amizade entre Lady Katherine e Benedict era tão inesperada como o era entre ela e o Duque de Ashbrooke. E, entretanto, aferrou-se ao braço do Benedict como uma trepadeira.

— Como está, Emma — arrulhou lady Katherine. — Bem-vinda à cidade depois dos jogos! Ainda não deve ter escutado as notícias!

Prudence e Olivia pararam torpemente ao seu lado. Benedict ficou estático ante ela. Emma teve uma sensação de fatalidade.

Katherine sorriu ao Benedict e lhe deu um suave golpezinho.

— Diga-lhe, querido.

— Emma, lady Katherine e eu estamos comprometidos, — disse Benedict com rigidez. O piso pareceu abrir-se sob seus pés. Emma lutou, e terminou falhando em manter um sorriso em seu rosto. Isto era um choque, isto era traição. Se pelo menos tivesse sido outra pessoa.

Mas o tempo tinha passado. Ela conteve o fôlego quando tudo começou a ter sentido. Apesar da desalmada que pudesse ser, Lady Katherine deve ter sentido a mesma pressão de ter um marido para o baile de Lady Penélope. Qualquer marido.

— Não é a única que tem um romance inesperado — disse Lady Katherine com um sorriso perfeito, estudado, não um sorriso torcido e com um dote enorme.

— E não é tudo! Talvez você, Olivia, seja a próxima em nos surpreender. Oh, não. É a menos provável de toda Londres a causar um escândalo, depois de tudo.

Lady Katherine riu de seu próprio comentário. Ninguém além dela o fez.

— Durante quatro anos consecutivos — disse Olivia em tom desafiante. Mas lady Katherine não estava prestando atenção.

— Oh, olhe! Lá está a senhorita Peters — disse. — Ainda não lhe mostrei meu anel de compromisso. Vem, Benedict.

Mas Benedict não lhe deu atenção, seus olhos azuis fixos em Emma. Ela deveria lhe haver dito a verdade. Ele deveria ter tido fé nela, havê-la esperado.

Ora, ela não tinha retornado fazia três dias! Katherine não poderia amar Benedict, como ela amava. Mas Katherine

tinha dinheiro.

Emma queria estender sua mão e tocá-lo, para assegurar-se de que isto era real e não um amargo sonho. Tinha que dizer algo, porque este não podia ser o final do único amor que tinha conhecido. O único homem que a entendeu quando ninguém o fez.

Tudo o que Emma pensou em dizer foi:

— Reservei a terceira valsa para você.

Mas isso disse tudo, com essas poucas palavras pôde lhe transmitir que o tinha esperado, que ainda o desejava e que tinha fé nele. Benedict assentiu em sinal de reconhecimento antes de dirigir-se para sua prometida, deixando a Emma insegura se ele voltaria para ela.

O que, oh o que ela fez?

Tempo depois naquela noite

De acordo com o livro de apostas do White's "e outros na cidade", o duque de Ashbrooke e sua prometida eram os favoritos para ganhar os Jogos da Fortuna.

O Semanal de Londres

Quando chegou a terceira valsa, Benedict não a decepcionou. Emma aceitou sua mão com um sorriso tímido. Não foram necessárias as palavras. Embora sorrisse, ela viu a

tristeza refletida em seus olhos. Ele tomou-a em seus braços. A música começou a soar e começaram a mover-se ao ritmo da orquestra. Seu agarre sobre ela não era tão firme como o do Blake, seus passos não eram tão decididos, sua mão não tão indecentemente baixa sobre suas costas. Mas ela aceitou sentindo-se cômoda em seus braços. Era como estar em casa.

Embora seu coração traiçoeiro clamasse pela aventura que lhe deu Blake.

— Parece que ambos estamos comprometidos — começou Emma. Não tinha sentido evitar o tema.

— Surpreendentemente — respondeu Benedict.

— Com quem ninguém imaginaria — adicionou. Seu coração acelerado porque apesar de tudo voltavam facilmente a terminar as orações do outro.

— Alguns diriam que é um romance vertiginoso — disse deliberadamente.

— Ou talvez haja mais na história — sugeriu. — Certamente esperariam.

— As mentes inquisitivas gostariam de saber — adicionou Benedict

— Eu também — respondeu ela, renunciando à pretensão e permitindo que as perguntas se vertessem. — Pensei que me esperaria — disse em voz baixa.

Enquanto dizia as palavras em voz alta, soava tão parvo que lhe pedisse que a esperasse quando escapava com um duque. Mas tudo parecia tão inverosímil e todos os outros acharam suspeito. Por que não Benedict?

— Estava prometida — disse veementemente. — Não havia nada que pudesse fazer.

— Faz quanto tempo que vocês...? — Perguntou ela.

— Tinha que fazê-lo, Emma. Suponho que a entendo, é Ashbrooke, depois de tudo. Sabe que minha família requer que faça um matrimônio vantajoso. Katherine e eu. — Emma fez uma careta ante a familiaridade com que pronunciava seu nome, já que sugeria uma intimidade genuína. Ela se encolheu porque não estava em condições de julgá-lo ou lhe reclamar. Já não. Que gracioso, como podia sentir-se como em casa e estar absolutamente fora de lugar ao mesmo tempo? Era curioso como seus esforços para que ficassem juntos os tivesse afastado. Isto não era divertido, absolutamente.

— Seu coração está comprometido? — Atreveu-se a perguntar. De algum jeito, a resposta lhe importava, de forma crucial. Se era uma questão de dinheiro, ela poderia entendê-lo. Ainda estaria desconsolada, mas a lógica a consolaria. Mas se nunca a tivesse amado, ou se se tivesse apaixonado por Katherine em menos de uma semana, isso seria devastador.

Benedict se inclinou para lhe sussurrar ao ouvido. Ela fechou os olhos e inspirou profundamente seu aroma.

— Meu coração está comprometido. Mas não com minha prometida — disse em voz baixa, sussurrando uma verdade secreta para que ela abraçasse. Emma manteve os olhos fechados enquanto dançavam a valsa e sussurravam. Ele ainda a amava. Talvez ainda tivessem uma oportunidade. Abriu os olhos para olhar ao Benedict.

— Se eu ganhar os Jogos da Fortuna, serei uma herdeira — as palavras eram claras, as implicações profundas. Benedict fez uma pausa. Seu coração junto com ele. E logo a comissura de sua boca se curvou em um sorriso "*adorava vê-lo sorrir*" e ela se inclinou para mais perto, desesperada pelo que ele poderia dizer.

— Poderá comprar uma pitoresca casa geminada em Londres — sugeriu.

— Com uma grande biblioteca — adicionou Emma.

— Com janelas que dão a um formoso jardim — disse. — Onde as crianças possam jogar.

— Eu não gostaria de estar sozinha nessa casa geminada — sussurrou. Mas eram as botas sujas do Blake o que ela imaginava ao corredor. Era a jaqueta do Blake jogada descuidadamente sobre uma cadeira, e os serventes se dirigiam a ela como Sua Graça e não como Sra. Chase. Sra. Emma Chase. Acaso alguma vez existiria?

Mas Benedict não sabia nada de seus traidores pensamentos. Sorriu, seus brilhantes olhos azuis brilhavam e os velhos hábitos voltavam. Ela se derreteu, um pouco.

— Emma, ainda poderíamos ter isso — sussurrou Benedict com urgência. Ele a atraiu para mais perto. Apertou sua mão mais forte. — Ainda poderíamos ter isto.

Benedict se aproximou mais e manteve sua boca perto de seu ouvido enquanto sussurrava um plano que era absurdo, pura loucura, mas exatamente o tipo de coisa que os jovens apaixonados faziam quando a fortuna e a sociedade

conspiravam contra eles, quando estavam decididos a triunfar e viver felizes para sempre.

Blake viu os casais dançando, a um casal em particular com uma grande careta. Não foi necessário ser um gênio para deduzir a identidade do apaixonado de Emma. Qualquer parvo poderia ver seus sentimentos claramente em seu formoso rosto. Tomou a liberdade de interromper a conversação de seu primo sobre a famosa intriga de Lady Somerset.

— George, com quem minha prometida está dançando?
— Tomou uma grande quantidade de autocontrole para modular seu tom dominante, violento e possessivo homem das cavernas à de um cavalheiro medianamente curioso. A pergunta que não se atreveu a formular em voz alta foi: por que a visão dela nos braços de outro homem fazia a pele arder como o whisky barato sobre uma ferida?

George entrecerrou os olhos e inclinou a cabeça. Então respondeu.

— Benedict Chase. O segundo filho de Rossmore.

— Não foi ele quem perdeu sua fortuna? O homem não pôde resistir a um investimento; já que infelizmente não pôde determinar bem os riscos.

— Sim, e seus filhos foram instruídos a conseguir herdeiras. Chase parece ter feito um grande trabalho. Recentemente anunciou seu compromisso com Lady Katherine Abernathy. Seus pais estão furiosos porque não era o grande partido que esperavam.

É óbvio que não o era. Chase era um segundo filho empobrecido e ela poderia ter tido qualquer um. Bom, quase qualquer um. Ela tinha sido uma das tantas debutantes que bobamente havia se proposto a caçá-lo e o tinha procurado em todas as oportunidades durante anos. Cuidou-se de evitá-la, não querendo ver-se apanhado em uma posição "*acidentalmente*" comprometedora.

— Quão recentemente se comprometeram?

— Enquanto estava nos Jogos da Fortuna com sua prometida — disse George. Blake experimentou um sentimento incômodo, como de angústia, pela Emma. Ela jogou os Jogos da Fortuna por um homem que, em sua ausência, imediatamente se comprometeu com outra mulher. Tudo era bastante trágico, na verdade. Mesmo que lhe fosse conveniente.

— O que sabe de sua pessoa? — Perguntou Blake, e George se engasgou com seu brandy, Blake fingiu não se dar conta.

— Está tremendamente intrigado por um segundo filho de um lorde empobrecido. Não posso imaginar por quê — refletiu George de uma forma provocadora que fez com que Blake quisesse golpear algo. Mas forçou uma expressão neutra enquanto respondia.

— O homem está dançando a valsa com minha prometida.

— Com a qual não tem intenção de casar-se — George disse muito forte para a comodidade de Blake. Ninguém

parecia prestar atenção, embora Lady Somerset estivesse parada nas cercanias.

— Considero esse detalhe irrelevante — replicou Blake sem lhe dar importância, só para descobrir que as palavras eram certas. Em algum momento, entre toda a farsa e o afeto fingido, tinha começado a sentir-se conectado e possessivo com ela.

Embora tivesse se separado antes, Blake agora sentiu a ausência de seu olhar malicioso que sugeria que o desejava apesar de sua firme determinação de rechaçá-lo. Sentia falta de suas ocorrentes brincadeiras, seu sorriso torcido. E os beijos. Definitivamente sentia saudades disso.

— Descobriu quem enviou a carta ao periódico? — Perguntou George. — Morro por saber quem na cidade tem uma imaginação tão retorcida. Não queria voltar cruzar em seu caminho.

— Não, e não o tinha considerado — disse honestamente Blake. Originalmente a tinha descartado como uma brincadeira, mas muito útil. Centrou-se só em como convencer a todos que era a verdade, quando em realidade havia alguém ali que sabia que seu compromisso era falso. Tal informação potencialmente daninha nas mãos de Deus sabe quem. Também foi uma brincadeira convenientemente sincronizada para coincidir com os Jogos da Fortuna.

Emma tinha mencionado a necessidade de casar-se por dinheiro.

— O que está feito não tem remédio — disse Blake, embora sem muita convicção. Um pensamento preocupou-o.

George sorriu com ar de suficiência e perguntou: — Me atreveria a perguntar se Sua Excelência se apaixonou? — E logo, brincando adicionou: — Minha posição como herdeiro se volta incerta?

Blake não se atreveu a responder essa pergunta. Mas a verdade estava resultando impossível de ignorar. Sua Graça estava realmente em vias de apaixonar-se por sua prometida. Embora fosse inesperado. Se se casasse com ela, haveria herdeiros e George já não teria esse privilégio. Mas nesse momento Blake não estava preocupado nem um pouco.

— Desculpa, devo uma valsa à minha prometida — disse Blake antes de caminhar através do salão de baile lotado, com os olhos fixos em Emma e seu apaixonado.

— Sua Graça! — Alguém o chamou, mas Blake ignorou a distração. Quem era este homem que tinha capturado o coração de Emma tão completamente que o havia rechaçado, a ele, um amante famoso, um homem rico, um duque? Qualquer um diria que ele era a melhor opção, o melhor homem. Todos, exceto ela. Sufocou um rugido. Enquanto se abria passo entre a multidão, Blake jogou um longo olhar ao seu rival. O homem era magro e singelo, com o cabelo penteado na moda e uma expressão dolorosamente séria. Blake pôs os olhos em branco.

— Ashbrooke! Felicidad...

Blake avançou, sua atenção fixa em Emma e em seu amante. Enquanto girava na valsa, captou a expressão de adoração de Emma. Como poderia este rapaz ter tanta

influência sobre ela? Mais importante, Blake poderia cativá-la assim?

E se fosse a ele quem ela amasse tão obviamente e tão completamente? Uma forte inalação de ar. Um forte batimento do seu coração. Uma palavra simples: querer. Uma palavra: necessidade.

O brandy que tinha bebido anteriormente lhe tinha subido à cabeça? Não, isto não era como qualquer intoxicação que tivesse experimentado alguma vez.

— Blake! — Emma pareceu surpreendida de vê-lo interromper sua valsa com seu amante. Isso o golpeou como algo incorreto. Um leve rubor deslizou por suas bochechas como se estivesse envergonhada. Ou se sentisse culpado. O ciúme tinha um firme controle sobre seu coração. Ela era sua pelo que todos sabiam, e ele queria que isso fosse verdade. Definitivamente não podia perdê-la.

— Vim para nossa valsa — disse veementemente, o famoso encanto de Ashbrooke o tinha abandonado. Era evidente que estava se intrometendo em um momento privado e terno entre amantes. Isso lhe ardeu.

— Mas te prometi a quarta — explicou com impaciência. — Esta segue sendo a terceira.

Como se ele, *"um aclamado matemático"*, não soubesse contar. Ele desenhara uma maldita máquina que podia contar automaticamente.

Mas ele entendeu perfeitamente. Ele a estava incomodando.

Ela o afastava, ao duque de Ashbrooke, seu prometido, diante da alta sociedade.

Blake balançou sobre seus calcanhares. Os casais da valsa quase colidiram contra ele, olhavam-no com irritação até que discerniram com quem tinham colidido e se afastavam a um ritmo maior que o estabelecido pela orquestra.

Uma coisa ficou clara: Emma não poderia ter enviado essa carta. Não quando passou cada minuto lutando contra ele. Não quando ela estava tratando de despedi-lo para que pudesse seguir dançando com um tipo baixo e empobrecido a quem facilmente poderia deixar inconsciente no chão com um golpe. Tinha essa ideia lhe rondando a mente. E não pouco entusiasmo.

— Não vai apresentar-me ao seu amor? — Começou Blake enquanto Emma corava e se apressava a interrompê-lo.

— Sua Graça, me permita lhe apresentar ao Sr. Benedict Chase — disse.

— É uma honra conhecê-lo, Sua Graça — disse Benedict.

— Entendo que devo felicitá-lo — disse Blake. — Minhas felicitações por seu próprio compromisso. Lady Abernathy é uma jovem encantadora. Embora me atrevo a dizer que não se pode comparar com a Emma.

— Não — disse Benedict, tão brandamente, tão genuinamente, que Blake e Emma se voltaram para ele com assombro. Ambos sabiam que, de todas as formas que realmente importavam, lady Katherine não era rival para Emma.

— Estabeleceram uma data? — Inquiriu Blake. A atenção de Emma seguia fixas no Benedict, mas sua expressão suave e sonhadora se endureceu.

Mordeu-se o lábio quando Benedict respondeu:

— Uma quinzena a partir de sábado.

Inclusive mais tarde essa noite

Benedict murmurou uma desculpa ao final da terceira valsa. Blake observou Emma olhando-o enquanto se afastava entre a multidão, presumivelmente para reunir-se com Lady Abernathy. Antes que a orquestra começasse a seguinte canção, Blake tomou-a entre seus braços.

Ele a segurou mais perto do que o apropriado, mas não o suficientemente perto. Ele pressionou sua mão escandalosamente baixo sobre suas costas e tomou todo seu autocontrole para não deslizar sua mão mais abaixo, apertar seu traseiro e pressioná-la contra ele.

— Deixa-me louca — sibilou Emma.

— Louca de desejo? — Murmurou. Ela franziu o cenho. Blake escolheu sabiamente não dizer que ela ficava formosa quando estava zangada, com suas bochechas rosadas, olhos azuis ardentes e sua boca no beicinho mais peralta que havia tido o prazer de presenciar. Tentar beijá-la seria perigoso; ele queria fazê-lo de todos os modos.

— Não tinha que intrometer-se assim — disse com desdém. Ninguém nunca lhe falou com desdém antes.

— Queria conhecer homem pelo qual vou ser despedido. E o homem que logo possuirá a fortuna da minha amada tia. — E como Blake estava sob a influência das ardentes labaredas de ciúmes, disse: — Quero saber quem será o único homem ao que chamará “*meu lar*”.

— Tínhamos um trato — respondeu Emma, lutando por baixar a voz. — Pensei que era um homem de palavra. Decidimos, devemos ganhar e, se Deus quiser, Agatha deve passar este ano. Dá-se conta da situação impossível em que estamos?

— Não é impossível — Blake protestou.

— Benedict e eu estamos apaixonados, mas estamos comprometidos com outras pessoas — explicou Emma. — Você e eu ganharemos uma fortuna, mas a que preço, ao de casar-se com uma mulher verdadeiramente espetacular?

Muito bem, a situação era impossível. Necessitava da fortuna, ou necessitava de uma aliança permanente com uma mulher bem educada como Emma. Entretanto, cada vez era mais difícil evitar uma conclusão difícil: necessitava-a de outras maneiras também.

Necessitava que ela o olhasse carinhosamente, como o fez com o Benedict. Ele necessitava que ela zombasse dele como só ela sabia fazê-lo. Necessitava que ela o tratasse como um homem, não como um duque. Ele necessitava que ela o desafiasse. Ela o fazia um homem melhor.

Ficaria louco se não a provasse logo. Se não sentisse a suave pele contra a sua.

Necessitava de Emma pelo bem de sua saúde mental.

Tinha que ir e apaixonar-se pela menos propensa a amá-lo de toda Londres? Finalmente, Emma exalou com impaciência, sacudindo a cabeça murmurou:

— Nunca deveria havê-lo feito.

— Nunca deveria ter feito o quê? — Perguntou. Quando ela não respondeu, quando ela não o olhou, voltou a perguntar com uma voz mais firme: — Nunca deveria ter feito o que, Emma?

— Só isto — disse, olhando-o diretamente aos olhos. — Não enviei aquela carta. Aquela carta.

Quem a enviou, então? Ela sabia quem o fez? Importava? Alguém a tinha escrito e a tinha enviado ao periódico. Todos a tinham lido. O dano já estava feito. Não havia forma de desfazê-lo e quase não tinha sentido saber quem o tinha causado. Dificuldades como o próprio compromisso repentino do Benedict ou os enredados sentimentos do Blake não puderam ser previstos. Quão único podiam fazer era avançar.

— Entretanto, estive de acordo com isto — assinalou com um detalhe crítico.

— Não estava de acordo com isto!

Seus olhos brilharam com verdadeira ira. Seu coração parou. Suas bochechas se ruborizaram de uma cor rosa produto da irritação. Seus cachos tremeram porque estava tremendo de raiva. Ele não podia respirar.

— O fez, propus isso e concordou.

— Beijou-me com todos os outros olhando — choramingou Emma, lutando por evitar que sua voz fosse

escutada pelos casais que dançavam corajosamente ao seu redor. — Neguei-me. Mas não aceitou.

Nem sua respiração nem seu ritmo cardíaco reataram. Inclusive nesse estado de confusão, empalideceu ante a lembrança.

Naquele dia no jardim, ela havia dito "*não*" de oito maneiras diferentes, mas ele, sendo um ególatra de crânio espesso e delirante, nem por um segundo pensou que uma mulher "*poderia*" rejeitá-lo. Ele nem sequer a tinha escutado. Ela aceitou ao final, a contragosto, quando não lhe deu outra opção. Ele a tinha enrolado e a tinha beijado no jardim, com as maiores fofoqueiras de Londres olhando. Ela nunca teve outra opção no assunto. Ele tinha imposto sua vontade sobre a dela.

Blake pensou que poderia ficar doente. A verdade era que a tinha excluído naquela decisão.

Benedict ainda reivindicava seu coração, enquanto ele estava se apaixonando por ela. A verdade era que não lhe tinha dado uma eleição antes.

Mas agora ele queria que ela o escolhesse.

Capítulo 16

"O Duque de Ashbrooke, reformado?" Ofegou uma matrona. "Nunca pensei que viveria para ver este dia!"

White's Clube para cavalheiros. Em uma habitação privada

— Obrigado por reunir-se comigo, senhores. — Blake se dirigiu aos rostos distintos dos pares reunidos ante ele. Recostaram-se em grossas cadeiras de couro acolchoadas ante uma mesa de carvalho polido com taças de brandy francês.

Em seus grossos dedos, charutos acesos enviavam fumaça para o teto.

O fato de que estivessem presentes era um testemunho dos poderes restauradores de Emma para sua reputação. Não se podia confiar em um solteiro perverso e malvado. Mas um homem comprometido com uma mulher sensata e com uma reputação impecável poderia fazer com que o considerassem honrado, razoável e digno de confiança, estavam aqui, e ele ia aproveitar ao máximo.

— Como vocês sabem, fiz mudanças em minha vida pessoal e na forma em que conduzo meu negócio — disse Blake. Parou em frente a eles projetando uma confiança que fluía e minguava, mas que sempre se elevava com o desafio. Não havia nenhuma aposta ou desafio que não tentasse conquistar. Ele era Ashbrooke. Ele sempre ganhava. Perder não era uma opção. Especialmente quando ganhar nunca tinha sido tão importante. — Sabendo que esta era uma preocupação que influiu em suas decisões de investir, e dadas as mudanças que fiz, — continuou — Pensei que gostariam da oportunidade de reavaliar essa eleição.

No dormitório de Lady Emma

Emma tinha que tomar uma decisão.

Benedict fez a sugestão mais escandalosa durante o baile: fugir. Uma louca corrida para Gretna Green. Felizmente com o homem a quem ela tinha amado firmemente durante três temporadas, estava ao alcance de sua mão.

Mas tinha Blake.

Uma louca aventura selvagem que provavelmente terminaria em um dilacerador desastre de proporções épicas. Blake a fez sentir coisas novas, formosas, aterradoras, sensuais e enlouquecedoras. Poderia viver com seu pulso acelerado constantemente? E o nervosismo quando ele não estivesse perto e a angústia que sentiria ao perguntar-se com quem estava? Imaginava noites longas e apaixonadas com ele

"com detalhes requintados", mas temia que um libertino como ele se cansasse dela e procurasse seus prazeres em outra parte. Imaginou uma cama fria, um coração quebrado e os sussurros da alta sociedade.

"Sempre nos perguntamos o que viu nela. Nunca esperei que tal relação funcionasse".

Ninguém pensou realmente que duraria.

Ela seria uma duquesa, sim, mas uma muito solitária.

Emma poderia imaginar uma vida diferente com o Benedict, uma de serena satisfação com um homem confiável. Podia contar com que Benedict não se desviaria, já que parecia carecer de paixão.

Ela não sentiria falta da paixão, não é?

Este miserável assunto com lady Katherine se devia simplesmente à necessidade urgente de dinheiro de seu pai que o impulsionava a adotar medidas desesperadas.

Não deveria ter lutado mais por ela?

Emma colocou de lado suas dúvidas e considerou a lógica. Razão. Valores. Possibilidades. Suas probabilidades de felicidade eram maiores com o Benedict porque havia menos possibilidades de que ele atuasse de maneira desonrosa e arruinasse tudo. Também tinha o fato de que ela o tinha amado durante três anos, e tinha embarcado em todo este plano para ganhar uma fortuna para que pudessem casar-se. Ela não podia renunciar a ele agora. Mesmo se Blake a tentasse tremendamente.

Blake, quem em realidade não lhe tinha proposto matrimônio de verdade.

Até que se anunciassem o ganhador dos Jogos da Fortuna, ela tinha opções. Se ela não fosse nomeada ganhadora, Benedict não poderia casar-se com ela por falta de recursos. E Blake, que nunca o tinha proposto realmente, não teria nenhum incentivo para fazê-lo. Ela tinha que tomar uma decisão e logo.

Emma anunciou sua decisão às suas amigas.

— Vou fugir com o Benedict.

Ela esperava que estivessem surpreendidas, com as mandíbulas por completamente caídas, as sobrancelhas levantadas e uma total incapacidade para falar. Olivia e Prudence proporcionaram exatamente essa reação.

Emma não tinha previsto a forma em que seu estômago se agitaria violentamente durante seu incômodo silêncio, interrompido só pelos sons de martelo e gritos dos trabalhadores que faziam um misterioso projeto de construção no jardim.

Foi Prudence quem falou primeiro, depois de alguns falsos começos e respirações profundas.

— Poderia ser a futura duquesa de Ashbrooke, Emma. Mas escapará escandalosamente com um segundo filho como o é Benedict?

— Vou me casar com o homem, não com o título — respondeu com um toque altivo. Verdadeiramente, ela tinha pensado muito sobre o assunto. Considerou seu coração, seu instinto, e logicamente considerou tanto os homens como a vida que poderia levar junto a eles. Mas realmente se reduziu a só uma coisa.

Ela não acreditava que pudesse manter o duque interessado nela por muito tempo. Também tinha a falta de uma proposta real por parte do Blake.

— Estão zangadas?

Olivia finalmente explodiu: — Não pode fugir! E não pode rejeitar o duque pelo Benedict!

— Shhhhh — Emma advertiu. Se sua mãe se inteirasse disto, a encerrariam e a deixariam sair só para a prova do vestido de noiva, estritamente vigiada, e para o grande dia em si, que se aproximava com bastante rapidez. Só tinha uns dias agora. Era a fofoca da cidade, e parecia que só ela o temia.

— Pensei que gostassem de Benedict — disse às suas amigas.

— Assim era. É. Mas isso foi antes de que conhecesse o duque — disse Olivia.

Oh, sempre era o duque, o duque, o duque!

— Posso lhes recordar que nosso compromisso é uma farsa? — Assinalou Emma com certa irritação. Suas amigas não tinham fortalecido seus corações com seus sorrisos devastadores e o brilho de seus olhos, portanto, esqueceram a verdade do assunto. Tudo era fingido.

Mesmo ela teve lapsos momentâneos onde acreditou o contrário.

Pelo que sabia, Blake a ignoraria uma vez que se anunciasse o ganhador. Ela deveria fugir com o Benedict enquanto tivesse a oportunidade. Era simples lógica.

— Dificilmente posso imaginar que foi dois dias antes de que Benedict estivesse comprometido — disse Prudence. — Não parece suspeito?

— E o que pensará Agatha se ganhar sua fortuna só para dá-la a outro homem quando se casar? — Perguntou Olivia.

— Ela me disse “*O coração quer o que o coração quer*”. Além disso, ela pode viver mais um ano, — disse Emma. — Enquanto eu estarei obrigada a viver por toda vida com quem me casar.

— Mas por que está considerando isto? O duque parece te amar — disse Prudence. Como se isso pudesse fim a tudo. Logo franziu o cenho, considerando algo desagradável.

— E há algo sobre o Benedict.

— O que tem o Benedict? É porque necessita de uma noiva rica? Sei, e sempre o soube — Emma respondeu com firmeza. — É por isso que aceitei este ardil! Blake e eu chegamos a um acordo no qual dividiríamos a fortuna se ganhássemos. Então interpretei o papel, tudo pelo Benedict.

— Mas se comprometeu com lady Katherine em questão de dias — disse Prudence.

— Não esperou sua volta, possivelmente triunfante e rica. Nem nos perguntou por que, de repente, se comprometeu. Ele não deveria lutar por si mesmo, pelo amor verdadeiro?

— Blake, por outro lado — disse Olivia sonhadoramente.

— É um homem conhecido como um canalha, desonesto e libertino — respondeu Emma sucintamente. — É um famoso encantador e sedutor de belas mulheres. Ele as

amava muito e mesmo assim se ia com a primeira luz. É inconcebível que eu goste dele.

— Mas obviamente assim é — suspirou Olivia.

— Mas por quanto tempo? — Disse Emma, e havia angústia em sua voz. — Até que uma bonita cantora de ópera apanhe sua atenção, ou uma viúva alegre o seduza, ou uma donzela o olhe fixamente meneando os cílios? Ele me envergonhará com suas infidelidades. Por quanto tempo posso confiar nele?

White's Clube para cavalheiros

— Embora estejamos impressionados com seu prudente compromisso, não podemos deixar de nos perguntar quanto durará este bom comportamento. Reformou-se para sempre ou até que surjam certas tentações? — As sobrancelhas cinzas de Lorde Doyle se arquearam inquisitivamente.

A temperatura do Blake aumentou. Lutou contra o impulso de afrouxar o lenço que seu valete tinha atado muito apertadamente ao redor de seu pescoço. Conhecia as tentações pelas quais Doyle aludia, a "*a amante do homem*", por exemplo. Mas nestes dias e noites Blake só estava interessado em Emma.

— Perderá as sessões do Parlamento quando se discutirem nossas propostas porque uma cantora de ópera está com você? — Archibald McCracken exigiu saber.

Tinha acontecido antes, quando Blake chegou tarde a um encontro com um rico magnata naval. Tinha saído diretamente da cama de uma mulher, depois de uma longa noite de fumar, beber, apostar e estar na farra. Não tinha estado em condições de convencer um homem para que se desprendesse de seu dinheiro.

— Ou chegará empestado a álcool e ficará abstraído depois de ter bebido um excelente e caro conhaque antigo em algum desafio? — Questionou lord Norton com amargura. Blake tomou nota para substituir a coleção antiga de vinhos raros e brandy que Blake tinha devorado em uma festa em uma casa.

— Ou ficará encerrado em uma adega com as inocentes filhas gêmeas de um homem? — Gritou Tarleton, com o rosto vermelho e os olhos saltados.

— Embora estejamos contentes de ver que muda sua vida e começa a atuar como um cavalheiro, nos preocupa quanto durará isto — disse Doyle moderadamente.

— Fala por si mesmo — disse Tarleton com fúria, obviamente ainda zangado por sua ofensa às suas inocentes gêmeas.

Os cavalheiros não lhe acreditavam. Não poderiam depositar seu dinheiro ou sua fé nele e em sua máquina quando essa *"reforma"* poderia ser a loucura desta semana.

Assim como Emma não podia amá-lo se duvidava de sua devoção por ela *"ou a falta de confiança em si mesma para lhe acreditar"*.

— Cinquenta mil libras — disse Blake. — Construir a máquina requererá cinquenta mil libras em desenhos terminados, fabricação e montagem de peças. Mas logo todos os livros de contas no mundo precisarão ser reimpressos. Outras indústrias prosperarão por isso. As repetições posteriores da máquina poderiam produzir inovações insondáveis. Tudo o que precisam fazer é ter fé neste futuro. Tudo o que têm que fazer é dizer que sim.

No dormitório de Lady Emma

— Emma, pode ganhar noventa mil libras — disse Prudence com reverência. Noventa mil libras era uma soma insondável.

— Se ganhar e se Lady Agatha morrer dentro do ano, o que sinceramente espero que não ocorra. Há tantos “*mas*”, — Disse Emma. — Há muitas variáveis a considerar. Muitos possíveis resultados; alguns dos quais são espetaculares, alguns dos quais são desastrosos. Deveria cobrir minhas necessidades e aceitar a primeira oferta razoável. Que é a fuga com o Benedict.

— Só se ganhar — disse Olivia.

— E se herdar — adicionou Prudence.

— Se se inteirar de sua possível herança antes do dia de suas bodas — esclareceu Olivia.

— Quais bodas? — Perguntou Prudence.

— As bodas que minha mãe planejou estão programadas para dois dias depois que Benedict sugeriu que fuçamos. Disse que deveríamos ir na quinta-feira à meia-noite. — A voz de Emma se apagou. — Estivemos muito tempo na prateleira. Não temos feito nada por muito tempo. Agora é minha oportunidade de aproveitar meu caminho mais seguro para a felicidade e quero que as duas entendam.

— Mas Blake — protestou Olivia.

— Em realidade não me propôs — disse Emma, o que era realmente a essência da questão. — Não posso considerá-lo um verdadeiro pretendente se em realidade não me pediu que me case com ele.

— Entretanto, — replicou Prudence — Com noventa mil libras em jogo, como não?

White's Clube para cavalheiros

Cinquenta mil libras. As palavras ainda flutuavam no ar, muito parecidas com a densa fumaça cinza dos charutos dos cavalheiros.

Havia tantas coisas nos números: assegurar o apoio necessário do governo, assegurar os recursos necessários para construir o motor, demonstrando que esta nova empresa assinalava um futuro que devia ser aceito, não o mal para ser desprezado. Tudo dependia da capacidade do Blake para convencê-los de que confiassem nele.

Lorde Ferguson limpou a garganta.

— Com o devido respeito aos seus cálculos, ainda temos preocupações.

— Tem seis filhas, não é assim? — Interrompeu-o Blake. Os olhos do Norton brilharam.

— Sim, e te agradecerei que se mantenha afastado de cada uma delas — grunhiu.

— Não tema, estou dedicado à minha prometida — disse Blake com sinceridade. — Mas pensou em dotá-las enquanto considera o custo da manutenção de uma propriedade como Berkley Park? — Perguntou, referindo-se à ruína da casa ancestral do Norton. Com a diminuição das rendas da terra e a iminência de tais gastos, Norton teria que fazer algo drástico ou enfrentar a bancarrota de sua família. Blake sabia isto, mas Norton o reconheceria?

— Devemos enfrentar os fatos — continuou. — A riqueza apoiada na terra está diminuindo e nossos lares ancestrais têm grandes correntes de ar e necessitam de manutenção. Sei, tenho sete delas. Ou poderia se casar com uma dessas herdeiras americanas que procuram um título.

Esses americanos perturbavam as sensibilidades cavalheirescas dos ingleses. Agora sabia que precisava apelar a elas como um cavalheiro.

Sabia por Emma que não tomariam só sua palavra.

Como um conhecido libertino e um canalha infame, propenso à libertinagem com companheiras diferentes a cada noite. Assim como ele devia seduzi-la, deveria persuadir estes cavalheiros para apostar seu futuro junto a ele.

— Meu primo, Lorde Winwood, casou-se com uma dessas americanas — disse lorde Doyle em voz baixa. — Seu pai suspeitava que era um caça-fortunas e ataram seu dote tanto que Winwood se viu obrigado a pedir recursos para fazer inclusive reparações menores na propriedade, como arrumar um teto com goteiras. Sua esposa inclusive se negou a pagar sua filiação no clube.

— Cortado de seu clube. Mendigando dos americanos. Dependente de sua esposa. É este realmente o destino que escolherão para vocês, senhores?

No dormitório de Lady Emma

— Seria realmente tão horrível estar casada com o Blake? — Prudence perguntou. — Seria uma duquesa fabulosamente rica vestida com os vestidos mais elegantes.

— Não mais adoecendo no rincão das encalhadas — suspirou Olivia.

Emma não pensava que seria horrível, em absoluto. Não quando beijava como o diabo e a abraçava como se sua vida dependesse dela. Não quando uma piscada de seus olhos ou uma insinuação de seu malvado sorriso a esquentavam por completo. Não quando lhe mostrava um prazer que nunca tinha imaginado. O que seria horrível era perder seu afeto.

Lentamente, enquanto fazia vista grossa às suas infidelidades, seu coração se quebrava. Ser uma duquesa e

todas as coisas bonitas que vinham com isso não seria consolo suficiente.

Onde suas amigas viam uma vida glamorosa, Emma via noites solitárias em uma casa grande, perguntando-se com quem se divertia seu marido libertino. Não acreditava que ela, pudesse manter cativado um homem tão malvado e travesso até a morte.

Estava decidido a seduzi-la agora, mas o que aconteceria quando ela dissesse que sim?

Ela poderia ganhar muito bem, ou perder tudo. Ela não era uma mulher de apostas. Ela tinha feito sua eleição antes de perder seu coração. Melhor casar-se com o Benedict.

White's Clube para cavalheiros

— Vocês têm uma opção, senhores. Poderiam se afastar agora e esperar que as coisas funcionem ao seu favor: que suas rendas aumentem, que suas filhas se casem com homens com os bolsos cheios, que as ricas noivas americanas deixem enormes buracos nos contratos de bodas. Ou poderiam se arriscar comigo. De qualquer forma, estão apostando em seu futuro.

— Como sabemos que não beberá nosso dinheiro?

— Ou o gastará em quinquilharias para suas amantes?

— Perguntou Doyle.

— Ou para comprometer as nossas filhas — disse Tarleton, sua voz baixa, produto da ira.

— Mesmo sua própria tia não confia em você o suficiente para te deixar sua fortuna, do contrário, teria te convidado aos Jogos da Fortuna — disse McCracken rispidamente. O fôlego do Blake ficou preso em seu peito, produto do agulhão que sentiu. — Por que deveríamos confiar a você a fortuna que fica?

— Está nos pedindo que corramos um grande risco, Ashbrooke.

— E lhes estou pedindo que confiem em mim — disse em voz baixa, a verdade que lhe revelava enquanto pronunciava as palavras. — Toda força possui uma reação igual e oposta. Minha tia não me convidou aos jogos, porque era a forma mais segura de garantir minha assistência. Minha conduta antes escandalosa lhes fez retirar seu apoio em meu projeto. Fiel à equação, respondi com uma reação igual e oposta: reformei-me. Onde uma vez fui um bêbado, tornei-me sóbrio. Onde uma vez fui desonesto e infiel, agora me apaixonei perdidamente por minha noiva. Quem segue me afastando?

Agatha. Assim como os investidores. Não acreditaria até que lhes apresentassem uma força igual e oposta.

— Todas estas forças são parte de uma só reação; não existimos sem o outro.

— Qual é seu ponto, Ashbrooke?

— Só fica uma pergunta: estão dispostos a correr o risco junto comigo?

Capítulo 17

*Viu as notícias sobre o duque e Lady Emma?
Digo, eu o tinha estado suspeitando desde o começo.
Virtualmente todos em Londres.*

No salão de Avery House

Era uma tarde cinza, Emma aconchegada no sofá em frente ao fogo do salão tinha a esperança de que os dilemas românticos da Tessa Tidwell na novela “*As terríveis tribulações da tentação de Tessa Tidwell*” a distrairiam da sua.

Benedict, a coisa segura? Ou, Blake, o patife em todos os sentidos?

Ela tinha tomado uma decisão, mas seus pensamentos traidores seguiam lembrando-a do prazer ardente do beijo do Blake e da sensação, maravilhosamente malvada, de seus corpos apertados com as extremidades entrelaçadas.

Quando Blake apareceu na sala de estar, um momento mais tarde, pegando sua bola de lã com o livro aberto em seu regaço, Emma pensou que era uma visão que evocou.

Mas não, ele estava realmente ali. Ela sabia porque sua pele formigou em previsão de seu toque.

— Blake, o que te traz por aqui?

— Um homem não pode visitar sua amada prometida? — Sentou-se ao seu lado no sofá.

Arriscou-se à tentação e permaneceu ali. Ainda pior, ela tomou uma inalação profunda para respirar, seu aroma a intoxicou. Jogou uma olhada às portas do salão e se zangou ao ver que estavam abertas.

— É claro que pode. Só pensei que poderia haver uma razão. — Respondeu. — Como, oh, cancelar o compromisso porque o ganhador tinha sido anunciado. — O ganhador, pelo que ela sabia, não tinha sido anunciado.

— Uma razão como: uma brilhante conversação. Ou seu sorriso fascinante? O... — disse, deixando cair sua voz a um sussurro — ... o prazer de seu beijo.

— De mim, só um beijo — ela corrigiu.

Esse único beijo devia ser o único. Ela não sobreviveria a outro.

— Já veremos isso — replicou, maliciosamente.

— O que...

— Dá a casualidade de que tenho uma razão — disse Blake. — Mas primeiro há algo que tenho que fazer.

Baixou sua cabeça para a dela.

Sua boca reivindicou seus lábios já separados pela surpresa.

Lá fora, um trovão. No interior, o estalo e o rangido do fogo. Junto a ela, Blake a beijava brandamente no salão como

se fosse um verdadeiro pretendente desesperado por um momento roubado de prazer. Ela não pôde evitar. Passou-lhe os dedos pelo cabelo como tinha estado imaginando enquanto ele, com voz rouca, pronunciava seu nome.

— Emma... — Embalou seu rosto em suas palmas e ela se sentiu positivamente apreciada — Traz seu chapéu e seus saís aromáticos. Vamos sair.

— Está a ponto de chover — assinalou. De fato, houve outro estrondo detestável de trovões.

— Perfeito — murmurou Blake, juntando suas mãos e levando-a ao vestíbulo onde podia ver sua carruagem esperando fora.

— Necessito de uma acompanhante — disse Emma, estupidamente. Podia imaginar Olivia e Prudence lhe assoprando: Agora não é o momento de pensar no apropriado!

— Fingirei que não escutei isso — respondeu Blake. Esperou com impaciência enquanto o mordomo entregava à Emma seu chapéu, um casaco e luvas.

— Entre outras coisas — murmurou enquanto se vestia para uma saída inesperada. Na chuva. Sem acompanhante.

— É o *Efeito Ashbrooke*, não? Sofre-o terrivelmente? — Perguntou-lhe enquanto lhe ajudava a entrar na carruagem. — Te disse para pegar saís aromáticos.

Ela tomou seu assento olhando para frente e, quando ele se sentou em frente a ela, todo o ar na carruagem pareceu dissipar-se com sua chegada. Ela se sentia enjoada.

— Realmente crê em todas essas tolices? — Ela perguntou.

— Sim. Desmaio com uma frequência alarmante — respondeu Blake. Logo zombou. — É claro que não acredito. Posso te dizer que, é uma das coisas que eu gosto em você.

— Você gosta que eu esteja completamente impassível por seus encantos legendários, seu aspecto incrivelmente corrente, e totalmente imune aos seus intentos de sedução?

Mesmo enquanto pronunciava as palavras, Emma sabia que eram mentiras. Todas mentiras, mas às quais se aferrava como se sua felicidade futura dependesse delas. Blake só lhe deu aquele sorriso. Sentiu um calor, agora familiar, desdobrando-se em seu ventre.

— Faz com que sua inevitável rendição seja mais prazerosa para os dois.

Na sala de Lady Olivia Archer

Prudence chegou com as bochechas avermelhadas, aspirando grandes baforadas de ar.

Ela, obviamente, esforçou-se em sua pressa por entregar o periódico. Olivia foi ao salão imediatamente.

— Chá?

Sem dizer uma palavra — porque ainda não tinha recuperado o fôlego — Prue entregou sua cópia da edição dessa manhã do *Semanal de Londres*, aberta em *Inteligente e na Moda*.

Intrigada, Olivia começou a ler. Seus olhos azuis se alargaram grandemente enquanto decodificava as palavras.

— Que devastador. Absolutamente devastador — ela ofegou.

— Crê que ela já viu?

— Quem compartilharia tais infames acusações? — Perguntou Olivia.

— Vá ao ponto — disse Prue com urgência.

— Quem mais sabe?

Na carruagem do Blake

— Para aonde me leva? — Perguntou Emma. Olhando nervosamente pela janela, vendo só as ruas familiares de Londres.

— É uma surpresa — disse Blake. Mas foi mais que isso. Foi um grande gesto. Foi uma declaração de seus sentimentos. Foi uma loucura.

Queria que fosse perfeito, até a iminente tormenta. Ofereceu uma oração de agradecimento pela confiabilidade do lúgubre clima inglês. Também rezou para que este louco gesto de amor a convencesse da verdade de seus sentimentos, antes que tivesse mais razões para duvidar deles.

Blake tinha uma quantidade de tempo, cada vez menor, para demonstrar que queria que seu falso compromisso fosse um verdadeiro amor. A qualquer momento o anúncio da Agatha com o ganhador chegaria e, se Emma ganhasse e lhe pedisse sua mão, ela duvidaria para sempre de suas intenções. Mesmo se ela dissesse que sim.

Era imprescindível que ela não duvidasse de suas intenções.

A carruagem avançou a toda velocidade. Entrou no Hyde Park e viajou rapidamente a um rincão remoto entre as árvores.

— Vai violar-me e me assassinar no bosque? — Emma perguntou, com os olhos abertos de terror ou de intriga. Ele não estava muito seguro. — Recebeu notícias de Lady Agatha? Este é um plano para desfazer-se de mim e ficar com o dinheiro?

— Deveria ler novelas góticas mais horripilantes — disse Blake. — Sua imaginação é muito escassa.

— Então vai violar-me e me assassinar no bosque para poder ficar com a fortuna. Sabia — se recostou contra os assentos de veludo com um sorriso de satisfação.

— Prometo-te que não te assassinarei no bosque — jurou Blake, interrompido por um detestável trovão.

— Ou em outro lugar — corrigiu Emma. Logo, com uma adorável inclinação da cabeça, perguntou: — E a violação?

— Não tenho o hábito de fazer promessas que não tenho intenção de cumprir.

Na sala de Lady Katherine Abernathy

— É óbvio que não me surpreende minimamente — disse Lady Katherine às damas que a acompanhavam, lady

Crawford, Mulberry, Falmouth e Montague. Uma cópia do *Semanal de Londres* estava aberta entre elas.

Como mulheres fofoqueiras de toda a cidade, reuniram-se imediatamente para discutir a última revelação em *Inteligente e na Moda*, sobre a aliança mais insondável. Bom desde, sempre.

— Quem faria tal coisa? — Perguntou-se a senhorita Falmouth.

— Alguém que está desesperado — disse lady Katherine, inquieta com seus já perfeitos cachos loiros. — Tudo tem sentido agora.

— O que vai fazer?

Lady Katherine se aplicou um toque de pintura vermelha nos lábios.

— Vamos fazê-la pagar, é claro — respondeu com um sorriso.

Num canto isolado do Hyde Park

Blake segurou a mão de Emma enquanto saía da carruagem.

Observou sua expressão quando seu olhar pousou nas ruínas de um velho coreto, aninhado em uma pequena clareira, rodeada de velhas árvores retorcidas. Uma neblina se levantou ao seu redor e longas fileiras de hera se enroscaram ao redor da balaustrada, e subiram pelas colunas.

— Blake — Emma disse seu nome com cautela, brandamente. — O que é isto?

Mais especificamente: as ruínas de um coreto "*antigo*", que tinha sido construído ilegalmente em terras públicas, no lapso de só três dias, tudo às suas custas.

Quando Blake o tinha visitado no dia anterior, a pedra parecia muito nova. Então os fogos de carvão tinham ardido aos seus pés, enegrecendo a pedra. Montículos de hera e enormes ramos de glicinas tinham sido desenterrados e replantados.

O efeito foi perfeito: as ruínas de um antigo coreto que, milagrosamente, não tinham descoberto no Hyde Park.

Um tributo a uma história de amor.

Mas Emma saberia a verdade. Ela saberia que este monumento nunca existiu até que o imaginou e o converteu no cenário de sua primeira reunião dramática e romântica.

Assim como seu compromisso. Seu amor. Sua história. Ele queria que fosse real.

— Porque, olhe isso. São as ruínas de um antigo coreto — comentou com leveza porque, embora fosse um sedutor de mulheres, as palavras de amor verdadeiro não estavam acostumadas a pronunciar-se. Não lhe saíram da língua como elogios bonitos; lhe entupiram a garganta e lhe dificultavam respirar.

— Estou bastante segura de que não estava aqui na semana passada — disse Emma com cautela. — Me pergunto quem construiria um coreto deliberadamente velho e desmoronado.

— Um homem louco de amor? — Blake se aventurou.

— Ou com dinheiro para desperdiçar — murmurou Emma.

— Emma — disse Blake, juntando suas mãos e de frente a ela. Ela levantou seus olhos azuis para ele, procurando respostas. E ele as tinha. Seu coração pulsava com força, mas esperançosamente. — Emma, fiz isto para mostrar meu amor por você — sussurrou, mas houve um terrível raio de luz, como se os próprios céus se rasgassem e se abrissem. Suas palavras se perderam.

— Não consigo te ouvir!

— Não importa — murmurou, puxando sua mão e correndo para o refúgio do coreto.

White's Clube de cavalheiros.

Os cavalheiros do White discutiam uma só coisa enquanto apostavam fortunas, impregnavam profundamente os charutos e consumiam copiosas quantidades de vinho e brandy: o rumor sobre o Ashbrooke que tinha aparecido na coluna de intrigas no *Semanal de Londres — Inteligente e na Moda*.

— É impactante, não é assim? — George disse evasivamente ao grupo quando suas atenções se fixaram nele. Certamente, o herdeiro do escandaloso homem em questão teria um pouco de informação sobre o assunto. — Quando se trata do meu primo, o duque, — continuou dirigindo-se ao

grupo — Mal sabe no que acreditar. Sua nervura romântica e imprudente é bem conhecida.

Isto era verdade.

Igualmente certo: um comentário mal intencionado tinha posto tudo em questionamento.

No coreto

Depois de uma louca corrida através de um repentino dilúvio, Blake e Emma chegaram sem fôlego e úmidos sob o amparo do coreto.

Tinha que assinalar que Blake parecia incrivelmente bonito quando estava molhado. Não que Emma estivesse surpreendida por isso. Mesmo assim, pensou que era tremendamente injusto que seu cabelo enrolasse, e, maravilhosamente ridículo, que as gotas de chuva se aferrassem delicadamente aos seus longos cílios. Ela soube como se via depois de ser apanhada sob a chuva, e era mais como um gatinho afogado.

Mas ela não se deteve nisso. Seu coração entendeu o que significava este coreto. Este era um grande gesto romântico.

Isto é o que fazem os homens quando estão apaixonados e carecem do vocabulário para expressar seus sentimentos.

Entretanto, seu cérebro fechou completamente as operações enquanto tratava de processar feitos surpreendentes que se somavam a uma conclusão indecifrável: ele a desejava. Tanto que tomou medidas

custosas e possivelmente ilegais para prová-lo. Emma tinha lido as colunas de intrigas dedicadas às suas façanhas românticas prévias; nenhuma comparada a isto.

— Não se lembra, Emma? Assim foi como nos conhecemos — disse Blake brandamente.

— As cartas — mencionou em voz baixa. Ela se sentiu um pouco desequilibrada.

— As cartas — sussurrou. Seu olhar era constante sobre ela.

Aquelas cartas de amor em que tinham estado acordados toda a noite escrevendo. A história de amor que discutiram. A incredulidade de que um patife tão infame estivesse em sua cama e lhe escrevesse cartas perversamente românticas. Nunca imaginou realmente que este amor pudesse ser real.

A contragosto, ela tinha aceitado que ele não era esse tipo de homem, ela não era essa classe de garota, e eles não viviam nesse tipo de mundo.

Ou eles...?

O mármore estava frio e úmido sob seu toque. Real.

Ela enrolou um fio de hera ao redor de seu dedo. Real.

Virou-se para olhar ao Blake. Sua expressão era séria por uma vez: nenhum sorriso devastador ou faísca maliciosa em seus olhos. Seu olhar era pesado sobre ela, como se tentasse averiguar como se sentia por um brilho em seus olhos ou um fôlego apanhado em sua garganta.

— Construiu tudo isto para nossa história?

— Construí para você, Emma.

A verdade é que pouco a pouco foi desafiando todas as suas expectativas sobre o Blake, sobre ela e sobre o amor.

— Estou sem palavras — disse. Porque tinha que dizer algo, o momento pareceu chamá-lo, e ela não sabia o que dizer. Ninguém tinha se apaixonado por ela, e certamente não tão extravagantemente — embora, claramente — como isto. Foi aterrador. A chuva caía a cântaros. Torrencialmente. Não podia ter planejado essa parte, e; entretanto, este momento se desenvolvia perfeitamente, tal como o tinha imaginado. Infelizmente, ela não tinha escrito nenhum diálogo para si mesma — nunca acreditando que este momento romântico realmente aconteceria.

— Me permita te explicar — começou passando os dedos por seu cabelo molhado. — Eu gostaria que nossa história fosse real. Quer dizer, talvez pudéssemos...

Blake franziu o cenho. Ela se aferrou a cada palavra, esperando, perguntando-se, atrevendo-se a acreditar. Deixou de caminhar, voltou-se para ela e pegou suas mãos.

— Maldita seja, mulher, estou apaixonado por você. Este é meu intento de malditamente te cortejar.

Emma riu de nervoso, Isto estava acontecendo!, e de alívio de que mesmo neste momento ela e Blake mantivessem suas brincadeiras. Estava segura de que um sedutor legendário como nunca, em um momento de desespero, pronunciaria as palavras: *"Maldita seja, estou malditamente tentando te cortejar"*.

A linguagem imperfeita. A frustração. O batimento do seu coração. O sabor de seus lábios. Suas cálidas mãos que

se aferraram fortemente às suas. Todas estas coisas lhe disseram que este momento era real.

Este amor era real. A história era real.

— Não é a fortuna, juro — Blake disse. — É porque quero que me olhe da mesma forma que olha o Benedict. Porque quero alguém que me desafie em todo momento. Constantemente desejo seu beijo. E quero a alguém que me deixe completamente louco da melhor e da pior maneira. Esse alguém é você.

Não era a confissão de amor praticada de um sedutor, já que carecia de poesia e bonitos elogios e promessas murmuradas. Não, esta era a declaração de verdade, áspera, imperfeita e sincera de um homem apaixonado. E deixou Emma absoluta e totalmente muda.

Mal podia respirar, o que a fazia enjoar-se, e que os pensamentos fossem impossíveis. Ela só conseguia sentir. Temia que pudesse explodir pela combinação de comoção, desejo e um medo persistente de que tudo fosse um sonho.

— Seria muito menos angustiante se dissesse algo, Emma — mencionou Blake, sua boca convertendo-se em um sorriso. — Preferivelmente algo sobre seu amor eterno por mim e como estive sonhando que eu confessasse meus sentimentos mais íntimos de amor eterno por você. Qualquer coisa, mesmo se for “*se cale*” ou “*fora*”, ou “*esta farsa de compromisso terminou*”. Não siga em silêncio.

Havia uma coisa a dizer, realmente.

— Me beije, Blake.

Na sala de Avery House

Lorde Avery irrompeu no salão no qual sua esposa descreveria cortesmente como "*um estado*". Lady Avery manteve a calma frente às suas fanfarronadas.

— Esposa, o que é esta tolice que estou escutando no clube sobre o compromisso de nossa filha?

— Hmm? — Lady Avery levantou a vista de seu bordado.
— Que intrigas?

— Acabo de retornar do clube. Dizem que o compromisso entre Emma e Blake é um ardil. Está nos periódicos! Tem alguma ideia de por que alguém diria tal coisa?

— Nenhuma, absolutamente — respondeu, olhando para o outro lado e centrando-se, intensamente, nas iniciais entrelaçadas que costurou, delicadamente, no tecido: *E & B*.

O "*B*" não era pelo Benedict se ela se safasse.

— Ainda não assinamos os acordos. Ashbrooke pensou que seria mais eficiente que esperemos até depois dos Jogos da Fortuna para ver se ganhavam. — Lorde Avery se inquietou, agora passeando ante o fogo. — Estaremos devastados por isso, se os rumores forem certos. Quem se casará com ela então? Como pagaremos as malditas bodas que está planejando? Estaremos na bancarrota!

— Aham — o mordomo limpou sua garganta. Lhe estendeu uma bandeja com um cartão. — Há pessoas que a procuram. Muitos, muitos visitantes. Está em casa para os visitantes, minha lady?

No coreto

Ele a beijo.

Era simples: sua boca reivindicava a dela. Mas o que os trouxe a este momento tinha sido algo menos simples. Apesar de todo o engano, este beijo foi real. Emma se sentiu audaz.

As pedras debaixo de seus pés eram a prova. O teto sobre sua cabeça: prova.

A glicina e a hera se entrelaçaram: prova. Blake a abraçou: prova.

Sua língua saboreando e se enredando tão intimamente com a dela: prova.

A calidez que se desdobrava em seu ventre, o rubor assaltando sua pele — tudo, apesar do aguaceiro — era uma prova de que Blake a desejava. Agarrou um punhado de sua camisa de linho, segurando-se como se temesse ser arrastada sob a chuva.

Blake mordiscou brandamente seu lábio inferior antes de pressionar beijos ao longo da sensível pele de seu pescoço, tirando um ofego de seus lábios. Emma inclinou a cabeça como dizendo: *Mais*.

Suas mãos vagavam e exploravam as sedosas mechas de seu cabelo, a suave linha de sua mandíbula, a ampla extensão de músculos sobre seus ombros e seu peito. Cada toque lhe dizia que isto era real, que possivelmente era a parte mais sedutora de todas.

Blake puxou seu corpete e lhe deu um beijo no seio. A sensação em tal lugar a surpreendeu. Que pudessem ser vistos, estranhamente aumentou sua excitação. Surpreendeu-

se ao descobrir um desejo tão licencioso nela mesma. A boca do Blake estava quente sobre o escuro centro de seu seio. O vento soprava uma brisa fresca sobre sua pele cálida e exposta. Seus joelhos se dobraram e ele a apanhou. Seu toque, literalmente, debilitou-a.

O *Efeito Ashbrooke* era real. Ela não era imune. Não.

— Maldição — jurou Blake, brandamente. — Me esqueci de um banco. Quero te deitar — disse, beijando-a. — Quero te sentir debaixo de mim, em cima de mim. Queria ter um banco — sua voz era rouca e suas mãos exploravam.

— Realmente tinha um coreto de aspecto antigo construído só para, mmm — sussurrou, precisando dizê-lo em voz alta para que assimilasse a verdade — para nós.

Blake sorriu e disse: — Se for seduzir uma mulher, vou fazer o bem. Ou, indevidamente, mais que bem.

Logo a beijou de novo.

Logo lhe levantou seus pés do chão. Literalmente.

Blake a levantou como se fosse sem peso e a colocou na balaustrada. Mesmo assim, ela se aferrou a ele, sem querer que nada os separasse. Precisava senti-lo para que soubesse, sem lugar a dúvidas, que este momento realmente estava acontecendo, que não era uma fantasia malvada.

Blake lhe subiu a saia e apertou as pernas para poder acomodar-se entre elas. A pressão de sua dura excitação contra ela fez com que Emma ofegasse de vontade. Moveu seus quadris, explorando a pressão, só para que se intensificasse com cada toque. Ela envolveu suas pernas ao

redor dele, incentivando-o mais duro contra sua entrada, e ele gemeu. O som a emocionou como nenhuma outra coisa.

Ela, a pequena Emma, a encalhada, fez o notável duque de Ashbrooke gemer com prazer. Ela o fazia tão difícil. Ele a desejava.

— Oh, Emma. É tão formosa — qualquer protesto que poderia ter pronunciado foi silenciado quando reivindicou sua boca para outro beijo.

Para falar a verdade, ela se atreveu a lhe acreditar; só um pouco. Ela, certamente, sentia-se formosa neste momento. Ele, e só ele, tinha feito ela sentir-se dessa maneira.

Ele puxou seu corpete e ela se esquentou sob seu olhar apreciativo.

Inclusive com seu vestido mal cobrindo-a, Emma não tinha frio. Não, ela se esquentou com seu olhar amoroso e desejoso. Esquentou-se com suas mãos, cavando seus seios. Esquentou-se com sua boca quente fechando-se ao redor dos centros escuros de seus seios que estavam rogando por sua atenção. O calor que sentia ardia dentro, fazendo-a quase intoleravelmente quente.

Mas, mesmo assim, ela se aferrou a punhados de sua camisa de linho e sua jaqueta de lã. Se não se agarrasse, certamente cairia; caindo para trás nos arbustos recém plantados e no chão lamacento.

Não queria cair.

Ela queria estar nos abraços do Blake.

O que aconteceria se isto fosse para sempre? O que aconteceria se ele não se cansasse dela, ou se encontrasse em transe com uma garota que fosse mais alta, com um formoso cabelo loiro, a habilidade de pestanejar, flertar e atuar sedutoramente?

A ideia de que ele pudesse apaixonar-se por ela, só isso fez com que seu coração começasse a acelerar-se. Se isso pudesse acontecer, se ela pudesse acreditá-lo.

Então, ela se apaixonaria por ele.

Por que não poderia acreditá-lo?

— Me toque, Emma — a aspereza em sua voz a emocionou.

— Não quero cair — sussurrou.

— Eu te segurarei. Acredite em mim. Me toque.

Emma esmagou suas palmas sobre seu firme peito. Ela desabotoou uns botões e deslizou suas palmas nuas contra sua pele quente. A malvada ideia de tratá-lo com a mesma tortura deliciosa cruzou sua mente; ela tentativamente explorou seus mamilos com sua língua, lambendo e beijando.

— Oh, Deus, Emma — sibilou, passando os dedos pelo cabelo e apertando com força. Ela deu um sorriso satisfeito.

Explorou a ampla extensão, sentindo as tensas cristas de seu abdômen e os músculos sobre seu peito com suas mãos. Com sua boca. Ela o soprou. Provou-o. Ele era forte. Ele poderia abraçá-la para sempre, se quisesse. Alcançou e sentiu a linha forte de sua mandíbula, suave. Seu cabelo começava a secar-se, e era suave.

— Emma. — Ele pressionou sua ereção entre as pernas dela, e ela sentiu seu desejo pressionar-se fortemente contra ela. Ela não só o imaginava dentro dela, mas sim o ansiava com uma intensidade que a surpreendeu. Ela não sabia. E mesmo assim, necessitava-o.

A mão do Blake descansou sobre seu tornozelo antes de começar uma longa e lenta carícia de sua perna, para cima, às suas meias; além das ligas, capas de saias sobrepostas a um lado. Seus olhares se bloquearam.

— Me diga que pare — sussurrou.

— Oh, não — murmurou. Logo, ela ofegou em estado de choque enquanto ele pressionava seus dedos sobre o doce lugar entre suas pernas. Fechou os olhos, mordeu-se o lábio e cedeu, movendo-se com o ritmo lento e preguiçoso de sua mão. Aquela pressão, estava avançando. Aquele calor, era impossível. Ela não podia respirar agora. Ela só podia sentir.

Mais, ela necessitava de mais. Ou explodiria. Blake, ela necessitava do Blake. Ou morreria.

Como se soubesse, a boca do Blake colidiu contra a dela para lhe dar um beijo apaixonado. A pressão de seu contato se intensificou sobre ela, e ela se retorceu ao ritmo dele. Gemeu brandamente quando se aferrou a ele desesperadamente. E então ela não pôde conter-se mais.

Emma sussurrou seu nome quando o prazer fez pedacinhos sobre ela. Quando a encantadora e surpreendente sensação começou a acalmar-se, ela se derrubou em seus braços, apoiando sua bochecha em seu firme peito. Seu coração pulsava com força, como o dela. Ficou sem fôlego. Ela

podia ouvi-lo e senti-lo. Também sentiu que Blake ainda estava duro. Sua excitação foi pressionada contra a veia de suas coxas.

— E você? — Sussurrou, e ele soltou um suspiro estrangulado que soou um pouco como, “*oh, Emma*” e um pouco como, “*oh, Deus*”.

— Quero te sentir — disse ela, olhando-o.

— Nunca te afastaria — murmurou Blake, e riram juntos.

Esse foi o momento em que sentiu uma conexão poderosa com ele, e o tipo de intimidade que nunca lhe tinha ocorrido. Uma coisa era permitir-se todas estas atividades perversamente sensuais com ele; outra coisa era rir juntos em meio a tudo isso. Prova como ela podia. Emma não podia imaginar compartilhar esse momento com o Benedict. Ele era terrivelmente sério.

Entretanto, ela não tentou imaginar-se com ele. Não quando tinha um momento íntimo com o Blake, a quem queria agradar da forma que ele a tinha agradado. Havia um aspecto egoísta em seu desejo de satisfazê-lo também.

Cada vez que Blake ofegava por seu toque, ou gemia de desejo ao beijar-se, sentia uma onda de orgulho e poder. Ela, a *Rolixa Literária* e a menos provável de Londres para comportar-se mal, provocava muito prazer em um patife.

Emma se atreveu a pensar que talvez pudesse durar o *felizes para sempre*.

Mas havia assuntos mais urgentes que requeriam sua atenção neste momento. Juntos, ela e Blake, manipularam os

botões de seus calções até que sua excitação se liberou. Ela tomou sua ereção em sua mão, maravilhada pela sensação dele: dura e palpitante, mas a pele suave e cálida.

A mão grande do Blake se fechou sobre a dela. Juntos começaram a mover-se acima e abaixo pela longitude longa, quente e dura de seu eixo.

— Me beije — sussurrou. Ela o beijou lenta e meigamente até que sua respiração se fez mais curta e mais aguda, até que sua mão sobre a dela se moveu mais forte, mais rápido.

Emma sabia que a mesma pressão se estava acumulando dentro dele, aquele mesmo calor intolerável, aquela mesma necessidade de mais, mais, mais. Ela o beijou com força e moveu seus quadris ao mesmo ritmo até que ele gritou seu nome em um grito rouco, até que seus dentes se afundaram em seu ombro, até que esteve exausto depois de alguns últimos impulsos determinados.

Aproximaram-se um contra o outro para apoiar-se; então, com sua bochecha pressionada contra seu peito, escutando seu coração palpitante, Blake passou os dedos por seu cabelo e acariciou suas costas com suavidade. Permaneceram assim enquanto sua respiração voltava para a normalidade e suas cabeças começavam a limpar-se.

A chuva tinha diminuído do torrencial aguaceiro a uma garoa constante. Uma névoa rodou entre as árvores. Tiveram justo este momento, felizmente sozinhos, antes de retornar à casa onde não lhe esperavam uma, mas sim duas bodas.

Capítulo 18

Este autor tem a excelente exclusiva que Sua Graça, o Duque de Ashbrooke, não propôs à Lady Emma Avery. A própria dama não resistiu às convenções e pediu a mão do duque. Portanto, a pergunta segue sendo, como surgiu essa impactante proposta? Foi o próprio Sr. Knightly, do semanal quem recebeu o anúncio, que este autor pôde ler atentamente.

Está escrito em letra muito própria de uma dama, o que é ainda mais intrigante porque não foi uma dama que me transmitiu este bocado escandaloso: o compromisso é um ardil e não têm intenção de casar-se um com o outro.”

Inteligente e na Moda, O semanal de Londres

Em retrospectiva, Emma pensou que deveria ter entrado descaradamente no salão com seu vestido empapado e seu cabelo despenteado. Nunca deveria se haver escoado pelas escadas da servidão até sua habitação para trocar o vestido e restaurar sua aparência.

Tinha pensado na conveniência e na vergonhosa, se não impossível, tarefa de explicar por que luzia como se acabasse de ser violada em um parque em meio de uma tormenta de

chuva sem admitir que quase foi violada no parque em meio a uma tormenta.

Neste caso, o correto era muito equivocado. Aparecer como uma donzela corrompida "*especialmente com o Blake em seu braço*" teria posto os rumores para descansar. Imediatamente.

Mas não. Oh, não. Blake lhe deu um suave beijo de despedida nos lábios quando a viu a salvo à entrada dos serventes. Prometeu voltar a vê-la logo.

"Mas". Tantas perguntas queimaram em seus lábios.

O que significa isto? Estamos comprometidos de verdade? O que acontece com a fortuna e com nosso destino? Blake a amava? Me atreverei a me apaixonar por ele?

Mas estava sofrendo terrivelmente o *Efeito Ashbrooke*, e em lugar de pensar o beijou até que sua mente ficou completamente, deliciosamente, em branco.

Tendo escutado o zumbido agudo do salão que informava a Emma das pessoas que chamavam, pensou que era melhor arrumar-se. Colocou um vestido limpo, escovou-se o cabelo e se fez um simples nó na nuca. Com sua aparência restaurada, ela desceu à sala de estar para enfrentar os abutres. Apinharam-se no salão, encarapitados em cada cadeira e sofá. Alguns inclusive parados, ocupando cada espaço disponível.

Ao menos Olivia e Prudence estavam aqui, com expressões preocupadas que fizeram com que Emma se sentisse enjoada. Sentiu uma intensa pontada de nostalgia

pelas tardes livres de visitas, que passou em solidão (sozinha) feliz com um livro ante o fogo.

Sua mãe se levantou e se abriu passo entre os convidados para estreitar as mãos da Emma.

— Onde está Sua Graça? Não estava com ele?

Emma suspirou. É óbvio, só estavam interessados no duque.

— Desfrutamos de um passeio pelo parque — ela respondeu.

— Agora mesmo? — Inquiriu lady Montague, olhando com cautela a janela. Uma forte garoa caía de grossas nuvens cinzas.

— Saíram sob a chuva? — Uma mulher que Emma nem sequer conhecia estava horrorizada pela ideia. Quem era ela? E que demônios a trouxe aqui? Emma só chegou a uma conclusão: o anúncio do ganhador dos Jogos da Fortuna.

Mas se esse fosse o caso, por que a todos importava tanto seu passeio pelo parque sob a chuva com o duque?

— Não parece como se tivesse estado sob a chuva — comentou bruscamente lady Katherine. Dirigiu um olhar penetrante ao vestido novo de Emma, e Emma desejou desesperadamente ter chegado pela porta principal, com o Blake, com seu vestido esmigalhado, molhado, e seu cabelo revoltado.

— Não lhe vimos retornar — disse sua mãe. — Onde está o duque agora?

— Acredito que retornou à sua residência — disse Emma com um ligeiro encolhimento de ombros. — Ou talvez fosse ao

seu clube.

Ela tinha estado muito ocupada beijando-o da maneira mais indecente e desavergonhada para fazer perguntas tão mundanas sobre seu paradeiro. Debateu-se em responder isso, já que silenciaria a todos, quando lady Katherine deixou escapar um suspiro e disse: — Que lástima, eu adoraria escutar seus comentários sobre os rumores. É claro, também poderia nos tirar da dúvida, Emma — adicionou com um sorriso desviado. O coração de Emma se alojou em sua garganta. — É verdade que seu compromisso é uma farsa?

Depois de retornar de maneira segura a casa da Emma através da discreta entrada de serviço, Blake cantarolou uma feliz melodia, "*sua canção*", enquanto caminhava de retorno à sua carruagem estacionada nos estábulos. Conversou amavelmente com o padrinho de bodas por uns momentos e lhe jogou uma moeda por sua descrição.

Emma, Deus, Emma. Tinha-a deixado só há uns momentos e já sentia falta dela. Ele sempre tinha amado as mulheres, tropeçado dos pés à cabeça por assuntos breves, mas intensos. Imaginou-se enamorado antes. Mas nunca se havia sentido assim. Ela o fez querer ser um homem melhor. Ela o fez querer demonstrar seu amor por ela.

Seu amor.

Blake se preparou para uma onda de terror ou pânico que o envolveria. Mas nunca chegou. Isso tinha que ser algo significativo. Ele queria dizer isso a ela.

Os investidores também retornavam. Seu compromisso com uma mulher respeitável tinha ajudado. Sua aparição no

baile na outra noite fez com que muitos acreditassem na notícia que tinha sido uma *"surpresa para todos"*. Tudo o que ele queria estava ao alcance da sua mão.

Subiu à carruagem e começou seu caminho para casa. Na rua fora da residência de Emma se encontrou com uma quantidade anormalmente grande de carruagens estacionadas, condutores ociosos e cavalos de pé, farejando e chutando com impaciência.

Damas bem vestidas se apressaram para a casa Avery. Diminuiu seus cavalos de um trote a um passeio. Teria que assinalar que ninguém parecia ir-se.

Obviamente, tinha havido notícias de *"o ganhador dos Jogos da Fortuna"*.

Uma vez que entrou no salão, deu-se conta de que era algo completamente diferente.

Lady Abernathy tinha aquele sorriso docemente enganoso enquanto perguntava a Emma, parada sozinha entre uma grande quantidade de fofoqueiras: — É claro, também poderia esclarecer o assunto para que tudo acabe, Emma. É certo que seu compromisso é um ardil?

Em um instante assimilou tudo. As caras ferozmente inquisitivas de tantas senhoritas e matronas desejosas de saber se deveriam celebrar ou rechaçar Emma. Tudo era muito claro, podia ver a esperança de que este solteiro seguia sendo elegível no mercado matrimonial. Se se tratasse de alguém mais, ofereceriam suas felicitações cortesmente, mas sem humor. Mas isto se tratava dele e dela.

Blake também detectou o desejo desenfreado de uma cena com a qual poderiam tratar com atenção seus conhecidos durante semanas ou inclusive meses.

O olhar de Emma ansiosamente se fixou nele. Quando a olhou aos olhos azuis, viu sua incerteza.

Seu compromisso foi uma farsa?

Mas ele não sabia a resposta correta e não deu nenhuma resposta. Ele só queria agradá-la.

Blake vacilou. Os abutres se aproximaram mais.

Ia reivindicá-la agora, consolidando ainda mais seu vínculo e fazendo-o impossível de romper?

Ou desejava que facilitasse a ela e a seu amante estar juntos?

Ela tinha querido uma eleição e aqui estava ele, em posição de decidir pelos dois.

Como se supunha que pudesse pensar quando os abutres cacarejassem e voassem em círculos ao seu redor? Seu coração pulsava com força. Sentiu um suor frio na parte posterior de seu pescoço. Alguém o tinha traído ou a ela. Quem sabia com certeza que não estavam prometidos? Seu idiota amigo Salem, seu herdeiro George, Emma, quem quer que tenha enviado a carta.

E, sobretudo, por que continuamente se encontrava no salão Avery pressionado para tomar decisões que alterariam a sua vida frente a um grupo de fofoqueiros? Na primeira vez, a resposta foi fácil. Encontrar a garota. Beijar a garota. Se agarrar à garota.

Olhou de novo aos olhos azuis de Emma, que lhe implorava que dissesse algo, pelo amor de Deus! Na última vez que a deixou falar por eles, ela havia dito a todos que ele tocava flauta.

Blake mostrou a todos um brilho do infame sorriso do Ashbrooke, conhecido por derreter corações e fazer dobrar os joelhos.

— Perdão por arruinar suas esperanças e sonhos, senhoras — respondeu. Deslizou seu braço ao redor da cintura de Emma. — Mas receio que meu coração já decidiu.

Mas inclusive isso não dissuadiria Lady Katherine, quem se pôs-se a rir e comentou: — Isso até que se tenha anunciado o ganhador dos Jogos da Fortuna.

— Sim, sobre isso. — Murmurou lady Avery, e todas as cabeças giraram para focar-se nela. — Emma, chegou uma carta para você. De Lady Grey.

Emma tentativamente estendeu a mão para aceitar a folha de papel dobrada da mão de sua mãe, ansiosamente estendida.

— Mãe, esta carta já está aberta.

De fato, o selo de cera vermelha estava quebrado. Blake entrecerrou os olhos e se concentrou em Lady Avery. Ela rapidamente desviou o olhar e soltou uma pequena gargalhada.

— Mal podia me conter — respondeu, olhando ao redor da habitação, procurando o acordo de seus convidados. — Adiante, leia!

Emma reduziu a velocidade. Blake olhou por cima do ombro para ler a carta que declarava seu destino. Lady Avery juntou as mãos e sorriu de alegria. Todos os convidados se inclinaram para frente, quase derramando-se de suas cadeiras.

Emma deu uma forte inspiração. Blake fez o mesmo.

Capítulo 19

“Querida Lady Emma,

É um prazer para mim lhe declarar ganhadora dos "Vinte anos dos jogos anuais da fortuna", portanto, passa a ser a herdeira da minha enorme fortuna.

Embora cometeu alguns enganos, fiquei impressionada com sua determinação na hora de querer participar de maneira justa. Lady Emma, testemunhei toda a desastrosa cena que envolveu você, a senhorita Dawkins, a incalculável urna e aos restos do meu amado Harold. Que se tenha atribuído a culpa exclusiva de um acidente que envolveu várias partes e que, portanto, protegia à senhorita Dawkins, mostrou-me que sua bondade e dignidade valem mais que meu dinheiro. Você foi, obviamente, a única que leu a história dos Ashbrookes que lhes fiz chegar, e isso me mostrou que será uma boa administradora do legado familiar. E pensar que suspeitei que era uma caça-fortunas quando chegou pelo braço desse patife. Já não acredito. E eu nunca me engano.

Lady Agatha Gray.”

Emma leu a carta três vezes, e ainda não podia acreditar nas palavras elegantemente escritas que nadavam ante seus

olhos. A folha de pergaminho rangente vacilou em suas mãos. O olhar de Blake confirmou a verdade. Estava ali no jeito cortês de sua inclinação de cabeça em reconhecimento e no sorriso tenso que não chegava aos seus olhos.

Momentos antes, havia-se sentido tão conectada com ele que tinha estado a ponto de suspender sua fuga planejada com o Benedict. Tinha-lhe construído o coreto, e ela tinha estado muito feliz. Depois a tinha salvado de outro desastre na sala de estar.

Mas agora, embora estivesse a menos de um metro dela, sentia mundos de distância entre ambos. Alguém teria se dado conta de como se separava dela?

Na festa, essa noite, a verdade era inegável quando se anunciou sua chegada. Um silêncio desceu sobre os quatrocentos convidados, quando nunca ninguém tinha reparado nela ao chegar a um salão de baile. Agora que ela era a herdeira de Lady Grey, a alta sociedade o fez, e com sanha.

Emma lentamente atravessou a multidão, esperando procurar refúgio com as outras encalhadas. A multidão a seguiu; um enxame de sedas e cetins, um assobio de sussurros e um leve zumbido de conversação enfebreçada.

— Lady Emma, felicidades por ganhar os Jogos da Fortuna deste ano! Deve estar emocionada. — Isto, de parte de Lorde Stanton, a quem lhe tinham apresentado três vezes e que cada vez dizia: *“É um prazer conhecê-la”*.

— Que — ela começou a dizer, mas foi interrompida.

— Atrevo-me a dizer que a notícia foi um grande choque — disse uma matrona de cabelo laranja, abanando-se vigorosamente. — De fato, a gente poderia dizer que foi a menos provável de Londres para ganhar.

Uma onda de risadas percorreu a multidão. Emma só sorriu com força. Aparentemente nem sequer noventa mil libras eram suficientes para fazer com que se esquecessem de seu desafortunado apelido.

— Onde está seu prometido? — Perguntou alguém, com tanta ênfase na palavra e com uma expressão tão cética do ponto de vista cômico para demonstrar que, embora aceitasse herdar uma fortuna, não acalmaria os miseráveis rumores que tinham saído à luz nos periódicos dessa tarde.

De fato, muitos cavalheiros pareciam tomar os rumores como uma oportunidade para paquerar com ela, e possivelmente cortejá-la. Isto, é claro, era a essência da questão, por que não podia confiar em ninguém, e tampouco no Blake. Por muito tempo tinha estado presente, tal como estava agora, e ninguém a tinha notado. Portanto, ela sabia que era a fortuna, ou a possibilidade de poder ter algo dela, o que viam agora.

— Uma limonada para você, Lady Emma. Deve estar sedenta. — Um cavalheiro com o qual não estava familiarizada se inclinou profundamente e lhe ofereceu um copo de limonada. Era o quarto que lhe tinham dado esta noite.

— Só seus olhos são uma fortuna — esse estranho elogio foi dito por um dandi presunçoso. Recordou ao Blake

zombando das comparações de seus olhos azuis com vários corpos de água. Ele disse que seu olhar era inteligente. Isso era muito melhor.

Ao seu lado, Prudence soprou, e Emma reprimiu sua própria risada em meio a uma rajada de perguntas de pessoas que tinham tido a oportunidade de conversar com ela ao longo dos anos, mas que nem sequer lhe tinham dado boa noite em um baile.

— Então, em que gastará todo esse dinheiro?

— Viverá em Gray Manor?

— O que vai fazer com a frota de navios?

— De verdade herdou uma frota de navios? — Perguntou Olivia. — Se for assim, espero que seja uma frota de navios piratas. Com piratas.

— *Aye, matey* (saudação pirata) — disse Prudence em voz baixa, e todas riram.

— Não sei o que herdarei — respondeu Emma. — De fato, espero não o fazer. Afeíçoei-me a Lady Agatha. Aqui, toma esta limonada, vejo que vem mais.

— É óbvio, Lady Emma pode não ter fortuna — recordou o Sr. Parks ao grupo.

O primo do Blake, George, era o mais encantador. Ele sorriu, e junto a Emma, Prudence conteve o fôlego.

— Felicidades, Lady Emma — disse George. — Foi um prazer competir contigo, e me atrevo a dizer que mereceu ganhar.

— É muito amável por sua parte. Eu gostei de o ter conhecido também. Quando me contou sobre os jogos, não

me avisou de toda esta loucura.

— Fica pior a cada ano — George disse com um sorriso.

— George, deve ter tido o pressentimento de que ela ganharia — disse Parks. — Dado que apostou dez mil libras a seu favor e agora é um tipo rico!

Mais convidados se aproximaram e a multidão se adiantou. Emma, Olivia e Prudence agora estavam paradas de costas contra a parede. Também chegaram mais pretendentes jovens, com elogios insípidos e limonada morna.

Emma se arrependia das vezes que se queixou por ser quase invisível para os outros.

— Lady Emma, seu vestido é muito favorecedor.

Era da temporada passada, arrumado apressadamente esta tarde para parecer mais na moda.

— Seus cachos são a perfeição.

Eram o resultado de horas de esforço com um ferro quente.

— Vejo o paraíso em seus olhos.

— Seu nariz, Lady Emma, é um sonho. — Emma só suspirou.

Prudence e Olivia permaneceram ao seu lado todo o tempo, maravilhadas pela mudança dramática de suas circunstâncias. Normalmente viam o enxame de pretendentes adular as outras garotas. Nunca tinham estado tão perto delas.

— Nunca bebi tanta limonada em minha vida — murmurou Prudence.

— Pode ser que vomite, justo neste vaso de barro.

— Estou pensando em todos os bailes nos quais estive sedenta, e nem um cavalheiro me trouxe jamais um gole — respondeu Olivia. — Temia morrer de sede.

— Tome cuidado com o que deseja — disse Prudence.

— Se ao menos alguém nos trouxesse champanha — disse Emma.

— Bom, olhe quem tem gosto pelas coisas boas, agora que é uma herdeira!

— Se o preferir, toma esta cálida limonada, Olivia.

— Estaria encantada de tomar champagne — Olivia respondeu rapidamente.

— Entretanto, minha mãe diz que não é apropriado para mim. Possivelmente me esqueça de mim mesma. O que seja que isso signifique.

— Nada divertido é apropriado — comentou Prudence. — As jovens têm opções tão limitadas para entreter-se.

— Nunca pensei que diria isto, — disse Emma — mas sinto falta da solidão de outros dias.

— Não sei por que se incomodam em te adular. Está prometida — assinalou Prudence.

— Isso é certo — disse Emma.

Mas o estava? Blake em realidade não o tinha pedido, e suas bodas ia ter lugar em só dois dias! Pelo que sabia, ele ainda planejava deixá-la plantada ou esperava que ela o deixasse plantado. Pelo que sabia, nada disso importava já que alguém tinha mencionado aos periódicos que seu compromisso era uma farsa. Ela não estava surpreendida,

mas despertou sua curiosidade, quem tinha enviado a maldita carta? E quem mais sabia sobre isto?

Não importava, ela escaparia de tudo ao fugir com o Benedict. Esta noite. Emma Hadwon, a ganhadora dos Jogos da Fortuna.

Não foi algo inesperado, mas, mesmo assim, Blake se sentiu perturbado pelas notícias. Mesmo horas depois, perdido entre a multidão da festa, sentia-se desequilibrado, embora isso poderia atribuir-se a todo o brandy que tinha bebido desde que leu a carta sobre o ombro de Emma nessa mesma tarde.

Dado que a fortuna que tinha procurado, o favor que tinha ansiado, e o lar de sua infância foram em essência transferidos à menos provável de Londres para amá-lo, tomar uma taça era totalmente necessário.

A ideia de que ela vivesse em Gray Manor com o Benedict significava que necessitava de outra bebida. A ideia de que Emma se casasse com o Benedict e de que fizesse amor no dormitório principal significava que uns brandis a mais eram absolutamente necessários.

Ah, e o rumor tinha explodido, porque alguém tinha confidenciado suas suspeitas a uma dama distinta, de que seu compromisso com Emma tinha sido um ardil todo o tempo. Não eram exatamente o tipo de notícias que ajudavam um homem a cortejar e seduzir uma mulher relutante.

Blake estava dolorosamente consciente de que se apaixonou por ela e de que o coração dela suspirava por aquele parvo do Benedict, e agora não havia nada, nada, que

lhe impedisse de casar-se com ele, lhe deixando destroçado. A menos que em algum momento seu romance falso lhe tivesse despertado verdadeiros sentimentos amorosos.

Se pudesse falar com ela. Se pudesse tocar sua mão. Se pudesse beijá-la.

Mas a multidão de caçadores de fortuna obsequiosos e adúladores a rodeava e era quase impossível aproximar-se.

Suas vísceras se crisparam quando viu o George inclinar-se sobre a mão estendida da Emma, beijando-a. Se todos pensavam que seu compromisso era falso, logicamente pensavam que era uma noiva potencial. As mãos do Blake se fecharam em punhos enquanto sorria meigamente ao George.

Logicamente um desses dois era um traidor, quem mais sabia do engano?

Emma tinha-o planejado desde o começo? Quem tinha enviado essa carta, de todos os modos?

Quem tinha se atrevido a sugerir que seu amor não era real? Só uma coisa importava: que seu amor seria verdade. Tinha instruções explícitas sobre como cortejá-la, e ele as seguiria ao pé da letra.

Começando esta noite.

Emma tinha ganhado os Jogos da Fortuna, e se tudo ia segundo o previsto, Benedict sabia que finalmente seria ele quem ganharia. Depois de tudo, apaixonou-se pela Emma antes de que ela fosse uma herdeira, antes que a alta sociedade a notasse. Já sentia falta dos dias nos quais ainda podia reivindicá-la para uma valsa. Esta noite, uma absurda multidão de convidados a rodeava e não pôde aproximar-se.

Tudo o que queria era casar-se com a Emma e viver felizmente em sua pequena casa com biblioteca, jardim e as crianças no piso de cima. A enorme pressão que seu pai tinha exercido tinha feito com que Benedict se dobrasse, mas não se quebrasse.

Casar-se com uma herdeira, casar-se com uma herdeira.

Mas o coração queria o que o coração queria, e por Deus, teve sorte quando a mulher de seu coração podia herdar noventa mil libras. Infelizmente, chegava uns dias tarde. Um inconveniente.

Ele e Emma ainda poderiam fazer de seus sonhos realidade. Tinha planejado tudo para sua fuga: sua carruagem estava preparada, os cavalos preparados. Os tijolos estariam quentes, as mantas suaves, uma cesta de vinho e mantimentos escondidos. Ele tinha determinado sua rota e identificado as melhores estalagens no caminho. Tinha empacotado todo o necessário, incluída a aliança de bodas de sua falecida mãe.

Tudo o que precisava era a sua noiva.

Benedict teve que andar a cotoveladas entre a multidão, tentando aproximar-se da nova herdeira de Londres quando de repente a multidão se separou, deixando passo à Sua Graça, o Duque de Ashbrooke.

Atrás dele se encontrava um lacaios com uma bandeja que não continha uma, e sim três taças de champanha gelado. Benedict olhou à Emma e suas amigas, não havia dúvida de que seus olhos brilhantes e os sorrisos eram de

mulheres encantadas, impressionadas e virtualmente seduzidas.

Esta noite. Benedict a reivindicaria. Tinha amado Emma quando ninguém a tinha notado. Ele conheceu a Emma como mais ninguém o fez. Compartilharam os mesmos sonhos. Ele seria a felicidade futura de Emma, não o duque. E ele provaria. Esta noite.

— Encantada.

Olivia suspirou quando apareceu Blake com um lacaio com taças de champagne.

— Ele tem suas coisas boas — admitiu Prudence. — Espero que fique com ele — disse à Emma.

— Boa noite, senhoritas — disse Blake com aquele sorriso devastador.

Emma não era imune. Pensou em como se sentia sua boca sobre sua pele. Recordou seu sabor, em como a tocou experientemente, provocando-a, até levá-la a umas vertiginosas alturas de prazer.

— Por que se ruboriza? — Perguntou Prudence em voz baixa.

— Não poderia dizê-lo — disse Emma, imediatamente tomando um sorvo de seu champanha. Verdadeiramente, não podia dizê-lo com palavras.

— Saúde — disse Olivia alegremente, e as três garotas fizeram tilintar suas taças de champanha. O lacaio, amavelmente, levou ao menos sete copos de limonada.

Ao ver que estavam ocupadas, Blake se voltou para dirigir-se à multidão. Acalmaram-se imediatamente ao lhe ver

o olhar. Era incrível.

— A dama necessita de um descanso — disse com calma. A multidão se dispersou.

— Me diga que isso não fez com que seus joelhos se debilitem um pouco — perguntou Olivia. O coração de Emma saltou e tremeu enquanto levava o copo aos seus lábios.

— Fez — sussurrou. Oh, claro que o fez. A pergunta era, seguiria atuando assim um ano depois, quando se nomeasse um ganhador diferente? Ou ele seria arrastado para longe dela por alguma sereia mais conveniente? Isso foi só para acalmar os rumores ou simplesmente era uma demonstração bárbara de dominação e possessividade?

Seu olhar pousou no Benedict, que a olhava timidamente à distância. Ele pronunciou palavras que fizeram com que seu pulso se acelerasse:

— Meia-noite. Esta noite.

Capítulo 20

"Emma, se casaria comigo?"

"Emma, me faria o homem mais feliz de Londres?" "Emma, sinto-me arder por você. Aceitará ser minha esposa"

Propostas ensaiadas, mas nunca feitas por uma pessoa muito indecisa, mas dedicada.

Mr. Benedict Chase

Quase meia noite

Emma fazia sua eleição. Ela tinha declarado sua escolha. Entretanto, a certeza lhe escapou. Caminhou por seu dormitório como se cada passo fortalecesse sua resolução.

Uma mala vazia estava aberta sobre a cama. O que alguém devia levar quando fugia? O vestido polvilhado de renda, seda e pérolas que sua mãe lhe tinha encomendado para suas bodas oficial com o Blake, que estava programada para dois dias mais tarde, não serviria.

Todos os babados e os delicados adornos de renda seriam muito para Gretna Green.

Emma acrescentou uma escova para o cabelo à mala. Certamente a necessitaria se embarcasse nesta louca viagem. As dúvidas se aproximaram sigilosamente dela quando estava tratando de decidir o que empacotar para sua fuga. Depois de tudo, era muito mais fácil preocupar-se com um vestido que pelo que lhe proporcionava o destino.

Dei minha palavra ao Benedict, pensou Emma. Mas isso foi antes que Blake confessasse seus sentimentos por ela no coreto. Ela não tinha tido a oportunidade de dizer nada ao Benedict.

Emma não duvidava do amor do Benedict por ela, mesmo apesar de seu compromisso com Katherine, que ela desprezou como uma aberração momentânea, um arranjo forçado que não tinha nada a ver com seu coração. Ela e Benedict compartilharam os mesmos sonhos, discutidos extensamente durante um noivado de três anos. Eles seriam felizes e ele chegaria dentro de um quarto de hora. Ela adicionou dois vestidos à sua mala.

Sua mente se desviou para o Blake. Enlouquecedor, impossível Blake. Ele a fazia sentir-se formosa, poderosa e viva. Escutou-a e desafiou-a. Blake deixou claro seus sentimentos.

Benedict também expressou seus sentimentos, e no transcurso de três anos, podia confiar nele para a terceira valsa, uma conversa sobre livros, um sorriso cálido do outro lado do salão de baile. Mas Benedict nunca violou a lei e gastou uma quantidade exagerada de dinheiro para realizar um dramático e romântico primeiro encontro fictício.

Sabendo disso, Olivia e Prudence gritaram que estava total e absolutamente louca por considerar a qualquer um que não fosse Blake. Não estou louca, pensou Emma.

Só estou assustada, não estou segura de mim mesma.

Ela tinha cativado o Blake, mas por quanto tempo? Por quantas outras mulheres se apaixonou? Por nenhuma. Isso é o que ela tinha escutado dizer.

O problema eram as viciosas vozes da alta sociedade que eram um constante zumbido em seu ouvido, *“É tão singela, o que faz com um homem tão bonito como o duque?”*, que afogavam a voz em seu coração.

Seu coração intrigado, mas aterrorizado, ofegante e covarde.

Emma acrescentou uma regata à mala e desejou que fosse mais sedutora em lugar de ser perfeitamente apropriada para uma mulher que continuava sendo solteira por muito tempo.

A menos provável de Londres. Sempre a encalhada. O que o Duque de Ashbrooke via nela? Emma empacotou tudo de uma vez.

Agarrando todas as velas em sua habitação, dada sua inclinação pela leitura até altas horas da noite, havia muitas, acendeu cada uma e as colocou sobre seu toucador e se sentou em frente ao espelho, alagada por um quente resplendor.

Tendo evitado seu reflexo por costume, agora se olhou longamente. Queria deixar de ver a si mesma como o fazia a sociedade e começar a ver-se como o fazia Blake.

Seu cabelo não era longo, lustroso e dourado como o de Lady Katherine Abernathy, que refletia a luz das velas tão bem e inspirava todo tipo de poesia boba. Seu cabelo era escuro e brilhante; embora não pudesse manter os cachos durante muito tempo, suavizavam-se em agradáveis ondas.

Emma avaliou com franqueza suas características. Eram as características afetadas, singelas e pouco chamativas de uma encantadora garota inglesa. Seus olhos tinham forma de amêndoa e seus cílios, embora não fossem muito longos e cheios, brilhavam nas bordas exteriores.

Seu nariz não era atrevido, parecido com um botão ou adorável, mas tampouco era muito grande nem descuidado. Seu nariz estava perfeitamente bem.

Neste momento, quando deixou de se desesperar-se por sua falta de uma boca cheia e sensual, viu que a sua tinha uma bonita forma. Talvez inclusive parecida com um arco. Emma aventurou um sorriso ante seu reflexo. Sempre odiou seu sorriso torcido, mas Blake estava fascinado e intrigado por ele. Então talvez, talvez, seu sorriso fosse encantador, depois de tudo.

Pensou em todas as vezes que não sorriu. Quando inclinou a cabeça em um livro em lugar de avaliar sua aparência. Quando se sentia tão bonita que não se incomodou em atuar com graça.

Blake a fez sentir-se formosa pela luz em seus olhos quando a olhava. Pela forma em que sempre tratou de tocá-la e beijá-la. Devido à forma em que foram capazes de brigar, brincar e rir juntos.

Enquanto Emma olhava a si mesma, atreveu-se a acreditar que era formosa. As vozes de meia dúzia de aristocratas começaram a soar em sua cabeça um pouco distante.

Quem se acredita que é?

Lady Emma Avery, a menos provável de Londres, e, entretanto, também a prometida do duque de Ashbrooke e herdeira de uma grande fortuna. Oh, a enalhada? Um tesouro não descoberto.

O que está fazendo com ele?

Todo tipo de coisas travessas, perversas e maravilhosas. Ele se cansará dela, eventualmente. Ele realmente poderia. Mas talvez não o fizesse.

Toda uma vida de não acreditar em si mesma não desapareceria depois de um bom e longo olhar no espelho. E certamente não ajudava o implacável tic-tac do relógio, que irritantemente lhe recordou que a qualquer momento, Benedict chegaria, concentrado em uma fuga à meia-noite. Ela tinha uma decisão a tomar.

Casar-se com o homem que a amou por três temporadas quando ninguém o fez. Era uma escolha segura e sensata.

Casar-se com o homem que nunca teve uma aventura de mais de quinze dias, que possivelmente a amava agora. Mas se atreveria ela a arriscar-se a um *felizes para sempre* com ele?

Aquele maldito tic-tac do relógio golpeava ruidosamente sobre o suporte da lareira. Meteu-o na mala junto com quase toda sua roupa, que esperava, amorteceria o som.

Emma se sentou sobre a mala, forçando-a a fechar-se. Tomando uma respiração profunda, fechou os olhos e escutou a voz de seu coração. Podia ouvi-lo agora, por cima das vozes de medo e zombaria que sempre a chamavam *a menos provável de Londres*. Blake tinha se apaixonado por ela e não havia forma de negar. Lhe havia dito em palavras e tinha mostrado em suas ações.

Tampouco se podia negar que ela também se apaixonou por ele. Queria ver-se tal como ele a via. Queria viver com a paixão que lhe tinha mostrado. Queria estar tão segura de seu amor que nada poderia sacudir sua confiança.

Não tinha chegado a isso ainda. Seus nervos estavam em um avançado estado de agitação, dada a escolha que ia fazer esta noite. Seu coração já estava acelerado. Com medo? Antecipação? Se tivesse mais tempo!

De pé, caminhou para a janela de sua habitação. Ali estava o pequeno resplendor de uma lanterna, que era o sinal do Benedict de que tinha chegado. Ela devia escapar da casa e encontrar-se com ele na carruagem.

Esse era o plano.

Até que Blake entrou pela janela do dormitório.

Não era a primeira vez que Blake subia a uma grade para penetrar no dormitório de uma mulher a uma hora ímpia da noite. Mas era a primeira vez que seu coração se acelerava enquanto subia, não com medo de que o apanhassem ou de que caísse, mas sim temendo que fosse muito tarde.

Também foi a primeira vez que não estava seguro se a mulher estaria feliz em vê-lo. Emma foi muito importante

para ele: a primeira mulher que o rejeitou e a primeira mulher a quem confessou seu amor.

Dado que ela não o esperava, era de esperar que sufocasse um grito quando se meteu em sua habitação.

— Blake! O que está fazendo aqui?

Era uma boa pergunta. Dada a situação, só a verdade seria suficiente. Depois de tudo, não podia dizer que estava passeando pela vizinhança e pensou em passar por ali.

— Sinto sua falta — disse claramente.

Mal podia ver sua expressão embora tivesse um número ridículo de velas acesas em seu toucador, mas não podia distinguir seus sentimentos do meio sorriso em seus lábios. Embora a tivesse visto depois da final dos Jogos da Fortuna, sentia falta do entretenimento na casa da tia Agatha, sentia falta de suas brincadeiras, sentia saudades de seus olhares cheios de saber que compartilhavam um segredo. Mais recentemente, sentia falta de seus suaves gritos de prazer, da sensação de sua pele nua sob sua palma, e seu sorriso torcido.

— Deve ter sentido muitas saudades para se aventurar em minha habitação à meia-noite. Não podia esperar uma hora decente?

A dama não se comoveu com seu gesto dramático e romântico de subir ao seu dormitório. Ainda.

Esta era Emma, a única mulher que não se jogou aos seus pés, razão pela qual ela era a única mulher para ele.

Blake olhou ao redor de sua habitação. Seu olhar pousou em uma mala que descansava aos seus pés. Detectou a suave

e fina musselina de uma camisa que aparecia.

— Vai a alguma parte? — Perguntou com indiferença. Dado o que tinha vislumbrado nas cavaliças, suspeitava que conhecia sua resposta.

— De fato, estava indo — disse, com voz tremente. Deu-se conta de que suas mãos estavam agarrando desesperadamente o tecido de sua saia. Ela estava nervosa por algo.

— Oh? Para aonde poderia ir uma jovem dama a esta hora tão tardia?

— Tenho planos de fugir com o Benedict — disse.

Seu coração deixou de pulsar. Seus pulmões deixaram de funcionar. Seu estômago se revolveu. Seu cérebro deixou de funcionar, salvo por um pensamento: *Não*.

Sua voz tinha vacilado. Havia esperança. Ele se afezrou a isso.

Blake tomou um momento para que seu coração voltasse a pulsar, seus pulmões se enchessem de ar, para sufocar a revolta em seu estômago. Sua felicidade futura dependia dos seguintes momentos, e seu único pensamento coerente era que ficava muito bonita à luz da lua.

Emma mordeu o lábio, insegura. Ela o olhou. Ansiava tomá-la em seus braços e fazer com que estivesse absolutamente, positivamente segura da felicidade e do prazer que poderiam ter juntos. Sempre.

Em troca, apoiou-se contra o marco da janela e disse:

— Isso explica por que ele está esperando nos estábulos.

— O que está fazendo aqui, Blake? — Perguntou de novo. Não havia forma de dissimular a angústia em sua voz. — Veio me deter? É pela fortuna?

— Já lhe disse isso, sinto sua falta. — Felizmente, sentia tantas saudades que chegou para frustrar sua fuga. Se isso não era sorte, ele não sabia o que era.

— Como subiu aqui? — Blake sorriu.

— Instalei uma grade — disse. Passou junto a ele, roçando seu peito para poder olhar pela janela e confirmar que sim, embarcou-se em projetos de construção em sua própria casa.

— Mas esta não é sua casa — protestou.

— Seus pais me adoram — disse Blake. — Além disso, os pais com filhas comprometidas com duques enriquecidos não duvidam em instalar grades na janela de sua habitação. Qualquer coisa para assegurar o partido.

— Estão enganados — murmurou. — É impossível.

— Isso é o que adoro em você, Emma. Passa pelo aborrecimento de orquestrar um encontro devastadoramente romântico e o chama de impossível. Ao menos não desmaiou.

— Por favor — replicou ela. — Como se eu fosse fazer algo assim.

Ela recolheu sua mala. A mulher, obviamente, pensou muito e empacotou excessivamente. Isso ou ela estava levando todo seu enxoval.

— Você gostaria de ajuda com isso? — Perguntou cortesmente.

— Consigo sozinha, obrigada — disse fracamente. A mala era obviamente pesada. Teria que levá-la pelo corredor, descer as escadas dos serventes, atravessar o jardim e sair aos estábulos. Silenciosamente.

Perguntava-se o que estava errado com o Benedict. Ela estava disposta a ir até a Escócia para casar-se com ele, e ele não podia esperá-la na porta traseira para ajudá-la a levar sua mala. Era vergonhoso.

— É meia-noite — Blake disse friamente, embora seu coração pulsasse com força. Ela não podia ir-se. Agora não. Mas ele não disse isso. Ele não era um homem que suplicava. Em troca, disse:

— Será melhor que vá. Ou planeja deixá-lo esperando? Possivelmente esteja medindo seu amor por você. Quanto tempo crê que manterá a carruagem estacionada nas cavalariças te esperando? Um quarto de hora? Uma hora? Até o amanhecer?

— Não sei. Simplesmente não sei — ela chorava com tanta paixão que quis acreditar que não estava assim só pelo que lhe acabava de dizer.

— Crê que tentará aproximar-se de sua janela? — Perguntou-se Blake, olhando para baixo, ao jardim vazio. — Deus sabe que o deixei fácil, pode subir pela grade.

— Comove-me sua consideração e caridade — resmungou enquanto tentava carregar a mala para a porta.

— Me diga, chorou quando te propôs matrimônio à meia-noite em nosso coreto? Lutou contra um bando de meninos de rua armados para proteger sua honra? Penetrou em sua

habitação para um encontro apaixonado? Chegará inclusive à porta para te ajudar com sua mala?

— Isso são só as cartas — disse deixando a mala.

— Tudo é por essas cartas — disse. — Emma, quer saber a verdadeira razão pela qual estou aqui?

— Sim, maldito seja — murmurou.

— Quero que nossa história seja real — sussurro.

— É a aposta, não é? Ou é pela fortuna?

Era tão desconfiada. Não tinha nenhuma confiança em si mesma. Não sabia o que provocava nele. Se tivesse paciência e sorte, poderia mostrar-lhe e lhe fazer entender que era formosa, maravilhosa e digna de amor. Mesmo se terminasse fugindo com seu amante, ao menos saberia que era uma mulher incrível.

— Te perseguir sem dúvida tem feito meu coração palpitar — disse. — Mas não é uma concorrência nem é pela fortuna.

— Se tivesse me jogado sobre você, caído aos seus pés ofegando *'Oh, Sua Graça, faça o que quiser comigo'*, não estaria aqui — disse claramente, e foi uma grande verdade, cada vez que ela se negou, ele tinha persistido. Então não podia culpá-la pela pergunta lógica que seguiu. — Então, o que aconteceria, Blake, se lhe dissesse sim?

Olhou-o, espectadora. Seu coração em sua garganta.

Ele não sabia o que aconteceria se ela dissesse que sim. Correção: sabia exatamente o que aconteceria, fariam amor, seria delicioso, mas não sabia o que aconteceria depois disso.

Não era o idiota que frequentemente supunham que era, sabia que esta era a razão pela qual não confiavam nele.

— Tenha fé, Emma, em que minhas intenções são boas e que quero a você, e só a você.

— Quero fazê-lo, mas não consigo. Mas consigo fazê-lo com o Benedict

Levantou sua mala, agarrando-a com força com ambas as mãos. Se ela se fosse esta noite, estaria arruinado, para sempre. Não poderia estar com nenhuma outra mulher.

Quando voltou a falar, foi pelo coração, pelas suas entranhas, pela sua cabeça. Foi sem censura. Foi a verdade.

— Está acostumada a não ser levada em conta — disse, e ela esperou. Ele se apressou. — É porque vivemos em um mundo que valoriza a tolice em lugar da inteligência em uma mulher, e as loiras em lugar das belezas morenas, as belezas dos bailes em lugar das adoráveis encalhadas. Mas estão equivocados, Emma, não você — disse com seriedade. — Crê que não é suficiente, mas sim, o é.

Ela deixou a mala.

Como ainda não estava em seus braços, seguiu falando.

— Eu adoro seus olhos — disse. — São bonitos é claro, mas há uma inteligência em seu olhar. Vê através de mim, além de todas as armadilhas e posturas. Aterroriza-me, mas o desejo de todos os modos. Vi a forma em que olhava ao Benedict, e farei qualquer coisa para que me olhe dessa maneira. Como se me amasse, como se acreditasse em mim. — Era a verdade. Ela tinha que o acreditar.

Separou-se da janela e se aproximou dela. Ela não se moveu.

— Conheci muitas mulheres. Mas nunca conheci uma mulher como você. Acabou-se Emma. Você é para mim. É a indicada.

Inclinou-se sobre um joelho e juntou as mãos. Ela deu um pequeno salto e seu fôlego se entupiu em sua garganta. Isto não foi como a última vez que lhe pediu sua mão, quando tiveram uma audiência e tudo foi um espetáculo.

Este momento era deles, e só deles.

Emma mordeu o lábio, tentando não chorar. Deus, não queria lhe fazer chorar. Ele queria fazê-la feliz.

— Se casará comigo de verdade, Emma? Se case comigo porque me ama, ou porque poderia chegar a fazê-lo. Se case comigo porque quer. Não por nossa farsa. Só por você, e só por mim. — As palavras saíram de forma pouco elegante, mas honesta.

Apertou-lhe a mão. Ele se atreveu a esperar.

— Acredito na carta original, em que chorou quando me pedia — disse isso, mas havia algo em sua voz e um sorriso nos lábios.

— E eu acredito na carta original, em que disse que sim.

Uma coisa era certa: não fugiria esta noite. Emma soube pela onda de alívio que a golpeou quando Blake, não Benedict, meteu-se pela janela. Soube por quanto se alegrou de deixar aquela maldita mala. Soube pelo impulso de lançar-se aos braços do Blake. Oh, ainda estava infestada de dúvidas e incertezas, e a beleza dele não a ajudava a pensar

claramente. Mas a palavra sim ficou em sua garganta, contida por um enxame de medos. Ele seria fiel?

O que diriam todos? Já podia escutar os rumores maliciosos: Suspeitamos desde o começo.

Preferia a vida tranquila de uma encalhada ou poderia aprender a dirigir com graça o papel da fabulosamente rica duquesa? Se o baile dessa noite fosse um indicativo, ela não era a mulher adequada para esse papel.

Seria capaz de manter satisfeito um homem como Blake? Não se aborreceria dela? Ela sabia que ele era um homem forte e inteligente e que conhecia sua própria mente e não proporia matrimônio levianamente. A verdadeira pergunta era: ela acreditava ser o bastante interessante e encantadora?

Ela poderia, uma encalhada de toda a vida, *a menos provável de Londres* e a *Roliça Literária*, acreditar em si mesma o suficiente para dizer que sim? Muito possivelmente.

Apesar dos medos e sentimentos enredados, não tinha dúvidas sobre seu desejo. Emma sabia de uma coisa verdadeira e completamente: desejava-o. Beijá-lo era inevitável. Tudo o resto era inevitável, também.

Agarrou-lhe o rosto com as mãos e pressionou seus lábios contra os dele. Em um instante, o doce beijo se voltou selvagem. Blake grunhiu e a atraiu para si e juntos caíram rodando para o tapete em um glorioso matagal de extremidades.

Passou-lhe as mãos pelo cabelo, beijando-a profundamente. Tirou-lhe o lenço e puxou os botões o

suficiente para poder deslizar suas mãos sob sua camisa e sentir sua pele quente e o tamborilar decidido de seu coração.

Moveu ligeiramente a gema do dedo sobre seu mamilo e sentiu como se estremecia. Possivelmente ela poderia agradá-lo.

Suas mãos deslizaram para cima, subindo por seus tornozelos. Ela suspirou. Seguiram subindo por sua cintura até seus seios. Ela gemeu. As pontas dos dedos de Blake começaram a trabalhar nos botões na parte posterior do vestido, e logo nos laços de seu espartilho. Emma puxou seu casaco; ele encolheu os ombros para ajudá-la. Rapidamente lhe desabotoou o colete.

Queria a ele. Ela queria isto. Sobre isso não havia dúvidas.

Ele queria a ela também. Disso não havia dúvidas tampouco. Podia sentir sua ereção dura como uma rocha pressionando contra suas coxas, exigindo a entrada. Com a pele agora coberta apenas com a camisa, sentiu o tapete esfregando asperamente contra sua pele, como para que ela não esquecesse que era real. Isto estava acontecendo.

— Deveríamos ir mais devagar — sussurrou enquanto conseguia beijá-la e abraçá-la fortemente. As damas esperavam até o matrimônio.

As senhoritas não atuavam de forma indecente tombadas em um tapete com um libertino.

— Não quero esperar — ela sussurrou.

— Oh, Deus, Emma — disse com voz áspera antes de beijá-la profundamente outra vez. Sua língua se enredou com

a dela.

Ela mordiscou seu lábio inferior, ele chupou o dela. Uma vez mais lhe apertou o tornozelo, acariciando-a bruscamente, enquanto sua mão deslizava mais alto até que encontrou aquele lugar mágico, acariciando lenta e brandamente de um lado a outro e dando voltas e mais voltas.

Ela sentiu aquela calidez. Uma faísca onde seus lábios se encontraram pela primeira vez. Um fogo cada vez mais quente com cada toque, e ameaçando explodir em chamas a qualquer momento. Mal podia respirar. Mal podia manter seus prantos e gemidos em silêncio.

— Quero estar dentro de você — sussurrou.

— Eu também o quero.

Mas ele seguia jogando, atormentando-a, incentivando para que o calor e o fogo ardessem mais e mais. Com seus dedos roçando seu cabelo, apertou-o em um punho e arrastou sua boca para seus seios, onde fez coisas perversas que a enviaram a uma espiral de prazer. Ele acalmou seus gemidos com um beijo. Abraçou-a com força contra seu peito enquanto seu pulso diminuía e sua respiração voltava a ser um pouco normal. Logo se desenredou e se levantou.

— Para onde vai? — Deixava-a! Todos aqueles temores retornaram rugindo ao primeiro plano de sua mente.

— À cama. A menos que prefira o chão?

— Não vai embora?

— Ainda não terminamos, Emily — murmurou com aquele sorriso travesso e derretendo seu coração. Logo tomou-

a em seus braços, como se ela fosse uma princesa. E a jogou sobre a cama.

— Tem razão — disse sorrindo timidamente e olhando sua excitação. Recordando aquela noite à luz da lua, tomou-o em sua boca.

— Isso não foi o que eu quis dizer — murmurou. Logo ofegou e ela tomou ainda mais dele. Ele levemente passou seus dedos por seu cabelo enquanto ela o explorava com a boca e com sua língua.

— Mas não deixe que se detenha — murmurou. Emma se deleitou em lhe dar o mesmo prazer que lhe tinha dado até que ele insistiu desesperadamente que ela se detivesse.

Ela o olhou. O próprio olhar do Blake era sombrio e inquisitivo.

— Emma — ele apartou uma mecha de cabelo a um lado. Estendeu sua mão, incentivando-a a unir-se a ele na cama. Cobriu seu corpo com o dele, centímetro a centímetro de pele e a deliciosa sensação de seu peso sobre ela.

O beijo de Blake era gentil agora, e ela entendeu que, apesar de sua paixão frenética, isto era algo que queria saborear. Era um momento para recordar. Depois disto não haveria volta atrás.

Ela arqueou ligeiramente as costas, sentindo sua forte excitação procurando a entrada. Blake acariciou seu rosto, beijou-a profundamente e sussurrou:

— Peça que me detenha.

— Quero a você, Blake — ela sussurrou.

Queria-o. Não havia dúvida sobre isso. Ela o queria porque ele a via. E não só como ela via a si mesma, mas sim também porque via uma versão mais bela, inteligente e audaz do que se acreditou. Ele a fez sentir todo tipo de coisas cálidas e maravilhosas desde todas as perspectivas e até a maneira que ela via a si mesma. Era bom. Possivelmente isto poderia funcionar.

Quanto mais a beijava, docemente, profundamente, quanto mais se perdia nas sensações, mais rapidamente desapareciam aqueles pensamentos e se entregava por completo àquele momento.

Blake pressionou contra a entrada de Emma, querendo enterrar-se profundamente em seu interior. Ela ofegou e ele diminuiu a velocidade. Esta era sua primeira vez. Sua primeira vez. Ela arqueou as costas, ele pegou sua mão, entrelaçando seus dedos com os dela e pressionando-os contra o colchão.

Seus olhos azuis escuros se fecharam. Ele viu seus medos. E sua confiança, e talvez algo assim como amor. As palavras lhe falhavam agora, mas ele queria, necessitava que ela soubesse que isto significava tudo para ele. Que ele não a decepcionaria.

Reivindicando sua boca, lentamente se relaxou, centímetro a centímetro, até que já não soubesse onde começava um e terminava o outro.

Começou a empurrar, lentamente ao princípio, até que encontraram seu ritmo. Estava tão úmida para ele que quase

o matou ir devagar. Ela estava tão apertada que se obrigou a conter-se.

Sua primeira vez.

Mas logo lhe abraçou os quadris com as pernas, arrastou as gemas de seus dedos por suas costas e o beijou com força. Ela era um pouco descarada.

Blake se perdeu por completo ao senti-la, saboreá-la, explorá-la. Cada suspiro, cada um de seus gemidos, esporearam-no. Seu coração pulsava como o demônio. Respirou forte, sentindo a tensão crescer até que não pôde suportar mais. Desejava-a tanto e queria que soubesse que a amava.

Os pensamentos cessaram depois disso, só podia sentir. E saber que a amava, que isto tinha que ser para sempre, deixou-o incrivelmente consciente até a última sensação. Seus dedos acariciando sua pele, sua boca beijando-o, ele respirando-a, todas as suas curvas debaixo dele. Ele entrava e saía e entrava e saía com um ritmo áspero, mas perfeito até que enterrou seu rosto em seu pescoço e gritou seu nome enquanto chegava ao orgasmo.

Capítulo 21

Agora que Lady Grey tinha renomado Lady Emma Avery como sua herdeira, poucas pessoas duvidavam de que se levaria a cabo o matrimônio entre ela e o duque de Ashbrooke. Ao longo de Mayfair, este matrimônio importava muito a todas as mães e às ambiciosas donzelas desesperadas.

Inteligente e na Moda — O Semanal de Londres

Residência Ashbrooke. Na manhã seguinte.

A carta chegou à hora do café da manhã. A nítida folha de pergaminho de marfim foi apresentada a Sua Graça em uma bandeja de prata tão brilhante que podia ver seu reflexo nela. Ele se sentia feliz. Sentia-se, pela primeira vez, um homem apaixonado. Tinha deixado Emma fazia apenas umas horas, à primeira hora da manhã, e contava os minutos até que pudesse voltar a vê-la. Blake pegou a carta sem pensar e rompeu o selo de cera vermelha sem nenhum cuidado especial.

Como se fosse qualquer outra carta. Como se fosse qualquer outra manhã. Ontem à noite tinha feito amor com

Emma.

Também tinha evitado com êxito sua fuga, ao menos por uma noite. Atreveu-se a acreditar que lhe tinha demonstrado que pertenciam um ao outro.

Ontem à noite, nos braços de Emma, descobriu que no passado jamais tinha feito amor assim. Nunca tinha sido tão bom. Com Emma, não só tinha sido uma união de um homem e uma mulher. Ele teria jurado que suas almas estavam conectadas. Foi aterrador e estimulante. Ele queria fazê-lo uma e outra, e outra vez. Ele tinha se perdido e agora se encontrou.

Portanto, sentiu-se feliz quando abriu a carta, que possivelmente foi a parte mais cruel de todas. Blake leu por cima, até que viu um nome que lhe resultou familiar. Logo diminuiu a velocidade e voltou para o começo, lendo lentamente, sentindo cada palavra como adagas candentes que perfuravam seus órgãos vitais.

«Lamento lhe informar...»

Então as palavras ficaram imprecisas. Mais tarde, se daria conta de que não era uma letra fraca, e sim o ardor das lágrimas que ameaçavam cair. Ele não chorava.

Avery House

Emma tinha visto a carruagem de Blake chegar. Prendeu seu cabelo — seu cabelo perfeitamente adorável! — enquanto esperava que um servente chamasse à sua porta e lhe

perguntasse se estava em sua casa. Enquanto esperava, ela praticou um sorriso — um sorriso perfeitamente encantador! — Pensou em beliscar as bochechas, mas já estavam avermelhadas. Seus olhos brilhavam, sua boca também. Tocou seus lábios com as gemas de seus dedos.

Blake. Ontem à noite. Fazer amor. Já não havia volta atrás.

Pertencia-lhe em corpo, mente e alma. Estava nervosa de que ele não retornasse, mas seu coração se encheu de alegria e alívio quando a carruagem de Ashbrooke apareceu. Não que ela tivesse estado olhando pela janela. Muito bem, ela tinha feito isso enquanto estava em um sonho perversamente maravilhoso, revivendo todos e cada um dos momentos da noite anterior. Estava desesperada por vê-lo e desesperada por lhe dizer que sim, sim, sim. Mas não tocaram à porta de seu dormitório, o que lhe pareceu estranho.

Ela sabia, porque jogou uma olhada ao relógio que tinha sido recolocado em seu cabide sobre o suporte da lareira com seu imparável *tic-tac tic-tac*.

Quanto tempo demorava para entregar seu chapéu ao mordomo e que um servente subisse e dissesse: O duque está aqui para a ver? Certamente não se demorariam nem dez minutos!

Ele devia estar falando com seus pais. Se ele lhes estava dizendo o que tinha acontecido.

Oh! Isso os forçaria a entregar sua mão e ela não queria nada disso. Ela tinha uma opção agora, e queria que ele soubesse que ela o escolheu.

Não, sua mãe provavelmente o tinha arrastado para averiguar sua opinião sobre diferentes cores de rosas de chá ou de casca de ovo frente a um branco puro como a neve. Isso tampouco tinha sentido. Sua mãe mal tinha perguntado sua opinião sobre qualquer assunto relacionado com as bodas. Por que demônios perguntaria a um homem?

Além disso, as bodas estavam programadas para amanhã. Não ficava nada por decidir, mais do que realmente aconteceria.

Emma olhou o relógio. Tinham transcorrido outros quatro minutos e agora tinha que enfrentar uma possibilidade miserável. Agora que Blake a tinha seduzido, estava-a deixando? Meu Deus, ele poderia estar deixando-a agora mesmo, justo quando ela tinha decidido aceitá-lo. Não, ela não devia ficar a pensar no pior. Ela devia ter fé e confiança, mas não podia aguentar sem saber o que acontecia mais tempo, desceria as escadas.

Não havia nenhuma razão pela qual não pudesse descer as escadas de sua casa e talvez encontrar-se com ele. Ou pressionar sua orelha contra uma porta fechada.

Qualquer um o faria.

Quando estava a ponto de chegar ao último degrau, Emma viu o Blake sair do escritório de seu pai. Imediatamente soube que algo andava mal, porque sua expressão era grave e seus movimentos eram tensos. Atrás dele, sua mãe se aferrou ao braço de seu pai.

Os olhos de mamãe estavam vermelhos, como se tivesse estado chorando, e seu pai só se via cinza e murcho.

Emma experimentou uma dor inquietante em seu ventre. Algo de mal tinha acontecido. Nesse instante, ela desejava retroceder no tempo, há uns momentos, quando estava brincando com seu cabelo e esperando ansiosamente um momento com Blake. Blake elevou a vista e seus olhos se encontraram com os dela.

Ele não sorriu. Ela pensou que ele não podia sorrir.

O homem dinâmico e dominante que ela conhecia tinha desaparecido.

— Emma — disse seu nome em voz baixa.

— Blake — entoou seu nome brandamente. Tentativa e inquisitiva.

— Se pudesse falar contigo... — mencionou e deu uma olhada aos seus pais. Eles assentiram e se retiraram ao escritório de seu pai, para logo fechar a porta, proporcionando uma privacidade sem precedentes.

Emma sentiu, em partes iguais, desespero por saber o que tinha acontecido e um temor absoluto do momento em que ela soube. Blake a seguiu ao salão e fechou completamente a porta atrás deles. Nem sequer deixou uma polegada pelo decoro. Ele alcançou sua mão.

Sentia-a tão fria na dela, e ela sabia, sabia.

— Emma, — disse em áspero sussurro — Agatha morreu.

— Não — Emma murmurou. Ou talvez simplesmente seus lábios se moveram. — Não.

— Acabo de receber a notícia esta manhã.

— Blake, sinto muito.

— Falei com seus pais. Pensei que ela teria esperado. Pensei que isto era o que ela queria, então ela não o faria. Mas não podemos nos controlar quando nos acaba o tempo, não é?

Ela pensou que ele não esperava que respondesse a isso.

Em troca, ela deslizou seus braços ao redor dele, apoiando sua bochecha em seu peito.

Atraiu-a para si e a abraçou com força, enterrando seu rosto em seu cabelo. Ela sentiu uma peculiar ascensão e queda no peito do Blake. Respirar era difícil para ele. Ela sentiu que seu coração pulsava sob sua bochecha. Em um ritmo que era lento e irregular, como se seu coração não estivesse seguro se queria continuar ou não.

— O que acontecerá agora?

— Teremos que cancelar as bodas — disse veementemente.

Cancelar? Ou quis dizer reprogramar para uma data posterior?

Emma abriu a boca para perguntar, mas Blake continuou; tão absorto em sua dor que não pareceu dar-se conta.

— Irei a Gray Manor. Tenho que organizar um funeral.

— Irei contigo — ela respondeu impulsivamente. Ele continuou como se ela não tivesse falado.

— Alguém terá que administrar a execução de seu testamento e fiscalizar todos os seus assuntos. Já é oficial. Já é teu, Emma. Tudo é teu.

Capítulo 22

— Sua Graça, sou resistente a incomodá-lo neste momento tão delicado, mas recebi certa informação que gostaria de saber.

— O que acontece, Jepson? — perguntou cansadamente ao seu criado.

— Sei quem enviou a carta ao periódico anunciando seu compromisso — respondeu Jepson com ansiedade. — Obtive a informação da criada de Lady Emma.

Blake não sabia o que era pior: aguentar o funeral de Agatha ou sofrê-lo sem o consolo que lhe proporcionava sua confiança em Emma.

Tinham deixado Londres imediatamente, pelo Castle Hill, para assegurar-se de que os desejos explícitos de Agatha, para seu funeral, levassem-se a cabo até sua estipulação de que ela — ou seu ataúde, melhor dizendo — chegasse com quinze minutos de atraso. Nunca se estava morto demais para uma grande entrada na história.

Chorou a perda de sua querida tia. Chorou a perda de sua amada Emma.

As bodas tinham sido canceladas. Deveria ter estado acontecendo neste mesmo momento, se Lady Avery tivesse se dado bem e se Agatha não tivesse morrido.

Dadas as notícias do Jepson, talvez esta trágica mudança de eventos foi o melhor.

Blake podia sentir os olhos de Emma sobre ele, em busca de uma oportunidade para falar.

Notou seu olhar sombrio, sua mandíbula apertada, suas mãos fechadas em punhos?

Ninguém o fez. Preocupavam-se com ele como se fosse um órfão de oito anos uma vez mais. Exceto que Agatha não estava ali para arrumar tudo com sua enérgica eficiência e sua completa falta de sentimentalismo.

— Segue, chora então —havia-lhe dito naquela ocasião. — Tira todas essas lágrimas para que possamos seguir com nossas vidas. Há doces e não se comerão sozinhos.

Blake não sabia o que diria agora. À exceção, talvez: Há brandy e não se beberá a si mesmo.

Na biblioteca, em Castle Hill

Quando entrou na biblioteca, o humor de Blake era negro: como o carvão, como a meia-noite, como uma masmorra e como a própria morte. Sua última experiência nesta sala tinha sido quase deslumbrante: Emma contra a estante.

Hoje, reuniram-se para a leitura da última vontade de sua querida tia.

Junto com o Eastwick, o advogado de toda a vida de tia Agatha, Blake reconheceu muitos de seus antigos competidores dos Jogos da Fortuna; incluída a Menos provável de Londres, que tinha desafiado todas as suas expectativas. Ela agora estava por herdar tudo.

Tinha perdido a Agatha, e agora perderia tudo o resto. Fora só há uns dias que tinha estado preparado para alcançar mais do que tinha sonhado alguma vez? Que cruel e rápida havia sido esta queda.

Ele poderia casar-se com ela. E reivindicar tudo para si mesmo. Mas, poderia realmente, fazê-lo, dado o que tinha descoberto? E o pior: Estava realmente surpreso?

Tudo tinha sido fingido desde o começo.

Exceto, em algum momento, que ele realmente se apaixonou por ela. Talvez a morte da Agatha — e o cancelamento das bodas — fosse um presente, dado que agora tinha dúvidas sobre casar-se com ela. Se nunca reprogramassem as bodas todos acreditariam que ela o tinha deixado plantado.

Ela poderia casar-se com quem quisesse. Ela poderia ser feliz.

Não é isso o que ele queria?

Eastwick começou por limpar a garganta. A atenção de todos já estava concentrada nele, particularmente, no feixe de documentos que rangiam em sua mão.

— Como todos sabem, Lady Agatha trocava seu testamento todos os anos. Este foi escrito justo depois da conclusão dos Jogos da Fortuna deste ano. Posso testemunhar que ela era de mente e corpo saudáveis nesse momento. Agora lerei as partes pertinentes.

— Para Lady Bellande, fez-se uma doação em seu nome, ao Comitê de Damas, que beneficia as viúvas e órfãos de guerra, que lhe assegurará um posto em sua junta para que possa ajudar em seus esforços caridosos — Lady Bellande preparou um educado, e evidentemente falso, sorriso em sua cara.

Eastwick levantou a vista dos papéis e disse, sombriamente a ela: — Deve saber que os membros do comitê devem fazer uma doação de cinquenta libras por ano. O cargo é por toda a vida.

Para seu crédito, o sorriso de Lady Bellande não titubeou, embora sua cara certamente empalideceu. O humor de Blake se aliviou de negro a cinza escuro; como nuvens tormentosas, ou a fria cor do mar em um dia escuro. Mas caiu na escuridão porque queria compartilhar um sorriso com Emma sobre isto e não podia obrigar-se a fazê-lo.

— Senhorita Dawkins, — declarou Eastwick, e a pobre garota o olhou nervosamente — Lady Agatha fixou um dote de cinco mil libras para você. Isso é além de qualquer outra coisa que sua família tenha proporcionado para você. Também lhe deu de presente seu chalé junto ao mar em Brighton.

Harriet Dawkins piscou para conter as lágrimas, logo se deu por vencida. Rodaram livremente por suas bochechas

porque essa medida de segurança faria uma grande diferença para uma garota como ela: tímida, calada, de poucas expectativas e em sua maior parte passava despercebida. Mas Agatha a tinha notado, e tinha se assegurado de que não ficasse desamparada, tanto se se casasse como se seguia sendo uma solteirona. E pela expressão de seu rosto, Blake deduziu que ninguém tinha considerado seu bem-estar antes.

Sentiu mais que nunca a perda da Agatha, porque soube como dar, a uma garota como Harriet, uma oportunidade e esperança para seu futuro. Sobretudo agora que a senhorita Dawkins estava financeiramente segura, poderia casar-se com quem quisesse e por amor.

Como Emma.

A compreensão o golpeou brutalmente. Agatha tinha legado não só o dinheiro, mas a liberdade em sua escolha. Sem o presente de Agatha, suas expectativas eram sombrias, e incertas. Agora o mundo lhe pertencia.

A essa idade era mais sábia. E romântica, também. Blake sentia tantas saudades que lhe doía.

— Não sabia que tínhamos um chalé junto ao mar na família — assinalou Lady Copley, estranhando o presente monumental e inestimável que Agatha lhe tinha outorgado.

— Lady Copley, as posses de Lady Agatha eram realmente vastas — enfatizou Eastwick. — O que significa que temos muito mais pelo que seguir. Para você, Lady Copley, Lady Agatha deseja que fique com seu jogo de porcelana, já que gosta dele.

Blake reprimiu a risada ante a expressão de Lady Copley. Ela odiava o jogo de porcelana, obviamente, e só o tinha elogiado como parte dos jogos. Mas Agatha tinha sabido discernir a verdade das mentiras. Ela deve ter sabido da farsa entre ele e Emma. Ela não tinha sido enganada. E, entretanto, ela ainda havia declarado Emma a ganhadora, o que era enlouquecedouramente estranho.

Deu a Emma a liberdade de escolher.

— Há outras provisões tomadas para seus leais serventes, particularmente ao Angus — continuou Eastwick. — Ela deixou instruções para a aldeia também, mas a maior parte de sua fortuna restante, como todos sabem, irá à mãos de Lady Emma.

Todas os olhares pousaram em Emma, que baixou os olhos. Ela não era um familiar. Ela possivelmente não estava comprometida com Blake. Ao contrário de Agatha, esses rumores não tinham morrido. Se seguiu comentando sobre como Lady Emma tinha tomado a sociedade por surpresa; em lugar de uma tímida encalhada, resultou ser uma mulher intrigante.

Ela tinha se transformado de a garota que ninguém tinha notado, a ser o objeto de escândalo e desprezo, favor e adulação.

— As propriedades de Lady Emma agora incluem a maior parte da riqueza de Lady Agatha, que inclui noventa mil libras — Eastwick fez uma pausa para permitir o grito de assombro coletivo. — Ela também receberá uma grande parte do imóvel Castle Hill. Quanto à casa em si, seu conteúdo e os

quinhentos acres que a rodeiam esses são para, e cito: *“Blake, que não necessita de outra casa, mas que necessita de um lar”*. Também atribuiu até dez mil libras para igualar os recursos que o duque arrecada para seu Motor de Diferenças.

Blake não respirava. Seu coração não pulsava.

Agatha o tinha recordado. Tinha-lhe deixado o único que realmente queria. Uma casa. Seu lar e todas as lembranças felizes que continha. E com seu presente para o motor, lhe tinha dado sua aprovação por seu esforço. Sobretudo, ela tinha feito que fosse completamente desnecessário que ele se casasse com Emma. O que significava que podiam casar-se por amor. Se se casassem, já não necessitavam um ao outro por fortuna ou reforma. Agora, graças a Agatha, tinham uma opção.

O humor do Blake mudou de cinza a um escuro carvão defumado, ou o detestável tom de violeta escuro antes de uma tormenta ao anoitecer.

Ele sabia o que tinha que fazer. Inclusive se sentia como no inferno: afogando-se nas chamas, o fogo queimando seu coração e com a risada zombadora do próprio diabo.

— Do que serve uma casa sem as terras geradoras de ganhos? — Perguntou Lorde Copley, mostrando sua incompreensão da situação. Embora o último que Blake precisava era outra casa, sim, queria um lar.

— Isso é discutível, porque vão se casar e tudo o que é de Lady Emma se converterá em seu — respondeu Lady Copley.

— Isso é assim? — Disse Lady Bellande, sorrindo através de seus lábios pintados de vermelho. — As bodas foram

canceladas, e não escutei que foi reprogramada.

Mais tarde, nessa tarde

Emma deslizou sua mão na do Blake, desejando ter uma conexão com ele.

Mal tinham falado desde a noite em que fizeram amor; não tinha havido uma oportunidade. Os dias e as noites tinham sido um torvelinho de planos funerários, lágrimas e tediosas viagens ao longo de caminhos cheios de buracos em uma carruagem fechada com seus pais. Havia tanto que queria lhe dizer e mais ainda que queria perguntar. Mas parecia tão distante, inclusive quando o puxou pela mão e caminhou ao seu lado. As mariposas revoavam pelo jardim, aterrissando sobre as gordinhas e cheirosas rosas do jardim de Lady Grey, e absorvendo o doce néctar e a cálida luz do sol. Mariposas em seu ventre, como a sensação de amor à primeira vista.

Como se sentia agora, com o Blake. Ela o amava.

Quando aconteceu, ou como, ela não sabia. Pôde ter sido quando ele entrou em seu salão depois que se publicou o anúncio. Poderia haver zombado dela, havê-la exposto ou havê-la destruído. Mas em troca, ele transformou suas circunstâncias tão drasticamente que ainda não tinha encontrado o equilíbrio.

Agora, com sua mão na dele, finalmente sentiu certa segurança. Suas dúvidas não estavam de tudo apaziguadas,

não estava segura de seu futuro — além de que não podia separar-se dele e seguir sendo feliz. Mais que tudo, queria ser a mulher que ele via quando a olhava. Graças a ele e sua obstinada insistência em cortejá-la, ela começava a ser essa mulher e via a si mesma como digna de seu amor.

Os jardins estavam em silêncio, exceto pelo rangido de seus passos no cascalho e o zumbido dos insetos em um caloroso dia de verão. Conduziu-a ao banco onde tinham passado muitas horas felizes, onde poderia ter começado a apaixonar-se por ele enquanto procuravam o amor à primeira vista ou uma faísca.

Quando ele subiu à sua janela na outra noite, ela tinha vacilado sobre seu destino. Ela soube então que se apaixonou irrevogavelmente por ele. Só um homem a amaria assim: o suficiente para aventurar-se em sua habitação à meia-noite e passar as horas até o amanhecer demonstrando as vertiginosas alturas de prazer que podiam alcançar juntos.

Não sabia quanto tempo Benedict poderia ter esperado nas cavaliças. Ele nunca pareceu decidir-se nos momentos críticos, para dar esses passos adicionais à porta de trás, para lhe pedir que se casasse com ele, mesmo antes que sua necessidade de uma fortuna se fizesse evidente. Fez o suficiente para mantê-la apaixonada, mas nada mais.

Blake a tinha levantado e a tinha levado ao entardecer.

Emma o olhou e sentiu uma pedra de gelo no ventre, ele não a olhava. Mas sua mandíbula estava tensa. Ela queria dizer que sim à sua petição de matrimônio. As palavras estavam em seus lábios, prontas, e logo...

O coração do Blake se rebelou, mas a lógica e a razão ganharam esse dia.

Seu coração — e para ser honesto, outras partes dele — amava Emma intensamente. Indubitavelmente. Entretanto, seu cérebro não estava tão nublado pela luxúria e menos ainda enganado pelo amor para passar por cima dos fatos. Se queria que Emma se arriscasse com ele, tinha que arriscar-se com seu amor por ele.

Para bem ou para mal, as estipulações da vontade de Agatha se asseguraram de que só precisassem casar-se por amor. Dado o plano que ela tinha promulgado e que conduziu a este momento, ele sabia o diabolicamente difícil que era o que tinha que fazer.

Tinha que lhes dar a oportunidade de começar de novo. Sem nenhum esquema ou engano.

— Sei sobre a carta, Emma — quando se sentaram um junto ao outro, no banco, Blake observou sua reação com cuidado, esperando que revelasse que a notícia era uma mentira. Ele desejava desesperadamente que fosse uma mentira. — Sua criada parece ter informado ao meu valete. As intrigas dos criados sempre são piores que as intrigas do Londres semanal. Meu confiável criado me informou delas.

Emma lhe havia dito, uma vez, uma mentira de omissão cuidadosamente elaborada: tenha em conta que não enviei a carta.

Mas ela a tinha escrito, por mais ridículo que fosse, para todos.

E agora essa intrigante dama tinha conseguido herdar noventa mil libras do que deveria ter sido sua herança.

Nunca, nunca subestime as encalhadas. Nunca dê seu coração a ninguém: pisotearão tudo, como a cortesã mais experiente e desumana.

— Não a escrevi — disse de maneira uniforme. — Protestei. Eu queria queimá-la.

— Entretanto, a notícia apareceu impressa no periódico mais popular da cidade e, agora, herdou uma fortuna. Bem feito.

— Quem a enviou? — Perguntou, estranhamente curiosa, e cautelosa. — Deve saber quem a enviou.

Blake riu amargamente.

— Você e sua mãe são muito audazes.

— Minha mãe?

Emma ficou de pé e se afastou, antes de se virar e voltar a sentar-se sobre o banco. Murmurou zangada.

— Uma menina sem exceptivas, uma família necessitada de dinheiro, — disse Blake — Por que não anunciar seu compromisso com um duque e confiar em minha honra para levá-lo a cabo? Os Jogos da Fortuna eram parte do plano, ou uma grande vantagem?

— Blake, não tive parte nisto!

— Além de protestar — disse, recordando-lhe sua própria história.

— Minhas amigas a escreveram. Tinha-a esquecido até que foi muito tarde!

— O ponto é que, Emma, fizemos o melhor de uma situação ridícula. Mas agora já não é necessário fingir. É hora de que nosso compromisso "*ou o que for que tenha sido*", chegue ao seu fim — as palavras tiveram sabor de cinzas. — Dadas as circunstâncias, deveríamos poder nos separar sem muito drama. Ninguém precisa ser abandonado. Nenhuma reputação se arruinará.

— Mas, está me deixando de lado agora.

— Estou te liberando. Os Jogos da Fortuna terminaram. Você ganhou. Agora pode se casar com quem quiser. A quem ama.

Ele a amava.

Doeu-lhe aproximá-la e tratar de esquecer como tinha sido um peão em seu jogo. Mesmo assim, ele queria que Emma fosse feliz.

Tinha-lhes dado a oportunidade de escolher um ao outro; tinha que ser aproveitada. Inclusive se esta ruptura doía agora, a dor não se pode comparar a uma vida em que ambos se sentiriam apanhados e extorquidos no matrimônio.

— Está tentando me fazer algum tipo de favor? — Emma perguntou incrédula.

— Estou tentando fazer o honorável. Quando fui pela manhã, Benedict ainda estava lá, nos estábulos, esperando. Estou seguro de que ainda poderia tentá-lo — Blake respondeu.

Sua palavra e honra como um cavalheiro o obrigaram a assegurar-se de que ela soubesse.

— Mas fizemos amor — sussurrou. — Estou arruinada para qualquer um agora!

— É uma herdeira, Emma. Estou seguro de que a maioria dos cavalheiros não estarão muito preocupados com sua virtude.

— Não é só isso. Pensei que me amava — murmurou. Sim, querido Deus, faço-o.

Ele a amava mais que tudo, mas não nestes termos; não por padrão, não assim. Embora isto o estivesse matando, estava seguro de que era o correto.

— Fez-me te amar — ele a contemplou. Esteve a ponto de cair de joelhos, desejoso de recuperar todas as revelações e palavras cruéis que tinha pronunciado. Mas foi muito tarde. — Entreguei-me a você — disse, sua voz baixa. — Minha inocência, minha palavra, meu coração. E me contive por isso. Tinha tanto medo disto. Foi só um sonho, não é assim? — Logo riu e adicionou: — Pensar que o grande duque de Ashbrooke se incomodaria com uma simples encalhada como eu.

Capítulo 23

*Para surpresa de Lady Emma, apaixonou-se
perdidamente pelo duque de Ashbrooke.*

Profundos pensamentos de lady Emma

No dormitório de Emma

Era uma vez, não aconteceu muita coisa. Isso foi antes da carta. Emma ficou de pé e virou em um lento círculo ao redor de sua habitação onde a carta tinha sido escrita e perdida. Onde ela tinha debatido com quem casar-se, onde tinha se entregado por completo ao Blake, e onde estava agora, cansada e esgotada não só por suas viagens, mas sim por toda sua vida.

— Emma, querida, está em casa! — Disse sua mãe, irrompendo na habitação onde Emma se moveu no ar enquanto sua criada desempacotava e os serventes tomavam um banho quente.

— Olá, mãe.

— Bom, é verdade que herdou tudo? — Sua mãe lhe perguntou ansiosamente. Emma podia dizê-lo por sua voz, a

forma em que franzia o cenho, e por suas mãos apertadas.

— Não consegui a elegante porcelana. — Disse veementemente. Sua mãe parecia confusa, o que fez com que Emma sentisse terrivelmente saudades de Blake. Ele a entenderia. Ele teria compartilhado seu senso de humor com ela, haveria dito "*Horrores*" ou "*Tragédia*" ou "*Minha vida nunca estará completa sem ela*".

— Poderá comprar uma dúzia mais de jogos ou comprá-lo de quem os tenha herdado. — Disse sua mãe. Como se um jogo de porcelana importasse.

— Tampouco herdei a casa, Blake herdou-a — disse Emma, e estava tão feliz de que Gray Manor lhe pertencesse, ela nunca poderia ter vivido ali sem ele.

— Ainda será tua, uma vez que se casem. Foi terrivelmente tortuoso da parte dela não lhes deixar as coisas juntas. Mas se sabe que era estranha.

Emma teve que ignorar o desprezo à Agatha, já que não tinha força para convencer sua mãe do brilho interior de Agatha. Não tinha só deixado dinheiro a ela e Harriet Dawkins, tinha-lhes dado uma oportunidade, uma escolha.

Ao dar a Blake a única coisa que realmente importava, Gray Manor, ela tinha se assegurado de que pudessem casar-se por amor. Se se casassem. Emma suspirou. Não, não podia explicar nada disso à sua mãe.

— Não vamos nos casar.

— Rogo-te, me desculpe, acredito que não te ouvi bem? Não vão casar-se? Por que demônios vocês dois não se casariam?

Porque ele pensa que sou um intrigante caça-fortunas, graças à maldita carta que não devia ter sido enviada!

Emma olhou à sua mãe, notando as linhas gravadas em sua testa e o lenço bordado em suas mãos. Podia Blake lhe haver dito a verdade?

— Alguma vez se perguntou, mãe, sobre o anúncio que apareceu no periódico?

— Por que pergunta?

Emma não tinha se perguntado, porque já estava feito, e lhe parecia inútil. Até agora, quando quem quer que o tivesse feito, tinha-a exposto a um coração monstruosamente quebrado.

— Não te pareceu estranho? — Refletiu Emma. — Depois de tudo, o duque e eu nunca nos tínhamos conhecido. Sabia que não tinha oportunidade de ter um romance secreto e torvelinho. Sabia que eu amava outro.

Mãe e filha estavam de pé no dormitório de Emma. A criada se manteve ocupada tirando seus vestidos do baú. E um banho quente a estava esperando.

— Ao filho do empobrecido do Rossmore, havia lhe entregue seu coração? — Disse sua mãe, rindo. — Não poderia se casar com ele, Emma! Não tem nem um penique em seu nome. E você poderia havê-lo feito melhor.

— O que não explica como uma carta encontrada nesta habitação chegou ao *Semanal de Londres* — disse Emma, sua curiosidade aumentava enquanto sua mãe não o negava.

— Eu a enviei — disse sua mãe encolhendo os ombros. Como se não fosse nada, absolutamente. Como se a verdade,

pronunciada com tanta leviandade, não tivesse paralisado por completo seu coração.

— Enviou-a.

— Sim, o fiz. E deveria estar agradecida. Em lugar de jogar seu futuro fora com um pobre moço sem caráter, apanhou um duque. Um duque! Esta família estava desesperada, Emma, e agora nos salvamos.

— Está equivocada! Não merecemos este dinheiro! A herança deveria ter sido para alguém da família. Não a mim. Não a uma estranha.

Quanto ao Blake, seu coração ainda estava muito ferido, uma dor tão entristecedora que mal podia respirar, e muito menos falar dele. Ela tinha amado e perdido, duas vezes, em pouco mais de uma quinzena.

— Queria que se dessem conta, Emma. Não estava segura de como reagiria o duque, mas sabia que chamaria a atenção da boa sociedade. Nunca foi levada em conta, embora seja tão bonita, inteligente e uma garota encantadora. Queria que o mundo te conhecesse como eu, Emma. Fiz isto por você.

— Mas agora estou arruinada!

— Disparates.

— Não, eu o amo, e ele me deixou porque acredita que o enganei — disse Emma com frieza. Ela não precisava dizer o que fez. As palavras, não ditas, foram entendidas. Seu coração estava destroçado.

— Diga-lhe a verdade. — Sugeriu sua mãe. Como se fosse simples assim! Como se já não tivesse tentado!

— Você terá que lhe dizer — respondeu Emma, sua irritação aumentando. — Você quem criou todo este desastre épico.

— Muito bem, o farei — disse sua mãe. — Se isso te fará sentir melhor, de todos os modos. Com sua nova fortuna não pode se casar com menos que um duque. — Adicionou, sem entender o ponto por completo.

— Não! Já se intrometeu o suficiente nisto. Mãe, como demônios me fez fazer isto?

— Sinto muito! Só queria o melhor para você já que nunca o buscou sozinha! — Isso silenciou Emma. Porque era verdade

— Eu lhe dei a carta, senhora — disse a criada, intervindo nervosamente. — Encontrei-a enquanto arrumava sua habitação. Não estava muito segura do que fazer com ela, e a senhorita tinha ido à casa de Lady Olivia depois do incêndio.

— Não importa agora, Emma. Agora temos a fortuna — disse sua mãe, procurando ansiosamente a mão de sua filha, mas Emma a arrebatou.

Mas sim importou. Oh, o fez. Porque não se tratava do dinheiro, absolutamente. Era sobre o amor que nunca esperou conhecer, e o amor que acabava de perder para sempre.

— Eu gostaria que as duas se fossem — disse Emma com frieza.

Para sua surpresa, escutaram-na. Mas logo recordou que agora valia noventa mil libras e que seus meios de

subsistência dependiam de sua boa vontade com elas. Todos fariam o que ela dissesse, agora. Exceto Blake. Ou ele também o faria?

O dia seguinte, no dormitório de Emma

— Mais xerez? — Olivia ofereceu a garrafa à Emma e Prudence, quem lhe estendeu seus copos vazios. As três garotas passearam pelo tapete novo no dormitório de Emma. Além dessa adição, era mais ou menos o mesmo apesar de tudo o que tinha acontecido dentro de suas paredes: montões de novelas românticas da biblioteca circulante em cada superfície, uma cama com dossel, uma janela com uma grade que conduzia a ela. Para facilitar aos ladrões e pretendentes devotos.

— Quando escutarem o que tenho em mente, precisará — disse Emma, lhe estendendo seu copo. — Valor líquido, dizem-lhe.

— Acredito que é uísque. Não é um licor forte? — Prudence perguntou pensativamente. — Não pode imaginar um homem bebendo xerez quando enfrenta a batalha ou participa de um duelo.

— Escapar na sala é uma coisa, — disse Emma — Mas roubar do armazém de licores do meu pai é outro assunto completamente diferente.

— Poderia comprar — disse Olivia. — Poderia comprar toneladas. Poderia nos manter bêbadas com xerez por

semanas. Meses. Anos. Poderíamos passar em uma bruma imprecisa nossa humilhante reunião como solteironas.

— Poderia, não? Mas me sinto mal de ter este dinheiro. Não posso me permitir gastá-lo.

— Isso é trágico. Para que servem noventa mil libras se não se pode gastar?

— Não acredito que haja uma resposta a essa pergunta.

— Mais xerez é a resposta! — Declarou Olivia.

— Agora, ao assunto em questão — Prudence começou, logo se deteve. — É verdade que seu compromisso com o Blake terminou?

— Estão dizendo que o deixou plantado — disse Olivia, olhando à Emma com olhos sombrios, sugerindo que se sentiria terrivelmente decepcionada se o tivesse feito. — Também dizem que te deixou plantada. Ninguém pode contar histórias sobre a situação, o que não impede que ninguém fofoque extensamente sobre ela.

— Minha mãe enviou a carta — disse Emma, ante o ofego de suas amigas. — Entretanto, Blake acredita que estou por trás disto. Ele também tem estas noções ridículas de que já não nos necessitamos, portanto, fui abandonada. Justo como o temi. Mas foi pior.

— A que se refere com pior? — Emma fez uma pausa, porque sabia que uma vez que pronunciasse estas palavras, não haveria forma de as retirar.

— Apaixonei-me por ele. Fizemos amor. Mas agora ele pensa que sou uma conspiradora horrível, mas bem-

sucedida, disse-me que fugisse com o Benedict. Mas já não o quero mais. Que classe de desventurado destino é este?

— O coração quer o que quer o coração — murmurou Prudence.

— Emma, o que vamos fazer? Deve haver alguma forma em que possa lhe fazer ver a verdade e que o ama.

— É de Ashbrooke que estamos falando — disse Emma com um suspiro de cansaço. — Muitas mulheres o amaram e não lhe preocupou nem um pouco.

— Realmente pensei que te amava — disse Prudence.

— Vi a forma em que te olhava. Faria qualquer coisa para que um homem me olhasse assim. — Adicionou Olivia.

— Eu pensei que ele também poderia me amar — sussurrou Emma. Isso foi o pior de tudo. A confiança que ele tinha inspirado lhe impedia de acreditar que sua sedução tinha sido um jogo. Não, ela apostaria sua fortuna que seus sentimentos de amor por ela eram verdadeiros. Agora ela acreditava nele *“e nela mesma”*. Quando já era muito tarde.

— A pergunta é, como o reconquistar? — Refletiu Olivia. — Não precisa dizer que deve recuperá-lo.

— Voltamos ao começo, não é assim? Averiguando como obter que um homem se declare — disse Emma com um triste sorriso.

— Obtivemos isto. Facilmente — disse Prudence, sorrindo.

— Graças à minha mãe incrivelmente intrigante — murmurou Emma. Sua mãe, com quem não tinha falado desde sua descarada confissão de um crime tão devastador.

Não, Emma não acreditava que estivesse exagerando ao encerrar-se em seu dormitório, salvo por suas amigas mais queridas, uma garrafa de xerez e uma dor paralisante no coração.

— Se não está quebrado, por que consertá-lo? — Sugeriu Prudence criticamente. Emma olhou à sua amiga nervosamente.

Os olhos de Olivia se alargaram grandemente.

— Sugere que enviemos outro anúncio de compromisso ao *Semanal de Londres*?

— Não, um anúncio de bodas — disse Prudence.

Emma gemeu.

— Outra vez isto, não!

— Prudence, não sei como lhe ocorrem essas ideias perversas — disse Olivia. — Eu adoro.

Prudence sorriu.

— É o xerez. Inspira-me.

— Talvez já tenha bebido o suficiente — sugeriu Emma. Mas para seu horror, não descartou a ideia de publicar um anúncio de bodas, já que podia ver certa poesia na ação.

Também havia certo terror na perspectiva.

— O duque deve saber que o escolheu acima de todos os outros. — Declarou Prudence. Estava claro que por "*todos os outros*" referia-se a Benedict.

— Isso é incrivelmente sábio — disse Olivia. — E terrivelmente romântico.

— Tem que atuar rápido, antes das bodas do Benedict — disse Prudence,

— Do contrário, Blake poderia pensar que está recorrendo a ele como sua segunda opção.

— Tudo isto é muito difícil — disse Emma, lançando um suspiro. Estava cansada depois de uma noite sem dormir, anestesiada pelo xerez e, simplesmente, desconsolada. Não queria nada mais que se arrastar na cama com o Blake e esquecer do mundo, mas esse era um sonho tolo. — Talvez pegue minha fortuna, saia do país e só leia novelas onde os outros se incomodem com este tipo de problemas.

— Quanto mais o considero, mais me convenço de que deve publicar um anúncio de bodas no periódico — declarou Prudence, tomando um sorvo abundante de xerez. — Onde o duque de Ashbrooke se casará com Lady Emma Avery, às onze da manhã do sábado, na St. George's.

— Ooooh — disse Olivia em voz baixa. — Pode imaginar? — Emma podia. Ela se estremeceu. E tomou outro copioso gole de xerez.

— Só há um problema com esse plano — disse. — Um problema horrível, enorme e traumatizante. Se ele não se apresentar, abandona-me em duas ocasiões e desta vez a humilhação será pública.

— Morreria pela humilhação se isso me acontecesse — disse Olivia. — Honestamente, acredito que morreria de mortificação.

— Obrigada, Olivia, por suas palavras de ânimo.

— Tem razão em ter medo — disse Prudence. — Se o duque não se apresentar, Emma seria a boba de Londres. Nunca lhe permitiriam esquecê-lo.

— E todos se perguntariam por que deixou plantada uma mulher com a qual tinha estado prometido anteriormente e que valia noventa mil libras — disse Olivia.

— Assumiriam o pior de você — A boca de Emma se abriu com terror.

— Diriam coisas horríveis e indescritíveis — coincidiu Prudence. Emma bebeu o conteúdo de seu copo de xerez de um só gole.

— Ninguém se casaria contigo depois disso — acrescentou Olivia pensativa.

— Ninguém respeitável, de todos os modos. Nem sequer Benedict.

— Se vocês duas estão tentando ser úteis, receio que estejam fracassando de maneira espetacular — declarou Emma. — A metade dos meus pensamentos me pedem para fugir ao continente já.

— Mas não o vê, Emma? Ninguém se arriscaria a tão graves consequências se não fosse pelo verdadeiro amor — disse Olivia simplesmente, com um sorriso alentador.

— Arriscar tudo, isso seria um testemunho de seu amor por ele — disse Prudence.

— Se ele te amar, então não poderá resistir ao seu grande gesto.

— Oh, o amor! — Disse Olivia efusivamente.

— Oh, a loucura! — Respondeu Emma.

— Ele construiu as antigas ruínas de um coreto para você, — disse Prudence de maneira objetiva, — O que sugere

que seu amor por você é forte, eterno e suscetível, portanto, de amostras públicas de afeto.

— O menos que pode fazer é planejar umas bodas — disse Olivia. — E anunciar no periódico.

— Tem o vestido — assinalou Prudence. As três garotas se voltaram para olhar em direção ao armário, onde encontrariam um formoso vestido de seda cor marfim adornado com pérolas e contas de vidro. Ninguém, nem sequer o cruel dandi, Lorde Pleshette, poderia zombar dela com esse vestido.

Quando Emma não protestou imediatamente e com veemência contra este novo e absurdo plano, Olivia declarou: — Irei procurar o papel e a pluma — e procedeu a procurar na escrivaninha da Emma.

— Beberei mais xerez e pretenderei que tudo ficará bem — Emma disse, fechando os olhos. Mas a ideia não desapareceu. E apareceu no periódico no dia seguinte.

Capítulo 24

Há rumores de que o duque de Ashbrooke está morrendo, embora seus amigos e médicos me assegurem que esse não é o caso. Estimados leitores, é melhor não dizer como descobri essa informação.

*Inteligente e na Moda, por uma dama distinta
O Semanal de Londres*

Casa Ashbrooke

Blake estava sofrendo dores no peito que foram de uma dor surda a ferroadas quentes e fugazes que o faziam ofegar. Encontrou-se com dificuldade para respirar; temia a asfixia. Uma sensação geral de mal-estar e tédio o consumia. Nenhuma de suas atividades habituais “flertar, fazer esgrima, fazer amor, divertir-se, visitar os clubes, salões de baile, dormitórios, ou revisar os cálculos para o motor de diferença” manteve seu interesse por mais de um segundo, talvez dois.

Bebeu copos de vinho e brandy. Ele meditava em habitações onde as cortinas estavam bem fechadas sobre as janelas.

O sono lhe escapava e o privou de umas poucas e doces horas nas quais não lhe preocuparia porque estava morrendo. Foi assim que tia Agatha se sentiu?

Uma consulta com o médico revelou que em realidade nada estava mal com ele: os batimentos de seu coração eram fortes, seus pulmões soavam bem.

Blake revisou textos médicos em busca desta obscura enfermidade devastadora. Eventualmente, viu-se obrigado a chegar à conclusão que estava doente de amor. Não contou a ninguém sobre esta condição tão embaraçosa.

O infame duque de Ashbrooke, abatido pelo amor!

Mas não havia forma de negar, porque seus pensamentos se desviavam constantemente para Emma, por quem ainda tinha fome, apesar de tudo.

— Sua Graça — entou Pendleton. Com suas brancas mãos enluvadas, apresentou uma bandeja de prata muito polida com uma carta de pergaminho de marfim selada com cera vermelha brilhante. No prateado brilhante, Blake viu seu reflexo. Enlouquecido pelo orgulho, o amor, a traição e com uma tendência a exagerar, apartou o olhar rapidamente.

— Isto chegou para você — disse Pendleton, presunçosamente colocando a carta sobre o prato de café da manhã vazio do Blake

— Onde está o periódico?

Talvez houvesse notícias da fuga de Emma com Benedict, e ele saberia que tinha perdido sua oportunidade de amar para sempre. Então poderia seguir com sua vida.

— Estou-o retendo, Sua Graça.

Blake sentiu seu temperamento acender-se, como o golpe a um fósforo.

— Retendo-o? Por que diabos? Está procurando uma aposentadoria antecipada?

— Tenho entendido que esta carta servirá como explicação.

Blake pegou a carta e olhou ao Pendleton enquanto cortava o selo de cera com uma faca. Um pequeno recorte do periódico revou sobre seu regaço. Blake o levantou com cuidado. Leu suas palavras, vagamente consciente de que estava contendo a respiração. Não era habitual que lesse intrigas escandalosas e escandalosas sobre si mesmo. Hoje não estava com humor.

Inteligente e na Moda, por uma senhora distinta

Esta autora tem a excelente novidade que no sábado, 5 de junho, às onze da manhã, Lady Emma Avery trocará seu título de “a menos provável de Londres” pelo de Duquesa de Ashbrooke.

Blake pressionou sua boca em uma linha firme, lutando contra uma mudança nos cantos que indicaria algo como a diversão, esperança ou apreço. Não ele, não ultimamente. Ela não poderia simplesmente fazer coisas como esta. Ela não podia simplesmente declarar que algo se faria e isso ocorreria em realidade.

Não estava muito seguro a quem se referia “*Emma ou sua intrigante mãe*”. Mas à medida que lia *Um fragmento do*

Semanal de Londres, não havia dúvidas de que este era o próprio engenho de Emma.

— Isso será tudo, Pendleton.

— Está seguro, Sua Graça? Há algum arranjo que deva fazer?

— Não.

Blake voltou sua atenção outra vez à nota, notando que estava composta pela letra da Emma. Ele a reconheceu por todas aquelas falsas cartas de amor. Que ele poderia ter guardado. E ler uma e outra vez em seu solitário futuro.

Com a respiração entrecortada e seu coração pulsando tentativamente, concentrou-se na carta que tinha em suas mãos.

Blake,

A razão pela qual eu não gosto do xerez é porque uma noite Olivia, Prudence e eu bebemos muito. Descobrimos que sim, como diz a mãe de Olivia, “faz com que uma dama se esqueça de si mesma”. Em nossa loucura, minha vã ideia de redigir uma proposta ao Benedict foi inspirada na muito má ideia de Prudence de que, se eu recorria a medidas tão drásticas para encontrar um marido, não deveria me conformar com alguém como Benedict, que deveria pôr minha vista no homem mais atraente e encantador da cidade. Você. Prudence ditou a carta.

Olivia a escreveu. Enquanto eu bebia outra taça de xerez. Em nossa pressa por escapar de um incêndio na cozinha, esquecemos a carta. Compreendi graças a você que minha mãe foi quem a enviou.

Ele podia, com muita facilidade, ver a cena destas três garotas bêbadas com o doentio e doce xerez. Não era de estranhar que ela se negasse a beber essa coisa. Não é de estranhar que ela tratasse de repelir sua proposta. Ela realmente não tinha querido lhe contar nada disto.

Assim começou nosso falso romance. Em algum momento ao longo da fina linha chegou o amor.

Então, uma grande dor no coração. Ainda espero que conduza a um feliz para sempre para você e para mim. Entretanto, escrevi outra carta, que enviei ao Semanal de Londres. Disse que queria que nossa história de amor fosse real, Blake.

Mas você gostaria que tivesse um final feliz? Eu gostaria de me encontrar no altar e fazer com que esta história de amor seja verdadeira.

Tua (você goste ou não), Emma.

Um sorriso puxou seus lábios, outra vez. Ele lutou corajosamente para evitá-lo.

Ela não podia simplesmente fazer isto: “organizar umas bodas, tomar o assunto em suas próprias mãos, controlar seu destino”, era uma intromissão intrigante e rompia as regras: supunha-se que devia ser uma moça em apuros, e se supunha que devia salvá-la. Mas isto “só esperar que chegasse à hora e lugar assinalados como se não tivesse voz no assunto”. Benedict se casou com outra? Sua mãe a tinha pressionado a fazer isto? Para onde diabos estaria indo se chegasse à St. George hoje, às onze em ponto?

Um olhar ao relógio lhe disse que só tinha uma hora para tomar sua decisão.

Podia deixá-la plantada no altar. Podia levar suas noventa mil libras e comprar todo o xerez da Inglaterra e publicar todos os avisos que desejasse no periódico. Mas não mudaria a verdade.

E a verdade era...

Capítulo 25

Em todos meus anos informando sobre bodas da alta sociedade, esta autora nunca assistiu a núpcias tão antecipadas e dramáticas como a de hoje.

O matrimônio de lady Harlow

O Semanal de Londres

Igreja de São Pedro, Londres, Benedict

Todos no altar esperando a sua noiva. Nisto, como todo o resto, não estava seguro. Mas com o vigário atrás dele e seu pai ao seu lado, não tinha como voltar atrás. Seu destino o esperava, ela estava preocupada com seu véu e vestido como as mulheres tendiam a fazer. Ela era um destino que não escolheu, mas tinha sido muito lento para atuar, muito cego para ver que o amor o esperou muito mais do que mereceu.

Esta era sua última oportunidade de escapar deste destino e apoderar-se de outro. Porque, uma vez mais, tinha visto o devastador anúncio na coluna de intrigas.

O órgão soou, ecoando na câmara de pedra. O coração do Benedict começou a acelerar-se.

Esta era sua oportunidade. Se corresse agora, possivelmente poderia chegar à outra igreja a tempo.

Capela de St George's

Emma apareceu na igreja uma vez mais, tomando cuidado de manter-se escondida. Seu pai, sua mãe e alguns outros se sentaram ansiosamente nos primeiros bancos e agora esperavam ansiosamente as bodas que se supunha que tinha começado um quarto de hora antes.

Quem sabia que apenas um quarto de hora podia sentir-se tão imensamente, eterno e infernalmente comprido? Ela o fez. Mas desejou não o haver feito.

— Ele não está aqui — disse Emma. De novo.

Tomou uma profunda e revigorada respirou fundo, que só serviu para lhe recordar quão malditamente apertado tinha sido seu espartilho. O vestido de cetim, adornado com pérolas, pesava sobre seus ossos. Ela queria escapar deste vestido e desta horrível coisa que lhe estava acontecendo: arriscar-se com o amor verdadeiro e fracassar.

Prudence e Olivia, vestidas com vestidos de seda azul combinando, olharam-na com curiosidade.

— Chama a carruagem — disse Emma, agarrando freneticamente o decote de seu vestido. — Eu gostaria de ser conduzida às docas imediatamente. Talvez alguém seria tão amável de comprar um ingresso de ida a Paris. Não, Itália.

Não, América. Não, China. Sim, China deveria estar suficientemente longe.

— Emma, tudo ficará bem — Olivia disse em um tom tranquilizador. — Ele estará aqui.

— De verdade? Como pode saber isso?

— Emma, deve ter fé em Sua Graça e no amor verdadeiro — disse Olivia. Ela gemeu.

— É fácil para você dizer! Não usa um vestido de noiva tão apertado que te impede de respirar, sem saber se chegará antes de me sufocar até a morte. Embora talvez isso seria preferível à vida depois de ser plantada no altar.

— Ao menos não há ninguém aqui. Além de nós — disse Olivia.

— E a multidão lá fora — Prudence, sempre lógica e prática, teve a coragem de destacar-lhe. — Escuta-os! Soam quase tão ansiosos como você para ver Blake chegar!

Em efeito. Parecia que toda Londres queria ser testemunha se o Duque de Ashbrooke casava-se ou não com *a menos provável de Londres*. Ela não tinha considerado isso quando, bêbada, aceitou o horrendo plano de Prudence e Olivia para enviar o anúncio de bodas. Ou quando escreveu aquela carta ao Blake explicando suas razões.

— Esta foi uma ideia horrível — gritou, começando a andar pela habitação. — Nunca beberei xerez novamente. Nunca! É a bebida do diabo e faz com que uma dama se esqueça de si mesma e de todo sentido e razão. Deveria ser proibido! Começarei uma petição. — Se deteve quando viu as

expressões nervosas de suas amigas. — Por que vocês duas me olham assim?

— Então teremos que devolver seu presente de bodas — murmurou Prudence.

— Pensamos que era uma ideia tão engenhosa e romântica.

— Uma coleção de taças de xerez — explicou Olivia. — E não podemos as devolver.

— Pedimos que as gravassem. Com suas iniciais — disse Prudence. Ambas as garotas sorriram timidamente.

— Então beberei até o estupor com estilo. Já que Blake provavelmente me ignorará. — Os nervos se apoderavam dela e as palavras começaram a sair em um ataque de pânico. — Todos saberão que ele também me deixou plantada, graças a essa maldita multidão lá fora. Zombarão sem piedade por me atrever a pensar que um homem como ele se preocuparia comigo.

— Emma...

— Quero dizer, se não morrer de vergonha no ato. Espera, não foi comprar-me uma passagem de ida à América? Não, China. Tinha me estabelecido no Oriente, ou não?

— Emma! — Gritou Prudence, finalmente conseguiram cortá-la. — Deve se acalmar.

— Me acalmar?

Acalmar-se?

Emma gritou de volta. Acalmar-se era impossível. Ela tinha amado e perdido não uma vez, mas possivelmente três vezes em só um mês! Estava arriscando-se à mortificação

pública, sua vida e reputação na sociedade, e o mais importante de tudo, ao seu já frágil coração.

— Me acalmar? — Disse outra vez, jogando seu ramo de rosas do jardim de Lady Grey ao chão. Prudence retrocedeu. — Como pode me dizer que me acalme em um momento como este?

— Nunca deveria dizer a uma mulher que se acalme — comentou Blake da porta. — Só as enfurece ainda mais.

— Oh, graças a Deus — exclamaram Prudence e Olivia. Seu alívio foi evidente. Mas não se comparado com Emma.

— Blake. Está aqui — disse, como se as palavras o fizessem realidade. Honestamente, ela sentiu como se ele fosse uma alucinação, uma miragem, um bom exemplo de uma ilusão.

— Olá, Emma — murmurou. Ela bebeu o som de sua voz e se deleitou na calidez que lhe deu. Ele estava aqui! Mas, tinha intenção de ficar? Sua expressão era inescrutável.

Tinha os olhos enegrecidos pelo desejo ou porque tinha más notícias para entregar?

Era isso um sorriso nos lábios ou uma careta?

Seu coração pulsava lento e firme, enquanto esperava seu destino “*correr de alegria ou parar completamente*”.

— Talvez devamos deixá-los a sós — disse Prudence, e com um firme agarre no pulso de Olivia, saiu da habitação.

Estavam sozinhos.

Ela tinha sentido saudades dele.

A Emma já não importava a possível mortificação, a ruína nem nada disso. Ele estava aqui e ela não queria nada

mais que envolver-se em seus braços.

Para sempre.

— Poderia ter qualquer um — disse Blake. — E não só porque seja uma herdeira, poderia ter qualquer um porque é formosa, inteligente e ferozmente fiel a si mesma.

Seu coração continuou pulsando, mas tentativamente.

— Você também poderia — disse ela. — É legendário, é bonito e encantador. Mas também é inteligente, atencioso e audaz. Acima de tudo, tem-me feito ser uma garota que nunca pensei que poderia chegar a ser. É o que quero, Blake. Só a você.

Blake se separou do marco da porta no qual se inclinou e cruzou lentamente a habitação. O coração de Emma pulsava com cada passo que ele dava para mais perto dela.

Blake não ia embora! Mas ficaria?

Ele colocou sua mão em sua cintura, possessivamente.

— Emma — murmurou, olhando-a com seus quentes e escuros olhos. O calor começou a acumular-se em seu ventre, como um fogo lento e fumegante.

A pesada porta de carvalho que conduzia à capela se abriu.

Benedic tinha saído da igreja como um homem mudado, um homem decidido. Durante muito tempo se isolou dos desafios, e ao evitar a decisão, não tinha obtido nada. Ele não se obstinava às coisas e pessoas que amava. Ele tinha se esforçado por ser um filho obediente.

Agora via o que lhe custava todo esse dever e indecisão. Emma. Amor. Felicidade.

Deu uma olhada ao seu relógio. Era muito tarde, embora suspeitasse que tinha perdido sua oportunidade há dias, semanas, meses, inclusive anos atrás.

— Já está tão aborrecido de seu matrimônio que está olhando seu relógio? — Sussurrou Katherine enquanto sorria aos seus familiares e amigos que se uniram a eles neste dia.

Benedict dirigiu um olhar à sua esposa. Ela não possuía nada da suave disposição ou doçura da Emma. O que ela possuía era uma fortuna que serviria para cancelar as dívidas de seu pai.

— Na realidade, há um lugar onde devo estar.

— Nosso café da manhã de bodas? Tenta sorrir, embora não acredite e eu tampouco. Estou exatamente emocionada com o giro dos acontecimentos, mas não os deixarei vê-lo — disse Katherine. Enquanto ela sorria ferozmente.

— Esta tarde me unirei ao regimento. Comprei uma comissão — disse Benedict. Se ainda não fosse muito tarde, já era hora de que aprendesse disciplina, determinação e lutasse pelo que acreditava até o final.

Havia horas durante as quais um homem não gostava de ser interrompido. Enquanto fazia amor era uma delas e propondo matrimônio ao amor de sua vida, era outro.

— Ah, aí está, Sua Graça! — Gritou a mãe da Emma enquanto entrava. — Estávamos começando a nos

desesperar.

Prudence e Olivia correram atrás dela, e o mais cortesmente possível trataram de tirar a condessa.

— Mãe, — disse Emma — Nós gostaríamos de um momento.

— Todos estão esperando e devo acrescentar que cada vez mais ansiosos — respondeu Lady Avery.

— Estamos bem. Todos estão bem — declarou Prudence.

— Minha mãe diz que as damas não deveriam interromper os momentos privados dos outros — adicionou Olivia.

— Será melhor irmos, então — soprou lady Avery. — Vêm, então?

— Lady Avery, Emma pediu um momento de privacidade. Portanto, teremos um momento de privacidade — disse Blake com firmeza, olhando fixamente à sua futura sogra. Em realidade, tinha que lhe tirar da ideia que podia seguir intrometendo-se em suas vidas.

Ele a olhou fixamente. Ela o olhou igualmente. Finalmente, ela se retirou com Olivia e Prudence relutantemente.

— Agora, onde eu estava? — Murmurou.

— Ia confessar seu amor eterno por mim e declarar quão feliz estava de que tenha organizado estas bodas e de que não pode esperar para se casar comigo — disse Emma.

Ele explodiu em gargalhadas.

— Isso é o que mais amo em você, Emma. Conhece-me tão bem. E, — disse sorrindo — Não tem medo de me falar

sobre isso, ou quando e onde deveria fazer algo a respeito.

— Só quis te mostrar o quanto te amo.

— É só que, se formos ter umas bodas, deveria ter uma proposta.

— Outra?

— Estamos sozinhos. Diga que sim desta vez — disse Blake.

Ela sorriu feliz e disse: — Farei.

— Emma, poderia enumerar todas as coisas que adoro em você e seguir assim por dias — disse Blake, tomando suas mãos nas suas. — Poderia pintar um formoso retrato de nossa vida juntos. Mas você já sabe, assim como eu, todo o prazer que damos um ao outro e todas as pequenas formas que fazemos um ao outro melhor. Desde as circunstâncias incomuns de nossa primeira união, estivemos em uma aventura que não quero terminar. Só há uma coisa mais a dizer. — Ele se deixou cair sobre um joelho e a olhou seriamente aos olhos, deixando que se refletisse todo seu amor. — Emily, me dará a honra de te converter em minha única e amada esposa?

Blake William Peregrine Auden, o nono duque de Ashbrooke, e Lady Emma Avery se casaram pouco depois. Informa-se que o duque brincou com o que generosamente poderia descrever-se como "*notas musicais*" em sua flauta enquanto a noiva caminhava pelo corredor. Ao final da cerimônia, as grandes portas de madeira de St. George's se abriram e a multidão deixou escapar um rugido ao ver que *a menos provável de Londres* tinha apanhado seu duque, dando

esperança a todas as encalhadas em Londres. Logo lhe deu um beijo escandalosamente apaixonado que pôs fim a qualquer rumor de que seu matrimônio fosse algo menos que uma união amorosa.

Epílogo

***O baile de aniversário do colégio para senhoritas de
Lady Penélope
Londres, 1824***

Uns meses depois finalmente, finalmente, o momento que Emma tinha temido e antecipado em igual medida tinha chegado. A qualquer momento a anunciariam no baile de aniversário de cem anos da Escola de maneiras para jovens damas, de Lady Penélope. Em toda a história da escola, nenhuma das graduadas tinha obtido um emparelhamento ao concluir sua quarta temporada. Felizmente, Emma não seria a exceção, como frequentemente tinha temido durante sua primeira, e segunda, e terceira temporada.

A qualquer momento, o mordomo a anunciaria não como Lady Emma Avery, ou a *Roliça Literária*, nem como *a menos provável de Londres para comportar-se mal*.

Devido a que tinha tido êxito na grande caçada de marido além de qualquer expectativa das mais descabeladas de todas as pessoas, incluída a sua, agora se dirigia a Emma como Sua Graça.

— O duque e a duquesa de Ashbrooke — entoou o mordomo.

As cabeças se voltaram para olhar ao sensacional casal. A dama mais velha, a própria senhorita Penélope (bisneta da fundadora) sorriu à sua antiga aluna.

Emma levantou a cabeça e sorriu com orgulho "*embora este fosse um pouco torcido*". Seu marido o achava adorável, e isso era tudo o que importava.

— Devemos ir procurar as minhas amigas — murmurou Emma. Blake abriu caminho entre a multidão até que encontraram a Olivia parada a um lado.

— Está linda, Olivia! — Exclamou Emma.

— Obrigada. Você também está, embora não esteja segura de que tenha suficientes diamantes — comentou Olivia com um movimento de seus lábios enquanto olhava o colar de diamantes e safiras, os brincos e o anel que Emma usava com seu vestido de seda azul.

— Um presente do Blake — respondeu Emma, sorrindo ao seu marido.

— Refere-se a um presente de seu bonito, encantador e completamente apaixonado marido — disse Blake. Enquanto lhe dava um sorriso travesso que a deixou sem fôlego.

— Isso é o que dizem — respondeu Emma. Olharam-se aos olhos. Nem Emma, Olivia nem Prudence tinham podido decifrar se o olhar do duque ardia ou faiscava quando olhava à sua esposa. Emma sabia que a fazia sentir-se muito amada e maravilhosamente malvada.

— Viu Prudence? — Interrompeu Olivia com ansiedade.

— Não. Não está aqui? Ela já deveria estar aqui — respondeu Emma.

— Não pode perder este baile, — declarou Olivia, olhando ao seu redor com os olhos entrecerrados aos outros convidados — Todas as graduadas de Lady P e todas acompanhadas por seus maridos.

— Simplesmente ela não faltaria — murmurou Emma enquanto Olivia se desculpava para ir procurar Prudence.

— Querida esposa, você gostaria de dançar a valsa? — Perguntou Blake. Logo franziu o cenho com preocupação, e perguntou: — Pode dançar a valsa em sua condição, não é?

Emma mal teve oportunidade de dizer que sim antes de ser estreitada em seus braços enquanto a fazia girar ao redor do salão de baile. Sentia-se leve e profundamente feliz neste momento e desesperadamente emocionada pelo prazer que sabia que ia desfrutar quando retornassem para casa. Ou talvez seria antes?

O duque a tirou da pista de dança e a guiou para as portas abertas do terraço.

— Blake, o que está fazendo? — O patife só sorriu, fazendo com que o coração de Emma saltasse.

Blake os levou a outro lado do terraço, enquanto os seguiam os olhares curiosos dos convidados. Emma sorriu quando adivinhou do que se tratava.

— As cartas? — Perguntou ela.

— As cartas — ele murmurou.

Ela sabia o que aconteceria a seguir já que um dia tinham escrito uma história de amor dramática e romântica.

Tinha sido tudo fingido *“até que ficou muito, muito real”*.

Escandalosamente, Blake os levou ao interior dos jardins às escuras, onde desapareceram sob as estrelas brilhantes e a luz da lua durante bastante tempo.

No dia seguinte, as colunas de intrigas comentavam o vestido e as joias da duquesa: — A Encalhada tinha florescido bastante bem! Também comentaram sobre a devoção do duque de Ashbrooke por sua esposa e os sorrisos que derretiam os corações de quem foi testemunha de que o jovem casal intercambiava olhares *“como se compartilhassem um grande segredo”*.

Uns meses depois disso, as colunas de intrigas reportaram o seguinte:

Para surpresa de ninguém que alguma vez tenha visto o grande afeto entre o Duque e a Duquesa de Ashbrooke, o feliz casal acaba de anunciar o nascimento de uma saudável menina a quem nomearam Agatha. Também escutamos que já está inscrita na Escola de maneiras para jovens damas, de lady Penélope.

Notas

[←1]

Na mitologia grega, deusa da vingança e da justiça distributiva.

[←2]

O pescador estava perdido no mar.

[←3]

O pescador procurou terra, terra seca!

[←4]

O pescador viu nuvens escuras de tempestade